

FUTEBOL: CULTURA, POLÍTICA E SOCIEDADE

Ciências sociais e futebol – intercâmbio e perspectivas franco-brasileiras

ORG. CARMEN RIAL, FÁBIO MACHADO PINTO, FRÉDÉRIC
RASERA E IGOR MARTINACHE



ABA PUBLICAÇÕES


INCT FUTEBOL

 **CNPq**

FUTEBOL: CULTURA, POLÍTICA E SOCIEDADE

Ciências sociais e futebol – intercâmbio e perspectivas franco-brasileiras

ORG. CARMEN RIAL, FÁBIO MACHADO PINTO, FRÉDÉRIC
RASERA E IGOR MARTINACHE



ABA PUBLICAÇÕES


INCT FUTEBOL

 **CNPq**

**CONSELHO EDITORIAL DE LIVROS CIENTÍFICOS DA
ABA CELCA (GESTÃO 2023-2024)**

Coordenador

Carlos Alberto Steil (UFRGS, Unicamp)

Vice-Coordenadora

Tânia Welter (Instituto Egon Schaden)

Integrantes

Edimilson Rodrigues (FAMES)

Eva Lenita Scheliga (UFPR)

Marcelo Moura Mello (UFBA)

Martina Ahlert (UFMA)

Nathanael Araújo de Silva (Unicamp)

Conselho Editorial

Andrea Zhouri (UFMG)

Antonio Augusto Arantes Neto (Unicamp)

Carla Costa Teixeira (UnB)

Carlos Guilherme Octaviano Valle (UFRN)

Cristiana Bastos (ICS/Universidade de Lisboa)

Cynthia Andersen Sarti (Unifesp)

Fabio Mura (UFPB)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPel)

Maria Luiza Garnelo Pereira (Fiocruz/AM)

María Gabriela Lugones (Córdoba/Argentina)

Maristela de Paula Andrade (UFMA)

Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB)

Patrícia Melo Sampaio (Ufam)

Ruben George Oliven (UFRGS)

Wilson Trajano Filho (UnB)

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
DIRETORIA (GESTÃO 2023-2024)**

Presidenta

Andréa Luisa Zhouri Laschefski (UFMG)

Vice-Presidenta

Sônia Maria Simões Barbosa Magalhães
Santos (UFPA)

Secretária Geral

Deborah Bronz (UFF)

Secretária Adjunta

Alexandra Barbosa da Silva (UFPB)

Tesoureiro Geral

Guilherme José da Silva e Sá (UnB)

Tesoureiro Adjunto

Gilson José Rodrigues Junior (IFRN)

Diretores

Flávia Melo da Cunha (UFAM)

Osmundo Santos de Araújo Pinho (UFRB)

Tonico Benites (CEFPI-MS)

Denise Fagundes Jardim (UFRGS)

COMITÊ EDITORIAL INCT FUTEBOL

Carmen Rial (UFSC)

Caroline Soares De Almeida (UFPE)

Cristhian Caje Rodriguez (VU/Países Baixos)

Fábio Machado Pinto (UFPel)

Lia Ferrero (UBA/Argentina)

Luiz Carlos Rigo (UFPel)

Mariane Pisani (UFPI)

Rubens George Oliven (UFRGS)

Vanrochris Vieira (UFMG/UFSC)

INTERNATIONAL ADVISORY COMMITTEE

Pablo Alabarces (UBA/Argentina)

Lia Ferrero (UNLP)

Veronica Moreira (UBA/Argentina)

Igor Martinache (UPN/ França)

Jean-Michel De Waele (ULB/Bélgica)

Francisco Manuel de Jesus Pinheiro (UC/Portugal)

Roger Magazine (IBERO/México)

Richard Giulianotti (LU/Reino Unido)

EXPEDIENTE

Projeto Editorial: INCT Futebol | **Coordenação:**

Fábio Machado Pinto | **Edição:** Pedro Haase Filho

| **Design Gráfico:** Manoela Haase | **Revisão:** Iria

Pedrazzi e Chuchi Silva | **Tradução do Francês:**

Júlia da Rosa Simões

PRODUÇÃO EXECUTIVA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências sociais e futebol : intercâmbio e
perspectivas franco-brasileiras / org. Carmen
Rial [et al.]. – Brasília : ABA Publicações, 2025.
375 p. : il. color. ; 21 x 29 cm. – (Futebol :
cultura, política e sociedade)

Obra também publicada em francês.

Disponibilizado, também, em formato digital.

ISBN: 978-65-87289-56-4

ISBN: 978-65-87289-57-1 (PDF)

ISBN: 978-65-87289-58-8 (EPUB)

DOI: 10.48006/978-65-87289-57-1 (PDF)

DOI: 10.48006/978-65-87289-58-8 (EPUB)

1. Futebol – Brasil. 2. Futebol – França. 3.
Cultura. 4. Sociedade. 5. Ciências sociais. I. Rial,
Carmen. II. Futebol : cultura, política e sociedade.

CDU 316:796.334(44+81)

Futebol: Cultura, Política e Sociedade

Em novembro de 2024, o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol) propôs à Associação Brasileira de Antropologia (ABA) a publicação da série *Futebol: Cultura, Política e Sociedade*. A proposta aprovada, com selo ABA, vai ao encontro da sua política editorial de apresentar livros temáticos, de caráter teórico e etnográfico, que resultam de projetos de pesquisa, de teses e dissertações, de redes de pesquisa, de eventos científicos, como os organizados pelo INCT Futebol, bem como de outros projetos de pesquisas e atividades do instituto, financiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). As temáticas dos livros têm origem nos estudos e debates das quatro linhas de pesquisa do instituto: futebol de mulheres, de indígenas, paralímpico e LGBTQIAPN+; clubes, formação, carreira e migração de futebolistas; futebol de várzea e comunitário; e mídias, torcidas e movimentos antirracistas no futebol.

A coordenação executiva deste projeto é da professora doutora Carmen Silva de Moraes Rial, membro da ABA e coordenadora do INCT Futebol, em colaboração com os pesquisadores Fábio Machado

Pinto (UFPel) e Caroline Soares de Almeida (UFPE). Fazem parte do Comitê Editorial pesquisadores de diversas universidades brasileiras e do exterior. A série tem como objetivo promover a reflexão sobre os estudos, abordagens e experiências de pesquisa e extensão universitária no campo das ciências sociais sobre futebol no Brasil e exterior.

A promoção do debate entre perspectivas de investigação interdisciplinares, a internacionalização dos estudos sobre o futebol e a formação de pesquisadores estão entre os nossos desafios. O futebol é tomado como objeto de estudo e reflexão em diferentes países e culturas, abordagens e disciplinas, um fenômeno que nos permite melhor compreender o mundo atual e suas impactantes transformações econômicas, políticas, sociais e culturais. A série pretende alcançar cursos de pós-graduação, graduação, bem como pesquisadores e estudiosos do tema, influenciar políticas esportivas e culturais, propor e promover avanços para o futebol em suas diferentes possibilidades.

Sumário

- 07** Apresentação
- 28** Prefácio
- 31** Um testemunho a propósito da valorização do futebol nas ciências sociais no Brasil e do intercâmbio internacional em torno da temática (1989–2000)
Capítulo 1 | José Sergio Leite Lopes
- 51** Como escrever a história do futebol? Notas sobre o surgimento de um campo de pesquisa na França
Capítulo 2 | Julien Sorez
- 75** O ensaio como gênero e a produção ensaística sobre futebol no Brasil: um balanço
Capítulo 3 | Bernardo Buarque de Hollanda
- 109** A profissão de jogador de futebol sob o olhar dos sociólogos franceses
Capítulo 4 | Frédéric Rasera
- 138** Carreiras e trajetórias de futebolistas a partir da produção bibliográfica brasileira
Capítulo 5 | Arlei Sander Damo
- 165** Os torcedores de futebol sob o olhar das Ciências Sociais: um balanço dos estudos franceses e algumas perspectivas de pesquisa
Capítulo 6 | Ludovic Lestrelin

- 196** Futebol, nação e violência
Capítulo 7 | Ruben George Oliven
- 210** Estudar o futebol feminino na França: das recomposições da disciplina esportiva à renovação de suas análises
Capítulo 8 | Camille Martin
- 232** Fé, gênero e futebol: por que os jogadores votaram na extrema direita?
Capítulo 9 | Carmen Rial
- 257** Pode-se falar em “futebol comunitário” na França?
Capítulo 10 | Igor Martinache
- 284** A periferia do futebol: uma noção em debate
Capítulo 11 | Fábio Machado Pinto
- 308** A identidade futebolística internacional do Brasil utilizada como instrumento de diplomacia e ferramenta de formulação da política externa
Capítulo 12 | Vera Cíntia Alvarez
- 318** Da classe operária ao estudo do futebol, e de volta...
Itinerário de um sociólogo “engajante”
Capítulo 13 | Entrevista com Stephane Beaud, por Frédéric Rasera e Igor Martinache
- 357** Futebol, sociedade e identidade: olhares cruzados entre a França e o Brasil
Posfácio | Miriam Pillar Grossi
- 372** Os autores

Apresentação

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Fábio Machado Pinto

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Igor Martinache

Université Paris–Nanterre, França

Frédéric Rasera

Université Lyon 2, França

O futebol, como esporte, inventado em meados do século XIX pelos ingleses e disseminado pelo mundo colonial, tornou-se popular em todos os continentes, imbricando questões históricas e socioculturais de cada um dos territórios onde passou a ser parte da atividade social e de lazer, e, posteriormente, também reconhecido como atividade econômica e política. Por isso, pode ser considerado como um “fato social total”, tal como a dádiva, segundo Marcel Mauss, um fenômeno universal-singular que revela as estruturas profundas das nossas sociedades. Por este motivo merece ser (e já foi) tomado como objeto de estudo, reflexão e produção de conhecimento que, no Brasil, remonta aos primeiros intelectuais e pesquisadores sociais e aos estudos sobre a complexa realidade social brasileira, à exemplo das contribuições de Gilberto Freire e Mario Filho sobre a presença do negro e do trabalhador na constituição e desenvolvimento do

futebol brasileiro. As perspectivas e abordagens utilizadas pelos nossos pioneiros foram e continuam sendo objeto de estudo e reflexão crítica pelos nossos pesquisadores, que desde o surgimento de uma nova geração, formada no último quartel do século XX por Roberto DaMatta (Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ), Simoni Guedes (Universidade Federal Fluminense — UFF), José Sérgio Leite Lopes (UFRJ) entre outros, tratou de subsidiar estudos, pesquisas, grupos de trabalho, evento, publicações que alimentam até hoje um cada tecido cada vez mais forte e que aos poucos vai ganhando a configuração de uma grande rede. Na França, por outro lado, a investigação em ciências sociais sobre o futebol não tem uma tradição tão longa, tendo o tema sido considerado durante muito tempo indigno de interesse por historiadores e sociólogos, em virtude de uma lógica de distinção social ironicamente destacada neste país pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Esta publicação remonta uma tradição brasileira de pesquisas sociais e se soma ao esforço intelectual e acadêmico francês, ambos revitalizados a partir da década de 1990 com estudos desta nova geração de pesquisadores, como veremos mais detalhadamente nos textos a seguir.

Na abertura do Colóquio, José Sergio Leite Lopes (UFRJ), Carmen Rial e Miriam Grossi (Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC) prestaram nossas homenagens à Afrânio Garcia (École des Hautes Études en Sciences Sociales — EHESS) pelo seu falecimento dias antes da abertura do colóquio. Sua esposa, Marie France Garcia Parpet (EHESS) se encontrava presente em nosso auditório. Ambos se revezaram na coordenação do *Groupe de Recherches Sur le Brésil*

Contemporain (Grupo de Pesquisa sobre o Brasil Contemporâneo – GRBC), entidade que desde os anos 1980 acolhe pesquisadores brasileiros e organiza eventos entre outras atividades científicas e culturais na França. Prestamos aqui também uma singela homenagem à Afrânio, que estava escalado para fazer a apresentação do conferencista e seu amigo de sempre José Sérgio Leite Lopes.

Este é o segundo livro, da série *Futebol: Cultura, Política e Sociedade*, com selo da Associação Brasileira de Antropologia e resulta das apresentações e debates ocorridos no colóquio organizado pelo INTC Futebol na França – *II Colloque International les Sciences Sociales face au football: Échanges et perspectives franco-brésiliennes*, que se realizou em Paris, nos dias 5 a 6 de dezembro de 2024. Trata-se de um evento que começou ganhar forma em setembro de 2023, com um primeiro encontro híbrido (com a presença virtual e física) entre pesquisadores franceses e brasileiros idealizado pelo INCT Futebol na Université Paris 8, em Saint-Denis/França. Este encontro efetivou-se graças à articulação iniciada no começo de 2023 e que mobilizou o contato e a realização de diversas reuniões on-line com pesquisadores das universidades de Paris-Nanterre, Paris 8, Lyon 2, Lille, Artois e Rouen. Na França, em 2023 participaram de um sessão de apresentação de trabalhos que contou com a mediação de Jean-Yves Rochex (Université Paris 8) os seguintes colegas: Frédéric Rasera (Université de Lyon II), Julien Sorez e Igor Martinache (Université Paris-Nanterre); Oliver Chovaux e Oumaya Hidri Neys (Université d’Artois), e Jean Bréhon (Université de Rouen); Rodrigo Piriz (Universidade de la Republica do Uruguay

(on-line); Rogério Goulart (Universidade Federal do Paraná). A ideia do colóquio nasceu nessa reunião. Ali, discutimos a possibilidade de constituir uma rede de pesquisadores do futebol que reunisse esforços entre grupos e pesquisadores brasileiros e franceses, com atividades acadêmicas diversas e, entre elas, a realização de um colóquio internacional no ano seguinte. O evento foi organizado pelo INCT Futebol, coordenado por Carmen Rial, que compôs a comissão organizadora com Fábio Machado Pinto (Universidade Federal de Pelotas), Frédéric Raser (Université Lumière Lyon 2), Igor Martinache e Julien Sorez (Université Paris Nanterre) e Jean-Yves Rochex (Université Paris 8).

A atividade contou com pesquisadores convidados que realizam pesquisas e estudos sobre o futebol, reconhecidos pela sua relevância e contribuição efetiva a este campo de conhecimento. Entre eles, nomeamos os professores Afrânio Garcia (EHESS, in memoriam); Arlei Sander Damo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS); Bernardo Buarque de Hollanda (Fundação Getúlio Vargas – FGV); Camille Martin (ENS Lyon); José Sérgio Leite Lopes (UFRJ); Ludovic Lestrelin (Université de Caen); Miriam Pillar Grossi (UFSC); Ruben George Oliven (UFRGS); Stéphane Beaud (Université de Lille); Victor Pereira (Université de Pau-Pays-de l'Adour) e Vera Cintia Álvarez (MRE, cônsul do Brasil em Madrid). Os pesquisadores brasileiros tinham uma relação profissional prévia com a França, com publicações no país.

Este livro é composto por capítulos que são mais ou menos fiéis às apresentações e aos debates que tiveram lugar neste contexto

de produção acadêmica e que foram registrados e transmitidos em tempo real pelos canais do INCT Futebol e pela Université de Nanterre¹. Tivemos no primeiro dia uma conferência de abertura proferida por José Sérgio Leite Lopes; depois a primeira mesa, intitulada “*Comment écrire l'histoire du Football?*” (“Como escrever a história do futebol?”); a segunda mesa, “*Comment étudier les carrières des footballeurs?*” (“Como se estuda a carreira dos futebolistas?”); e a terceira mesa, “*Comment étudier la médiatisation, le supportérisme, les mouvements anti-racistes au football?*” (“Como podemos estudar a cobertura mediática, o apoio e os movimentos anti-racistas no futebol?”). No segundo dia, abrimos com a quarta mesa, “*Comment étudier les questions de genre et sexualité dans le football?*” (“Como podemos estudar as questões de gênero e sexualidade no futebol?”); seguida pela quinta, “*Comment étudier le football en périphéries et dans ses dimensions communautaires?*” (“Como podemos estudar o futebol na periferia e nas suas dimensões comunitárias?”). Na sequência, a diplomata Vera Cíntia Alvarez fez uma apresentação intitulada “A identidade futebolística internacional do Brasil como instrumento de diplomacia e ferramenta de formulação de política externa”. Depois, tivemos a conferência proferida pelo sociólogo Stéphane Beaud. O colóquio foi finalizado com os comentários da antropóloga Miriam Pillar Grossi.

No livro, o primeiro capítulo é de autoria de José Sérgio Leite Lopes – *Un témoignage de la valorisation thématique du football*

1 Agradecemos a doutora Gabriela Damé pela gravação das imagens e a Christian C. Rodriguez por sua transmissão pelo canal Youtube do INCT Futebol.

dans les sciences sociales au Brésil et de ses échanges internationaux (1989-2000) (“Um relato da promoção temática do futebol nas ciências sociais no Brasil e seus intercâmbios internacionais (1989-2000)”) —, no qual apresenta um balanço crítico das pesquisas publicadas no Brasil ao longo de 11 anos, bem como das circunstâncias inesperadas que envolveram a redação do seu artigo sobre Garincha na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, em 1989 — texto que marcou o início das publicações de autores brasileiros sobre futebol na França. A iniciativa serviu como base para suas análises e publicações relacionadas à importância atribuída ao futebol brasileiro nas décadas de 1950 a 1970. Ao articular os mundos do trabalho e do futebol, José Sérgio examinou os conflitos sociais inscritos na história desse esporte, desde a transição do amadorismo para o profissionalismo até a crescente mediatização do jogo contemporâneo. Essa abordagem está presente, por exemplo, na instigante biografia de Mário Filho, no artigo *“L’invention du style brésilien: sport, journalisme et politique au Brésil”* (“A invenção do estilo brasileiro: esporte, jornalismo e política no Brasil”), escrito em coautoria com Jean-Pierre Faguer e publicado na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, bem como em *“A vitória do futebol que incorporou a pelada”*, publicado na *Revista da USP*, ambos de 1994. Tais publicações tornaram-se referências consagradas na área e posicionaram José Sérgio como um dos pioneiros nos estudos acadêmicos sobre o futebol no Brasil, ao lado de autoras como Simone Lahud Guedes, que defendeu sua dissertação no Museu Nacional em 1977, sob o título *“Futebol brasileiro: instituição*

zero". Guedes publicou ainda artigos fundamentais como *"Subúrbio: celeiro de craques"* (1994), no livro pioneiro *"Universo do Futebol"*, organizado por Roberto DaMatta, ela e outros dois pesquisadores. Destaca-se também a dissertação de Ricardo Benzaquen de Araújo, *"Os Gênios da Pelota: um estudo do futebol como profissão"*, defendida em 1980 sob orientação de Gilberto Velho, num contexto em que o futebol ainda era comumente reduzido, nos círculos intelectuais, à ideia de "ópio do povo". No capítulo, José Sérgio recorda ainda a tese de Leonardo Affonso Pereira, *"Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)"*, defendida na Unicamp em 1998. Esses trabalhos foram fundamentais para o desenvolvimento e o aprofundamento das pesquisas sobre futebol a partir de bases empíricas mais sólidas, inspirando novas gerações de pesquisadores. Estes, por sua vez, diversificaram temáticas e abordagens no campo das ciências sociais e da história, muitas vezes em diálogo com a circulação internacional de ideias, inclusive entre núcleos franco-brasileiros. Destacam-se, entre essas contribuições, a tese de Luis Henrique Toledo, *"Lógicas do Futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional"*, defendida em antropologia na USP (2000); a tese de Bernardo Buarque de Hollanda, *"Clube como vontade e representação"*, defendida na PUC-Rio (2008); e a de Arlei Damo, *"Dom e profissão: uma etnografia do futebol-espetáculo a partir da formação do jogador no Brasil e na França"*, defendida em antropologia na UFRGS (2005). Soma-se ainda o impacto do livro *"Veneno Remédio"*, de José Miguel Wisnik, referência incontornável na articulação entre cultura, música e futebol no Brasil.

O segundo capítulo, de autoria de Julien Sorez, intitula-se “*Faire l’histoire du football en France: enjeux, outils et méthodes*” (“Fazer a história do futebol na França: destaques, ferramentas e métodos”) e oferece uma análise crítica da constituição do campo historiográfico do futebol naquele país. Sorez observa que, diferentemente de outros contextos, a história do futebol não figurou entre os primeiros objetos da historiografia esportiva francesa, tendo seus primeiros estudos consolidados apenas a partir da década de 1990. O autor explora a diversidade de abordagens e fontes mobilizadas nesse processo de consolidação, examinando os arquivos acessados, os instrumentos de investigação empregados e as apostas teóricas que sustentaram essa produção. Ele destaca que os primeiros estudos históricos sobre o futebol na França foram realizados por jornalistas. Um marco importante foi a publicação do número 103 da revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, em 1994, dedicado ao tema “*Les enjeux du football*” (“Os desafios do futebol”). Esta publicação coincidiu com uma conjuntura significativa: a renovação da seleção francesa após o brilho da geração dos anos 1980, liderada por Michel Platini, um dos melhores jogadores na época, e a ascensão de jogadores como Zinedine Zidane e Thierry Henry, que encantaram o mundo, e culminaria na conquista da Copa do Mundo de 1998. Essa conjuntura contribuiu para a legitimação do futebol como objeto acadêmico na França, impulsionando uma nova leva de estudos, ainda que, em grande parte, desenvolvidos por pesquisadores oriundos de outras áreas, como Stéphane Beaud. Nomes como Olivier Chovaux, Marion Fontaine e o próprio Julien

Sorez integrariam um esforço coletivo de consolidação do campo historiográfico do futebol na França. Tarefa que não se mostrou muito fácil em parte porque o futebol era subestimado, ou ainda por dividir a popularidade ou até mesmo ser menos popular que outros esportes como o ciclismo e o boxe, ou ainda menos virtuoso que o atletismo e o rúgbi, menos elitizado que o golfe e o polo. Associado às classes trabalhadoras, o futebol francês deparou-se ainda com um desafio adicional: a dificuldade de acesso a arquivos, muitas vezes negligenciados e malconservados. Os estudos mais recentes têm ampliado o escopo do campo, abordando temas como as trajetórias de jogadores, a midiática do esporte, a história dos clubes e das instituições organizadoras, sua midiática, uma história diferente das narrativas tradicionais e que guarda a história das práticas informais, ou de jovens que jogam nas ruas, parques, ou mesmo o futebol jogado pelas mulheres frequentemente ausentes dos registros tradicionais. Apesar dos avanços, Sorez aponta a necessidade de maior interdisciplinaridade e de uma abertura internacional que favoreça o estabelecimento de redes colaborativas de pesquisa.

O terceiro capítulo, nomeado por Bernardo Buarque de Hollanda de “*L’essai en tant que genre et la production essayiste sur le football au Brésil : un bilan*” (“O ensaio como gênero e a produção ensaística sobre futebol no Brasil: um balanço”), aborda a produção ensaística na escrita acadêmica contemporânea sobre futebol no Brasil e apresenta um balanço atualizado dos trabalhos produzidos no Brasil — dissertações e teses —, com referência nas matrizes que tem em Gilberto Freyre, nos anos 1930, e em Roberto DaMatta, no

início da década de 1980, dois dos representantes intelectuais mais emblemáticos no Brasil. Essas referências são articuladas com a obra de outros autores vinculados, em grande parte, à tradição acadêmica da USP, como Flávio Aguiar (2003), Hilário Franco Jr. (2007), José Miguel Wisnik (2008) e Boris Fausto (2009, 2010), entre outros. Muitos desses pesquisadores demonstraram interesse pelo futebol, recorrendo ao ensaio como forma expressiva, embora ainda pouco usual nos programas de pós-graduação. Bernardo identifica uma primeira geração de estudos protagonizada por jornalistas, com destaque para Mário Filho (1908–1966), criador do *Jornal dos Sports* e da revista *Mundo Esportivo*, autor de diversas obras, incluindo o clássico *O Negro no Futebol Brasileiro* (1947). Outro nome relevante é Thomaz Mazzoni (1900–1970), autor de mais de 50 livros, entre eles *História do Futebol no Brasil* (1950). A esses se soma Roberto DaMatta, cuja obra *O Universo do Futebol* (1982), organizada no início da década de 1980, marca o início de uma nova fase nos estudos acadêmicos sobre o futebol. Antes disso, porém, outras contribuições importantes foram publicadas, como *Futebol: fenômeno linguístico*, de Maria do Carmo de Oliveira Fernandez (1974); *Futebol — Palavra*, de Ivan Cavalcanti Proença (1981); *O que é futebol*, de José Sebastião Witter (1990); e *História Política do Futebol Brasileiro*, de Joel Rufino dos Santos (1981).

Bernardo também destaca obras representativas da nova geração de pesquisadores, como a tese de Leonardo Affonso Pereira, *Footballmania: uma história do futebol no Rio de Janeiro* (2000), e, mais recentemente, a dissertação de Aira Bonfim, *Futebol feminino entre*

festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941), defendida em 2019. No plano teórico, Bernardo analisa os gêneros ensaístico e monográfico como herdeiros da tradição inaugurada por Roger Bastide, Florestan Fernandes e Antonio Candido, figuras fundamentais na origem da sociologia brasileira. A teoria do ensaio, compreendida como uma forma de escrita aberta e inacabada, oferece caminhos férteis para a reflexão e a produção crítica no campo do futebol. Entre os clássicos do gênero, o autor destaca os trabalhos de Hans Ulrich Gumbrecht e Anatol Rosenfeld (1912-1973). Este último, crítico literário e estudioso da estética, exilado no Brasil durante o regime nazista, é autor do ensaio *Negro, Macumba e Futebol* (1956). Também figuram nesse universo os nomes de José Miguel Wisnik, Flávio Aguiar e Antonio Medina, professores da USP que contribuíram significativamente para a reflexão ensaística no país. Outros exemplos incluem *A Fenomenologia do Brasileiro*, de Vilém Flusser (1998), que aborda os jogos e brincadeiras como expressão do “modo de ser” nacional, e o artigo “*Tempo (e espaço) no Futebol*”, de Décio de Almeida Prado, publicado em 1989 na *Revista da USP*, posteriormente transformado em livro em 2014.

O quarto capítulo, escrito por Frédéric Raser, chama-se “*Comment les sociologues français analysent la profession de footballeur*” (“Como os sociólogos franceses analisam a profissão de futebolista”). No texto, o autor examina a forma como os sociólogos franceses se interessaram pela profissão de futebolista ao longo dos anos, e como ele próprio construiu os seus objectos de investigação

neste domínio. Frédéric Raserá mostra que, até ao final dos anos 1990, os sociólogos franceses se interessavam pouco pelo futebolista profissional enquanto tal, centrando-se nas suas práticas e representações. Os pesquisadores franceses pioneiros no estudo do futebol profissional interessavam-se, então, sobretudo pelos espectadores e pela socio-história da profissionalização do futebol francês. Foi no início do século XXI que a investigação sociológica sobre a profissão de futebolista começou a se desenvolver, centrando-se, sobretudo, no estudo das condições de acesso à profissão. As pesquisas sócio-históricas sobre a autonomia do futebol profissional francês demonstraram que a criação de um programa de formação específico para os futebolistas foi fundamental neste processo. E o desenvolvimento de pesquisas de campo sobre a construção social da vocação futebolística e da socialização profissional nestes organismos de formação envolventes inscreve-se numa dinâmica de investigação mais vasta sobre as vocações desportivas e a socialização. Esta dinâmica foi iniciada por Charles Suaud, que importou para o estudo do desporto as reflexões que orientaram o seu trabalho sobre a vocação sacerdotal. Enquadrando as suas próprias questões de investigação nesta história coletiva, Frédéric Raserá faz uma retrospectiva das principais problemáticas e questões científicas que o levaram a desenvolver uma sociologia dos futebolistas profissionais enquanto trabalhadores de pleno direito, analisando tanto a sua profissão como o seu futuro após a carreira desportiva profissional e defendendo uma sociologia que reintegre os trabalhadores nas trajetórias sociais no sentido mais lato.

O quinto capítulo, intitulado por Arlei Damo "*Des recherches brésiliennes sur les carrières et les trajectoires de footballeurs et footballeuses*" ("Pesquisas brasileiras sobre as carreiras e trajetórias de futebolistas masculinos e femininos"), oferece uma análise abrangente da produção acadêmica brasileira sobre o tema. Em sua apresentação, Arlei ressalta a importância dos primeiros estudos antropológicos desenvolvidos nas décadas de 1970 e 1980, com destaque para as contribuições pioneiras de Simoni Guedes e Roberto DaMatta. A antropologia, segundo o autor, assumiu papel central em um campo que já se constituía de forma multidisciplinar e profundamente envolvido nos debates sobre a identidade nacional. Sua revisão de literatura concentra-se nos estudos sobre carreiras e trajetórias no futebol, evidenciando os aspectos mais relevantes dessa produção e ampliando o escopo analítico para além do repositório da CAPES. Arlei enfatiza a importância estratégica dessas abordagens para a compreensão do futebol enquanto espetáculo e negócio. Entre os marcos cronológicos considerados fundamentais para a profissionalização do futebol no Brasil, destaca-se a promulgação da Lei Pelé, em 1998, que introduziu mudanças significativas no campo jurídico e provocou discussões sobre a formação de jogadores, as fontes de financiamento dos clubes, a profissionalização dos quadros técnicos e a organização das competições estaduais e nacionais. Em sua argumentação, a noção de circuitos de competição é central para a compreensão dos aspectos econômicos da profissionalização do esporte. Ao mesmo tempo, o autor observa que os estudos sobre o futebol de mulheres representam a principal inovação acadêmica da

última década, sinalizando uma renovação temática e epistemológica importante no campo dos estudos sobre futebol no Brasil.

O sexto capítulo, escrito por Ludovic Lestrelín, (*Université de Caen, França*), "*Les supporters de football saisis par les sciences sociales: Un bilan des travaux français et quelques perspectives de recherche*" ("Os torcedores de futebol vistos pelas ciências sociais: uma análise da investigação francesa e algumas perspectivas de pesquisa"), analisa o impacto expressivo das competições de futebol na França e em outros contextos, destacando sua centralidade na temporalidade das sociedades contemporâneas, o público que mobilizam e o entusiasmo que despertam. Na França, o primeiro antropólogo a investigar e publicar sobre o tema foi Christian Bromberger, com trabalhos de campo realizados no sul da Europa. Sua obra constitui um marco fundacional nos estudos sobre torcedores, sendo o ponto de partida para o desenvolvimento posterior da temática no cenário francês. Lestrelín realiza uma revisão abrangente da produção acadêmica francesa dedicada ao estudo dos torcedores de futebol, destacando teses recentes, identificando lacunas ainda pouco exploradas e traçando possíveis direções futuras para o campo. Ao final de sua análise, propõe um convite à inovação científica, convidando os pesquisadores a avançarem teórica e metodologicamente nas abordagens. Sua contribuição também problematiza a relação entre os estudos sobre torcedores e as questões específicas relacionadas ao mundo social, ressaltando o potencial heurístico do futebol como porta de entrada para a formulação de questões sociológicas fundamentais.

O sétimo capítulo, intitulado por Ruben George Oliven “*Football, Nation et Violence*” (“Futebol, Nação e Violência”), propõe uma reflexão sobre a possibilidade de analogia entre times de futebol e nações. Embora sejam instituições distintas em natureza e estrutura, Oliven argumenta que ambas compartilham uma lógica de pertencimento afetivo. Se, para Max Weber, a nação é uma comunidade de sentimentos, o mesmo pode ser dito de um clube de futebol, que congrega seus membros em torno de uma vivência emocional comum. Uma das razões pelas quais o futebol mobiliza sentimentos tão intensos — por vezes levando torcedores a atos de violência — reside no fato de que as equipes em campo serem muito mais que onze jogadores e representarem valores e afetos coletivos coletivos daqueles que os apoiam. Assim, a violência aparece como um componente estrutural do futebol, ainda que o jogo tenha sido progressivamente disciplinado por um conjunto de normas e princípios de *fair play*. Essa normatização, no entanto, aplica-se principalmente ao campo de jogo. Nas arquibancadas e nas ruas, as torcidas manifestam formas de violência simbólica e física que, muitas vezes, escapam à regulação e podem ter desdobramentos trágicos. Isso ocorre porque o esporte se estrutura fundamentalmente em torno da oposição: times que defendem e atacam campos distintos, reproduzindo antagonismos que extrapolam os limites do jogo. A violência é intrínseca ao jogo e quase inevitável. Embora se possam adotar medidas de contenção e responsabilização dos clubes por suas torcidas organizadas, Oliven ressalta que o antagonismo permanece como traço constitutivo do futebol, não podendo ser eliminado sem comprometer sua própria lógica competitiva.

O oitavo capítulo, de Camille Martin, denominado "*Étudier le football féminin en France : des recompositions de la discipline sportive aux renouvellement de ses analyses*" ("Estudar o futebol feminino na França: da reformulação da disciplina esportiva à renovação de suas análises"), explora as desigualdades simbólicas e materiais, o lugar das mulheres no futebol francês desde o início dos anos 2000 pela ótica dos estudos sociológicos. Os primeiros estudos sobre o futebol feminino destacaram as desigualdades concretas de acesso e prática entre homens e mulheres. A partir da década seguinte, a produção sociológica passou a revelar questões simbólicas e culturais mais amplas, evidenciando como as representações sociais do futebol praticado por homens e mulheres refletem uma ordem de gênero. Essas representações atuam como obstáculos significativos à igualdade entre os sexos no campo esportivo, consolidando estigmas e exclusões. A implementação de políticas de feminização do futebol pela Federação Francesa de Futebol, no início da década de 2010, contribuiu para transformar, de modo concreto, o espaço ocupado pelas mulheres na modalidade. Essa mudança de contexto provocou uma reorientação das análises sociológicas: as pesquisas mais recentes voltam-se para a objetivação das condições materiais e institucionais da prática esportiva das mulheres, explorando aspectos regulatórios, econômicos e organizacionais que sustentam — ou limitam — essa nova configuração do futebol na França.

O nono capítulo, nomeado por Carmen Rial "*Le dispositif du football comme technologie de genre*" ("O dispositivo do futebol como tecnologia de gênero"), apresenta os resultados de uma etno-

grafia conduzida com mais de cem futebolistas brasileiras e brasileiros atuando em clubes no exterior. A partir dessa investigação, a autora analisa o futebol como uma tecnologia de gênero, isto é, como um campo social que atua na produção, regulação e transformação das normas de gênero e sexualidade. Para os homens, o futebol opera como um instrumento de reafirmação da masculinidade socialmente prescrita, promovendo condutas alinhadas a um ideal de virilidade. Já para as mulheres, o ingresso e a permanência no futebol desafiam as fronteiras tradicionais da feminilidade, abrindo possibilidades para a manifestação de performances de gênero e sexualidades dissidentes, que transgridam as normas estabelecidas. A análise também aborda a intersecção entre práticas religiosas e dinâmicas de gênero, com especial atenção ao papel do neopentecostalismo. Quando relacionada à fé e à cosmologia evangélica neopentecostal, a prática religiosa reforça, entre os futebolistas homens, uma divisão das relações de gênero baseada em interpretações bíblicas. Em alguns casos, esse desejo por uma ordem tradicional se traduz em apoio político à extrema direita e, em algumas circunstâncias, em episódios de violência sexual.

O décimo capítulo, intitulado por Igor Martinache “*Peut-on parler de ‘football communautaire’ en France?*” (“Podemos falar de ‘futebol comunitário’ na França?”), propõe uma reflexão crítica sobre a noção de comunidade e sua conotação específica no contexto francês. Diferentemente do Brasil, onde a ideia de comunidade é frequentemente associada a um espaço privilegiado de integração social, na França o termo carrega uma carga ambígua, marcada

por conotações negativas. Essa visão é moldada, em grande parte, por uma concepção de República vigente desde a Revolução de 1789, reativada e transformada pelo contexto dos atentados terroristas da década de 2010. Martinache apresenta diferentes estudos sócio-históricos que demonstram as formas como o futebol, enquanto prática e espetáculo, pôde e pode ainda contar e produzir relações comunitárias para promover a integração social dos agentes envolvidos, mas também revelar os limites e as ambivalências destes processos. Por fim, reexamina de forma mais geral a complexa articulação entre os processos identificados com referência em Max Weber e seus conceitos “comunalização” (*Vergemeinschaftung*) e “socialização” (*Vergesellschaftung*).

O décimo primeiro capítulo, escrito por Fábio Machado Pinto, “*À la périphérie du football : un concept en débat*” (“Na periferia do futebol: um conceito em debate”), analisa o futebol praticado à margem do futebol espetáculo e de alto rendimento explorando suas múltiplas denominações e configurações. Trata-se de um fenômeno que pode ser organizado por ligas e associações locais ou municipais ou sem qualquer ligação aparente com as instituições que regem o futebol profissional, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e suas federações subordinadas. Para Pinto, a periferia do futebol pode assumir características semelhantes às dos profissionais, como a remuneração dos atletas, a formação de base, os rituais empregados, a boa infraestrutura esportiva, a torcida organizada e apaixonada, o vínculo identitário com seu território, a troca e a aquisição de bens materiais e simbólicos, entre outros. O texto oferece uma reflexão

sobre as relações entre a periferia e o centro, protagonizada pelo futebol espetáculo e de alto rendimento no Brasil, bem como sobre as diferentes denominações dada a complexidade desse fenômeno singular-universal. Estudo que revela a importância da periferia do futebol para se pensar sociedades complexas, como a brasileira. O texto mobiliza pensadores sociais clássicos como Roberto DaMatta, Simoni Guedes e Gilberto Velho e estudos mais recentes, que revelam uma periferia do futebol que reproduz, absorve, nutre, transforma, cria, inova, em relação ao centro do futebol, este fenômeno de massas que mobiliza a política e uma economia significativa para além dos aspectos simbólicos e afetivos que marcam a nossa identidade nacional.

O décimo segundo capítulo, intitulado por Vera Cintia Alvarez, *"L'identité footballistique internationale du Brésil utilisée comme instrument de diplomatie et outil de formulation de la politique étrangère"* ("A identidade futebolística internacional do Brasil utilizada como instrumento de diplomacia e de formulação da política externa"), examina a utilização da identidade futebolística brasileira como ferramenta estratégica de política internacional. A autora analisa a geopolítica dos megaeventos esportivos, o surgimento de novos atores globais — como os países do BRICS — e a maneira como esses Estados se beneficiaram da organização desses eventos para moldar sua imagem internacional. Alvarez reflete sobre a posição particular do Brasil, um país em desenvolvimento e sem excedente energético, que procurou desenhar um programa estratégico de valorização internacional por meio do seu Ministério de Relações Exteriores, o Itamaraty, apoiado em sua maior marca simbólica: o futebol. Através

do conceito de *soft power*, o capítulo mostra como o “futebol bonito” foi instrumentalizado para promover uma imagem de nação comprometida com o desenvolvimento, a inclusão social e a paz. Por fim, a autora apresenta três iniciativas desenvolvidas pelo Itamaraty que exemplificam o uso do futebol como ferramenta diplomática, revelando como o esporte pode ser mobilizado para alcançar reconhecimento simbólico na arena geopolítica internacional.

Os doze capítulos têm ainda a companhia de uma entrevista com o sociólogo Stéphane Beaud, conduzida por Frédéric Rasera e Igor Martinache, sobre o seu percurso de investigação, que a levou dos trabalhadores do sector automóvel ao futebol, nomeadamente através da sua análise da “greve” dos jogadores da seleção francesa durante o Campeonato do Mundo de 2010, passando pelas populações imigrantes em França, e a sua visão deste campo de investigação na França de hoje.

Por fim, o livro encerra-se, assim como o colóquio que lhe deu origem, com os comentários finais proferidos pela antropóloga Miriam Pillar Grossi, que sintetizaram os intercâmbios realizados em Paris. Foi destacada a importância do fortalecimento da rede de estudos entre Brasil e França, bem como das articulações possíveis e promissoras entre instituições, universidades, grupos e redes de pesquisa.

Esta publicação representa o resultado de um esforço coletivo das quatro linhas de pesquisa do INCT: Futebol de mulheres, de indígenas, paralímpico e LGBTQIA+; Clubes, formação, carreira e migração de futebolistas; Futebol de várzea e comunitário; e Mídias, torcidas e movimentos antirracistas no futebol. Por meio desta obra,

buscamos tanto apresentar um conjunto de estudos como fomentar a integração entre essas linhas, promovendo reflexões sobre práticas de pesquisa, abordagens analíticas e experiências de extensão universitária no campo das ciências sociais no Brasil e na França. Com uma perspectiva interdisciplinar, o futebol é aqui tratado como um objeto de estudo privilegiado para compreender diferentes contextos nacionais e culturais, bem como as transformações econômicas, políticas, sociais e simbólicas que marcam o mundo contemporâneo. Este livro visa subsidiar pesquisas e formações nos níveis de graduação e pós-graduação, contribuindo para a formação de pesquisadores e pesquisadoras, além de oferecer subsídios para a formulação de políticas esportivas e culturais e para o fortalecimento do futebol em suas diversas expressões.

Prefácio

É com grande prazer que atendo a solicitação dos organizadores desse volume e escrevo esse prefácio. Nele, tenho a intenção de ressaltar como esse livro é uma prova da importância do futebol como um tema legítimo para a Sociologia e as Ciências Humanas.

Este volume reúne um conjunto de trabalhos de pesquisadores franceses e brasileiros sobre um fenômeno social que, no Brasil e alhures, surgiu para ser apreciado como um “esporte” — um passatempo atlético de caráter competitivo, com a finalidade de, entre outras instituições que constituem o campo do “lazer”, tornar palatável, para os trabalhadores e para o povo em geral, as agruras de um mundo tocado pela lógica do modo de produção capitalista.

Como parte desta área que chamamos de “esporte”, o futebol serviria para divertir e desviar atenções e tensões sociais. Eu nunca tive dúvidas de que o futebol desempenhasse esse papel com a mesma eficiência, igual ou maior, que igrejas, filosofias, literatura, música e partidos políticos. Ocorre, entretanto, que o futebol possui uma riqueza que o transformou em indagação intelectual, como faz prova uma crescente literatura e este volume.

Por que um mero “jogo de bola” vira um tema de pesquisa acadêmica é o que o leitor vai redescobrir nos 12 ensaios que compõem esse volume. Ensaaios que são o resultado de pesquisas e discussões, nas quais seus autores apresentam os motivos que os levaram a remover o futebol dos seus verdes campos de alienação

política, para analisá-lo em suas manifestações simbólicas, políticas e culturais. A visão um tanto herética de como um jogo desenhado para alienar, inesperadamente atua tanto no sentido de distrair, quanto no de abrir espaço para questões de forte impacto social, numa ultrapassagem intelectual que é a marca das boas sociologias.

Ou seja: pela consciência do que Robert Merton, num ensaio de 1949, distinguiu como as funções latentes e manifestas. Do ponto de vista dos ingênuos e intelectualmente rasos, o futebol é um porre para o povo; mas do ponto de vista latente ou inconsciente, ele é um “fato social total” maussiano, com a capacidade de mobilizar técnicas de corpo, solidariedades uniformes e a singularidade de suscitar o real e o sobrenatural; e de pôr em confronto a técnica, a racionalidade burocrática e os inesperados do destino, que só as crenças e o carisma conseguem explicar. Os significados manifestos e óbvios do futebol como um esporte destinado a promover o lazer das massas devem ser complementados por seus significados latentes, como demonstram os ensaios deste volume. Ensaios que relacionam o futebol aos seus praticantes como jogo e profissão, que discutem o seu escape das determinações tradicionais de gênero, cor, classe social e nacionalidade, que ampliam concepções de desempenho físico, representações de orgulho nacional e de instrumento de modernização cultural.

É justamente essa, digamos, heresia que os autores deste livro investigam em seus estudos, pesquisas e discussões. O trabalho de ultrapassagem de visões simplórias, para revelar significados insuspeitos do futebol em sociedades, momentos históricos que cada

autor estuda e revela. Como um brasileiro que, a partir dos anos 50, viveu a aceitação, a assimilação e o extraordinário rapto do futebol pela sociedade brasileira, esses colóquios e esse volume demonstram o cerne dos fenômenos sociais: as suas consequências imprevistas e seus desdobramentos no propósito de abrir novos espaços de liberdade e sentido.

Qual a relação entre futebol e nação, o que ocorre quando ele é praticado por mulheres e cria um feminino a partir de uma preconceituosa exclusividade masculina? Como foi a sua trajetória intelectual e acadêmica dentro do Brasil e da França? Que relações o futebol engendrou na ficção? Como os seus jogadores profissionais encaram suas vidas no campo e fora dele?

Esses são alguns dos temas tratados neste volume testemunho da importância do futebol no campo esportivo e nos seis transbordamentos simbólicos. Este é um livro revelador de como, em sociedade, tudo tem, como dizia Durkheim, representações a serem descobertas.

Roberto DaMatta

Jardim Ubá, RJ – 2 de julho de 2025

CAPÍTULO 1

Um testemunho a propósito da valorização do futebol nas ciências sociais no Brasil e do intercâmbio internacional em torno da temática (1989–2000)

José Sergio Leite Lopes

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Com muita honra, aceitei o convite desafiador de abrir este seminário franco-brasileiro sobre futebol com especialistas, antropólogos, sociólogos e historiadores dos dois países. Interpretei o convite na medida em que podia ser visto como testemunha do início dos estudos sobre futebol nas ciências sociais (no Brasil e internacionalmente, nos anos 90), assunto até então invisibilizado dentre os temas tidos como pouco relevantes de serem academicamente tratados nestas ciências.

Meu primeiro artigo sobre o assunto — escrito quando eu estava em um pós-doutorado no *Centre de Sociologie de l'Éducation et de la Culture* (CSEC/EHESS), entre 1988 e 1990 — foi ocasionado por uma demanda inesperada da revista *Actes de la Recherche en Sciences*

Sociales, cuja direção planejava publicar um número sobre o tema “O espaço dos esportes”, o que de fato se estendeu para o número seguinte. O título poderia ser interpretado, simultaneamente, pela característica espacial intrínseca dos esportes (o campo, a quadra, a piscina, o estádio, o sentido espacial do jogo pelo atleta), bem como pela conquista de espaço no campo das ciências sociais para o tema inusual. Os dois números (nº 79, de setembro de 1989, e nº 80, de novembro do mesmo ano) surgiam assim 14 anos após o lançamento da revista, que pregava de certa forma a subversão da hierarquia dos objetos por meio do artigo “manifesto” inicial, “*Méthode scientifique et hiérarchie sociale des objets*”, do seu diretor Pierre Bourdieu.

Vou explicar o contexto em que eu estava envolvido quando ocorreu esta demanda inesperada, para mim, por parte da revista.

Eu me encontrava, de certa forma, em dívida com o diretor da revista e em dívida comigo mesmo, ao ter tido de recusar um convite anterior feito por carta, em dezembro de 1976, para publicar um artigo, para um dos números seguintes, que estavam em preparação, com assuntos sobre a classe trabalhadora. O convite vinha seguido de um anexo com sugestões de temas para o artigo, baseadas na leitura de minha dissertação em português “O Vapor do Diabo”, sobre os operários do açúcar. No entanto, naquele momento eu tinha sob minha responsabilidade a coordenação partilhada de um grande projeto de pesquisa sobre mudança social no Nordeste, cujo trabalho de campo se desenrolaria ainda pelo ano seguinte, de tal forma que tive de recusar o convite. A documentação sobre essa troca de cartas que se perdeu no incêndio do Museu Nacional em setembro de 2018

foi, no entanto, recuperada por Maria Eduarda Rocha, diretamente dos arquivos de Bourdieu, quando de sua análise sobre “Bourdieu e a antropologia das classes dominadas, no Museu Nacional do Rio de Janeiro”, no livro *Bourdieu à Brasileira* (2022).

Ao chegar ao *Centre de Sociologie Européenne* (CSE) e ao *Centre de Sociologie de l'Éducation et de la Culture* (CSEC) para um período de pós-doutorado, 12 anos depois, a temática pela qual eu havia sido procurado antes, relativa à etnografia de grupos operários no Nordeste brasileiro, não estava na ordem do dia dos próximos números programados da revista, como estivera na virada dos anos 70 e 80. Eu e minha companheira Rosilene Alvim havíamos trazido de casa materiais relativos ao nosso trabalho de campo entre famílias operárias, na expectativa de produzirmos sobre o assunto naquele período no exterior. (Um artigo sobre o assunto de fato saiu no n° 84, de setembro de 1990, Alvim e Leite Lopes, “*Familles ouvrières, familles d’ouvrières*”, mas quando da preparação do número 79, esta inclusão, no futuro número “*Masculin, Féminin*”, não estava no horizonte).

Naquele final de 1988, estava em preparação o já referido número sobre esportes. Devido à relevância presumida de um eventual artigo sobre o futebol brasileiro, eu acabei entrando nas cogitações de preparação do número por acaso.

Monique de Saint Martin, responsável principal pelos intercâmbios do CSEC com os brasileiros na EHESS, perguntou a Rosilene Alvim, na minha ausência, se ela conhecia colegas que trabalhassem com o tema futebol no Brasil, do ponto de vista das ciências sociais.

Ela respondeu que eu tinha escrito sobre a trajetória do jogador Garrincha, que participara das seleções nacionais de 1958 e 1962. De fato, esse escrito não existia. O que se passou é que a morte de Garrincha, em janeiro de 1983, ocorreu num momento da redação de um capítulo para a minha tese em que eu só pensava em vila operária, e eu falei muito em casa sobre as ligações de Garrincha com o universo das fábricas têxteis, fato que eu havia notado nas entrelinhas das notícias sobre a morte do jogador.

Garrincha, que havia nascido em Pau Grande, vila operária da América Fabril, em Magé, RJ (vila essa situada no meio rural, assim como as usinas de açúcar e as várias fábricas têxteis de Pernambuco, as quais eu havia estudado), quando de sua morte estava morando na rua dos Estampadores, na antiga vila operária da fábrica Bangu, no Rio. As reconstituições da vida desse jogador, que saíam na imprensa, não atentavam para esse fato que, no meu entender, era bastante esclarecedor sobre sua trajetória, das ascensões e das quedas dramáticas pelas quais havia passado. Apresentei o projeto nos dias seguintes para Bourdieu, que me deu carta branca para que eu o continuasse.

Eu entrei, assim, para o mundo do estudo sobre futebol pela modalidade do futebol de fábrica ou de empresa. A aproximação com o universo do futebol por meio de uma forma específica de organização social, a fábrica com vila operária, e por meio de Garrincha, trazia a vantagem de valorizar, entrando, por assim dizer, pela porta dos fundos, os resultados de pesquisa acumulados durante alguns anos e que tinham menos espaço do que antes nos temas escolhidos para a revista.

Para o contexto da cultura operária, gestada nas fábricas com vila operária em meio rural, com seus futebolis de pelada e de empresa, eu tinha elementos para me guiar. Mas que instrumentos eu poderia utilizar para analisar o mundo do futebol profissional para o qual Garrincha havia passado pela sua severa peneira seletiva?

Naquele momento, de 1988 para 1989, eu já havia acompanhado, com grande interesse, a produção nascente sobre futebol nas ciências sociais brasileiras, e, em particular, aquela que tinha se produzido na própria Antropologia do Museu Nacional. Eu tinha conhecimento da dissertação de Simoni Guedes no PPGAS, “Futebol Brasileiro, Instituição Zero” (1977), que se baseava em capítulos etnográficos sobre o ciclo de vida dos homens em relação aos “futebolis” (expressão utilizada por Arlei Damo no seu tratamento da diversidade futebolística). Desde o futebol da *pelada* infanto-juvenil e, em seguida, desde os jovens que, nos campeonatos de times de bairro, podiam ter a esperança de um seletivo recrutamento para o futebol profissional, até, finalmente, a brincadeira dos seniores que passaram pelas fases anteriores e que voltavam a “brincar” nos campos locais. Isto tudo nos subúrbios originários da fábrica têxtil Bangu e do seu clube de futebol profissional de mesmo nome.

Simoni Guedes, ao ter sido incluída com o artigo “Subúrbio: Celeiro de Craques”, sobre sua etnografia em Bangu, no livro organizado por Roberto DaMatta, *Universo do Futebol* (1982), coparticipou da obra, por assim dizer, inaugural de estudos antropológicos sobre o futebol no Brasil. Após o sucesso de *Carnavais, Malandros e Heróis* (1978), DaMatta interessou-se por mais um domínio caracte-

rístico de uma identidade nacional brasileira pouco visível nas ciências sociais, o universo do futebol, e é reconhecido como introdutor do assunto nas ciências sociais latino-americanas (ver, por exemplo, Eduardo Archetti em *Masculinities* (1999), no qual é reconhecida sua inspiração em DaMatta). Nesta missão de trazer os esportes e o futebol em particular ao domínio legitimado das ciências sociais, DaMatta não está mal situado cronologicamente dentre as contribuições europeias de Norbert Elias e Eric Dunning (*Quest for excitement* (1986), retomando artigos pouco conhecidos, publicados entre 1966 e 1971), ou de Bourdieu (com os dois números de *Actes* sobre “*L’espace des Sports*” em 1989/90 e “*Les enjeux du football*”, em 1994, depois de seus artigos sobre esportes incluídos em *Questions de Sociologie* (1980) e *Choses Dites* (1987).

Eu conhecia ainda o artigo de Simoni Guedes sobre o relatório do chefe da delegação brasileira sobre a derrota na copa de 1954, na época um trabalho de curso datilografado, mais adiante retomado, em 1998, em seu livro *O Brasil no campo de futebol*. Este personagem, João Lyra Filho, que ocupou altos cargos no judiciário e na universidade, contribuía na formulação de estereótipos sobre as classes populares a partir do comportamento dos jogadores da seleção brasileira naquela Copa do Mundo.

E conhecia também a dissertação de Ricardo Benzaquen de Araújo, de 1980, com a qual havia sido convidado para a banca sobre a ética e as estratégias profissionais dos jogadores na década que se sucedeu ao tricampeonato da seleção, com base em entrevistas que incluíam alguns poucos atletas que vislumbraram a formação de um

efêmero sindicato de jogadores profissionais no final dos anos 70, em um contexto de redemocratização.

Havia ainda o filme *Garrincha, Alegria do Povo*, de Joaquim Pedro de Andrade, e que pude contrastar com *Isto é Pelé*, de Eduardo Scorel e Luiz Carlos Barreto, análise comparativa que fornecia elementos para a compreensão das trajetórias diferenciadas dos dois jogadores.

Com estes elementos reunidos, com o noticiário produzido sobre a morte do jogador e com a literatura ensaística anterior sobre o futebol, de cronistas esportivos (especialmente, Mario Filho), pude fazer a interpretação de uma história de vida que dizia muito sobre a história inesperada do futebol brasileiro, como símbolo corporificado da inversão do chamado “complexo de vira-latas”, alcunhado por Nelson Rodrigues, que se transformava no milagre chapliniano do humilde redentor das derrotas nacionais anteriores. Tal redenção do futebol brasileiro, que se passa nos anos 50 e 60, que conta com o seu mítico ponta-direita, é contrastada, na própria trajetória de Garrincha, com a tragédia da sua vida pós-jogador profissional, que o alcoolismo fez apressar sua morte prematura.

Sua morte veio reequilibrar seu prestígio abalado, com o foco redirecionado pela imprensa para rememorar suas proezas, e seu enterro é apropriado por uma forte emoção popular que acompanha sua ida do velório no Maracanã ao cemitério na vila natal. A reconstituição etnográfica de seu enterro, reunindo a cobertura factual e interpretativa da imprensa e dela extraindo elementos para salientar como o ritual da morte ilumina a trajetória do jogador, possibi-

litou ao artigo conter uma “análise situacional” no sentido de Max Gluckman, ou no sentido das análises de micro histórias dos historiadores culturais.

O artigo procurava reconstituir o *habitus* desse jogador no contexto da cultura operária peculiar da fábrica em meio rural, que condicionava seu estilo corporal (e que possibilita seu drible irresistível). A narrativa que começa com uma etnografia do enterro de Garrincha, depois passa a reconstituir sua trajetória e a situá-lo na história recente do futebol profissional brasileiro da época, faz uma análise comparativa com a trajetória de Pelé, para voltar à cena do enterro como uma apropriação popular de sua vida (vida cujo auge, na Copa de 1962, se deu em tempos democráticos, comparados àquele presente, em 1983, de maiores dificuldades das classes populares, ainda sob regime militar). O artigo saiu no *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* de setembro de 1989 e contou com a colaboração do colega Sylvain Maresca, que reviu e aprimorou o francês e discutiu os seus argumentos. No Brasil, saiu em seguida na *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Várias traduções do artigo foram feitas.

Em continuidade aos números sobre “o espaço dos esportes”, a revista *Actes de la Recherche* organizou uma edição sobre “*Les enjeux du football*” em 1994, onde escrevi o artigo “*L’invention du style brésilien: sport, journalisme et politique au Brésil*”, com a colaboração de Jean-Pierre Faguer. O nosso texto vinha situado logo após o artigo dos organizadores do número da revista, Jean-Michel Faure et Charles Suaud, “*Un professionnalisme inachevé; deux états du champ du football professionnel en France*”, e antes do artigo de

Richard Holt sobre “*La tradition ouvrieriste du football anglais*”. Nosso artigo salientava a importância do jornalismo esportivo desde os anos 30 na conformação do profissionalismo no futebol brasileiro, por meio da trajetória de Mario Filho, e publiquei uma versão estendida em número temático na *Revista USP*, em 1994¹.

Os conflitos sociais inerentes à criação, difusão e apropriação por diferentes classes e grupos sociais ao longo do tempo me chamaram a atenção na literatura sobre esportes e sobre o futebol, em particular, o que foi sendo um foco importante dos artigos feitos em nome próprio ou com parceiros. A especificidade histórica que se manifesta no caso brasileiro quanto a este processo histórico internacional não é estranha aos conflitos em torno de estigmas étnicos atribuídos às classes populares, embutidos na passagem do amadorismo ao profissionalismo entre os anos 1930 e 1950. Os processos daquilo que Norbert Elias chama de *democratização funcional* podem ser exemplificados na história inicial do futebol brasileiro, culminando nas copas de 1958 e 1962.

Já nos países europeus, os conflitos, sobretudo de classe, quando da passagem ao profissionalismo se transformaram nos estigmas que se manifestaram a partir dos anos 1990, quando da entra-

1 “*L’invention du style brésilien; sport, journalisme et politique au Brésil*” (en collaboration avec Jean Pierre Faguer), *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n°103, juin 1994, pp. 27-35.

– “A vitória do futebol que incorporou a *pelada*; a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro”, *Revista USP*, n. 22, jun-jul-ago 1994, pp. 64-83.

da mais massiva de filhos de migrantes africanos nos clubes e nas seleções nacionais.

A partir destes dois artigos na revista *Actes de la Recherche*, fui entronizado na corporação internacional dos cientistas sociais estudiosos do futebol graças a Eduardo Archetti, que nos visitou no PPGAS/MN por volta de 1973, quando lidava com antropologia econômica e sociedades camponesas, estudando os *farmers* da agricultura argentina. Archetti, desde cedo estabelecido na universidade de Oslo, estava publicando artigos sobre o futebol, o polo e o tango na Argentina (que depois ele reuniu em livro intitulado *Masculinidades*) e, como um dos membros pioneiros da Associação Europeia de Antropologia, era um dos articuladores destes encontros internacionais. Ele me recomendou a Richard Giulianotti, sociólogo escocês, especialista em futebol, que me propôs publicar em duas de suas coletâneas².

Notei que, nestes encontros internacionais dos anos 1990, o fato dos convidados estarem contribuindo para uma temática nova na História e nas Ciências Sociais por meio da análise das experiências de seus respectivos países neste esporte, havia um ambiente de competição incorporada pelos pesquisadores de demonstrar aspectos de relevância analítica sócio-histórica do seu futebol nacional, como se o agonismo intrínseco ao futebol se apresentasse de alguma forma ao nível do evento acadêmico, de forma séria ou jocosa.

2 “Successes and Contradictions in ‘Multiracial’ Brazilian Football”, in G. Armstrong & R. Giulianotti (eds.), *Entering the field; new perspectives in world football*. Oxford: Berg Publishers, 1997, pp. 53–86.

– “Football and its dilemmas: a Brazilian story”, in Gary Armstrong & Richard Giulianotti (eds.) *Football, Cultures and Identities*. London: Macmillan, 1999.

Em 1996, estive na Universidade de Manchester (sob a supervisão do sociólogo do trabalho Huw Beynon) em convênio envolvendo o Programa de Antropologia Social do Museu Nacional e o Programa de Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, ambos da UFRJ, onde apresentei um artigo e onde pude consultar a bibliografia anglo-saxônica sobre ciências sociais e história do esporte na biblioteca daquela universidade³. Também ganhei uma bolsa do governo francês para desenvolver, durante alguns meses por ano entre 1997 e 1999, um projeto sobre o futebol brasileiro junto ao *Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain*, então dirigido por Afrânio Garcia Jr. e por Ignacy Sachs. Dentre essas atividades, acompanhei a Copa do Mundo de 1998 sobre a qual fiz uma observação etnográfica “multisituada”, mal situada e sem crachá, desse megaevento, para o jornal *Le Monde*, junto com Jean-Pierre Faguer, e pude publicar uma versão mais estendida na revista *Estudos Históricos*⁴. O futebol como esporte de equipe talvez enseje a parceria

3 Os coordenadores do convênio eram Huw Beynon, diretor do Manchester International Centre for Labour Studies, e José Ricardo Ramalho do IFCS. O trabalho apresentado foi:

– “Football and working class in Brazil: Colour and class in the making of national identity through sport”. Manchester International Centre for Labour Studies. Working paper 15. May 1996.

4 A mediação para esse artigo do *Le Monde* foi feita por Roger Chartier, apreciador de Garrincha, e que então escrevia regularmente na seção “*Le Monde des Livres*”. O artigo era para sair logo após o fim da copa de 98, em página inteira, na seção “*Horizons*” que o jornal então mantinha.

– “Le football mondialisé comme il va”, *Le Monde*, 22/7/1998, p. 10 (avec Jean Pierre Faguer).

entre colegas, e após escrever sobre o assunto em colaboração com Sylvain Maresca, o fiz com Jean-Pierre Faguer e, mais tarde, com Afrânio Garcia Jr.

Minha entrada nos estudos sobre futebol foi assim proporcionada pela demanda internacional por estudos sobre o futebol brasileiro. O que de certa forma pode ser significativo da adequação legitimada, entre autor e objeto, por propriedades nacionais, tal como vistas pelos demandantes no exterior. Mas o fato é que a literatura sobre esportes, e em particular sobre o futebol, é boa para pensar uma série de fenômenos sociais mais amplos. Além de servirem de metáfora para conceitos como “estratégias não conscientes”, “sentido do jogo” (Bourdieu) ou “configuração” (Elias), os esportes constituem-se em objetos privilegiados de observação dos fenômenos de profissionalização, de inclusão ou exclusão sutil de adeptos por meio de estilos de vida, assim como de dramatizações de pertencimentos étnicos, nacionais ou de classe (dentre outros assuntos antropológicos importantes de análise).

Minha produção sobre o futebol é constituída de artigos de uma síntese crítica do material existente, ensaiando explicações sobre processos históricos mais gerais. Mas também estudos focados em trajetórias específicas de operários-jogadores, como é o caso de Garrincha e de Ramon da Silva Ramos. Este último foi jogador do Santa

– “Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da copa de 1998”, Estudos Históricos, n. 23, set. 1999. (com a colaboração de J.P. Faguer).

Cruz e do Vasco da Gama nos anos 70, originário da Usina Serinhaém, em Pernambuco, localidade na qual fiz trabalho de campo para minha dissertação. Também fiz observações etnográficas durante o desenrolar da copa de 1998, na França, como já mencionei anteriormente. A partir de uma etnografia desta Copa do Mundo, organizada na França, nós pudemos colocar em evidência aspectos da passagem de um profissionalismo nacional para um profissionalismo multinacional, de que são testemunhas não somente as equipes compostas de jogadores que pertencem a clubes estrangeiros, notadamente europeus, mas também o financiamento do evento por grandes empresas mundiais e a organização de recursos humanos, com suas exigências contraditórias entre “competência” (por exemplo na medicina esportiva) e “precariedade” (por exemplo, no voluntariado para o controle da segurança nos estádios).

No que diz respeito à liberação das emoções, as características do público da Copa do Mundo se distinguem por uma predominância de consumidores, mais do que de torcedores, o que é buscado e embutido como motivação no momento da construção dos novos estádios. Nós pudemos observar a presença, nos treinamentos da *seleção* — parcialmente abertos ao público mediante o pagamento de bilhetes de entrada — e no transporte, em viagens nos trens para acompanhar as partidas em cidades diversas, um tipo especial de público que nos chamou a atenção. Tratava-se de torcedores que vinham à Copa do Mundo financiados por grandes empresas estabelecidas no Brasil, como se ganhassem presentes sob a forma de viagens oferecidas aos empregados, clientes ou fornecedores, o que se somava às diferenças

entre esse público de Copa do Mundo e os torcedores que participavam das partidas entre clubes.

O que se sobressai da composição dos jogadores da equipe nacional, durante as Copas do Mundo, é o fato de que quase todos pertencem a clubes estrangeiros, tendência estabelecida desde os anos 90. A perspectiva para os torcedores dos clubes é, doravante, verem os melhores jogadores dos campeonatos nacionais saírem de seus respectivos países e partirem para clubes mais ricos, no exterior. Mas isto não é senão a ponta que emerge dos jogadores de elite, que está na superfície de um sistema de circulação internacional mais generalizado, que acompanha várias hierarquias de clubes. Além disso, o recrutamento internacional se faz cada vez mais ao nível dos adolescentes que despontam como promessas deste esporte, o que acarreta o empobrecimento da ligação tradicional entre a base e as equipes de alto nível, decepcionando as expectativas dos torcedores dos clubes nacionais.

As pesquisas de Carmen Rial, que entrevistou jogadores brasileiros e suas famílias em diferentes partes do mundo, nos apresentam este contexto mais geral da carreira mundializada de milhares de futebolistas brasileiros e da experiência de sociabilidade de suas famílias no exterior. Os resultados destes estudos concernem às conexões entre idade, origem social e religião, a saber a forte presença de jogadores caçulas, a maioria proveniente de grupos subalternos, e a adesão predominante aos cultos evangélicos, assim como a juvenilização crescente deste fluxo de emigração. Esta circulação não é possível sem o apoio das famílias ampliadas dos jogadores, que

constitui sua zona de proteção em relação à vida cotidiana nos diferentes países estrangeiros. Desta forma, antecipo, aqui, com o exemplo do artigo “Rodar” (2008), algumas das pesquisas mais recentes que trouxeram uma enorme quantidade de materiais empíricos, das quais tratarei agora.

Nos últimos dos meus textos, eu já cito e incorporo, parcialmente, resultados das pesquisas efetuadas por gerações mais jovens que a minha, que se caracterizam por terem feito intensas pesquisas para suas dissertações e/ou teses sobre o assunto, em algumas das quais participei das bancas⁵. Eu deverei ser seletivo nas referências que farei

5 Pude assim acompanhar o trabalho de meus orientados Eline Deccache Maia, sobre políticas públicas para o esporte; de Antonio Holzmeister Oswald Cruz, sobre as transformações econômicas do futebol focalizadas nos estádios; de Marta Cioccarì, no futebol associativo amador dos mineiros de carvão, com seus clubes de empresa, de bairro ou de grandes famílias de mineiros; de Rosangela Pimenta, na UFPE, sobre o futebol de pelada e o futebol amador nos bairros populares de Recife e no assentamento rural em Sobral, CE; a dissertação de Pedro Mourelle sobre o cotidiano de um clube de 2ª divisão, o São Cristóvão, do Rio de Janeiro; em outras instituições, pude também acompanhar em bancas, em GTs e seminários, o trabalho historiográfico exemplar de Leonardo Pereira (História da Unicamp) sobre o futebol carioca entre 1902 e 1938; o de Plínio Labriola Negreiros (História da PUC-SP) sobre o embate amadorismo versus profissionalismo na imprensa paulista e sobre os aspectos políticos da construção do Pacaembu; a preciosa tese etnográfica de Luiz Henrique de Toledo (USP) sobre os centros de treinamento dos clubes, sobre as escolas de juízes e sobre as escolas de jornalismo esportivo (além de bares de torcedores); o trabalho sociológico de José Jairo Vieira (IUPERJ) sobre a profissionalização de jogadores de futebol negros; a etnografia de torcedores de clubes de cidade do interior da

aqui em razão do tempo de uma conferência, embora no texto escrito correspondente possa assinalar algo mais em nota de rodapé.

Estes trabalhos inovadores aos quais farei referências a seguir, baseados em grande quantidade de dados empíricos, contribuem tanto para a compreensão histórica das primeiras décadas do futebol brasileiro no século XX, do amadorismo ao profissionalismo, quanto para o conhecimento das transformações mais recentes, dos anos 1990 e 2000.

No que diz respeito às quatro primeiras décadas do século XX, a tese de Leonardo Pereira, *Footballmania, História Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*, depois publicada em livro no ano de 2000, baseada numa pesquisa historiográfica com extensos materiais diversificados, desde jornais, opiniões de escritores e arquivos policiais — onde descobriu muitos clubes de futebol nos bairros populares, alguns vinculados a associações carnavalescas muito reprimidas pelas forças da ordem, no início do período considerado. O futebol

Argentina (Mar del Plata) feita por Gastón Gil (Misiones); a dissertação de Arlei Damo (Antropologia da UFRGS) sobre a história da torcida do Grêmio e a rivalidade clubística com o Internacional; a dissertação de Giselle Moura (História-UFRJ) sobre a construção do Maracanã para a copa de 1950; a dissertação de Rosana da Câmara Teixeira (orientada por Rosilene Alvim, IFCS-UFRJ) sobre a etnografia das torcidas jovens cariocas na virada dos anos 2000 (que saiu em livro e para o qual fiz uma apresentação); e a dissertação e a tese de Bernardo Buarque de Hollanda (História PUC-Rio), que seguiram entre muitas outras fontes de inspiração, pistas de trabalhos anteriores meus. Fiquei feliz também em ver-me incluído nas citações de textos das ciências sociais no excelente livro *Veneno Remédio, o futebol e o Brasil* de José Miguel Wisnick.

mantinha a associatividade do grupo por meio da legitimidade do esporte diante das autoridades policiais. Suas descobertas e análises dão uma visão mais complexa e extensiva da incorporação do esporte pelas classes populares muito mais presente e precoce do que até então conhecido.

Em diálogo com Leonardo Pereira sobre a relação entre escritores, cronistas e o futebol, encontra-se a dissertação em história cultural de Bernardo Buarque de Hollanda, publicada em 2004, *O Descobrimento do Futebol; modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*, na qual as qualidades e as contradições do campo literário são examinadas tendo o esporte como eixo do ponto de vista do escritor, o mais proclamado, entre seus pares, como torcedor de futebol. O uso da literatura sobre futebol pelos historiadores proporcionou um diálogo frutífero com ensaios de crítica literária e pensamento social brasileiro, como o importante livro *Veneno Remédio; o Futebol e o Brasil*, de José Miguel Wisnik (2008), que também foi muito atento a grande parte do que foi produzido nas ciências sociais sobre futebol.

Os historiadores abriram assim caminhos importantes no estudo do esporte e do futebol em particular, desde a apropriação precoce do futebol pelas classes populares nas primeiras décadas do século XX, até os debates entre escritores sobre esse esporte, passando por seu papel na organização de coleções sobre as transformações dos torcedores ou sobre o tema do futebol e o mundo do trabalho no Brasil.

Também Bernardo Buarque, na tese de doutorado, publicada em 2010, *O clube como vontade e representação: o jornalismo espor-*

tivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro, investiu muito para explicar como a história iniciada pelas torcidas organizadas no final dos anos 1960, autoidentificadas como jovens, mantêm uma relação de continuidade transformada com a história dos torcedores formados nas décadas de 30 e 40, e como isso ocorreu graças à mediação da imprensa esportiva. Se o trabalho do fundador do *Jornal dos Sports*, Mario Filho, investiu muito na promoção da formação dos torcedores dos clubes do Rio nas décadas de 30 a 50, uma entre outras iniciativas na construção de uma política educacional esportiva quase para-governamental, Bernardo Buarque descobriu e demonstrou, em detalhes, que isso poderia, de certa forma, se estender à trajetória de Mário Júlio, sucessor de seu pai na direção do jornal, e às condições transformadas do público esportivo na última metade da década de 60. A direção do *Jornal dos Sports* percebeu que uma parte cada vez maior de seu público leitor estava concentrada em grupos importantes de jovens estudantes, alunos do ensino médio e universitários, e ampliou sua orientação esportiva para se tornar um jornal sobre o que parecia interessante para essa juventude — desde os resultados dos exames de admissão à universidade até a cobertura de notícias sobre escolas e universidades, passando pelo movimento estudantil. Essas características estudantis — fortemente presentes, no início, em alguns de seus dirigentes — foram transmitidas e reelaboradas por uma ampla juventude não estudantil.

O estudo etnográfico dos torcedores organizados tornou-se tema de importantes teses, como foi o caso de Luiz Henrique de

Toledo (em vários clubes de torcedores de São Paulo) e o caso de Arlei Damo, com os torcedores do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Os dois autores, em suas respectivas teses de doutorado, buscaram traçar, de diferentes maneiras, um quadro mais sistemático do mundo do futebol por meio de múltiplas etnografias. Em sua tese de doutorado *Lógicas no futebol*, publicada em 2002, Toledo realizou etnografias não apenas em locais de formação escolhidos para profissionais desse esporte, em centros de formação de jogadores, em cursos de formação de treinadores de futebol e em cursos para árbitros desse esporte. Ele também acompanhou cursos de formação em jornalismo esportivo e redações em suas diferentes modalidades (escrita, rádio e televisão), locais onde trabalham aqueles que ele chama de *especialistas* em futebol.

Arlei Damo, em sua premiada tese *“Du don au métier”* (“Do dom à profissão”), publicada em 2007, concentrou suas pesquisas na formação comparativa de jogadores de futebol no Brasil e na França, abordando a diversidade das práticas do futebol de bairro até a mercantilização dos jogadores e a formação de seu capital futebolístico. No Brasil, Damo concentrou sua observação nas equipes juvenis do Sport Club Internacional, de Porto Alegre, enquanto na França, ele fez o mesmo no Olympique de Marselha. Mas ele também foi ao FC Nantes, um modelo de formação de jogadores locais, que segue mais de perto as orientações do Instituto Nacional de Futebol, um centro que defende um modelo de formação articulado em nível nacional e guiado por princípios pedagógicos, associando o treinamento à formação esportiva na escola. É nesse modelo que Bourdieu se baseia

para defender, no final do artigo “*L’État, l’Économie et le Sport*” (“O Estado, a Economia e o Esporte”), publicado no dossiê *Football & Sociétés* da revista *Sociétés et Représentations* (1998), uma utopia científica que valoriza as virtudes educativas do esporte e busca restabelecer uma continuidade entre o clube de base e os jogadores de alto nível, com o objetivo de promover a integração social por meio do esporte, incluindo os filhos de imigrantes.

Ao contrário do modelo francês, o modelo dos clubes brasileiros, dominado pelo mercado, permite, no entanto, em suas margens, iniciativas pedagógicas no âmbito das políticas de alguns municípios e das ONGs, das quais o jovem Damo teve experiência em seu trabalho na Secretaria Municipal de Esportes de Porto Alegre. Assim, ele prestou atenção à diversidade dos usos do futebol, o que o levou a propor uma caracterização em torno de algumas matrizes de práticas, que classificou em matrizes espetacularizadas, improvisadas, comunitárias e escolares.

A massa crítica de estudos sobre futebol, obtida ao longo de quatro décadas de trabalhos iniciais, permite abordar diversos temas possíveis em torno do assunto — como a expansão do futebol feminino nos últimos anos —, bem como propostas de sistematização. Espero que estas notas de testemunho aqui apresentadas possam dialogar com os avanços empíricos realizados nos últimos anos, bem como com a profusão de estudos resultantes da legitimação acadêmica da especialidade. O programa do colóquio permitirá avaliar os progressos internacionais realizados de forma tematicamente diversificada e metodologicamente reflexiva, nomeadamente através de um diálogo comparativo entre os estudos realizados na França e no Brasil.

CAPÍTULO 2

Como escrever a história do futebol? Notas sobre o surgimento de um campo de pesquisa na França

Julien Sorez

Université Paris–Nanterre, França

No século XXI, a França é sem dúvida um país de futebol aos olhos do mundo. Com um histórico esportivo que a coloca entre as oito nações que conquistaram ao menos uma Copa do Mundo, a França também conta com um grande número de jogadores federados e com o prestígio de uma formação esportiva cuja eficácia a torna o segundo maior exportador de jogadores no mundo, logo atrás do Brasil. Essa posição é ainda mais notável considerando que, há cerca de vinte anos, a França era vista como um país que não havia se rendido completamente ao futebol, como demonstram uma certa indiferença — ou até desconfiança — em relação à sua seleção nacional (Beaud e Sorez 2016) e o pessimismo que dominava a imprensa e parte da opinião pública quanto às chances de vitória da seleção francesa na Copa do Mundo de 1998.¹ Inseridos nesse distanciamento coletivo,

¹ Essa situação pode ser ilustrada, em especial, pela campanha de desqualifi-

os professores-pesquisadores enfrentavam dificuldades para tirar o futebol da “indignidade cultural” na qual ele era colocado, apesar do trabalho do etnólogo Christian Bromberger, publicado em 1995, cuja pesquisa marcou profundamente os estudos em sociologia do esporte (Bromberger 1995).

As razões para esse atraso francês são diversas. Comparar essa situação com o dinamismo dos estudos britânicos sobre futebol ajuda a compreender esse atraso historiográfico. Ao contrário da influência de Thompson, que desempenhou um papel crucial nos estudos sobre os lazers da classe operária no Reino Unido, os historiadores do movimento operário e da industrialização na França não deram um lugar central à questão do lazer e do entretenimento. É importante destacar também que, na Grã-Bretanha, o futebol se tornou o esporte operário por excelência já na década de 1880, o que fez com que a história social britânica não pudesse ignorar por muito tempo esse fenômeno, especialmente porque a cultura operária estava fortemente integrada à cultura nacional, ao contrário da França, onde ela nunca se impôs verdadeiramente (Noiriel 2000). Por fim, não se pode descartar a ideia de que feitos e sucessos esportivos, assim como tragédias, aceleraram o interesse e a demanda social por esse objeto de pesquisa. Na Inglaterra, a vitória da seleção nacional em 1966 provavelmente permitiu a abertura de um espaço de pesquisa que emergiu ao longo dos anos 1970, assim como a surpreendente vitória da França em 1998, que

cação promovida pelo jornal esportivo *L'Équipe* contra o treinador da seleção francesa, Aimé Jacquet, antes da Copa do Mundo.

representa, em muitos aspectos, um ponto de inflexão na posição do futebol dentro da historiografia contemporânea.

Esta contribuição busca, portanto, ao retomar as primeiras produções históricas sobre o futebol, compreender como e com base em quais comunidades científicas o futebol conquistou uma progressiva legitimidade acadêmica. Uma vez traçados os contornos dessa trajetória, procuraremos destacar algumas das questões que estruturaram a escrita historiográfica sobre o futebol, principalmente a partir dos trabalhos que publiquei ao longo de mais de vinte anos e de algumas leituras realizadas nesse campo de pesquisa.

COMO OS HISTORIADORES FRANCESES SE APROPRIARAM DO FUTEBOL?

Na França, a história do futebol se desenvolve de forma significativa, do ponto de vista acadêmico, a partir dos anos 1990. Trata-se, de fato, de uma década em que os trabalhos sobre futebol se multiplicam na esteira do estudo pioneiro do historiador Alfred Wahl, especialista em Alemanha, publicado em 1989 com o título *Les archives du football* (Wahl 1989). Esses primeiros estudos seguem três lógicas principais, algumas das quais persistem até hoje.

Em primeiro lugar, a publicação de estudos históricos sobre futebol segue o calendário das grandes competições esportivas. É como se esses eventos representassem uma “janela de oportunidade” editorial para um tema que, em tempos normais, tem dificuldade de se impor junto a editoras e revistas científicas. Essa política editorial surge por ocasião da Copa do Mundo organizada na Itália

em 1990. A prestigiada revista *Vingtième Siècle* publica uma edição especial dirigida por Jean-Pierre Rioux, intitulada “Le football, sport du siècle”. Desde então, cada competição internacional de grande porte traz consigo edições especiais de revistas e publicações dedicadas ao futebol. Nessa estreita relação entre o futebol como objeto de estudo histórico e a visibilidade midiática das competições internacionais, a Copa do Mundo de 1998, organizada na França, teve um papel catalisador. Para a ocasião, dois colóquios sobre futebol foram organizados e um deles deu origem a um novo número de revista.² Os pesquisadores das ciências sociais também recebem considerável visibilidade na mídia, como Christian Bromberger, que falou sobre a “futebolização da sociedade”.³ A vitória final da equipe francesa levou ainda à publicação de um livro dedicado à repercussão do evento na França por parte de pesquisadores britânicos (Hare e Dauncey 2002), bastante interessados em compreender a especificidade e o sucesso dos esportes e esportistas franceses.⁴ No prolongamento desses trabalhos, a participação da França na Copa do Mundo de 2006 (Gastaut e Murlane 2006) e a organização da Euro 2016 no país

2 Colóquios “Football: jeu et Société”, 11-13 mai. 1998, organizado pelo INSEP e “Cultures et football”, organizado pelo CNRS em maio de 1998, sob a direção de C. Bromberger, Jean-Michel Faure e Charles Suaud. Este último colóquio foi publicado sob o título “Football et Sociétés” na revista *Sociétés et Représentations*, n. 7, dez. 1998.

3 *Libération*, 12 mai. 1998.

4 Um exemplo desse interesse britânico é a atenção dada à figura de Pierre de Coubertin e ao Tour de France, competição sem equivalente na Grã-Bretanha.

geraram publicações com uma abordagem internacional (Archambault, Beaud e Gasparini 2016). No entanto, esse entusiasmo editorial confere apenas uma legitimação parcial ao futebol como objeto de pesquisa. Ao seguir o calendário das grandes competições, a legitimidade acadêmica da história do futebol permanece limitada, pois não pode se sustentar apenas nesse regime de publicação, ainda mais considerando que ele está estreitamente vinculado à demanda social e ao calendário midiático desses grandes eventos, cujo ritmo nem sempre é compatível com aquele exigido pela imersão nos arquivos e pela formulação de uma verdadeira questão de pesquisa. Além disso, as publicações vinculadas ao calendário ou ao desempenho esportivo podem levar a análises apressadas e imprecisas, como é o caso da obra dirigida pelos historiadores britânicos Geoffrey Hare e Hugh Dauncey, *Les Français et la Coupe du Monde de 1998*. Publicada no ano da Copa do Mundo da Coreia do Sul, em 2002, a obra tenta analisar o lugar do futebol na França, cuja seleção nacional era considerada a grande favorita, ainda sob o impacto da vitória de 1998. Apesar de o título não corresponder com exatidão ao conteúdo das contribuições, e apesar de erros factuais e uma tradução com pouca fluidez tornarem a leitura difícil, o trabalho empírico presente em alguns artigos apresenta sérios problemas do ponto de vista da abordagem histórica. De fato, parte dos textos se baseia quase exclusivamente em artigos de imprensa escritos no calor do momento, sem distanciamento crítico frente a esse material sensível, enquanto outros artigos apresentam escassas notas de rodapé, o que dificulta a identificação rigorosa das fontes que sustentam as análises. O

trabalho de Marion Fontaine sobre o Racing Club de Lens mostra, aliás, apesar da celebração da identidade e do orgulho operário do Norte durante a conquista do título nacional pelo clube em 1998, que o futebol nas regiões mineradoras encerra dinâmicas sociais muito mais complexas do que as que são exaltadas nesses momentos de euforia coletiva (Fontaine 2010: 15-20).

Em segundo lugar, os primeiros trabalhos significativos em história do futebol foram realizados por pesquisadores que haviam adquirido legitimidade científica em áreas históricas, muitas vezes distantes do esporte. O número de 1990 da revista *Vingtième Siècle*, mencionado anteriormente, ilustra bem essa tendência inicial. Pierre Milza, historiador do fascismo, escreve um artigo sobre o futebol italiano; Gérard Noiriel, historiador da imigração, analisa o futebol com base em seu objeto de pesquisa, junto ao sociólogo Stéphane Beaud; assim como Jacques Marseille, que oferece pistas para futuras pesquisas sobre o futebol em diálogo com a história econômica, área em que é um dos mais eminentes especialistas. Dessa forma, pode-se considerar que o futebol, como objeto histórico, é nos anos 1990 um território efêmero, que pesquisadores já consolidados academicamente e com legitimidade científica o exploram no contexto de eventos esportivos. A oportunidade proporcionada pelos eventos esportivos permite que esses acadêmicos saiam de suas bases historiográficas tradicionais e “explorem” terrenos da história do futebol. Apenas Alfred Wahl mantém, a partir dos anos 1990, o futebol como campo privilegiado de escrita. Pode-se ler esse novo interesse pelo futebol como uma reconciliação dos intelectuais com a cultura

popular, que se impõe progressivamente como um elemento unificador da cultura nacional. Isso é verdade até certo ponto, desde que se considere que a França costuma ser menos estudada do que a perspectiva mundial ou do que os países onde a cultura do futebol parece mais desenvolvida que no território francês.⁵ Isso contrasta com os primeiros trabalhos históricos sobre o futebol na Inglaterra (Mason 1980 e Fishwick 1989) ou na Alemanha, que se concentraram em seus respectivos contextos nacionais (Wahl 1990).

Por fim, o surgimento do futebol como objeto da história na França está essencialmente ligado ao interesse científico de historiadores contemporâneos que atuam em departamentos de história, apesar da existência de departamentos de Ciências e Técnicas das Atividades Físicas e Esportivas (Staps), nos quais já se realizavam pesquisas em ciências sociais do esporte desde os anos 1980. Nesses departamentos, o foco principal estava nas pesquisas sobre Educação Física, especialmente no contexto escolar.⁶ Esse interesse inicial dos docentes-pesquisadores dos departamentos de história pelo futebol resulta, nas décadas seguintes, em uma multiplicação

5 Se, na revista *Vingtième Siècle*, a França é o tema de cinco dos 11 artigos da edição, ela está presente em apenas dois dos 13 artigos do número “Les enjeux du football”, da revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* de 1994, e em oito dos 26 artigos que compõem o número especial da revista *Sociétés & Représentations* de 1998.

6 Com Pierre Arnaud, os estudos sobre a história das práticas esportivas começam a se desenvolver no campo dos STAPS, mas o futebol, apesar de sua grande visibilidade na mídia e popularidade, ocupa apenas um papel secundário nesse contexto.

de doutorados em História Contemporânea. Esses doutorados geralmente adotam a abordagem monográfica. Por um lado, muitos estudos investigam o futebol em contextos urbanos e industriais onde ele ocupou lugar central, seja em Turim (Dietschy 1997), na região de Lens (Fontaine 2006), e mais recentemente em Roma (Morra 2019) e Marselha (Bocquillon 2024). Outros trabalhos monográficos optaram por uma análise em escala regional para destacar diferentes formas de apropriação e processos de diferenciação espacial, como os estudos sobre Pas-de-Calais (Chovaux 1999), Córsega (Rey 2003), Paris e seus subúrbios (Sorez 2011), Alsácia (Perny 2009) ou Vaucluse (Gardi, em andamento). Como a paixão pelo futebol é considerada relativamente recente na França, em comparação com outras regiões do mundo, vários estudos escolheram países onde essa prática está intimamente associada à cultura nacional. É o caso da Itália, onde o sucesso do futebol foi analisado no contexto da disputa de influência entre o Partido Comunista e a Igreja Católica (Archambault 2007); do Brasil, onde o futebol é visto como instrumento diplomático e cultural (Astruc 2022); e do Uruguai, sede da primeira Copa do Mundo, em 1930 (Jalabert d'Amado 2021). Além disso, o interesse inicial de Alfred Wahl e Pierre Lanfranchi pelos jogadores profissionais inspirou alguns trabalhos sobre os atletas da seleção francesa (Carneiro 2019) e, mais recentemente, sobre o valor dos jogadores de futebol, temática na qual a dimensão histórica está muito presente (Schotté 2022).

Esse dinamismo do futebol como objeto histórico contrasta fortemente com as pesquisas dos departamentos STAPS. De 1990 a 2020, apenas sete teses, em História, sobre história do futebol foram defen-

didadas, embora muitos doutorados tenham sido concluídos nesses departamentos. Esse relativo desinteresse se deve, primeiramente, ao foco na história da Educação Física enquanto disciplina escolar, fundamental para legitimar o lugar dos professores de Educação Física no sistema educacional, especialmente após sua reintegração ao Ministério da Educação Nacional em 1981 (Martin 2004). Em segundo lugar, o interesse pela história do futebol permanece marginal frente à valorização de uma história voltada ao desenvolvimento de todas as práticas esportivas, em especial àquelas mais ensinadas nas escolas, cujas histórias podem ser associadas ao movimento olímpico e às suas virtudes educativas. Uma boa ilustração dessa ambição de abarcar todas as modalidades esportivas está na atuação de Thierry Terret, professor de História do Esporte na Universidade Claude Bernard Lyon 1. Entre 1997 e 2017, nas 26 teses que ele orientou, cerca de dez modalidades esportivas diferentes foram contempladas.

No entanto, a partir dos anos 2000, algumas teses de doutorado sobre futebol foram defendidas nos STAPS. Se a abordagem monográfica é o denominador comum em boa parte dos estudos em história contemporânea, boa parte das teses dos STAPS cruzam o futebol com temáticas de interesse prévio dos orientadores. É o caso da tese sobre a história do futebol feminino na França (Prudhomme-Poncet 2002), continuidade de publicações sobre esportes femininos dos anos 1990 (Arnaud e Terret 1994); da tese sobre o futebol durante a Primeira Guerra Mundial (Waquet 2010), relacionada à importância da questão de gênero nos trabalhos de Terret e do Centro de Pesquisa e Inovação sobre o Esporte da Universidade Claude Bernard Lyon 1

(Terret 2006); e da tese sobre a história da arbitragem profissional na França (Joly 2021), vinculada ao tema caro a seu orientador, Olivier Chovaux. Este estudo sobre árbitros também pode ser visto como parte de uma abordagem histórica dos STAPS centrada nos atores do futebol, na mesma linha dos trabalhos sobre a trajetória de jogadores profissionais argelinos na França (Frenkiel 2009) e sobre a profissão de treinador de futebol (Grün 2011).

Ingressar em um doutorado com um tema de interesse do orientador permite ao doutorando construir seu objeto de pesquisa apoiado nas intuições e nos trabalhos anteriores do orientador, mas essa abordagem pode obscurecer a originalidade do tema da tese e resultar em um trabalho que, ao ser defendido, já não corresponde à atualidade da pesquisa histórica, uma vez que muitos anos são necessários até a conclusão de uma tese. Para compreender esse contraste marcante entre as teses sobre futebol defendidas nos departamentos de História e nos de STAPS, é importante destacar que muitos pesquisadores de história contemporânea foram orientados por professores com pouca ou nenhuma experiência em história do esporte, o que lhes conferiu maior liberdade na escolha do tema de pesquisa.⁷ Além disso, a abordagem monográfica, que ocupa um lugar importante na história contemporânea, justifica-se por permitir a delimitação, com rigor, do escopo de um objeto com ramificações sociais e

7 Para dar alguns exemplos, Gilbert Garrier (Dietschy), Alain Lottin (Chovaux), Christophe Prochasson (Fontaine), Éric Vial (Archambault) e Jean-François Sirinelli (Sorez) não têm nenhuma publicação acadêmica em seu nome sobre o futebol e nem mesmo sobre o esporte.

institucionais por vezes significativas. Em meu doutorado sobre o futebol parisiense, por exemplo, optei por circunscrevê-lo a Paris e sua periferia imediata para poder compreender todas as formas de futebol ali desenvolvidas, bem como os diferentes atores envolvidos. Por outro lado, a monografia local ou regional permite trabalhar com acervos arquivísticos compostos por documentos produzidos por diversas administrações locais, que podem ser cruzados com as manchetes da imprensa esportiva comercial e os boletins das instituições esportivas — fontes que, se usadas de forma exclusiva, confinam a narrativa histórica apenas ao ponto de vista dos atores esportivos.

ALGUMAS PISTAS PARA ESCREVER A HISTÓRIA DO FUTEBOL

A popularidade, a cobertura midiática e o sucesso esportivo do futebol francês nas últimas décadas são apenas uma vantagem aparente quando se trata de escrever sua história. Na verdade, esses fatores podem levar a superestimar a trajetória dessa prática esportiva. Na França, quando o futebol começou a se desenvolver a partir da década de 1890, ele era muito menos popular do que o ciclismo e o boxe, que reuniam multidões nos velódromos, nos acostamentos das estradas e nas salas de espetáculo (Poyer 2000 e Ville 2016a). As estrelas do esporte, algumas das quais conseguiam viver da atividade esportiva, vinham sobretudo dessas duas modalidades, como o boxeador Georges Carpentier. Considerado uma das primeiras grandes estrelas esportivas, o campeão de boxe originário de Pas-de-Calais organizava exhibições, se aproximava de organizadores de

espetáculos e utilizava a expansão do cinema para se autopromover e construir uma carreira que ia muito além da simples conquista de títulos esportivos (Ville 2016b). Menos conhecido e valorizado do que os esportes profissionalizados, o futebol foi, por muito tempo, menos considerado até mesmo do que os esportes amadores na Grã-Bretanha, como o rúgbi. O ideal do cavalheiro amador e o apelo dos valores cavalheirescos associados ao rúgbi, ainda praticado pela elite social britânica no final do século XIX, contrastavam com o futebol — cuja difusão entre a classe operária britânica e cuja profissionalização em 1885 comprometeram, aos olhos de promotores do esporte como Pierre de Coubertin e George de Saint-Clair, suas virtudes educativas (Holt 1981 e Bourmaud 2024). Além disso, o futebol na França se implantou lentamente nas classes populares, devido à existência e ao sucesso duradouro de atividades enraizadas na cultura popular havia décadas, como a ginástica ensinada nas escolas da República ou passatempos populares como a columbofilia.

A forte presença de esportes comerciais como o ciclismo e o boxe explica por que os relatos de corridas ciclísticas, de partidas de rúgbi e de tênis ocupavam lugar de destaque na imprensa esportiva comercial, ao contrário do futebol, que era frequentemente relegado às páginas internas. A lentidão com que o futebol se impôs como prática popular e midiática poderia, assim, representar um obstáculo à escrita de sua história, especialmente se considerarmos que a imprensa comercial é uma fonte de primeira ordem para a história do esporte. Além disso, poucas federações, clubes ou outros atores importantes conservaram seus arquivos. No máximo, temos acesso

a revistas federativas como as da Federação Francesa de Futebol ou de seu ramo regional, a Liga Parisiense de Futebol Associativo, além de alguns boletins de clubes com meios para publicá-los.⁸ Por outro lado, essas lacunas arquivísticas levaram os pesquisadores a ampliar o escopo de investigação e pesquisar fora dos arquivos produzidos pelo mundo esportivo. Ao estudar a história do Racing Club de Lens, Marion Fontaine precisou lidar com a ausência de arquivos do clube anteriores à década de 1970 e voltar-se para centros arquivísticos aparentemente distantes do mundo esportivo, como o Centro de Arquivos do Mundo do Trabalho, em Roubaix, ou o Centro Histórico Mineiro de Lewarde, o que lhe permitiu fazer uma leitura da história do clube por meio das múltiplas instituições que tentavam controlá-lo: a prefeitura de Lens, a empresa mineradora e as organizações operárias da região. Da mesma forma, a impossibilidade material de acessar os arquivos do Vaticano, da Federação Italiana de Futebol e do Comitê Olímpico Nacional Italiano levou Fabien Archambault, em sua tese sobre o futebol italiano, a recorrer aos arquivos do Centro Sportivo Italiano, que organizava o desenvolvimento do esporte católico italiano, conservados no Instituto Paulo VI, em Roma, além dos da Juventude Italiana de Ação Católica, da Universidade Gregoriana, e de muitos outros locais apenas remotamente relacionados ao futebol (Archambault 2007). A história do futebol, mesmo nos espaços em que ele encarna fortemente uma identidade

8 Sobretudo os clubes mais ricos, com muitos associados e os dirigentes mais influentes, como o Racing Club de France, o Stade Français ou o Club Athlétique de la Société Générale.

local ou nacional, escreve-se pelo cruzamento de arquivos de natureza muito distinta e conservados em locais sem relação direta entre si.

Em meu trabalho sobre o futebol parisiense, essa busca arquivística fez com que eu me interessasse pelos arquivos municipais de diversas cidades da periferia, pelos arquivos departamentais da Île-de-France, pelos arquivos do Exército francês e, mais recentemente, pelos da polícia e da justiça. Essa abordagem desloca o foco dos arquivos produzidos e guardados pelo próprio mundo esportivo, que oferecem apenas uma visão “interna” do futebol. Não se pode fazer uma história do futebol apenas com base nos arquivos das instituições, de seus dirigentes ou da imprensa, sob o risco de produzir uma narrativa que seja apenas o reflexo da visão institucional e midiática dominante de uma época. Ao ir além dos arquivos do mundo esportivo, o historiador pode acessar outras práticas e outros atores. Por exemplo, quando me interessei pelas práticas informais de futebol em espaços não dedicados ao esporte, como parques e jardins urbanos, percebi a importância que as mães das crianças tinham no final do século XIX (Passavant e Sorez 2020). As abundantes atas e petições recebidas pelos administradores do Bois de Boulogne revelam que as mulheres desempenharam um papel no desenvolvimento das práticas esportivas, ainda que a imprensa esportiva e institucional as retratasse como mães temerosas e negligenciasse sua presença à beira dos campos, excluindo-as de fato das responsabilidades associativas, federativas e do jornalismo esportivo. Da mesma forma, ao trabalhar com processos judiciais ligados ao esporte, pude

observar como o futebol amador conseguiu, entre 1900 e 1920, transformar-se em espetáculo lucrativo, atraindo milhares aos estádios, enquanto seus dirigentes defendiam nos tribunais o “interesse geral” do esporte para isentar seus clubes dos impostos e das taxas sobre espetáculos que incidiam sobre os outros esportes, os teatros, os cinemas ou até os concertos em igrejas (Sorez 2024).

Essa necessidade de uma abordagem arquivística plural e exaustiva tem múltiplas virtudes para a escrita da história do futebol. O cruzamento de fontes permite evitar a tentação de uma narrativa teleológica: ao contrário do que se observa hoje, o futebol não nasceu popular, espetacular ou rentável; ele é o resultado de uma construção progressiva, realizada por atores com diferentes interesses e finalidades, marcada por escolhas, disputas e bifurcações que devem ser reconstituídas. O futebol que se impôs nas últimas décadas na França é uma prática associativa, competitiva e profissionalizada, administrada por uma instituição que se tornou incontornável na escala nacional e internacional desde os anos 1910: a Federação Francesa de Futebol, sustentada por seus cerca de dois milhões de federados e cuja seleção nacional, com os troféus conquistados, se tornou seu maior embaixador. Mas isso não significa que essa seja a única forma de prática e tampouco que a história do futebol se resuma à ascensão dessa forma dominante. Em minhas pesquisas, tentei mostrar como o futebol foi e continua sendo uma prática plural, sustentada por atores que lhe atribuem valores sociais diferentes e até contraditórios. Tentar restituir essa diversidade sociocultural dentro da forma que hoje predomina, sem negar sua existência, é

essencial para compreender sua história. O futebol contemporâneo deve muito, tanto na França quanto na Itália, ao esporte promovido por paróquias católicas e organizações políticas operárias. E não se pode entender o sucesso do profissionalismo no esporte sem levar em conta sua relação com o mundo amador. Essa abordagem, que restitui a pluralidade de práticas e de atores, também evita essencializar identidades, como mostra o trabalho de Marion Fontaine sobre o Racing Club de Lens, cuja imagem hoje é indissociável da dos mineiros locais, os “Gueules Noires”. Ela mostra que a história do clube se sobrepõe apenas parcialmente à história operária e mineira da região, integrando também a história do futebol francês e das relações socioeconômicas locais. E revela, acima de tudo, que foi justamente quando as minas fecharam, quando suas marcas desapareceram da paisagem urbana e quando o clube se desvinculou da identidade operária e local, que a ideia de um clube dos “Gueules Noires” se consolidou – o clube de Lens participa ativamente da memória de um mundo operário desaparecido e funciona como um ponto de ancoragem em que cada um pode encontrar um sentimento de pertencimento coletivo.

Por fim, escrever a história do futebol exige uma abertura temática e disciplinar que supere as lacunas historiográficas nos anos 2000. Para pensar o desenvolvimento territorial do esporte, recorri a trabalhos da geografia social e cultural, buscando compreender as lógicas espaciais e sociais de formação do espaço esportivo. Durante meu doutorado, os estudos do geógrafo britânico John Bale sobre “topofilia” e os de Joël Bonnemaison me ajudaram a ter um olhar

mais amplo sobre meu objeto de pesquisa e sobre arquivos por vezes redundantes (Bale 1993). Mais amplamente, esse descentramento disciplinar, que também se observa em diversos estudos sobre a história do esporte, levou à incorporação de contribuições da sociologia e da etnologia. Essa abertura permite escapar de uma história positivista ou feita de relatos sensacionalistas de uma modalidade da escrita jornalística e combater os “significados naturais e imediatos” que tentam explicar os sucessos do futebol (Faure e Suaud 1994a). Para ilustrar os aportes da sociologia à história, podemos citar o estudo de Jean-Michel Faure e Charles Suaud sobre o futebol profissional, que mostraram como ele funciona como um “campo” no sentido de Pierre Bourdieu — onde se manifestam capitais e disposições específicas — e como a estruturação desse espaço social visa manter uma relação de dominação social e econômica dos empregadores sobre os empregados (Faure e Suaud 1994b). Mais recentemente, Sébastien Fleuriet e Manuel Schotté — já conhecidos por seus estudos sobre a precariedade e a vulnerabilidade dos atletas de alto rendimento — propuseram uma análise crítica das categorias institucionalizadas de “profissional” e “amador”, frequentemente reificadas. Eles buscaram evidenciar a diversidade das condições de emprego e trajetórias no esporte, que essas categorias não conseguem captar com precisão — confirmando, na maioria dos casos, a dominação sofrida pelos esportistas na definição de suas condições de trabalho (Fleuriet e Schotté 2008).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHAMBAULT, Fabien, Stéphane Beaud e William Gasparini (org.). 2016. *LIVROS Le football des nations. Des terrains de jeux aux communautés imaginées*. Paris: Presses universitaires de la Sorbonne.

ARNAUD, Pierre e Thierry Terret (org.). 1994. *Histoire des sports féminins*. Paris: L'Harmattan.

BALE, John. 1993. *The Stadium and the City*. London: Routledge.

BOURMAUD, François. 2024. *Une histoire sportive du XIX^e siècle: Angleterre-France*. Neuilly-sur-Seine: Atlande.

BROMBERGER, Christian. 1995. *Le match de football. Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Paris: édition de la Maison des Sciences de l'Homme.

FISHWICK, Nicholas. 1989. *English Football and Society: 1910-1950*. Manchester: Manchester University Press.

FLEURIEL, Sébastien e Manuel Schotté. 2008. *Sportifs en danger. La condition des travailleurs sportifs*. Vulaines-sur-Seine: Éditions du Croquant.

FONTAINE, Marion. 2010. *Le Racing Club de Lens et les "Gueules Noires", essai d'histoire sociale*. Paris: Les Indes Savantes.

GASTAUT, Yvan e Stéphane Mourlane (org.). 2006. *Le football dans nos sociétés. Une culture populaire (1914-1998)*. Paris: Autrement.

HARE, Geoffrey e Hugh Dauncey (org.). 2002. *Les Français et la Coupe du Monde de 1998*. Paris: Nouveau Monde Éditions.

HOLT, Richard. 1981. *Sport and Society in Modern France*. London: MacMillan Press.

MARTIN, Jean-Luc. 2004. *Histoire de l'éducation physique sous la V^e République. La Terre promise, depuis 1981*. Paris: Vuibert.

MASON, Tony. 1980. *Association Football and English Society, 1863-1915*. Atlantic Highlands, New Jersey: Humanities Press.

REY, Didier. 2003. *La Corse et son football, 1905-2000*. Ajaccio: Albiana.

SCHOTTÉ, Manuel. 2022. *La valeur du footballeur. Sociohistoire d'une production collective*, Paris: CNRS éditions. TERRET, Thierry et al. (org.). 2005. *Sport et genre*. Paris: L'Harmattan.

WAHL, Alfred. 1989. *Les archives du football. Sport et société en France (1880-1980)*. Paris: Gallimard.

WAHL, Alfred e Pierre Lanfranchi. 1995. *Les footballeurs professionnels des années 1930 à nos jours*. Paris: Hachette.

ARTIGOS

BEAUD, Stéphane e Gérard Noiriel. 1990. "L'immigration dans le football". *Vingtième Siècle, revue d'histoire*, 26 :83-96.

BEAUD, Stéphane e Julien Sorez. 2016. “Les Bleus au long cours: indifférence, exaltation et crispations”. In: ARCHAMBAULT, Fabien, Stéphane Beaud e William Gasparini (org.). 2016. *Le football des nations. Des terrains de jeux aux communautés imaginées*. Paris : Presses universitaires de la Sorbonne. 197-215.

CHOVAUX, Olivier. 2011. “‘Hommes en noir... hommes de l’ombre?’ Pour une histoire des arbitres de football et de l’arbitrage en France (fin XIX^e-1945)”. In: DOSSEVILLE, Fabrice (org.). 2001. *Les facettes de l’arbitrage: recherches et problématiques actuelles*. Paris: Éditions Publibook.

CHOVAUX, Olivier. 2016. “Du ‘magistrat sportif’ au ‘directeur de jeu’: arbitres de football et arbitrage dans la France des Sixties”. In: LIOTARD, Philippe (org.). 2016. *Le sport dans les sixties: Pratiques, Valeurs, Acteurs*. Reims: Presses universitaires de Reims. 64-79.

FAURE, Jean-Michel e Charles Suaud. 1994a. “Les enjeux du football”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 103: 3.

FAURE, Jean-Michel e Charles Suaud. 1994b. “Un professionnalisme inachevé. Deux états du champ du football professionnel en France, 1963-1993”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 103: 7-26.

MARSEILLE, Jacques. 1990. “Une histoire économique du football en France est-elle possible ?”. *Vingtième Siècle, revue d’histoire*, 26: 67-72.

MILZA, Pierre. 1990. “Le football italien. Une histoire à l’échelle du siècle”. *Vingtième Siècle, revue d’histoire*, 26: 49-58.

NOIRIEL, Gérard. 2000. “Le rôle de l’industrialisation dans la formation du monde ouvrier en France (1880-1980)”, conférence à la Société d’Histoire Moderne et Contemporaine du 8 novembre 1997. *Actes de l’histoire de l’immigration*.

PASSAVANT, Éric e Julien Sorez. 2020. “Le ballon de la discorde. Sociohistoire du football dans l’espace public urbain”. *Histoire urbaine*, 57(1): 109-131.

RIOUX, Jean-Pierre. 1990. “Le football, sport du siècle”. *Vingtième Siècle. Revue d’histoire*, 26: 3-4.

TERRET, Thierry. 2006. “Le genre dans l’histoire du sport”. *Clio. Histoire, femmes et sociétés*, 1: 209-238.

VILLE, Sylvain. 2016b. “Georges Carpentier. Naissance d’une célébrité sportive (1896-1926)”. *Genèses. Sciences sociales et histoire*, 103: 49-71.

WAHL, Alfred. 1990. “Le football, un nouveau territoire de l’historien”. *Vingtième Siècle. Revue d’histoire*, 26:129.

TESES E HABILITAÇÕES ACADÊMICAS SOBRE FUTEBOL

ARCHAMBAULT, Fabien. 2007. “Le contrôle du ballon: les catholiques, les communistes et le football en Italie de 1943 au tournant des années 1980”. Tese de doutorado em História, Université Pierre Mendès-France Grenoble 2.

ASTRUC, Clément. 2022. “Le football, ambassadeur du Brésil? Une projection internationale par le sport (1945-1974)”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université Paris 3.

BOCQUILLON, Laurent. 2024. “La naissance du football sport-spectacle à Marseille (1899-1939)”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université Bourgogne Franche-Comté.

CARNEIRO, François da Rocha. 2019. “Les joueurs de l’équipe de France de football (1904-2012): construction d’une élite sportive”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université d’Artois.

CHOVAUX, Olivier. 1999. “Un demi-siècle de football dans le département du Pas-de-Calais: pratiques sportives, réalités sociales, ciment culturel (fin XIX^e-1940)”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université d’Artois.

DIETSCHY, Paul. 1997. “Football et société à Turin 1920-”. Tese de doutorado em História, Université Lumière Lyon 2.

FONTAINE, Marion. 2006. “Les ‘Gueules Noires’ et leur club. Sport, sociabilités et politique à ‘Lens les Mines’ (1934-1956)”. Tese de doutorado em História, EHESS.

FRENKIEL, Stanislas. 2009. “Des footballeurs professionnels algériens entre deux rives. Travailler en France, jouer pour l’Algérie (1954-2002)”. Tese de doutorado em STAPS, Université Paris XI Orsay.

GARDI, Romain. “A l’ombre de l’Olympique de Marseille. Histoire sociale et culturelle du football en Vaucluse (fin XIX^e siècle-début des années 1980)”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Avignon Université (em andamento).

GRÜN, Laurent. 2011. “Entraîneur de football: histoire d’une profession de 1890 à nos jours”. Tese de doutorado em STAPS, Université Claude Bernard Lyon 1.

JALABERT D’AMADO, Lorenzo. 2021. “Aux origines de la Coupe du monde de football: Montevideo 1930. Culture de masse, usages politiques du sport et construction nationale”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université Paris 3.

JOLY, Alexandre. 2021. “Les arbitres dans le football professionnel français: de l’amateurisme au semi-professionnalisme (1955-1995)”. Tese de doutorado em STAPS, Université d’Artois, 2021.

MORRA, Gary. 2019. “Le football romain, reflet des passions politiques dans la ville éternelle”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université Bourgogne Franche-Comté.

PERNY, Pierre. 2009. “Le football en Alsace 1890-1950: une histoire sportive et politique”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université de Strasbourg et Fribourg-en-Brisgau.

POYER, Alex. 2000. “Cyclistes en sociétés. Naissance et développement du cyclisme associatif français (1867-1914)”, 4 t. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université Lyon 2.

PRUDHOMME-PONCET, Laurence. 2002. “Ces Dames du ballon rond. Histoire du football féminin en France au XX^e siècle”, doutorado em Staps, Université Claude Bernard Lyon 1.

SCHOTTÉ, Manuel. 2017. “La valeur du footballeur. Sociohistoire d’une production collective”. Habilitation para orientar pesquisas, ENS Cachan.

SOREZ, Julien. 2011. “Footballs en Seine: histoire sociale et culturelle d’une pratique sportive dans Paris et sa banlieue des années 1880 à 1940”. Tese de doutorado, Centre d’histoire de Sciences Po.

SOREZ, Julien. 2024. “Le sport au tribunal: une contribution de la justice à la légitimation d’une pratique sociale (1890-1940)”. Habilitation para orientar pesquisas, Centre d’Histoire de Sciences Po.

VILLE, Sylvain. 2016a. “Le théâtre de la boxe: histoire sociale de la boxe anglaise professionnelle à Paris (et à Londres) (1880-1930)”. Tese de doutorado em STAPS, Université Paris X.

WAQUET, Arnaud. 2010. “Football en guerre: l’acculturation sportive de la population française pendant la Grande Guerre (1914-1919)”. Tese de doutorado em STAPS, Université Claude Bernard Lyon 1.

CAPÍTULO 3

O ensaio como gênero e a produção ensaística sobre futebol no Brasil: um balanço¹

Bernardo Buarque de Hollanda

Fundação Getúlio Vargas, Brasil

“Se é verdade que, por longo tempo, quis inscrever meu trabalho no campo da ciência — literária, lexicológica ou sociológica —, devo reconhecer que produzi tão-somente ensaios, gênero incerto em que a escritura rivaliza com a análise.”

Roland Barthes

“... mais do que o campo deserto da vida vazia, o futebol é um campo de jogo em que se confronta o vazio da vida”.

José Miguel Wisnik

1 Esse texto e sua tradução foram possíveis graças ao apoio da Faperj, por meio de seu programa *Cientista do Nosso Estado*, processo número E-26/203.953/2024, a quem o autor agradece.

INTRODUÇÃO

O presente capítulo sistematiza observações orais, feitas durante o colóquio internacional *As ciências sociais face ao futebol*, realizado em Paris, no dia 06 de novembro de 2024. O propósito de então foi fazer um balanço da produção acadêmica dedicada ao futebol brasileiro, nas áreas de História e Pensamento Social.

Para tanto, um levantamento inicial permitiu de início conhecer as linhas mestras da produção bibliográfica contemporânea, com seus avanços, com suas recorrências e com suas lacunas. O mapeamento deu subsídios suficientes para situar a publicação sobre a temática futebolística nos programas de pós-graduação em História, quer seja em nível de mestrado ou de doutorado.

A apreciação qualitativa da literatura historiográfica destaca duas ordens de reflexão. Uma é de cunho individual, enquanto a outra tem caráter coletivo. À parte o pioneiro, porém datado, livro *História política do futebol brasileiro* (1981), do saudoso historiador Joel Rufino dos Santos, publicado pela coleção *Tudo é história*, da combativa editora Brasiliense, a historiografia do futebol assiste a um ápice quando da publicação de *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro — 1902-1938* (2000), de autoria de Leonardo Affonso de Miranda Pereira, fruto de uma tese de doutorado em História Social pela Unicamp no final dos anos 1990.

Junto ao destaque individual, é incontornável aludir à volumosa e instigante produção do professor Victor Andrade de Melo (UFRJ). Desde a publicação de *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no*

Rio de Janeiro (2001), o pesquisador e seu grupo têm contribuído para uma ampliação da historiografia do esporte sob perspectiva comparada, mais abrangente que o monotemático e estrito interesse pelo futebol, tal como costuma-se reproduzir na Academia brasileira, em detrimento de outras modalidades esportivas.

Apresentadas as linhas de força acima, cabe dizer que o presente capítulo, conforme o fiz por ocasião da intervenção oral no colóquio, não se pretende exaustivo no tocante ao domínio da História. Adota-se aqui, por assim dizer, uma tangente. Com efeito, a estratégia do texto propõe outro foco argumentativo. Grosso modo, procura-se argumentar doravante que, em paralelo aos trabalhos monográficos universitários dos últimos anos — dissertações e teses em especial — a produção ensaística sobre a temática dos esportes continua bastante profícua na atualidade e não pode ser descartada de um balanço que se pretende atualizador.

A busca pelas matrizes do ensaio permite identificar uma linguagem de intelectuais que tem em Gilberto Freyre, em fins dos anos 1930, e em Roberto DaMatta, no início da década de 1980, dois de seus representantes mais emblemáticos no Brasil. Em que pesem princípios epistemológicos distintos e premissas teóricas criticáveis, segundo acadêmicos apreciadores da polêmica, a qualidade das sugestões freyreanas e a argúcia das postulações dammatianas, vistas em suas respectivas épocas, fazem delas referências até os dias de hoje.

Essa constatação, conforme será exemplificado a seguir, pode ser estendida a autores vinculados à tradição acadêmica da USP, tais como Décio de Almeida Prado (1997), Flávio Aguiar (2003), Nuno

Ramos (2007), Hilário Franco Jr. (2007), José Miguel Wisnik (2008) e Boris Fausto (2009, 2010), entre outros. Esses uspianos têm em comum o interesse pelo futebol brasileiro mediante a adoção de um tipo de abordagem, o ensaio, cuja característica é não se subordinar aos padrões de escrita standardizados e retificados pelos programas de pós-graduação.

Sugere-se que, nos últimos 60 anos, o ensaio permaneceu como gênero narrativo atraente para muitos intérpretes do Brasil, com contribuições que merecem atenção também na seara esportiva. De modo geral, a produção ensaística, privilegiada por certa tradição intelectual ligada à universidade, dedica-se a refletir sobre o futebol, mas o faz de maneira independente da produção científico-mono-gráfica *stricto sensu*.

Em face disso, postula-se que o ensaísmo, muito presente no pensamento social brasileiro entre as décadas 1930 e 1960, continua a produzir interpretações do Brasil. Estas, por sua vez, não devem ser vistas como simplesmente pré-científicas, ou de somenos importância para o campo de estudos esportivos. Uma das singularidades interpretativas do ensaio social é incluir o chamado estilo nacional de jogo, com ênfase em miradas totalizadoras e em sínteses generalizantes.

Sem entrar em juízos de valor quando se comparam a monografia e o ensaio, procura-se revisitar as obras dos autores que escreveram sobre o futebol brasileiro de meados do século XX até princípios do século XXI. A emergência institucional das Ciências Sociais nos anos 1940 indicava a monografia como garantia suprema de cientificidade, haja vista sua precisão quanto ao método, à teoria, à análise,

à fonte e à demonstração, entre outros fundamentos científicos. Ao mesmo tempo, ela rechaçava a escrita ensaística, atribuída a polígrafos do século XIX e XX. Não obstante, a persistência do ensaio social na contemporaneidade evidencia o potencial atrativo desse modo de narrar e de interpretar aspectos da vida social brasileira.

O propósito de tratar desse tema tangencial faz com que o presente texto se estruture em três partes principais. A primeira, à guisa de contextualização, procura definir o gênero do ensaio, com evidências de sua longevidade histórica e de sua presença no meio intelectual internacional. Em contraposição à metodologia de pesquisa científica, cujos procedimentos demonstrativos e analíticos dão pouca margem à porosidade interdisciplinar, à ambivalência entre arte e ciência e à busca por certos *insights* com alcances mais ousados, descrevem-se as características distintivas da escrita ensaística, tais como formuladas por teóricos da literatura e por renomados filósofos.

A segunda parte do capítulo volta-se para a importância da tradição do ensaio social no Brasil, sem deixar de ressaltar a sua crítica, feita durante o processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil e na esteira da criação e da formação das universidades brasileiras, entre os anos 1930 e 1970. Em paralelo, mostra-se como desde esse período reconhecidos escritores, formados no ambiente universitário, já se interessavam pela temática do futebol, com apreciações amparadas no tipo de escrita ensaística. A constatação possibilita chegar a exemplos contemporâneos, que endossam sua atualidade e sua vivacidade.

Por fim, a terceira e última parte, debruça-se sobre uma obra de vulto na cena contemporânea brasileira. Trata-se de livro de autoria

do professor e crítico José Miguel Wisnik (USP), o qual será tratado adiante. O propósito desta seção é apresentar de forma panorâmica as ideias fundamentais que embasam esse caudaloso trabalho, com mais de 400 páginas, capaz de elaborar uma extraordinária síntese interpretativa do imaginário brasileiro, revisitando, à luz do futebol, os clássicos do pensamento social, em princípios do século XXI.

A publicação é alvo de interesse, na medida em que ela emerge no momento mesmo em que parte da Academia acredita não fazer mais sentido aventar a centralidade da identidade nacional, nem tampouco pensar a “pátria de chuteiras” como metáfora explicativa ou como metonímia definidora do Brasil.

O ENSAIO COMO GÊNERO NARRATIVO

Em que consiste o ensaio? De onde ele provém? A que concerne a narrativa ensaística? Na história da literatura, o ensaio é entendido como um gênero literário distinto da crônica medieval e do tratado filosófico. Sua gênese remonta ao Renascimento e, em particular, ao autor renascentista Michel de Montaigne. A obra *Ensaaios*, publicada no final do século XVI, advoga a centralidade e a singularidade do autor-escritor, livre das peias da tradição religiosa e sem as amarras da certeza cartesiana. Ela vai assim de encontro à impessoalidade, à coletividade e ao conhecimento chancelado pela religião.

O pensamento de Montaigne emerge em consonância com o advento da história moderna, responsável pelo progressivo reconhecimento da esfera de liberdade, de livre arbítrio e do direito de opinião individual, capaz de expressar sentimentos e conhecimen-

tos adquiridos pelo “eu” subjetivo. Os ensaios de Montaigne tornaram-se conhecidos pela alta erudição, pela versatilidade temática e pela referência simultânea a temas humanísticos do passado e do presente. Tal modo de escrever era timbrado por um estilo autoral, ágil o suficiente para alternar textos longos e curtos, com temário sortido e com irregularidades entre si, sem uma ordem predefinida ou articulada de assuntos, variando ao sabor das idiossincrasias e dos interesses pessoais do autor.

Desde então, a matriz francesa dos ensaios encontrou adeptos em outras regiões europeias. Nos séculos seguintes, os britânicos, por exemplo, notabilizaram-se pelo culto ao ensaísmo, um tipo de escrita que consideravam criativa e sugestiva, embora imperfeita do ponto de vista formal. Nela, as ideias são desenvolvidas sem a necessidade de seu esgotamento, de sua comprovação cabal, nem de sua exaustão argumentativa. O desafio é exercitar temas variados, com base em intuições e em sugestões, sem a obrigação de escanear uma demonstração com início, meio e fim, de maneira estanque, apriorística ou conclusiva. A abertura constitutiva, a plasticidade e o inacabamento estrutural dessa escrita são, portanto, três de suas características estilísticas.

Já na primeira metade do século XX, o ensaio ampliou seu raio de ação e tornou-se cultivado também na Espanha, valendo-lhe a preferência de autores como Miguel de Unamuno e Ortega y Gasset. De igual maneira, neste mesmo período, a tradição intelectual alemã apropriou-se desse excêntrico gênero literário. Para tanto, os alemães acentuaram sobre os traços da escrita ensaística as

questões próprias da filosofia. Assim, o ensaio literário dilatou-se da mesma forma para o chamado ensaio filosófico, interessado menos em assuntos metafísicos e mais em tópicos da história, da cultura e das obras de arte. A meio caminho entre a história, a literatura e a ciência, o ensaio tornou-se uma forma de escrita crítica, conforme sugeriam os teóricos Luckács (Duarte 2016) e Adorno (2003).

Essa forma de escrita passou a ser cultivada por pensadores da modernidade que, no bojo das inquietações existenciais de Nietzsche e Schopenhauer, questionavam a realidade fragmentada da vida nas grandes metrópoles, os efeitos técnicos, práticos e materiais da revolução industrial de 1870 e o suposto sucesso do projeto das civilizações imperiais de partilha e de dominação total do mundo. O questionamento da filosofia germânica à ciência positivista incluía críticas a seus procedimentos de investigação, bem como a seus critérios de validação e de manipulação do real. Assim, o positivismo científico é atacado pelos cultores do ensaio filosófico, com especial destaque para aqueles, direta ou indiretamente, ligados à Escola de Frankfurt, a exemplo de Simmel e de Benjamin, além dos supracitados Luckács e Adorno.

Não é o caso aqui de historiar por completo a introdução e a presença do ensaio no Brasil. Por suposto, as influências europeias acima pontuadas afetaram o país e encontraram acolhida no ambiente intelectual brasileiro. Machado de Assis, por exemplo, admirador da literatura anglo-saxã, projetou-se nas letras graças ao cultivo de gêneros literários modernos, como o romance e o conto, mas não deixou de assinar importantes ensaios reflexivos sobre o contexto em

que viveu. *Instinto de nacionalidade*, publicado em 1873 em uma revista norte-americana, tece críticas sobre a postura prototípica do escritor nacionalista brasileiro, egresso do romantismo. Neste bosquejo ensaístico, o escritor sugere uma relação menos comprometida do literato com a “cor local” de sua terra e de seu povo.

Entre fins do século XIX e início do século XX, o ensaio foi adotado por muitos escritores, denominados polígrafos, ou seja, autores que atuavam de maneira simultânea no jornalismo, na política, nas faculdades e em outras áreas da vida social. Com atuação pública em várias frentes, esses bacharéis, ao mesmo tempo jornalistas e políticos, contribuíram para favorecer a disseminação no Brasil da escrita ensaística, livre de fórmulas metodológicas e científicas mais restritas.

Entre 1870 e 1920, escritos de figuras públicas como Joaquim Nabuco e Euclides da Cunha, Alberto Torres e Alcântara Machado, Oliveira Vianna e Paulo Prado, em paralelo a estudos em formato de escrita mais tradicional, valeram-se do ensaio para publicar livros que se tornaram seminais na compreensão do Brasil.

Paulo Prado, para ficar com apenas um exemplo, mecenas do modernismo brasileiro, publicou *Paulística*, em 1924, conjunto de textos livres sobre a história do povoamento de São Paulo, e celebrou-se com a publicação de *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*, em 1928. Este último, conforme o próprio subtítulo sugere, traçava um painel histórico da colonização portuguesa e identificava os caracteres constitutivos de uma espécie de mentalidade coletiva nacional. Esta conformava-se a partir de valores morais herdados dos colonizadores lusitanos, tais como a cobiça, a

preguiça e a luxúria, forjados no contato com negros escravizados e com índios indolentes.

Foi durante as décadas de 1930 e 1940 que o ensaio social adquiriu maior *status* e projeção, ao menos se observado, em retrospectiva, dos dias de hoje. Em meio ao rescaldo do ambiente cultural do modernismo e *vis-à-vis* o avanço do processo urbano-industrial do país, intelectuais continuaram a produzir obras interpretativas da realidade nacional. Para tanto, revisaram métodos, conceitos e visões de mundo associados à história do Brasil. Os livros de Gilberto Freyre, de Sérgio Buarque de Holanda e de Caio Prado Jr. — *Casa-Grande & Senzala* (1933), *Raízes do Brasil* (1936) e *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), respectivamente — passaram a ser vistos como as grandes interpretações do país, atualizadoras dos impasses, dos desafios e das contribuições da sua formação histórica.

Não cabe aqui desenvolver as ideias que notabilizaram cada uma dessas obras. Ressalta-se tão somente a identificação de Antônio Cândido (2016) de que essa tríade de autores e de livros havia sido marcante na renovação da imagem do passado brasileiro. Os trabalhos, de cunho ensaístico individual, muito distintos entre si, provinham da pesquisa de intelectuais equipados por larga erudição, capazes de combinar a forma original de concepção de sua obra a conteúdos transversais, sob um olhar aguçado para a realidade contemporânea e para a identidade nacional. Isto se processava por meio da influência do ideário modernista e da apreensão teórica das Ciências Sociais modernas — Franz Boas, Karl Marx e Max Weber, entre outros —, lastreado por um modo de entendimento diferenciado do processo formativo do país.

A criação das universidades, a formação dos cursos de graduação e a autonomia das áreas do conhecimento deram origem a um novo modo de produção do conhecimento científico, com a especialização de suas funções e com a sistematização de aparatos teóricos no controle de pesquisas empíricas. Em São Paulo, a Escola Livre de Sociologia e Política (1933) e a Escola de Sociologia da Universidade de São Paulo (1934) incorporaram influências francesas e norte-americanas das Ciências Sociais. Florestan Fernandes constituiu um dos nomes paradigmáticos do projeto de constituir bases sólidas e objetivas para o trabalho científico. Com esta finalidade, elegeu como antípoda o gênero do ensaio, sobretudo aquele produzido no Nordeste, por autores como Gilberto Freyre.

No caso de Freyre, o contraponto dava-se não apenas pelo entendimento da escola sociológica paulista de que o ensaísmo carecia de embasamento científico moderno, em decorrência de seu pen-
dor impressionista e assistemático. Partia-se também da suposição de que a obra ensaística freyreana constituía uma ideologia e expressava uma visão de mundo, ela própria patriarcal, que refletia uma posição de classe senhorial, destituída de conceitos e de categorias analíticas precisas.

Dessa forma, questionavam-se tanto forma quanto conteúdo na escrita do sociólogo pernambucano. A contrapelo disto, instituíam-se os critérios de comprovação da cientificidade e afirmava-se um novo tipo de cientista na segunda metade do século XX.

Nos últimos 65 anos, o projeto epistemológico da Escola de Sociologia de São Paulo, com Florestan Fernandes à frente, se estabeleceu e se consolidou no ambiente universitário brasileiro. A partir dos anos 1970, essa consolidação amplificou-se com a introdução dos programas de pós-graduação em São Paulo e no Rio de Janeiro. De modo progressivo, ela se estendeu às demais capitais e a suas respectivas universidades federais.

Nesse cenário de padronização e de nivelamento, a irregularidade do gênero do ensaio foi preterida. Ela tornou-se acessória, secundária ou relegada aos espaços dos jornais, quando a imprensa ainda cultivava textos mais densos, eivados de polêmicas e debates, por meio de seus suplementos culturais e literários. No entanto, apesar da perda de *status*, atrelada a uma suposta linha evolutiva que condenaria o gênero ao ostracismo, ante a superioridade, o rigor e a universalidade do sistema metódico de pesquisa, o ensaio não chegou a sair de cena por completo.

Pode-se dizer que o ensaio continuou a coexistir na vida acadêmica e nos fóruns públicos de debate intelectual. A coexistência se deu mesmo nos locais em que o padrão do *homo academicus* foi mais acentuado, como é o caso de São Paulo e da própria Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP), sob a influência de Florestan Fernandes, entre outros. Distinto do artigo científico e da monografia dissertativa, o experimentalismo do ensaio adquiriu repercussão em textos publicados nos anos 1960 e 1970.

Convém assinalar ainda o aparecimento de ensaios seminais, com repercussão longeva, tais como os assinados por Antônio Candido e de Roberto Schwarz, intitulados: “Dialética da malandragem” (1970) e “As ideias fora do lugar” (1972).

Um apanhado da produção intelectual sobre futebol no Brasil, antes e depois do processo de institucionalização do campo de estudos do esporte, quer seja na Educação Física ou nas Ciências Sociais, corrobora a afirmação acima, ao mostrar a presença constante de acadêmicos que se dedicaram a assinar ensaios acerca da temática.

De forma diacrônica, porém não exaustiva, elencam-se em seguida alguns exemplos de autores e de obras ensaísticas dignas de menção. Embora não exclusiva, dar-se-á atenção a professores e pesquisadores vinculados à USP, uma das matrizes difusoras do cânone da pesquisa em Ciências Sociais, conforme apontado acima, a fim de mostrar como o ambiente universitário permaneceu poroso à escrita ensaística, em paralelo à crescente institucionalização e especialização das investigações.

Já nos anos 1950, o imigrante alemão Anatol Rosenfeld (2007), futuro professor de teatro da ECA/USP, dedicou um estudo acerca da importância do futebol no Brasil. Com pouco mais de 30 páginas, o texto apresentava ao público de língua germânica, através do anuário *Hans Jahrbuch*, aspectos históricos, econômicos e psicossociais da prática futebolística no país, em meados do século XX.

Mais do que mera apresentação introdutória a leitores estrangeiros, o ensaio dialoga com a obra do jornalista Mario Filho, autor do afamado *O negro no futebol brasileiro* (1947). Neste diálogo,

Rosenfeld já sugere então uma crítica à suposição de Filho, segundo a qual a ascensão econômica dos negros por intermédio do futebol implicaria em reconhecimento social. O autor de origem alemão buscou refutar a ideia de uma superação metafórica do racismo na sociedade brasileira, tal como supunha a vertente freyreana, de corte culturalista, a que se filiava Mario Filho.

No final da década seguinte, ainda sob a visível influência do ensaísmo de Gilberto Freyre — ele próprio autor de diversos textos ensaísticos sobre futebol entre os anos 1930 e 1970, a acentuar as metamorfoses do esporte bretão, reto e anguloso, sobre o brasileiro, sinuoso e curvilíneo —, outro ensaio instigante acerca do assunto é publicado. Trata-se do trabalho do professor Pessoa de Moraes, que publicaria o livro *Tradição e transformação do Brasil* (1968). Esta obra, que não viria a ser reeditada, tornando-se hoje tão desconhecida quanto de raro acesso para o grande público, é assinada por um catedrático da Universidade Federal de Pernambuco.

O professor da UFPE explora no livro uma miríade de temas da cultura popular, ligados ao imaginário nacional, tais como frevo, samba, bossa nova, política, messianismo e magia. O segundo capítulo intitula-se “O futebol e a psicologia brasileira” e trata de discorrer, em mais de quarenta páginas, acerca da “influência das raízes profundas de nossa cultura sobre o estilo de futebol jogado no país” (1968: 69).

Em dicção muito próxima a Gilberto Freyre e escrevendo sob o impacto de vitórias internacionais do selecionado brasileiro nas Copas do Mundo de 1958 e 1962, o texto de Moraes propõe a prática futebolística como uma assimilação exitosa ou, por outra, como um transplante bem-sucedido do jogo codificado na Inglaterra. Este,

no Brasil, é acrescido da “elasticidade prodigiosa do negro”, da sua “agilidade versátil”, dos “rasgos impulsivos dos mestiços” e das suas “fortes ondas emocionais” (1968: 71 e 83).

De volta ao universo de autores vinculados à Universidade de São Paulo, vale aludir ao escritor Décio de Almeida Prado, notório crítico de teatro e professor da Escola de Arte Dramática da USP. Junto a seu conhecimento sobre literatura e dramaturgia, no que se aproxima de seu contemporâneo Anatol Rosenfeld, Prado foi responsável por publicar textos memorialísticos e ensaísticos acerca da temática esportiva. Cinco desses textos foram reunidos no livro *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol* (1997). Este, por sua vez, compila escritos futebolísticos datados de um intervalo que vai de 1961 a 1989. Seus títulos são os seguintes: 1. “Recordação de Leônidas da Silva”; 2. “Quatro bicampeões”; 3. “Fotos de Pelé”; 4. “Latejando com o futebol”; e 5. “Tempo (e espaço) no futebol”.

A variação entre os ensaios é substantiva, com textos ora maiores ora menores, ora mais densos ora mais evocativos. Dos cinco, salta aos olhos, pelo caráter sugestivo de suas ideias, “Tempo (e espaço) no futebol”. Trata-se da tentativa de abstrair a aleatoriedade de possibilidades combinatórias do jogo e de refletir sobre suas propriedades fundamentais, consubstanciadas em regras, atores, valores, linguagens e equipamentos.

Décio de Almeida Prado, em pouco mais de dez densas páginas, propõe-se a esquematizar, em termos abstratos, os fundamentos espaciais e as dimensões temporais que compõem o núcleo duro da atividade futebolística. A descrição densa o leva a um arremate conclusivo da relação de dependência entre a escrita e a prática do futebol:

“Concluí que sim: o futebol, arte do efêmero, não prescinde das palavras fixadas no papel, que, sem conter as imagens, evocam as sensações despertadas por elas no momento mágico da execução” (1997: 11).

Outro imigrante radicado no Brasil, que se interessou em compreender o significado do futebol no país, foi o filósofo tcheco Vilém Flusser. Docente na Universidade de São Paulo, Flusser teve publicado em 1994 um livro na Alemanha, com o título inusitado de: *Fenomenologia do brasileiro – em busca de um novo homem*. Apesar da publicação póstuma, nos idos dos anos 1990, os nove ensaios constantes da obra haviam sido redigidos em décadas anteriores. Um deles denomina-se “Alienação” e volta-se à reflexão sobre o sentido do futebol no Brasil. A comparação contrasta tal sentido com a significação formulada na Europa.

A densidade e a originalidade desse ensaio filosófico podem ser aferidas ao longo da leitura das suas 20 páginas. Flusser procura se contrapor à ideia corrente de acordo com a qual o futebol cumpriria um papel apenas evasivo da realidade. Tal argumento seria para ele por demais trivial, e o fenômeno futebolístico brasileiro requereria uma análise mais acurada por parte de sua intelectualidade. Se a propensão inicial do torcedor que busca o futebol é, em princípio, um estado de evasão do cotidiano, uma fuga do mundo opressor do trabalho, fato claro para o autor no ambiente europeu, o caso brasileiro seria a seu juízo qualitativamente distinto, uma vez que nele ocorreu uma espécie de “salto dialético” em relação ao primeiro estágio, “mascarador” da realidade.

Segundo o filósofo, o Brasil deslocou o futebol da alienação ao engajamento, porquanto a realidade do jogo se tornou aqui domi-

nante, absorvente, e não apenas complementar. Ele extravasou seus domínios originais para todas as redes da vida social, não o inverso. Assim, o futebol brasileiro não se converteu em mera válvula de escape, a reabastecer as energias exauridas no trabalho e a consumir o potencial revolucionário das massas oprimidas. Por meio dele, ao contrário, é que o homem se apercebeu da possibilidade de forjar uma outra realidade, a realidade do jogo, onde ele também se sente parte ativa, dentro de um universo complexo e dinâmico.

No fecho do ensaio, Flusser afirma que, com base na experiência vivenciada no país, seria possível projetar, em termos de uma utopia dialética à brasileira, “um novo homem”, o *homo ludens*, autêntico e espontâneo, cuja vida não seria mais condicionada pelos vencilhos da economia (1998: 101).

Outro autor de origem uspiã a ser tratado aqui é Flávio Aguiar, professor de literatura brasileira. No início dos anos 2000, em coletânea organizada por Alfredo Bosi, Aguiar publica o instigante ensaio “Notas sobre o futebol como situação dramática”. As quinze páginas do texto podem parecer, à primeira vista, ligeiras, mas a leitura mostra o contrário. Está-se em face de uma lata e profunda reflexão, na linha proposta por Décio de Almeida Prado, apta a sondar e a investigar os seus princípios constitutivos mais abstratos.

Para tanto, o que reaparecerá também em José Miguel Wisnik, como se verá na seção seguinte, o prof. Aguiar lança mão da comparação com outras modalidades esportivas e da dissecação concentrada dos elementos internos exclusivos do jogo. Sem apelar para as circunstâncias políticas ou para os condicionantes sociais, a riqueza descritivo-reflexiva dá a impressão de que se está diante de um exer-

cício estruturalista. É como se a abordagem enfocasse certo texto literário ou certa interpretação erudita de determinada narrativa mítica.

Senão, vejamos, a título de exemplificação:

“O espaço do futebol é a totalidade. Essa totalidade é feita de círculos e quadriláteros. O Universo cabe num círculo; o movimento, enquanto desejo de harmonia, num quadrilátero. O futebol soluciona o problema da quadratura do círculo, embora os quadriláteros não sejam quadrados. Eles se alongam, fazem-se retângulos; a harmonia do movimento se alonga em desejo de aventura (...) O círculo do estádio é vazio. Tem retângulos de entrada, as bocas de túnel por onde se dá a triunfante entrada e a melancólica ou vitoriosa saída. Esses retângulos de entrada são portas para o passado e do passado. Quem por ali passa se transfigura”. (2003: 151-152)

A sequência cronológica dos ensaios leva a sair novamente do eixo de circunscrição universitário paulistano. O foco agora incide nas ideias do ensaísta baiano Antônio Risério, antropólogo e intelectual público, reconhecido na cena cultural contemporânea. Em 2007, Risério lançou o livro *A utopia brasileira e os movimentos negros*, conjunto de 16 ensaios. Com quase 30 páginas, um deles debruça-se sobre a temática aqui examinada, intitulada “A escola brasileira de futebol”.

No trabalho, o autor repisa determinadas questões recorrentes da constituição da identidade nacional, a partir do olhar enformado pelas lentes modernistas que acentuam o universo da cultura popular. Acentua-se assim a “disposição cultural antropofágica” (2007:

322) do brasileiro e faz-se o elogio do neobarroco mestiço, tal como visto também para explicar o caso de sucesso do futebol brasileiro.

Nesse sentido, Risério esmera-se em evocar os critérios étnicos e estéticos que equiparam o futebol à esfera de ambiência artística. Aborda igualmente por que razão “moleques” e “malandros” foram capazes de abraçar um fenômeno esportivo estrangeiro, indo ao encontro da visão freyreana, que subjaz ao discurso de muitos intelectuais, sendo este manifestado de maneira consciente ou inconsciente.

A perspectiva abrangente de Risério não deixa de amparar-se em rigoroso e em vasto domínio da literatura acadêmica atinente à história, à sociologia e à antropologia do futebol no Brasil. O embaçamento invalidaria críticas ao desconhecimento do saber especializado, à contribuição bissexta e às afirmações de ordem generalistas por parte do autor. Outrossim, deve-se reconhecer que, em seu substrato, as ideias continuam a se aferrar ao culturalismo de jaez modernista ou freyreano.

Em 2007, no mesmo ano da publicação desse texto de Risério, outro autor lança uma obra com espaço reflexivo para pensar a prática do futebol. Nuno Ramos, artista plástico e escritor paulistano, traz a lume *Ensaio geral*, miscelânea de escritos com projetos, ensaios, roteiros e textos memorialísticos. Uma de suas cinco seções reúne um total de nove escritos que enfocam questões esportivas.

O interesse principal da abordagem recai em especulações sobre a figura do jogador de futebol, seja Tostão, Ademir da Guia, Reinaldo, Ronaldinho Gaúcho ou Robinho. O ensaio mais extenso e mais intenso, por sua vez, chama-se “Os suplicantes: aspectos trágicos do futebol”.

É notável a convergência de perspectivas deste escrito com aqueles de autores uspianos acima aludidos: Prado, Wisnik e Aguiar, em particular. A recorrência temática denota o interesse de parcela da intelectualidade na aproximação entre o universo futebolístico e a busca por dimensões literárias transcendentais. Essas são ora dramáticas, ora trágicas, ora barrocas, ora épicas. Tal linhagem, diga-se de passagem, remonta às crônicas esportivas do dramaturgo Nelson Rodrigues.

Por fim, o último ensaísta que gostaria de aludir nessa seleção também pertence aos quadros docentes da USP. Trata-se do renomado historiador Boris Fausto, autor referencial na historiografia brasileira, com obra dedicada ao estudo da Revolução de 1930, da imigração, do trabalho e do cotidiano no Brasil. Em seus últimos escritos, o autor vem-se consagrando a exercícios de micro-história e ao ensaio memorialístico.

Os livros *O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 1930* (2009) e *Memórias de um historiador de domingo* (2010) combinam narrativas sobre a história da cidade de São Paulo com episódios de sua vivência pessoal. A finalidade é investigar, sob prismas insuspeitados, a formação do ambiente urbano paulistano, ao longo do século XX. Em ambos, o futebol comparece como uma das peças-chaves na compreensão do período, o que é avivado por suas próprias recordações.

O primeiro livro, ambientado no caso verídico de um crime misterioso, ocorrido na capital paulista em fins dos anos 1930, dedica um capítulo — “O fio invisível do Diamante Negro” — a abordar a figura do futebolista Leônidas da Silva. Este, de origem negra, fora conver-

tido em ídolo nacional durante a Copa do Mundo da França, em 1938, e tornara-se famoso com a profissionalização do futebol. Em meio às peripécias de elucidação do controvertido assassinato, atribuído a um empregado igualmente de origem negra, o historiador recompõe o ambiente do país à época e discute com originalidade a polêmica em torno do racismo no Brasil, mediante um contraponto entre o jogador Leônidas e o suposto assassino do caso investigado.

O segundo livro, de cunho memorialístico mais explícito, relata em um dos capítulos a relação do historiador com o futebol em São Paulo, durante os anos 1940 e 1960, período em que o autor viveu a sua adolescência e juventude. “Futebol e cinema: um mundo masculino” traz o registro afetivo de uma fase do profissionalismo esportivo, em que a popularização clubística de Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos já dividia as preferências dos habitantes da cidade, em sua maioria homens jovens e adultos. Com a construção de estádios de grande vulto, como o Pacaembu, os frequentadores das praças esportivas, dentre eles o próprio responsável pelas reminiscências, eram considerados a metonímia do povo brasileiro.

Nessa evocação, Fausto reconhece:

“Sempre gostei também de me misturar à massa nos estádios de futebol, em meio ao ‘politicamente incorreto’ mais radical, talvez como compensação a uma vida certinha. Engana-se quem pensa que o torcedor é uma partícula de uma massa informe que xinga, agride, vaia ou aplaude sem nenhum critério, expressando uma desenfreada emoção. Não é bem assim. A torcida tem seus ritos, suas motivações, seus critérios

de aprovação, de entusiasmo, de desânimo e de arrebatamento. (...). Por que essa presença permanente do futebol e da paixão de torcedor ao longo de toda uma vida? A explicação mais simples, no meu caso, é a de que o futebol foi um dos elementos de formação de minha personalidade nos anos de infância e depois abriu uma brecha de salutar irracionalidade numa existência em que o racionalismo figura em doses excessivas”. (2010: 49-50)

Feita, pois, a apresentação panorâmica das diversas produções que se basearam na escrita ensaística para o tratamento do futebol no Brasil, e arroladas algumas de suas características principais, quer seja de forma ou conteúdo, a proposta da próxima seção é deter-se em apenas uma única obra. A nosso juízo, ela condensa e emblematiza, no seu mais alto grau, as qualidades do ensaio, com as suas virtudes sugestivas e com as suas potencialidades interpretativas. Deste modo, a mesma contribui para pensar o significado esportivo-cultural do futebol brasileiro.

A PERSISTÊNCIA DO ENSAIO – FUTEBOL, LITERATURA E MÚSICA EM JOSÉ MIGUEL WISNIK

Em *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, o professor, compositor e crítico José Miguel Wisnik (USP) oferece à tradição ensaística brasileira uma de suas obras mais surpreendentes. Notável pela combinação de um sem-número de qualidades — erudição pandisciplinar, fôlego narrativo, imaginação estética, rigor analítico — o trabalho

avulta como uma contribuição original à decifração dos enigmas do Brasil moderno, por intermédio de um dos domínios mais prosaicos da vida nacional-popular no século XX: o futebol.

Conhecido pela argúcia crítica no âmbito da literatura e da música, Wisnik estende seu método de leitura de textos e partituras à análise exegética do que se passa dentro das quatro linhas do campo. Com isto, esquadrinha, funde e salta por sobre seus interlocutores privilegiados, reinventando as ideias dos modernistas da Semana de 1922, dos intérpretes do pensamento social dos anos 1930 e das vanguardas artístico-arquitetônicas das décadas de 1950 e 1960, matrizes que expuseram as contradições e as potencialidades da formação cultural brasileira.

Elaborado após longa maturação, o livro tem como *parti pris* a ideia de que o futebol é “o idioma geral de uma língua não-verbal”. Seu *leitmotiv* é anunciado pelo próprio autor, e poderíamos compará-lo àquilo que o historiador literário estadunidense Stephen Greenblatt chamou de um *maravilhamento*: a leitura de um ensaio do cineasta italiano Pier Paolo Pasolini (1922-1975) a propósito do futebol brasileiro, escrito logo após a conquista do tricampeonato mundial na Copa de 1970. Fascinado pelo desempenho da seleção comandada por Pelé e Tostão na final contra a equipe de seu país, Pasolini identifica dois tipos principais de praticar o futebol no mundo, um representado pela prosa e o outro, pela poesia.

Enquanto o primeiro valorizava o conjunto e visava a uma meta, o gol, através do “encadeamento lógico” das jogadas, o passe, sendo assim um “discurso em linha reta até o fim”, o segundo, mais

individualista, seria capaz de abolir meios e fins, indo e vindo como o floreio dos versos, burlando os elos da cadeia por meio do drible. Mais do que mera ultrapassagem, a finta constitui aquilo que Wisnik define como eclipse, termo técnico da retórica, “uma perturbação da linearidade que produz um efeito poético”.

Embora Pasolini tivesse estipulado uma divisão análoga em seu *métier*, com a contraposição entre um cinema-de-poesia (artístico-autoral) e um cinema-de-prosa (seriado-industrial), teria sido naquele âmbito esportivo que o encontro desses dois polos literários atingiu seu ponto mais fulgurante, num raro instante de fusão da prosa com a poesia. Se a aclamação europeia do Brasil remontava a bordões dos anos 20 e 30, tais como “os reis do futebol” ou “futebol-arte”, a Copa do México — transmitida a cores e ao vivo pela televisão para diversos países do mundo — representava a superação do nosso “complexo de vira-latas”, com o triunfo nacional numa escala imagética nunca antes vista.

Por um lado, o encantamento de Pasolini pelo modo de jogar brasileiro pode ser considerado uma atualização da postura de outros artistas europeus, como a fascinação de Pablo Picasso e dos surrealistas franceses pela arte *naïf* africana; por outro, a conversão do futebol em mais um fenômeno da cultura internacional-popular trazia subsídios para compreender a capacidade de povos atavicamente coloniais instaurarem uma “lógica da diferença”, com a recriação elíptico-antropofágica de práticas culturais como o esporte bretão.

Dessa maneira, instigado pelo *insight* pasoliniano, Wisnik vai à busca dos fatores antropológicos, históricos, filosóficos e psicanalíticos que tornaram possíveis aquele “gol fatal”. Grosso modo,

é possível identificar duas questões centrais: 1^a. De que maneira as propriedades intrínsecas do jogo podem explicar a planetarização espetacular deste esporte, a “futebolização do mundo”; 2^a. Como o futebol brasileiro foi capaz de se tornar o “império da elipse”, hipotasiando o drible e virando pelo avesso os valores preconizados pela moral esportiva.

Para responder à primeira questão, Wisnik sonda as raízes do fascínio imemorial exercido pelos jogos com bola. A combinação de violência com ritualismo festivo informa o seu fundamento arcaico, primário e irracional, de modo que a força do futebol provém de seu núcleo ambivalente, capaz de “abrigar a briga” e sublimá-la em rito. Mais do que um corte sociológico entre tradição e modernidade, Wisnik aposta num *continuum* antropológico entre os dois termos para mostrar como a sublimação do embate ritualístico, desde o consenso inglês e a codificação de suas regras em 1863, não anula o potencial agonístico do futebol. Este esporte apresenta assim um caráter não-excludente, nos quais o antigo, o agrário e o rural podem se imiscuir sorrateiramente no moderno, no urbano e no industrial.

A invenção do futebol propicia o exame das dimensões espaciais, angulares e geométricas do jogo, em que o círculo e o semicírculo, a linha e o quadrado, adquirem preeminência. O autor põe em relevo a forma como se dá na modernidade a distribuição funcional dos jogadores, a “ocupação do quadrilátero” e a “otimização do rendimento”, com base na equação fundamental: campo/bola, homem/meta.

Isso propicia os desenhos táticos e a configuração de inúmeras variáveis combinatórias, como a triangulação dos jogadores. A sime-

tria equitativa das configurações entre as duas metades do campo, bem como entre as duas equipes contrapostas por cores de identificação, é o ponto de partida que resultará em assimetria.

Com dicção haurida da psicanálise, Wisnik sentencia: “... a base é uma só: ganhar remete ao imaginário (à sensação plena e fugaz da completude), perder remete ao real (à experiência de um corte que devolve ao sentimento da falta)” (2008: 51).

Aos princípios matemáticos e ao planejamento racionalizador, ajunta-se, nesse sentido, a margem de imprevisibilidade estrutural do jogo. Sua abertura interpretativa aproxima o futebol da gratuidade da arte e revela seus aspectos cênicos, a partir dos quais a gestualidade dos jogadores, a falibilidade do juiz, a participação da torcida, a inconstância da pontuação produzem uma junção disparatada de gêneros, que incorporam de maneira simultânea o paródico, o polifônico, o dramático, o cômico, o burlesco, o grotesco etc.

A propósito das práticas e representações da violência de torcidas, José Miguel Wisnik assim se manifesta:

“Pode-se dizer que, no Brasil, a violência entre torcidas é talvez algo como um esporte radical de pobres, entre pobres, aterrorizando os ricos – pobres para os quais a inclusão numa torcida e seus emblemas, em batalha campal com a torcida outra, faz mais sentido do que os torneios simbólicos do jogo. Uma massa juvenil para a qual não falam tanto os símbolos sociais compartilhados a aderir, mas imagens de reconhecimento coletivo que se erguem para se contrapor à existência do outro, numa relação de reciprocidade ao avesso”. (2008: 55)

Para responder à segunda questão, acima, levantada, Wisnik aborda a sabedoria brasileira no uso do tempo, na reinvenção dos micros espaços e na criação inusitada de jogadas, elementos que indiciam uma “dialética da diferença”. O autor elege uma galeria de craques que tracejaram com seus dribles novas linhas, imaginárias e flutuantes, fazendo da “quadratura do circo” a “curvatura da reta”, expressa sob a via errático-criativa de elipses, de hipérboles e de parábolas. Segundo o autor: “Como finta e elipse, o drible vem da supressão de elos que comporiam os nexos lineares na sequência de um lance”.

Se “a prontidão é uma inteligência do corpo” e se a relação defesa/ataque é o “ponto arquimédico da alma nacional”, Wisnik analisa as jogadas exemplares dos brasileiros como cifras da cultura no arco do século XX: a pegada de Marcos de Mendonça, a chilena de Friedenreich, a domingada de Da Guia, a bicicleta de Leônidas, a folha-seca de Didi, o elástico de Rivelino, o calcanhar de Sócrates, numa sucessão invenções que culmina na pedalada de Robinho e na “antologia da elipse” dos Ronaldos.

Todavia, os jogadores de maior relevância do ponto de vista cultural são o *macunaímico* Garrincha, com seus rodopios entontecedores, e o *machadiano* Pelé, espécie de esfinge dos dilemas raciais no país. A justaposição entre personagens futebolísticos e personagens literários visa remeter o debate interno das quatro linhas do campo às interpretações do Brasil. Ao equacionar Garrincha à ausência de caráter do personagem de Mario de Andrade e ao relacionar Pelé a significados da vida e da obra do mulato Machado de Assis,

Wisnik procura explicar os paradoxos do nosso futebol, com base na ambivalência do termo grego *phármakon*, que designa a oscilação pendular entre o “veneno” e o “remédio”.

A leitura wisnikiana do futebol – um salto por sobre as ideias de seu mestre e preceptor, Antônio Cândido, em seu ensaio “Dialética da malandragem”, que aponta para a zona de permeabilidade entre a ordem e a desordem do país – propõe o Brasil como uma “droga”, um remédio irremediável, e a formação escravista como o seu *phármakon*.

Do substrato anímico da escravidão, é possível extrair a receita de sua ambivalência constitutiva: um “mal” nunca superado na experiência nacional e um “bem” valioso na sua existência, expresso em manifestações como a capoeira, o samba e o futebol, mas também na trama ambígua e inacabada de um país cujas barreiras sociais ao mesmo tempo afirmam e sonegam, incluem e excluem, admitem e rejeitam.

PARA CONCLUIR

“Aplicar ao futebol procedimentos da crítica de arte foi um dos caminhos que este livro seguiu para tentar captar as singularidades de que ele se investiu no Brasil”. Essa frase, extraída do livro de José Miguel Wisnik, pode ser estendida ao propósito dos demais autores citados ao longo desse capítulo. O objetivo de proceder a um balanço bibliográfico do futebol brasileiro estimulou-nos a buscar novas pistas e a identificar sendas alternativas para a sua compreensão na contemporaneidade.

Chamou a atenção aqui que o ensaio como gênero narrativo vem sendo utilizado de há muito pela intelectualidade para tratar do futebol no Brasil. Em contrapartida, quando se pensa na bibliografia sobre esportes na Academia, ato contínuo, o olhar se volta para as dissertações de mestrado e para as teses de doutorado defendidas nas últimas décadas no país. O ensaio ocupa, pois, um peso diminuto na consideração dos pesquisadores que investigam o futebol brasileiro.

Embora pouco considerados, grandes intelectuais têm-se valido, no decorrer do tempo, da escrita ensaística para refletir acerca do fenômeno futebolístico. Em razão do caráter plástico e polimórfico do ensaio, textos curtos alternam-se à narrativa de fôlego, com a sugestão de pistas interpretativas pela via do futebol para a decifração do Brasil moderno. Neste sentido, a estratégia aqui adotada foi pinçar uma gama de intelectuais que, vinculados à Academia, não seguiram o formato padrão prescrito pelos programas de pós-graduação.

À luz da história, foi conveniente recordar que a institucionalização da pesquisa em Ciências Sociais associa-se à constituição das universidades no Brasil, a partir dos anos 1930. Estas configuram-se de maneira mais nítida, como projeto moderno-universal, com a formação da Escola de Sociologia de São Paulo, em meados do século XX. Para a sua afirmação, elegeu-se como alvo contrário os chamados polígrafos, bacharéis egressos das Faculdades de Direito que, desde o século XIX, cultivavam a publicação de ensaios e de interpretações mais generalistas sobre o Brasil.

Dentre os ensaístas, Gilberto Freyre foi um dos intérpretes mais destacados, haja vista a repercussão de sua obra mais conhecida,

Casa-Grande & senzala (1933). As características formais e conteudísticas do longo ensaio freyreano fizeram deste um paradigma a ser superado pelas modernas ciências sociais, tais como idealizadas e constituídas na segunda metade do século XX, em especial nas universidades paulistas. O ataque às ideias de Freyre constituiu igualmente uma denúncia de sua obra como uma visão ideológica, esquiva e ambivalente na sua indeterminação entre a ciência e a arte. As exigências epistemológicas da ciência faziam do ensaio um gênero pouco confiável ao estatuto de cientificidade e de universalidade exigido pela Academia.

Tal proscrição estendeu-se ao campo de estudos esportivos, com a tentativa de consolidação da área mediante a adoção das monografias em nível de pós-graduação e a subjacente crítica ao modelo de narrativa ensaística freyreana até então adotado. Sem embargo, conforme procurei aqui ilustrar, a Academia, mesmo a matriz uspiana, em nenhum momento abandonou por completo o ensaísmo social.

De estrangeiros, como Anatol Rosenfeld e Vilém Flusser, passando por nativos, como Pessoa de Moraes, Décio de Almeida Prado, Flávio Aguiar, Antônio Risério e Nuno Ramos, o ensaio social continuou a contribuir com *insights* percucientes e com interpretações genuínas, em alusões ao estilo de jogo nacional e ao alcance estilístico da prática do futebol.

Desse rol de escritores, elegeu-se o livro *Veneno remédio*, de José Miguel Wisnik, como o mais paradigmático das virtudes do gênero do ensaio. Este reconhecimento fundamentou-se não apenas por ser obra de notável erudição e envergadura, com mais de 400

páginas, mas também pela qualidade analítica de suas interpretações originais sobre o fenômeno futebolístico brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. 2003. “O ensaio como forma”. In: *Notas de literatura I*. São Paulo: Editora 34.

AGUIAR, Flávio. 2003. “Notas sobre o futebol como situação dramática”. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Editora Ática.

ASSIS, Machado de. 1994. “Notícia atual da literatura brasileira: instinto de nacionalidade”. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, vol. III.

CANDIDO, Antônio. 1970. “Dialética da malandragem: caracterização das *Memórias de um Sargento de Milícias*”. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: USP, n. 8, p. 67-89.

CANDIDO, Antônio. 2016. “Prefácio”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

COSTA, Leda Maria da. 2008. *A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Tese de doutorado; Departamento de Letras – UERJ.

DUARTE, Pedro. 2016. “O elogiável risco de escrever sem ter fim”. In: *Ilustríssima: Jornal Folha de São Paulo*. 28 de fevereiro, p. 01-08. Acesso em 22 de outubro de 2016:

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/02/1743666-o-elogiavel-risco-de-escrever-sem-ter-fim.shtml>

FAUSTO, Boris. 2010. “Futebol e cinema: um mundo masculino”. In: *Memórias de um historiador de domingo*. São Paulo: Companhia das Letras.

FAUSTO, Boris. 2009. “O fio invisível do Diamante Eterno”. In: *O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 1930*. São Paulo: Companhia das Letras.

FERNÁNDEZ, Maria do Carmo de Oliveira. 1974. *Futebol: fenômeno linguístico*. Rio de Janeiro: Editora Documentário.

FLUSSER, Vilém. 1998. *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro: Editora UERJ.

FRANCO JR., Hilário. 2007. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.

FRANCO JR., Hilário. 2010. “Ensaio bibliográfico – Veneno remédio”. In: *Revista de História*. São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 163, p. 369-389.

MELO, Victor Andrade de. 2001. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará; Faperj.

MELO, Victor Andrade de; Maurício Drummond; Rafael Fortes e João Manuel Santos. 2013. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7Letras; Faperj.

MORAIS, Pessoa de. 1968. “O futebol e a psicologia brasileira”. In: *Tradição e transformação do Brasil*. Guanabara: Editora Leitura.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. 2001. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

PRADO, Décio de Almeida. 1997. *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras.

PRADO, Paulo. 2004. *Paulística etc*. São Paulo: Companhia das Letras.

PRADO, Paulo. 2012. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. 1981. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio.

RAMOS, Nuno. 2007. “Os suplicantes: aspectos trágicos do futebol,”. In: *Ensaio geral: projetos, roteiros, ensaios, memória*. São Paulo: Globo.

RISÉRIO, Antônio. 2007. “A escola brasileira de futebol”. In: *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Editora 34.

ROSENFELD, Anatol. 2007. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

SANTOS, Joel Rufino dos. 1981. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Editora Brasiliense.

SCHWARZ, Roberto. 1972. “As ideias fora do lugar”. In: *Revista Lua Nova*. São Paulo: p. 150-161.

WISNIK, José Miguel. 2008. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

CAPÍTULO 4

A profissão de jogador de futebol sob o olhar dos sociólogos franceses

Frédéric Raser

Universidade Lyon 2, França

No contexto dos debates sobre como as ciências sociais brasileiras e francesas abordaram o futebol como objeto de pesquisa, quero retomar mais especificamente neste capítulo a maneira como os sociólogos franceses se interessaram pelo exercício da profissão de jogador de futebol, além de mostrar como eu mesmo desenvolvi meus objetos de pesquisa nessa área. Esse objetivo geral requer algumas observações preliminares. Primeiro, tratarei aqui apenas de trabalhos voltados para a prática masculina do futebol profissional, que, aliás, continuam sendo os mais numerosos. Para um panorama das pesquisas da sociologia francesa sobre o futebol feminino, remeto o leitor ao capítulo 8, escrito por Camille Martin neste livro. Em segundo lugar, o foco no estudo do exercício da profissão de jogador de futebol me levou a não abordar aqui uma série de trabalhos sociológicos que tratam do futebol profissional mas que não se concentram especificamente no exercício da profissão de jogador propriamente dito, como é o caso, por exemplo, do trabalho de Manuel Schotté dedicado ao “valor do jogador de futebol”, que analisa as

condições sociais que fazem com que certos jogadores sejam altamente remunerados e gozem de grande reconhecimento simbólico (Schotté 2022). Por fim, a escolha de apresentar grandes tendências observáveis ao longo do tempo exigiu um necessário trabalho de tipificação, que pode ter deixado algumas pesquisas em segundo plano.¹ Em um primeiro momento, insistirei no fato de que, até o final dos anos 1990, os sociólogos franceses pouco se interessaram pelos jogadores de futebol profissionais em si, em termos de suas práticas e representações, embora tenham desenvolvido estudos sobre os mecanismos de profissionalização do futebol francês. Em seguida, mostrarei que, a partir do início do século XXI, os estudos sociológicos dedicados à profissão de jogador de futebol se concentraram sobretudo nas condições de ingresso nessa profissão. A partir disso, voltarei aos interesses que me levaram pessoalmente a desenvolver uma sociologia dos jogadores enquanto trabalhadores, para além do momento de ingresso na carreira profissional. Por fim, apresentarei as principais questões de uma pesquisa de longo prazo que venho conduzindo sobre o pós-carreira dos jogadores profissionais.

1. UMA SOCIOLOGIA DA GÊNESE E DA ESTRUTURA DO FUTEBOL PROFISSIONAL FRANCÊS

Até o final dos anos 1990, os sociólogos franceses pouco se interessaram pelos jogadores de futebol profissionais enquanto atores soci-

1 Para um panorama mais completo sobre o tema, remeto ao livro escrito em parceria com Stéphane Beaud (Beaud e Raseira 2020).

ais, pois não estudavam de perto suas práticas e representações cotidianas. Os primeiros trabalhos sociológicos dedicados ao futebol profissional focaram no estudo do espetáculo esportivo.² Os autores buscaram compreender sua popularidade e suas variações locais e nacionais. Nessa perspectiva, o futebol é abordado como objeto de representações e crenças. Consequentemente, os jogadores são analisados sobretudo por sua capacidade de representar grupos sociais, não sendo estudados por si mesmos (ou apenas de maneira muito secundária). Esse ponto de vista está presente na obra pioneira de Christian Bromberger e colaboradores (Bromberger, Hayot e Mariottini 1995), assim como em vários artigos do dossiê temático da revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* sobre os “desafios do futebol” (Faure e Suaud 1994), que ofereceu ao público francófono uma diversidade de textos com comparações internacionais, como o de José Sergio Leite Lopes e Jean-Pierre Faguer sobre a invenção do estilo brasileiro (Leite Lopes e Faguer 1994).

Na segunda metade dos anos 1990, os escritos resultantes das pesquisas do Centre Nantais de Sociologie [Centro de Sociologia de Nantes] trouxeram importantes contribuições ao conhecimento dos jogadores profissionais.³ O livro de Jean-Michel Faure e Charles Suaud e a tese de Hassen Slimani sobre o futebol profissional francês são

2 Ver o capítulo 6 de Ludovic Lestrelin neste livro.

3 Para elementos mais gerais sobre o lugar do esporte na “escola nantesa de sociologia”, ver, em especial, a entrevista concedida por Charles Suaud a Manuel Schotté para a revista *Savoir/Agir* (Suaud e Schotté 2016), bem como o relato de autoanálise de Gilles Moreau (Moreau 2022:117–136).

duas referências centrais nesse campo (Faure e Suaud 1999a, Slimani 2000). Esses autores se interessam prioritariamente pelo processo de profissionalização dos jogadores franceses. Utilizando a teoria dos campos de Pierre Bourdieu (Bourdieu 2022), eles descrevem as lógicas sociais envolvidas na autonomização do futebol profissional francês, enfatizando sobretudo seus vínculos com o Estado e com o campo econômico. O problema central desses trabalhos e a escala de análise adotada iluminam sobretudo as lutas sociais na regulação do futebol profissional francês.⁴ Assim, atribuem papel central ao sindicato dos jogadores profissionais — a Union Nationale des Footballeurs Professionnels [União Nacional dos Futebolistas Profissionais] (UNFP) — no reconhecimento da atividade como uma profissão legítima.

A UNFP foi criada em 1961 por iniciativa de Eugène N’Jo Léa, jogador camaronês do Olympique Lyonnais e estudante de Direito, em um contexto no qual os presidentes dos clubes tinham grande poder sobre os jogadores, sobretudo após a introdução em 1952 do “contrato vitalício”, que ligava os jogadores aos clubes até os 35 anos. N’Jo Léa tornou-se o primeiro secretário-geral do novo sindicato, e Just Fontaine, famoso atacante da seleção francesa que passou pelo liceu, seu presidente. Durante os anos 1960, as principais reivindicações do sindicato foram pela reforma do estatuto do jogador e pela

4 Desse ponto de vista, essas pesquisas evidenciam a dimensão heurística do conceito de campo para pensar os universos profissionais. Sobre esse aspecto, ver especialmente as análises de Maxime Quijoux (Quijoux 2015: 54-62).

criação de contratos com duração livremente determinada. Só em 1969 o contrato de duração determinada entrou em vigor. Insatisfeitos com os efeitos do novo contrato, porém, os dirigentes dos clubes impuseram, em julho de 1971, sem o acordo dos jogadores, uma duração mínima de cinco anos para o primeiro contrato assinado. Esse episódio estaria na origem de uma greve dos jogadores profissionais de futebol, em 1972, que resultou na adoção de um contrato de trabalho com duração determinada formalizado na Carta do Futebol Profissional, verdadeira convenção coletiva⁵ criada sob tutela do Estado em 1973. Na história social do futebol profissional francês, a possibilidade de assinar contratos por tempo determinado constitui, assim, uma importante conquista sindical.

Durante esse período, a UNFP foi a principal entidade de representação dos jogadores profissionais, permitindo-lhes afirmar sua atividade como um verdadeiro ofício. A partir dos anos 1980, porém, o papel do sindicato mudou devido às grandes transformações no futebol profissional francês (e mais amplamente, no futebol europeu). A chegada de novos dirigentes aos clubes (Claude Bez no Bordeaux, Jean-Luc Lagardère no Racing Paris e Bernard Tapie no Marseille), os importantes influxos de capitais (especialmente dos direitos de transmissão na televisão) e a livre circulação de jogadores

5 Uma convenção coletiva designa, na França, um acordo assinado pelas organizações patronais e pelos principais sindicatos de trabalhadores de um determinado setor, que se impõe posteriormente a todas as empresas que atuam nesse setor.

na Europa, após a Lei Bosman, de 1995,⁶ são fatores que promoveram maior individualização das carreiras e intensificaram a concorrência entre os jogadores. Nesse novo cenário do futebol profissional, o papel do sindicato se transforma: “[...] trata-se menos de constituir uma profissão autônoma e mais de remediar os danos de um sistema que fragiliza os jogadores” (Faure e Suaud 1999b: 223). Para muitos observadores, a UNFP passou a funcionar como um “sindicato de serviços” (Falcoz e Lefèvre 2016), que oferece, além dos tradicionais estágios de pré-temporada para jogadores desempregados, uma série de serviços adaptados às necessidades da profissão: seguros, consultoria financeira, gestão de carreira e reorientação profissional.

Focadas no campo do futebol profissional francês, as pesquisas do Centro de Sociologia de Nantes sugerem um programa mais amplo de comparação internacional sobre os modos de organização do futebol entre os países. Ainda que não ausentes, os elementos relativos ao exercício concreto da profissão de jogador aparece de forma secundária nesses estudos, devido à forte dimensão sócio-histórica do programa de pesquisa. Ainda assim, essas obras constituíram uma base valiosa de conhecimento sobre a origem e a estrutura do futebol profissional francês, servindo de referência para os sociólogos que

6 A Lei Bosman é uma decisão da Corte de Justiça das Comunidades Europeias (CJCE) que abordou dois aspectos centrais. Primeiro, anulou a regra que limitava a três o número de jogadores estrangeiros por clube, considerada uma barreira à mobilidade profissional dentro da Europa. Depois, estabeleceu que jogadores com contrato encerrado passavam a ter total liberdade para negociar com outros clubes, sem que a equipe de origem pudesse exigir qualquer compensação financeira, prática comum até então.

passaram a se interessar de forma mais direta pela vida profissional dos jogadores.

2. O DESENVOLVIMENTO DE ESTUDOS SOBRE AS CONDIÇÕES DE ENTRADA NA PROFISSÃO DE JOGADOR DE FUTEBOL

Quando observamos o conjunto dos trabalhos sociológicos franceses que se dedicaram mais diretamente aos jogadores de futebol profissional desde o início do século XXI, constatamos a relativa importância das pesquisas voltadas às condições de entrada na profissão, realizadas com base em investigações com jogadores aprendizes envolvidos em instituições de formação.

O desenvolvimento dessas pesquisas se explica, primeiramente, pela centralidade dos centros de formação legitimados pelo Estado francês no acesso à profissão de jogador de futebol. Os estudos sócio-históricos realizados sobre a autonomização do futebol profissional francês demonstraram a centralidade da criação de um percurso de formação específico para a profissão de jogador de futebol nesse processo. A Carta do Futebol Profissional, assinada em 1973, obrigou os clubes a terem um centro de formação.⁷ Essa implementação foi promovida pelos dirigentes da federação, cujo poder é legitimado pelo Estado francês, que desde os anos 1960 investe e controla a produção das elites esportivas (Fleuriet 2004). Se a criação desse dispositivo de formação tinha, inicialmente, a ambição de ele-

⁷ Essa exigência foi suspensa em 2003.

var o nível do futebol francês, ela também visava limitar a autonomia dos jogadores, possibilitada pela introdução dos contratos de trabalho com duração livremente determinada (Slimani 2002). A partir dos 14 ou 15 anos, os jovens aprendizes que se engajam nesse caminho de formação passam a seguir uma “educação total” (Slimani 1997: 52), que combina escolarização e aprendizado do futebol. Eles também podem assinar contratos de formação, que são etapas antes da obtenção do *status* de jogador profissional e da assinatura de um contrato de trabalho. Em 2006, havia 32 centros aprovados pelo Estado que acolhiam 1.732 jogadores sob convenções de formação, dos quais quase metade tinha um contrato de formação (Bertrand 2008: 20). Desde o final dos anos 1980, essa política de formação foi reforçada com a criação de instituições chamadas de “pré-formação”, que recrutam a partir dos 12 ou 13 anos. Os jovens jogadores de futebol que nelas ingressam podem seguir um aprendizado racionalizado nos chamados “polos de esperança”, diretamente supervisionados pela Federação Francesa de Futebol, ou nas “seções de elite” dos clubes profissionais.⁸ Hoje, esse percurso institucionalizado de formação constitui a via privilegiada de acesso à profissão de jogador de futebol (Bertrand e Raseria 2014).

Além disso, o crescimento das pesquisas sobre o acesso à profissão de jogador de futebol geralmente se insere, de maneira mais ampla, no contexto do desenvolvimento de estudos voltados

8 Em 2010, havia treze “polos de esperança” e dezoito “seções de elite”.

às condições sociais do engajamento⁹ e/ou da vocação,¹⁰ bem como às socializações profissionais, majoritariamente analisadas com base no estudo de instituições que possuem a função explícita de formar indivíduos (Darmon 2006: 93). No campo mais restrito do esporte, esses estudos sobre os aprendizes jogadores de futebol participam de uma dinâmica de desenvolvimento das pesquisas sobre a sociogênese da vocação e da socialização das elites esportivas (Papin 2007; Lefèvre 2010; Forté 2020). Podemos insistir novamente na importância de Charles Suaud no desenvolvimento desses trabalhos. Tendo realizado uma sociologia da vocação sacerdotal no âmbito de sua tese de doutorado, orientada por Pierre Bourdieu, Charles Suaud transpôs suas reflexões teóricas para o campo do esporte e impulsionou toda uma série de pesquisas sobre vocações e socializações esportivas (Suaud e Schotté 2016).

Entre as diversas pesquisas realizadas com aprendizes jogadores (Bertrand 2012, Juskowiak 2019, Nazareth 2014), a conduzida por Julien Bertrand é sem dúvida a que obteve maior visibilidade no campo acadêmico francês. Sua obra dedicada à “fabricação” dos jogadores de futebol apresenta a investigação que realizou em sua tese de doutorado junto a aprendizes de um grande clube profissional francês (Bertrand 2012). Contra a ideia comum de que o acesso à profissão

9 Com destaque, na França, para o desenvolvimento de estudos sobre o engajamento político, marcado especialmente pelo texto programático de Olivier Fillieule (2001).

10 Veja-se, em especial, a publicação em 2017 da edição n. 168 da revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, dedicada às vocações artísticas.

de jogador de futebol se explicaria pelo “talento”, pelo “dom”, pelo “mérito” etc. — categorias essencialmente a-sociológicas —,¹¹ Julien Bertrand busca objetivar os mecanismos sociais que presidem a produção social desses esportistas. Ele analisa as condições sociais da vocação de jogador de futebol (o sentimento de ser “feito para isso”) e a maneira como a instituição molda as disposições e saberes dos aprendizes. Seu trabalho se inscreve explicitamente na perspectiva teórica desenvolvida por seu orientador, Bernard Lahire, sociólogo da socialização cujos estudos dialogam criticamente com a obra de Pierre Bourdieu (Lahire 1998; 2001). O foco do estudo de Julien Bertrand e a pesquisa de campo realizada por ele produzem várias contribuições relevantes, algumas das quais bastante contraintuitivas. O autor mostra o efeito limitado da variável escolar no processo de direcionamento a essa formação de elite. Contrariando o estereótipo depreciativo dos jogadores de futebol, que costumam ser ridicularizados por uma suposta distância em relação à cultura legítima, Julien Bertrand destaca que os jovens recrutados por esse clube profissional apresentam, em geral, bom desempenho escolar em comparação com outros de sua faixa etária. Isso é ainda mais notável considerando que o futebol recruta majoritariamente nas classes populares, cujos integrantes são os mais prejudicados pela lógica escolar dominante (Thin 1998). Esse fato pode ser em parte explicado pela atenção que os recrutadores dão aos históricos esco-

11 Para uma crítica sociológica dessas noções, ver as reflexões de Manuel Schotté (2013).

lares dos candidatos, percebidos como indicadores de disposição para se ajustar à disciplina exigida pela instância entidade formadora de jogador profissional de futebol.

A questão das condições de acesso ao futebol profissional e dos modos de socialização durante a formação está, portanto, bastante bem documentada pela sociologia francesa. Vale destacar que uma das especificidades desse percurso formativo altamente seletivo reside no fato de que o acesso a posições economicamente e simbolicamente recompensadoras no mercado de trabalho futebolístico está longe de ser garantido, dada a forte concorrência. E é justamente esse o objeto de vários estudos, que se interessam pelas trajetórias de jovens jogadores não mantidos pelos clubes profissionais ao fim de sua formação, seja investigando as condições de sua permanência no mercado de trabalho do futebol (Bertrand e Ramera 2019, Tia 2019), seja examinando mais especificamente as condições de migração internacional com o objetivo de continuar a carreira futebolística em outros países (Preira 2019).

3. UMA SOCIOLOGIA DOS JOGADORES DE FUTEBOL ENQUANTO TRABALHADORES

Se as condições de entrada na profissão de jogador de futebol foram amplamente estudadas pelos sociólogos franceses desde o início do século XXI, o interesse pelos jogadores profissionais para além do ingresso na carreira, em contrapartida, tem sido objeto de bem menos trabalhos. À semelhança de outras elites, pode-se levan-

tar a hipótese de que as pesquisas sociológicas são mais difíceis de realizar com essa população considerada de difícil acesso. Esse é, por exemplo, um argumento apresentado por Stéphane Beaud para justificar por que ele recorreu principalmente a fontes jornalísticas e autobiográficas para investigar a greve dos jogadores da seleção francesa durante a Copa do Mundo de 2010 (Beaud e Guimard 2011). Foi com base em uma análise reflexiva sobre esses dados de segunda mão que ele conseguiu desenvolver uma investigação sociológica dessa ação coletiva.¹² Dito isso, essas dificuldades reais não tornam completamente inviável a realização de pesquisas junto a jogadores profissionais baseadas em dados de primeira mão. Assim como Martin Roderick (2017), interessei-me de perto pelos jogadores de futebol em sua condição de trabalhadores, seguindo um caminho já trilhado na França por sociólogos como Sébastien Fleuriel e Manuel Schotté, que apontaram tanto as dificuldades quanto os interesses em considerar os atletas como trabalhadores (Fleuriel e Schotté 2008). Eu gostaria de retomar aqui algumas das questões que nortearam minha pesquisa e os resultados a que elas levaram.

No âmbito de minha tese de doutorado, empreendi uma sociologia da profissão de jogador de futebol (Rasera 2012). Essa pesquisa doutoral foi possibilitada pela oportunidade que tive de ingressar em um clube profissional da *Ligue 2* (segunda divisão do futebol francês) para observar os jogadores em seu cotidiano de trabalho. Esse foi o ponto de partida de uma pesquisa de campo que durou vários anos

12 Ver a entrevista com Stéphane Beaud no capítulo 13.

e mobilizou diferentes ferramentas da metodologia etnográfica: observações diretas, inserção em redes de contato e confiança, entrevistas (principalmente com jogadores, mas também com membros da equipe técnica e médica, cônjuges, agentes etc.), além da coleta de documentos internos (como contratos de trabalho, por exemplo). Dois grandes eixos de pesquisa nortearam esse estudo. Por um lado, interessei-me pelas carreiras profissionais dos jogadores, buscando situá-las em suas trajetórias sociais mais amplas; por outro, pelo trabalho concreto desses atletas dentro dessa empresa do espetáculo que é um clube de futebol profissional. Esse segundo eixo resultou na publicação, em 2016, do livro *Des footballeurs au travail. Au cœur d'un club professionnel*, pela editora Agone (Rasera 2016).

Esse estudo pretende ser uma sociologia do trabalho dos jogadores profissionais de futebol. Ele os situa nas relações hierárquicas próprias à organização do trabalho dentro dessa atividade: longe da imagem hegemônica de atletas vivendo fora da realidade social, vê-se que os jogadores de futebol são, acima de tudo, “executantes”, contratados em regime de contrato a prazo determinado (CDD, na sigla em francês), em condições altamente individualizadas, colocados sob as ordens do treinador principal, que supervisiona seu trabalho com o apoio de uma comissão técnica e médica. A partir disso, procurei descrever as diferentes “dimensões oficiais do trabalho” (Avril, Cartier e Serre 2010: 26-27) que estruturam o cotidiano dos jogadores e revelam as múltiplas facetas da profissão. Esse olhar permite compreender, por exemplo, a enorme porosidade das fronteiras entre vida profissional e vida pessoal. Em nome das exigências

esportivas, os jogadores são submetidos a obrigações profissionais relativas à sua “higiene de vida”; demonstro como essas obrigações vêm acompanhadas da promoção de um modelo familiar tradicional, que gera desigualdades nas relações conjugais, pois as companheiras são relegadas a um papel de apoio material e afetivo ao trabalho de seus parceiros.

Preocupado em objetivar as restrições profissionais que pesam sobre esses atletas assalariados, também procurei compreender como eles se ajustam, na prática, a essas exigências. Como outros atletas de alto rendimento (Suaud 1996), os jogadores de futebol frequentemente utilizam a palavra “paixão” para descrever seu vínculo subjetivo com a profissão. No entanto, essa “paixão” não é sinônimo de um ajuste automático e mágico às pressões do trabalho. Diversos pesquisadores das ciências sociais mostraram que o trabalho não é um simples reflexo das exigências impostas pela organização do trabalho. Os trabalhadores, de fato, “desenvolvem saberes práticos, refinam as formas de organização, buscam preservar sua margem de manobra e resistem na prática, às vezes de forma organizada, outras vezes de maneira mais latente, à dominação cotidiana” (Fournier *et al.* 2008). Uma das virtudes de uma investigação etnográfica que confere um lugar central à observação direta é justamente captar esse *continuum* de práticas informais para tentar entender seu significado através da palavra dos pesquisados (Schwartz 1993). Nesse sentido, a possibilidade de acompanhar os jogadores tanto em seu ambiente profissional quanto fora dele foi fundamental para objetivar suas práticas e compreender seus sentidos. A título de exem-

plo, por trás da forte exigência de dedicação ao “coletivo”, observei com frequência, nos bastidores, formas de resistência por parte dos jogadores, que expressavam com mais liberdade interesses individuais. É o caso de jogadores que, quase sempre no banco de reservas, torcem pela derrota da equipe na esperança de que o técnico realize mudanças e os escale como titulares na próxima partida.

Busquei, portanto, compreender a realidade das práticas de trabalho dos jogadores de futebol, estudar suas formas concretas e captar seu significado. E me esforcei para explicitar as condições sociais que tornam essas práticas possíveis, reinserindo-as em trajetórias sociais. Nessa perspectiva, eu quis construir uma sociologia do trabalho dos jogadores de futebol atenta às condições de socialização dos atletas, o que me levou, entre outras coisas, à realização de entrevistas biográficas aprofundadas, visando captar a sociogênese de suas disposições (Lahire 2005). Também me mantive atento aos contextos nos quais os jogadores atuam: mostro, por exemplo, que não se pode interpretar as práticas desses trabalhadores esportivos sem levar em conta sua posição fundamentalmente instável dentro do grupo de trabalho com o qual convivem diariamente, ou ainda sua condição em um mercado de trabalho particularmente incerto. A importância de se considerar conjuntamente socialização e contextos (Lahire 2012) aparece de maneira especialmente clara no estudo da relação que os jogadores de futebol mantêm com seus corpos. A socialização profissional os levou a desenvolver uma relação com o corpo que mistura instrumentalização e escuta, guiada pela preocupação de “usar o corpo sem desgastá-lo”, para retomar uma

expressão de Loïc Wacquant a respeito dos boxeadores (Wacquant 2002). Mas os contextos em que se encontram podem obrigá-los a ajustar essas práticas, como no caso de jogadores que sabem que deveriam parar de jogar por conta de problemas físicos que ameaçam sua saúde e desempenho, mas que, por estarem em posição frágil no mercado de trabalho, sentem-se obrigados a fazer de tudo para permanecer visíveis socialmente (“se mostrar”).

4. O PÓS-CARREIRA DOS JOGADORES DE FUTEBOL: QUESTÕES DA PESQUISA EM ANDAMENTO

Para finalizar, gostaria de voltar aos desafios e questionamentos de uma pesquisa de longo prazo que iniciei há vários anos sobre os destinos dos jogadores profissionais de futebol após o término de suas carreiras esportivas. Ao dar continuidade à pesquisa etnográfica que desenvolvi para minha tese de doutorado, decidi realizar um acompanhamento longitudinal desses atletas ao longo do tempo para compreender sua atuação depois da carreira no esporte. Assim, retomei contato com cerca de vinte atletas e realizei entrevistas com eles, algumas até dez anos depois do fim da carreira, complementando a análise com outras fontes (entrevistas com representantes sindicais envolvidos na ajuda à transição de carreira e com companheiras de jogadores, entre outras).

Um primeiro eixo dessa pesquisa visa compreender a perspectiva de futuro desses atletas profissionais com o futuro enquanto ainda estão em atividade. Nesse sentido, questiono inicialmente a relação

que eles mantêm com a transição profissional, mostrando como esse horizonte se torna evidente para os jogadores — independentemente da diversidade de suas trajetórias esportivas — à medida que eles se aproximam do fim da carreira. Essa percepção pode acontecer por diferentes motivos, envolvendo tanto questões financeiras quanto aspectos simbólicos. Diante da pressão para antecipar a transição de carreira, procuro entender as condições sociais que permitem esse tipo de investimento durante a trajetória profissional dos atletas. Observei, por exemplo, o papel central do sindicato dos jogadores profissionais, que realiza um trabalho de mobilização nesse sentido ao oferecer uma série de cursos que reintroduzem a lógica escolar na vida desses atletas (Giraud, Moraldo e Raserá 2024). Outro aspecto que orienta esse primeiro eixo de pesquisa: o estudo das estratégias de acumulação econômica ao longo da carreira. Além do simples fato de que o universo profissional é extremamente desigual economicamente, com possibilidades de renda muito variáveis (Arrondel e Duhautois 2022), trata-se de estudar de perto as práticas econômicas dos jogadores para compreender as condições de acumulação patrimonial. Interesse-me especialmente pelas relações estabelecidas com o dinheiro ao longo do tempo, que envolvem morais econômicas — gastar *versus* poupar —, e podem variar muito conforme a posição social. Também analiso os tipos de investimentos que os jogadores realizam, destacando o papel central que os investimentos imobiliários para locação ocupa nesse grupo profissional.

Um segundo eixo da pesquisa, também de longo prazo, aborda a mobilidade profissional dos jogadores, do exercício da profissão

esportiva aos caminhos seguidos na reconversão profissional. Para além da mera referência ao envelhecimento biológico dos corpos esportivos, um dos desafios é explicar as condições sociais que levam ao término da carreira esportiva, identificando uma série de forças que pesam sobre a trajetória profissional. Também procuro entender os percursos profissionais após a carreira de jogador de futebol e a maneira como esses atletas os vivenciam, segundo suas disposições e seus recursos. Isso me leva a analisar os mecanismos sociais que, por um lado, influenciam a permanência ou não no mundo do trabalho futebolístico e, por outro, moldam as experiências subjetivas da mobilidade social (Duru-Bellat e Kieffer 2006). Meu trabalho leva-me especialmente a reconsiderar a hipótese de uma “miséria de posição” associada ao fim da carreira esportiva (Fleuriel e Schotté 2011), a fim de evidenciar as diferentes maneiras com que os atletas se relacionam com as posições sociais que conquistaram.

Por fim, um terceiro e último eixo dessa pesquisa se interessa mais especificamente pelos estilos de vida dos jogadores após o fim da carreira esportiva. Embora a prática do futebol profissional seja particularmente estruturante dos estilos de vida desses atletas, como eles se reconstroem depois da carreira?¹³ Um primeiro objetivo é compreender os efeitos da saída de uma profissão potencialmente muito lucrativa sobre o padrão de vida. Na contramão das imagens midiáticas dominantes, que frequentemente destacam,

13 Para uma análise dos efeitos das bifurcações profissionais sobre os estilos de vida, ver especialmente o trabalho de Sophie Denave (2015).

não sem certo sensacionalismo e moralismo, casos de jogadores que enfrentam dificuldades econômicas com o fim da carreira esportiva profissional,¹⁴ a pesquisa busca investigar de perto a diversidade dos níveis de vida desses ex-atletas para entender como eles se ajustam à nova realidade.¹⁵ Dependendo dos recursos econômicos disponíveis, provenientes da nova atividade profissional, da atividade da companhia, ou de rendimentos patrimoniais, a pesquisa mostra que os ex-jogadores de futebol podem ser economicamente afetados de maneiras muito diferentes pela saída da profissão.

Outro ponto de investigação, com importantes implicações sociológicas, é a situação conjugal dos ex-jogadores depois da carreira esportiva. Em trabalhos anteriores, mostrei que o familismo era particularmente valorizado pelos jogadores profissionais enquanto estavam em atividade (Rasera 2016). Um desafio é entender como esse sentimento pode evoluir ao longo do tempo em função da situação conjugal. A família pode constituir um recurso central, funcionando como um verdadeiro “universo de consolo” (Guérait 2021) para jogadores que vivem a transição de carreira como um declínio social. Além disso, considerando que os casais que os jogadores formavam durante a carreira funcionavam majoritariamente como “equipes conjugais” (De Singly e Chaland 2002), marcadas por uma

14 Por exemplo, “Football: enquête sur ces joueurs ruinés”, Le Parisien, 17 mai. 2016. <https://www.leparisien.fr/sports/football/football-enquete-sur-ces-joueurs-ruines-17-05-2016-5803593.php>

15 Para compreender como os indivíduos se ajustam a mudanças em suas condições econômicas de vida, ver os estudos de Pierre Blavier (2018).

forte assimetria, em que as companheiras realizavam um trabalho de apoio material e afetivo à carreira esportiva do parceiro, o que acontece quando essa carreira termina?

O último elemento dos estilos de vida que me interessou foram os lares dos ex-jogadores de futebol. Durante a carreira, devido às condições de emprego e trabalho marcadas por grande incerteza e flexibilidade, os jogadores de futebol dedicam seu tempo livre principalmente à família ou a círculos de amigos ligados ao futebol profissional (Rasera 2022). O que acontece depois da carreira? Que grupos sociais esses ex-atletas conseguem integrar? Considerando que o futebol profissional recruta principalmente nas classes populares e nas pequenas classes médias, a questão é saber se esses atletas oriundos das camadas mais baixas do espaço social conseguiram “atravessar fronteiras sociais” (Pasquali 2014) e ingressaram, depois da carreira esportiva profissional, em redes de sociabilidade distantes de seu meio de origem. Também investigo a natureza das práticas culturais desses ex-jogadores, a começar pela relação que eles mantêm com atividades físicas e esportivas. Visto que as condições do trabalho esportivo (especialmente as obrigações contratuais) limitavam muito o investimento dos jogadores em esportes de lazer (com exceção do golfe, para alguns, visto como de pouco gasto energético), trata-se de entender em que medida, e sob quais condições, o fim da prática profissional do futebol pode vir acompanhado por um maior envolvimento em outras atividades físicas e esportivas, e de que forma. Aqui se coloca, de modo particularmente agudo, a questão das condições sociais que permitem a transferência das dis-

posições e do gosto pelo futebol, construídos ao longo de uma longa carreira, para outras práticas.

CONCLUSÃO

Ao fim deste rápido panorama acerca do olhar que os sociólogos franceses lançaram sobre o exercício da profissão de jogador de futebol, e sobre a forma como eu próprio me interessei pelo tema, gostaria de concluir destacando dois pontos. Assim como observa Julien Sorez a respeito da história do futebol, parece-me importante sublinhar que a sociologia da profissão de jogador de futebol se desenvolveu na França relativamente à margem do ramo universitário STAPS (Ciências e Técnicas das Atividades Físicas e Esportivas). Pode-se ver nisso um efeito da baixa legitimidade atribuída ao futebol entre pesquisadoras e pesquisadores especializados em esporte, num prolongamento da postura adotada por professores de Educação Física em relação a essa prática (Hebert 2018). Deve-se também destacar o papel central desempenhado por sociólogos estabelecidos, que inicialmente trabalharam com temas distantes do futebol — como Charles Suaud e Stéphane Beaud — e que tiveram ao se dedicar posteriormente a essa área, impulsionando pesquisas e talvez ajudando a temática a conquistar legitimidade acadêmica.

Em segundo lugar, não me parece exagerado afirmar que os trabalhos sociológicos franceses sobre a profissão de jogador de futebol se inserem até então principalmente — mas não exclusivamente — em uma tradição estrutural e disposicional largamente inspirada

na obra de Pierre Bourdieu. Os sociólogos que se interessaram pelos jogadores profissionais recorreram amplamente a um *corpus* teórico focado nas condições de socialização dos indivíduos e, de forma mais abrangente, nas relações de dominação nas quais eles estão inseridos. Isso faz eco à importância central que Pierre Bourdieu teve no desenvolvimento da sociologia do esporte na França (Clément 1994; Collinet 2002). No caso particular do futebol, vimos a relevância da “escola nantesa de sociologia”, representada especialmente por Charles Suaud, que escreveu sua tese sobre a vocação sacerdotal orientado por Bourdieu. Desde o final dos anos 2000, desenvolve-se na França uma sociologia do trabalho e das profissões que se inscreve nessa tradição estrutural e disposicional (Avril, Cartier e Serre 2010; Quijoux 2015; Pichonnaz e Toffel 2021). As pesquisas sobre jogadores profissionais de futebol acompanham claramente essa tendência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRONDEL, Luc e Richard Duhautois. 2022. *L'Argent du football: L'Europe*. v. 2. Collection du Cepremap 60. 62. Paris: Rue d'Ulm.

AVRIL, Christelle, Marie Cartier e Delphine Serre. 2010. *Enquêter sur le travail: concepts, méthodes, récits*. Collection Grands Repères. Paris: La Découverte.

BEAUD, Stéphane e Philippe Guimard. 2011. *Traîtres à la nation? Un autre regard sur la grève des bleus en Afrique du Sud*. Collection Cahiers libres. Paris: La Découverte.

BEAUD, Stéphane, e Frédéric Rasera. 2020. *Sociologie du football*. Collection Repères. Paris: La Découverte.

BÉRARD, Christophe. 2016. “Football: enquête sur ces joueurs ruinés”. *Le Parisien*, 17 mai. <https://www.leparisien.fr/sports/football/football-enquete-sur-ces-joueurs-ruines-17-05-2016-5803593.php>.

BERTRAND, Julien. 2008. “La fabrique des footballeurs. Analyse sociologique de la construction de la vocation, des dispositions et des savoir-faire dans une formation au sport professionnel”. *La vie des idées*, Lyon, 30 jun.

BERTRAND, Julien. 2012. *La fabrique des footballeurs. Corps, santé, société*. Paris: Éditions La Dispute.

BERTRAND, Julien e Frédéric Rasera. 2014. “Entrées dans le football professionnel”. *Sciences sociales et sport*, 7(1): 101-103.

BERTRAND, Julien e Frédéric Rasera. 2019. “Au-delà du miracle et de la chute: jeunesses populaires et formation au métier de footballeur”. In: FAURE, Sylvia e Daniel Thin. *S’en sortir malgré tout. Parcours en classes populaires*. Paris: La Dispute. 131-151.

BLAVIER, Pierre. 2018. “Les réaménagements de la consommation en contexte de récession”. *Revue française de sociologie*, 59(1): 7-36.

BOURDIEU, Pierre. 2022. *Microcosmes: théorie des champs*. Microcosmes, vol. 1. Paris: Raisons d’Agir.

BROMBERGER, Christian, Alain Hayot e Jean-Marc Mariottini. 1995. *Le match de football: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Collection Ethnologie de la France 16. Paris: Maison des Sciences de l'Homme.

CLEMENT, Jean-Paul. 1994. « les apports de la sociologie de Pierre Bourdieu à la sociologie des sports », *Staps*, 35, pp. 41-49.

COLLINET, Cécile. 2002. "Le sport dans la sociologie française". *L'Année sociologique*, 52(2): 269-295.

DARMON, Muriel. 2006. *La socialisation*. Paris: A. Colin.

DE SINGLY, François e Karine Chaland. 2002. "Avoir le 'second rôle' dans une équipe conjugale: Le cas des femmes de préfet et de sous-préfet". *Revue Française de Sociologie*, 43(1): 127.

DENAVE, Sophie. 2015. *Reconstruire sa vie professionnelle: sociologie des bifurcations biographiques*. Le lien social. Paris: Presses Universitaires de France.

DURU-BELLAT, Marie e Annick Kieffer. 2006. "Les deux faces – objective/subjective – de la mobilité sociale". *Sociologie du travail*, 48(4): 455-473.

FALCOZ, Marc e Nicolas Lefèvre. 2016. "Représenter les sportifs professionnels: entre militantisme apolitique et syndicalisme de service". *Staps*, 113(3): 7-20.

FAURE, Jean-Michel e Charles Suaud. 1994. "Les enjeux du football". *Actes de la recherche en sciences sociales*, 103: 3-6.

FAURE, Jean-Michel e Charles Suaud. 1999a. *Le football professionnel à la française*. Sociologie d'aujourd'hui. Paris: Presses Universitaires de France.

FAURE, Jean-Michel e Charles Suaud. 1999b. "Les footballeurs professionnels en France: l'éclatement d'une corporation". *Cahiers de l'Insep*, 25(1): 207-228.

FILLIEULE, Olivier. 2001. "Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel. Post scriptum". *Revue française de science politique*, 51(12): 199-215.

FLEURIEL, Sébastien. 2004. *Le sport de haut niveau en France: sociologie d'une catégorie de pensée*. Sports, cultures, sociétés. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

FLEURIEL, Sébastien e Manuel Schotté. 2008. Sportifs en danger: la condition des travailleurs sportifs. Savoir/Agir. Bellecombe-en-Bauges: Éditions du Croquant.

FLEURIEL, Sébastien e Manuel Schotté. 2011. "La reconversion paradoxale des sportifs français: Premiers enseignements d'une enquête sur les sélectionnés aux jeux olympiques de 1972 et 1992". *Sciences sociales et sport*, 4-(1): 115-140.

FORTÉ, Lucie. 2020. *Devenir athlète de haut niveau: une approche sociologique de la formation et du développement de l'excellence sportive*. Sports en Société. Paris: L'Harmattan.

FOURNIER, Pierre, Nicolas Hatzfeld, Cédric Lomba e Séverin Muller.

2008. “Étudier le travail en situation”. In: ARBORIO, Anne-Marie, Yves Cohen, Pierre Fournier, Nicolas Hatzfeld, Cédric Lomba, e Séverin Muller. *Observer le travail. Histoire, ethnographie, approches combinées*. Paris: La Découverte. 7-21.

GIRAUD, Frédérique, Delphine Moraldo e Frédéric Rasera. 2024. “Retourner en formation à l’âge adulte: les ressorts sociaux d’une expérience ‘scolaire’”. *Diversité. Revue d’actualité et de réflexion sur l’action éducative*, n. 205 (nov.).

GUÉRAUT, Élie. 2021. “Retour à Lergnes. Les mobilités professionnelles contrariées de jeunes diplômées des Beaux-Arts”. *Genèses*, 122(1): 107-126.

HEBERT, Thibaut. 2018. “Les pratiques sociales de référence en questions. Le cas du football en éducation physique et sportive”. *Staps*, 120(2): 45-61.

JUSKOWIAK, Hugo. 2019. *Un pour mille, l’incertitude de la formation au métier de footballeur professionnel*. Cultures sportives. Arras: Artois Presses Université.

LAHIRE, Bernard. 1998. *L’homme pluriel: les ressorts de l’action*. Essais et recherches. Paris: Nathan.

LAHIRE, Bernard. 2001. *Le travail sociologique de Pierre Bourdieu: dettes et critiques*. Paris: La Découverte.

LAHIRE, Bernard. 2012. Ed. rev. e Aum. *Monde pluriel: penser l’unité des sciences sociales*. La couleur des idées. Paris: Édition du Seuil.

- LEFÈVRE, Nicolas. 2010. “Construction sociale du don et de la vocation de cycliste”. *Sociétés contemporaines*, 80(4): 47-71.
- LEITE LOPES, José Sergio e Jean-Pierre Faguer. 1994. “L’invention du style brésilien”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 103: 27-35.
- MOREAU, Gilles. 2022. *S’asseoir et se regarder passer: itinéraire(s) d’un sociologue de province*. Paris: La Dispute.
- NAZARETH, Cyril. 2014. “‘Faire quelque chose de bien dans le foot’: une stratégie familiale d’accès à l’espace du football professionnel français”. *Sciences sociales et sport* 7(1): 139-165.
- PAPIN, Bruno. 2007. *Conversion et reconversion des élites sportives: approche socio-historique de la gymnastique artistique et sportive*. Sports en société. Paris: L’Harmattan.
- PASQUALI, Paul. 2014. *Passer les frontières sociales: comment les filières d’élite entrouvrent leurs portes*. Paris: Fayard.
- PICHONNAZ, David e Kevin Toffel. 2021. “Pour une sociologie structurale du travail”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 240(5): 4-13.
- PREIRA, Pascal. 2019. *Durer dans le métier. La carrière des footballeurs français ordinaires émigrés en Grande-Bretagne*. Paris: EHESS.
- QUIJOUX, Maxime. 2015. *Bourdieu et le travail. Le sens social*. Rennes: PUR.

RASERA, Frédéric. 2012. “Le métier de footballeur. Les coulisses d’une excellence sportive”. Lyon: Université Lyon 2.

RASERA, Frédéric. 2016. *Des footballeurs au travail: au cœur d’un club professionnel*. L’ordre des choses. Marseille: Agone.

RASERA, Frédéric. 2022. “Des puissants effets de l’appartenance professionnelle sur la sociabilité amicale. Enquête auprès d’un collectif de footballeurs professionnels”. *Genèses*, 127(2): 83-104.

RODERICK, Martin. 2017. *The work of professional football: a labour of love?* New York: Routledge.

SCHOTTÉ, Manuel. 2013. “Le don, le génie et le talent : Critique de l’approche de Pierre-Michel Menger”. *Genèses*, 93(4): 144-164.

SCHOTTÉ, Manuel. 2022. *La valeur du footballeur: socio-histoire d’une production collective*. Culture et Société. Paris: CNRS Éditions.

SCHWARTZ, Olivier. 1993. “L’empirisme irréductible”. In: *Le hobo. Sociologie du sans-abri*. Paris: ..

SLIMANI, Hassen. 1997. “Les deux dimensions constitutives d’un capital sportif ‘à la française’: entre éducation et compétition. L’exemple de la formation professionnelle dans les clubs de football en France”. *Lendemain*, 88: 51-68.

SLIMANI, Hassen. 2000. “La professionnalisation du football français. Un modèle de dénégarion”. Tese de doutorado em Sociologia – Université de Nantes.

SLIMANI, Hassen. 2002. «Le système de formation des joueurs français ou la morale fédérale face à l'économie du football professionnel». In: *Panoramiques*, (pp 78-84).SUAUD, Charles. 1996. "Les états de la passion sportive. Espaces médiatiques et émotions". *Recherches en Communication*, 5: 29-45.

SUAUD, Charles e Manuel Schotté. 2016. "Les heureux hasards de l'habitus". *Savoir/Agir*, 38(4): 69-81.

THIN, Daniel. 1998. *Quartiers populaires: l'école et les familles*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.

TIA, Pierre-Cédric. 2019. "Les paradoxes de l'excellence. Enquête sociologique dans le footballariat hexagonal". Tese de doutorado em Sociologia – Paris: Université Paris-Saclay.

WACQUANT, Loïc. 2002. *Corps & âme: carnets ethnographiques d'un apprenti boxeur*. 2. ed. rev. e aum. Mémoires sociales. Marseille: Agone.

CAPÍTULO 5

Carreiras e trajetórias de futebolistas a partir da produção bibliográfica brasileira

Arlei Sander Damo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

INTRODUÇÃO

Estudar as carreiras de futebolistas significa abordar o futebol como um todo, já que suas performances estão no epicentro das atenções. As carreiras se entrelaçam com os circuitos de competição, agências privadas e estatais, legislações nacionais e internacionais, valores morais, emoções, *expertises* científicas, rendimentos corporais e assim por diante. As carreiras de futebolistas, que se originaram e se desenvolveram com a espetacularização do futebol e com o mercado de entretenimento, deram origem a carreiras conexas, nas áreas da medicina, do treinamento, do jornalismo, na produção de equipamentos, de gestão, entre muitas outras.

As trajetórias futebolísticas são acompanhadas com grande interesse do público aficionado; pouco tempo atrás, eram apenas os homens que suscitavam veneração e idolatria — por vezes as acu-

sações e insultos —, mas nas últimas décadas também as mulheres passaram a ser integradas a esse universo. Aliás, até há pouco tempo declinava-se o gênero de futebolistas no masculino — e o mesmo se aplica aos torcedores —, mas há mudanças em curso, e nossas abor-dagens precisam dar conta delas.

A maneira como temos estudado as carreiras futebolísticas não está desconectada do contexto mais amplo da sociedade brasileira. Ainda que o propósito deste texto seja bem específico, é preciso considerar que os estudos esportivos tiveram um início lento, nos idos da década de 1970, até se consolidarem ao longo das décadas de 1990 e 2000, em grande parte em razão do aumento de recursos destinados às universidades por governos progressistas, particularmente com Lula-Dilma. Estamos, pois, distantes do contexto inicial, quando um texto qualquer sobre futebol principiava pela queixa em relação à escassez de bibliografia e à existência de preconceitos em torno do tema.

Uma busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por exemplo, revelou mais de 3 mil trabalhos até 2024. Nessa profusão bibliográfica, o binômio carreira/trajetória aparece como um tema recorrente e consolidado, mas não se pode tratar dele sem um breve panorama acerca da emergência e da consolidação dos estudos esportivos no Brasil, o que farei na primeira parte deste ensaio. Na segunda, utilizarei dados quantitativos de teses para indicar as áreas de interesse sobre o futebol no contexto mais amplo da ciência brasileira, para, em seguida, abordar o tema das carreiras e trajetórias de futebolistas.

1. DA IDENTIDADE NACIONAL À DIVERSIDADE TEMÁTICA

O despertar das Ciências Sociais brasileiras para o tema do esporte encontrou resistências não muito diferentes de outros contextos (Bromberger 1998; Elias e Dunning 2008). A aversão à temática foi notória entre intelectuais de inspiração marxista, especialmente porque a América Latina era vítima de ditaduras sangrentas, e o futebol, usado como propaganda nacionalista. A ditadura militar implementada no Brasil em 1964 interferiu na organização das competições e fez do futebol seu projeto de integração nacional. A propaganda triunfalista, desencadeada após a conquista do tricampeonato no México, em 1970, coincidiu com o período mais intenso da repressão.

O futebol tornara-se popular desde as primeiras décadas do século XX, pouco depois de ter sido trazido da Inglaterra, e as transmissões radiofônicas, na década de 1930, e televisivas, na década de 1970, só aumentaram o gosto pela prática e pela fruição desse esporte. Os marxistas insistiam na natureza alienante do futebol, mas o conceito tinha seus limites. As etnografias urbanas que floresceram nas décadas de 1970 e 1980, desafiaram esse discurso *prêt-à-porter*. Isso também aconteceu com as festas populares — Carnaval, São João etc —, apresentações circenses, romarias religiosas e outros eventos que mobilizam as emoções das massas — o riso, o prazer e a devoção. Foi nesse contexto que surgiu a dissertação de Simoni Guedes (1977), considerada uma das primeiras obras acadêmicas sobre o futebol no Brasil.

Mas não se pode dizer que até então o futebol fosse alheio às formas discursivas mais elaboradas, para além da oralidade e da escrita

ordinárias que desde sempre se ocupam com as rotinas dos jogos. Havia uma variante, que poderia ser considerada a proto-história da produção acadêmica, caracterizada por uma variedade de contribuições de poetas e romancistas que, por motivos diversos, escreveram contos e poemas alusivos ao futebol. Também havia a crônica esportiva com características que se aproximavam da crítica literária, promovendo nexos entre os jogos e outras esferas da vida social. Questões de ordem moral sempre foram um combustível para tais narrativas, mas não menos importantes foram as diferenças culturais, que estão no cerne dos debates sobre identidade nacional, recorrentes desde que o Brasil passou a integrar os circuitos de competições transnacionais e, particularmente, depois da participação na Copa da França, em 1938.

Foi a partir das críticas à apropriação do futebol pela ditadura, formuladas por cronistas politicamente engajados, que as Ciências Sociais se voltaram para o debate sobre a identidade nacional. O tema tornou-se recorrente nas décadas de 1980 e 1990, período de instabilidade econômica que viu o florescimento de movimentos políticos e culturais. De outra perspectiva, pode-se dizer que a produção acadêmica se alterou com a crítica esportiva, agregando teorias e métodos acadêmicos ao debate. Textos clássicos como os de Huizinga e Callois, e à época contemporâneos, como Bourdieu e Hobsbawm, foram integrados a contribuições de autores proeminentes de diversas disciplinas. Nessa miscelânea bibliográfica, a coletânea *Universo do futebol* (DaMatta 1982) tornou-se uma espécie de denominador comum.

A tradução de *Quest for excitement*, de Elias e Dunning (2008), chegou ao Brasil em meados da década de 1990 e coincidiu com uma

mudança de foco temático da identidade nacional para outras formas de identificação, particularmente aquelas associadas ao clubismo. Inicialmente, foi a violência entre os grupos organizados que escalou à mídia e ensejou questionamentos mais profundos daqueles de senso comum, disseminados entre jornalistas especializados, dirigentes esportivos e as forças repressivas estatais. No caso brasileiro, a escalada dos confrontos foi gradual, a partir do aumento da quantidade de deslocamento dos grupos organizados, ao longo da década de 1970, cada viagem sendo uma ocasião singular para a realização de *performances* de masculinidade. Na década de 1990, quando o público nos estádios se recuperou após uma crise em meados da década anterior, a violência escalou ao nível do hooliganismo.

Paradoxalmente, a violência atuou como uma dupla ruptura epistemológica no emergente campo dos estudos esportivos. No âmbito das Ciências Sociais, particularmente para aqueles que consideravam o futebol um assunto frívolo, a violência espetacularizada de grupos juvenis tornou-se um problema social de difícil explicação por teorias convencionais. A realização de pesquisas empíricas surgiu como uma necessidade tangível nos campos mais radicais das Ciências Sociais, e outros temas foram introduzidos em torno do conflito e da violência. Além disso, as publicações que surgiram — e o papel da etnografia deve ser enfatizado, para além do espectro do campo antropológico — posicionaram-se como um contraponto à crônica esportiva, cuja tendência moralista buscava atribuir a violência a grupos marginais infiltrados.

Se o tema das identidades nunca perdeu sua relevância, outros galgaram espaço, seja sob a influência de debates extra-acadêmicos,

seja pela diversificação dos estudos esportivos. É o caso do tema das carreiras/trajetórias, impactado pelo processo de globalização da década de 1990. O fluxo de brasileiros para os mercados europeus remonta à década de 1930, mas foi na década de 1980 que esse tema entrou no debate. Entre os jogadores convocados para a Copa do Mundo de 1978, nenhum atuava em clube estrangeiro; foram dois em 1982 e 1986, e doze em 1990, tendência que se manteve desde então (Damo 2007, Rial 2008).

Ao fluxo de atletas correspondeu, em sentido inverso, o de imagens. O futebol brasileiro viu-se duplamente depreciado: pela queda na qualidade dos espetáculos em razão da migração dos atletas mais performáticos e de comparações desfavoráveis em relação aos circuitos europeus, sobretudo em termos de organização e infraestrutura. Incapazes de lidar com o assédio de clubes estrangeiros — não se deve perder de vista questões macroeconômicas, incluindo-se a disparidade da moeda brasileira —, os clubes passaram a investir na formação de jogadores, e rapidamente o Brasil se tornaria um dos principais fornecedores de “pés de obra” para o mercado europeu e, inclusive, para o asiático.

Até a década de 1990, a formação de atletas não era abordada de forma especializada. Os clubes profissionais dispunham de categorias de base, mas seu funcionamento era precário, com a reutilização de espaços, equipamentos e mesmo de pessoas. O recrutamento e o treinamento eram realizados por ex-profissionais cujas carreiras haviam sido pouco promissoras ou não tinham perspectiva de reconversão para fora do campo futebolístico. Por volta de 2000, a

realidade havia mudado, por conta dos efeitos do “Caso Bosman” e da Lei Pelé, promulgada em 1998, tendo ambos favorecido a livre circulação dos jogadores, com notável benefício para os atletas mais performáticos e uma cadeia de agenciadores que passaram a operar as transações, antes acordadas por dirigentes de clubes, não raro, de forma amadora.

Os jovens em formação tornaram-se uma espécie de mercadoria, e sua venda, uma das principais fontes de receita para os clubes brasileiros. Além dos agenciadores responsáveis pela intermediação dos contratos – em alguns casos, até da vida pessoal desses atletas –, consolidaram-se os centros de formação/treinamento. Os clubes que ainda não dispunham desses espaços trataram de edificá-los e/ou atualizá-los, equipando-os com aparelhos sofisticados, profissionais com diploma universitário, tecnologias de treinamento adaptadas e um circuito de competição local e nacional articulado ao recesso do calendário escolar, para as categorias até Sub-17, ou da equipe profissional. Tudo isso visava fornecer aos jovens as competências necessárias para um desempenho de alta *performance* e, por extensão, transformá-los em potenciais *commodities*. Embora a legislação brasileira impusesse certas restrições à exploração de menores – o Estatuto da Criança e do Adolescente fora criado em 1990 – a falta de fiscalização e o desejo dos garotos de se tornarem atletas de sucesso, muitas vezes sob pressão de suas famílias, contribuíram para o sucesso do empreendimento comercial.

As Ciências Sociais foram sensíveis à realidade, como atestam as diversas teses e dissertações sobre formação profissional, um dos

temas mais recorrentes desde os anos 2000. O fato de já termos um campo em vias de consolidação — com a publicação de artigos, GTs e diferentes eventos, teses/dissertações destacadas etc. — facilitou a consolidação da nova temática e mais do que em outros temas, talvez, tem havido um fluxo entre a produção no campo das Ciências Sociais — notadamente da Antropologia e da Sociologia — com áreas de educação, Educação Física, comunicação, entre outras (Spaggiari 2014; Souza *et al.* 2008).

A proliferação de temas acompanhou a expansão da pesquisa, com destaque para os megaeventos esportivos — a Copa do Mundo masculina de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 —, a partir dos quais se discutiu as atualizações nas infraestruturas, em especial dos estádios, e seus impactos no perfil do público e nas dinâmicas do espetáculo. Também adquiriu tração os trabalhos sobre futebol comunitário/de várzea; sobre a relação entre futebol e política, com foco particular nas intervenções estatais durante a ditadura militar de 1964-1985; sobre representações da brasilidade em crônicas esportivas, recorrentes nos campos da comunicação e da historiografia; e especialmente, na última década, sobre o futebol feminino — assunto que será retomado.

2. PRODUÇÃO EM GERAL E PRODUÇÃO SOBRE CARREIRAS E TRAJETÓRIAS

O florescimento e a diversificação da pesquisa em e sobre futebol no Brasil não se explica sem levar em conta a expansão da pós-graduação universitária iniciada na década de 1990, acompanhando o desenvolvimento das universidades privadas e a consequente

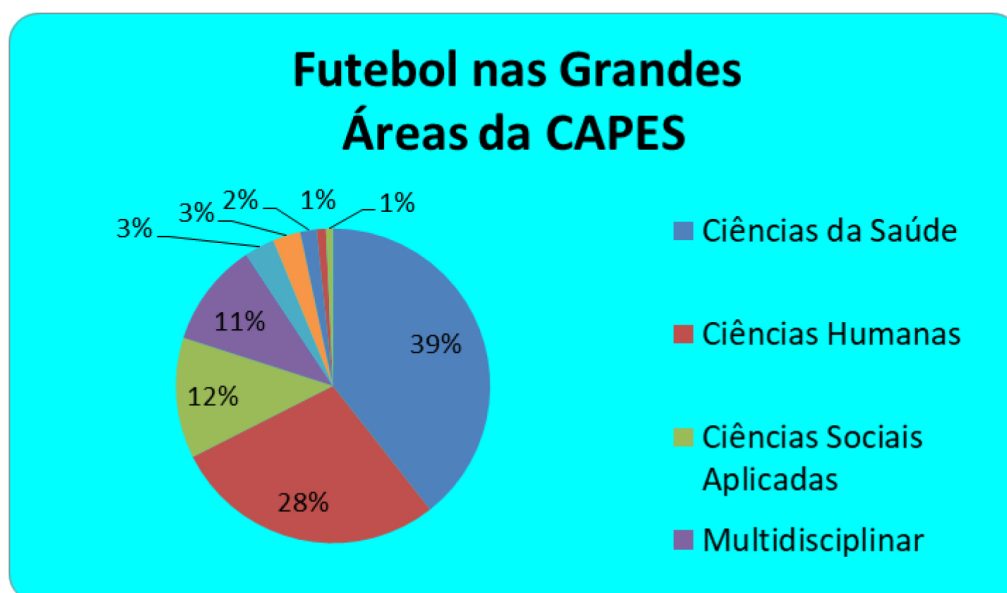
demanda por docentes. Todavia, é nas últimas duas décadas que a produção acadêmica sobre futebol dá um salto significativo, graças à aceleração do crescimento iniciado na década anterior, a partir do governo Lula, em especial durante seu segundo mandato (2007-2011), desta vez por conta da difusão das universidades públicas e dos recursos de financiamento à pesquisa.

Para corroborar algumas dessas afirmações, consulte o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes em meados de 2024. Digitando o termo “futebol” no sistema de buscas, retornaram 3.079 indicações, incluindo 603 teses de doutorado e 2.476 dissertações de mestrado. Trata-se de uma amostra, visto que essas produções geram artigos e livros. Outras produções, não relacionadas a dissertações e teses, não estão contempladas nesse acervo, pelo que o mesmo deve ser usado com cautela.

Para os fins desta apresentação, optei por trabalhar apenas com teses, por serem mais consistentes — ou, pelo menos, presume-se que sejam. A figura 1 (pág. seguinte) — *Teses sobre futebol produzidas no Brasil* — apresenta os dados quantitativos em ordem cronológica e confirma o início da produção na década de 1990.

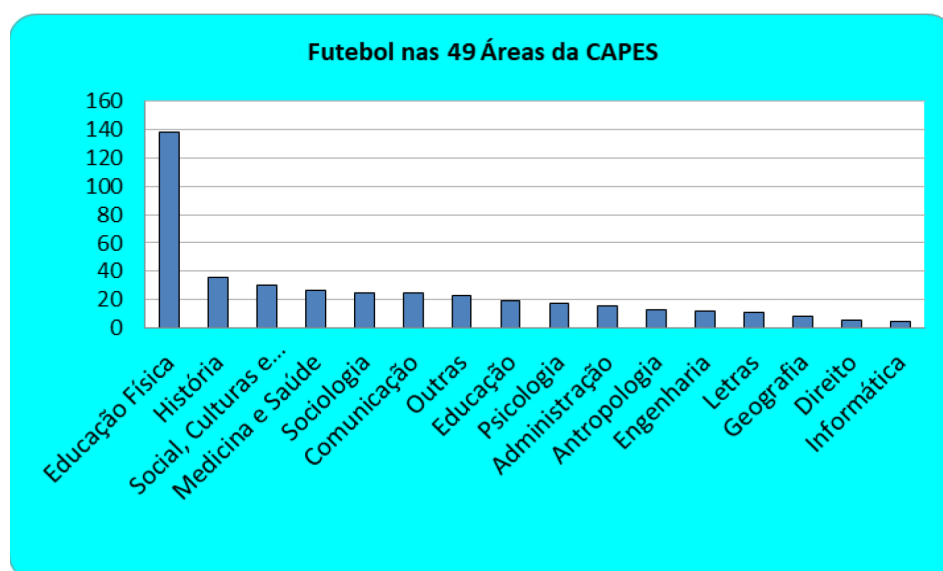


Observamos que a produção aumentou na década de 2000, com alguma intermitência, e seguiu a tendência de crescimento sob o impacto dos megaeventos esportivos no Brasil. Dada a duração mais alongada das teses, pode-se supor que tal impacto se estende para além da realização da Copa 2014 e dos Jogo Olímpicos 2016, razão pela qual a produção perfaz uma média superior a 40 teses entre 2016 e 2023, com picos em torno de 50 produções em 2018, 2021 e 2022. Para avaliar a distribuição dessa produção por áreas e subáreas do conhecimento, segui os parâmetros de classificação da Capes, que possui quatro subdivisões para fins de avaliação. A primeira delas, denominada Grande Área, possui nove divisões; em um segundo nível, há 49 áreas de tamanhos variados, nas quais Sociologia e Antropologia são separadas. As demais subdivisões não são relevantes para os fins desta análise.



A figura 2 — *Futebol nas Grandes Áreas da Capes* — mostra que as teses de doutorado sobre futebol se concentram nas ciências da saúde, seguidas pelas humanidades. As duas áreas combinadas representam 67% da produção. Na sequência vêm as Ciências Sociais Aplicadas e a área multidisciplinar. As demais áreas não são muito representativas.

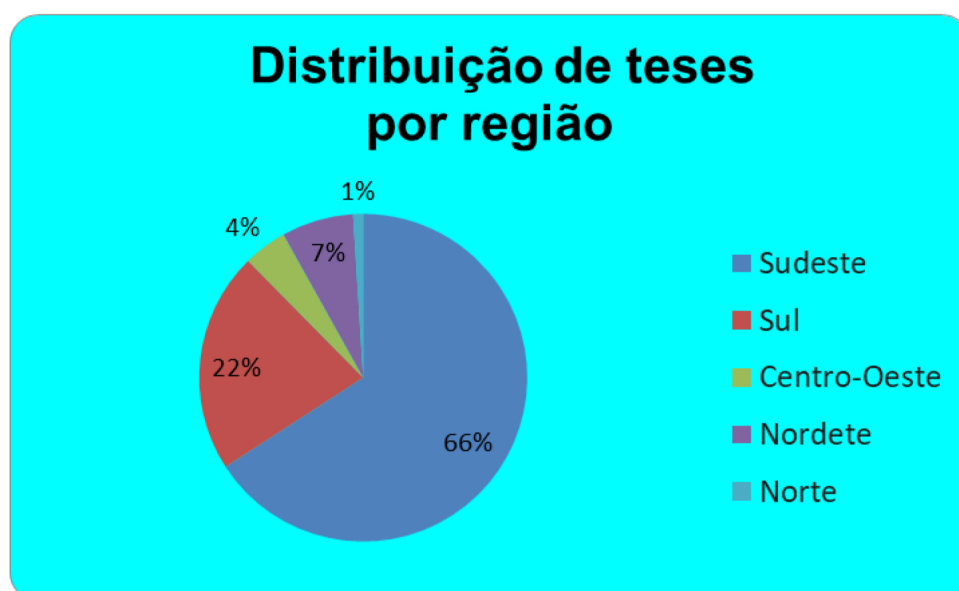
Uma amostra das 49 áreas, que constituem o segundo nível de segmentação, permite definir melhor a concentração da pesquisa sobre futebol, conforme a figura 3:



A área da Educação Física, que faz parte das ciências da saúde, se destaca com nitidez: o futebol é abordado sob diferentes ângulos, com particular interesse em temas mais próximos do treinamento de alta *performance*, fisiologia e biomecânica. Também merecem destaque as áreas de História, Sociologia e Antropologia, além de uma área híbrida denominada “Social, Culturas e Sociedade” — essa área

envolve perspectivas interdisciplinares com viés sociocultural, todas agrupadas sob a área de estudo Ciências Humanas. Por outro lado, as Ciências Econômicas pouco se interessam pelo futebol, em que pese a estimativa de que ele contribua com 0,72% do PIB brasileiro.

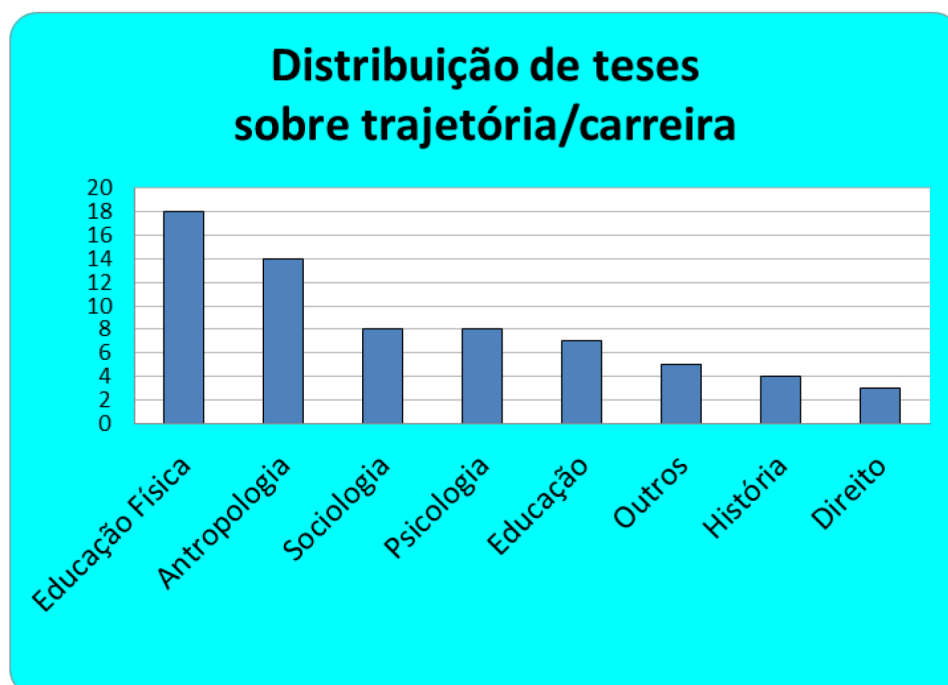
Por fim, cabe destacar que a produção de teses se concentra nas regiões Sudeste e Sul do Brasil. Esse número reflete, em certa medida, a concentração de instituições de ensino superior, em especial aquelas com maior tradição em pesquisa e maiores recursos para tal.



De fato, a Região Sudeste concentra 66% da produção de teses sobre futebol, superior à concentração demográfica (41,8% da população), econômica (52,3% do PIB) e de ensino superior (45,1% das matrículas). A concentração se aproxima dos indicadores relativos à elite do clubismo: 69,2% dos 13 maiores clubes brasileiros estão sediados na Região Sudeste, que também concentra 66,18% da

receita dos clubes das Séries A e B e 79% das preferências clubísticas nacionais de parte dos torcedores.

Em uma etapa subsequente, a busca no Catálogo de Teses e Dissertações foi realizada utilizando os verbetes “carreira”, “trajetória” e “profissão”, sempre acompanhados do termo “futebol”. Após selecionar os títulos resultantes da busca, eliminei repetições e excluí teses muito específicas, especialmente no amplo campo das ciências da saúde. Por fim, realizei uma espécie de “busca ativa” para localizar teses cuja existência conhecia, mas que haviam sido detectadas pelo “buscador” do Acervo Capes. Ao final desse procedimento, obtive 69 teses sobre o tema carreira/trajetória de jogadores de futebol, a mais longa concluída em 1997. Mais da metade das teses se concentram na última década: 23 teses defendidas entre 1997 e 2010; 35 entre 2011 e 2020; por fim, 11 entre 2021 e 2023.



Mais uma vez, a Educação Física ocupa um lugar destacado, mas não tanto quanto no gráfico anterior, com a Antropologia figurando na sequência. Considerando-se que esta última área possui dimensões reduzidas, fica evidenciado o que foi dito anteriormente acerca da importância atribuída à pesquisa sobre futebol na antropologia brasileira. É importante notar que 20% dessas teses se concentram no futebol feminino, tema que teve um desenvolvimento tardio, por volta de 2010, sendo que 60% das defesas foram realizadas depois de 2018. Dessas teses, 70% foram escritas por mulheres. Entre as demais teses, que não abordam explicitamente a questão de gênero, mas se concentram no futebol masculino, 78% foram escritas por homens. Não há espaço para considerações mais detalhadas a respeito, mas não custa dizer que é evidente a diferença de abordagem do tema carreiras/trajetórias considerando a questão de gênero. As teses sobre as carreiras masculinas, raramente dão ênfase a uma discussão de gênero, muito diferente das teses sobre as mulheres, cujo tratamento conceitual é mais consistente, com o suporte de literatura extraída de outros espaços de produção que não o esportivo, e também mais politizada. Em se tratando de marcadores sociais de diferenças, as teses sobre carreiras masculinas enfatizam muito as questões etária, de classe e, mais recentemente, de cor.

3. CARREIRAS E TRAJETÓRIAS SEGUNDO UMA ABORDAGEM QUALITATIVA

Antes de discutir o termo “trajetória”, conforme utilizado nas teses consultadas, cabe ressaltar que ele é amplamente aplicado para além

da pesquisa acadêmica no espectro esportivo, tanto com fins comerciais quanto memorialísticos, por intermédio da escrita de historiadores amadores e jornalistas. Há um nicho de mercado para esta modalidade de produção, com foco em atletas renomados que por vezes são alvo de várias produções, nem todas autorizadas, não muito diferente do que acontece no meio artístico. Em muitos casos, as biografias são uma estratégia de marketing visando a consolidação de uma marca, associada ao próprio atleta – Neymar teve a sua antes dos 30 anos; Messi, Cristiano Ronaldo e Beckham têm várias. Com a estrutura narrativa orientada para a promoção pessoal, tais narrativas apresentam escassa utilidade como fonte primária. Uma segunda variante do gênero envolve a pesquisa documental, com certificação de fontes e narrativas. Trata-se de uma variante que privilegia as carreiras consumadas, na maioria dos casos escritas após a morte dos jogadores, como no caso da célebre biografia de Garrincha, escrita por Ruy Castro (1995). Tais biografias visam um nicho de mercado mais exigente, um público que consome biografias como gênero literário, independentemente das especificidades das carreiras.

Já nas teses consultadas, o uso do termo trajetória e a biografia como estratégia metodológica seguem um padrão diferente, mas raramente encontramos uma discussão conceitual sobre trajetória, quanto menos sobre carreira. Em todo o caso, há exemplos de excelentes trabalhos nessa linha, como “A desaparecimento da “alegria do povo”, de José Sérgio Leite Lopes e Sylvain Maresca (1989). Embora não seja uma tese e, portanto, não esteja no acervo tomado como base analítica, trata-se de um ótimo exemplo do que considero o uso biográfico como estratégia contextual, afora o fato de ser citado

regulamente nas teses consultadas. Nesta mesma linha temos a tese “Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil”, de Ana Paula da Silva (2008), em cujo cerne encontra-se o debate sobre representações de raça/cor/etnia e as moralidades associadas, sendo a trajetória de Pelé uma espécie de *leitmotiv*.

Quanto às teses em que o termo trajetória é o foco central, elas se situam, em sua maioria, no campo da Antropologia. O conceito se baseia nas referências bibliográficas de Gilberto Velho, um dos representantes da antropologia urbana brasileira. Como Velho foi influenciado pelo interacionismo norte-americano, não é incomum que Howard Becker e Erving Goffmann, entre outros, também sejam citados. Nesse caso, a ênfase não está nos aspectos jurídicos e econômicos das carreiras, mas sim nos projetos e escolhas individuais, na micropolítica e na sociabilidade. Essas teses focam os dilemas individuais sem perder de vista o coletivo, muito presente também nas teses na área da Educação Física, que também desfruta desse referencial. Por sua vez, a historiografia parece ter evitado o conceito de trajetória, assim como a abordagem biográfica em geral, talvez por receio da crítica ao gênero amplamente disseminada no espectro da própria disciplina.

Os termos carreira e trajetória estão intimamente relacionados, pois ambos enfatizam a ideia de percurso. Contudo, quando o termo carreira é usado como sinônimo de profissão, deveria enfatizar, em alguma medida, a constituição do percurso em si, de como se tornou possível na atualidade uma pessoa se tornar famosa e milionária trabalhando com os pés, algo impensável há dois séculos. Neste caso

o foco seria os dispositivos, múltiplos e heterodoxos, acionados para viabilizar a carreira em si, como um percurso em que alguns contribuem na construção enquanto outros vão apenas percorrer — imagino o caso de Zico, Cerezo e outros atletas brasileiros que protagonizaram a profissionalização do futebol no Japão; pouco ou nada há de escrito sobre isso. Uma carreira consolidada inclui a possibilidade de remuneração, conformação às legislações trabalhistas, circuitos de competição, público aficionado, mecanismos de inclusão/exclusão e tantos outros dispositivos que vão bem além das habilidades corporais.

Dentro da divisão social mais ampla do trabalho intelectual, a Sociologia concebeu a questão das carreiras e/ou profissões com base em perspectivas muito diversas, que remontam clássicos da disciplina. De modo geral, a produção brasileira sobre as carreiras futebolísticas, inclusive no campo da Sociologia, não parece tão interessada em discussões clássicas sobre profissões e isso parece ter muito a ver com as dinâmicas do próprio campo. A autorrepresentação dos profissionais — especialmente os bem-sucedidos — aproxima-se mais do mundo artístico do que do industrial, comercial ou liberal. As diferenças de prestígio e renda são abissais e naturalizadas, não raro explicadas pelo dom. Sem uma atuação corporativa para além daquela exigida pela dinâmica do jogo, e talvez em razão das exigências extenuantes dessa rotina, os atletas raras vezes atuam de forma coordenada em busca de garantias trabalhistas ou pautas equivalentes. Trabalhos de inspiração marxista, que enfatizam organizações corporativistas e suas demandas, teriam dificuldade de lidar com esse cenário, em particular o brasileiro.

No futebol, as carreiras estão diretamente ligadas aos circuitos competitivos, pois são eles que efetivamente engajam o público, tanto em relação ao clubismo quanto ao nacionalismo (competições envolvendo representações nacionais). São os circuitos competitivos que desafiam as identificações coletivas proporcionadas pelos clubes, e é esse engajamento que, para citar Bromberger (1998), dá “sabor e significado” a um jogo prosaico realizado com os pés. Ressalto a importância dos circuitos porque eles nos ajudam a compreender as diferenças de carreira com base no gênero, sendo a “profissionalização” uma bandeira de luta para as mulheres, algo ausente no caso da profissionalização masculina, no bojo da qual sobressai o embate com o amadorismo – ou será que essa narrativa deva ser revisada?

Na Europa e na América do Sul, a profissionalização masculina se efetivou na década de 1930, a partir de acordos entre clubes e ligas. A literatura brasileira tem examinado criticamente a relevância de uma cronologia baseada em marcos legais e o fato de que a possibilidade de remuneração não alcançava todos os jogadores. Em geral, os ganhos eram circunscritos a algumas dezenas de clubes – e tão baixos, que apenas egressos das classes trabalhadoras foram atraídos pelo profissionalismo. Mesmo as estrelas da época raramente conseguiam acumular dinheiro durante a carreira para a aposentadoria precoce, e por conta disso recebiam empregos públicos como prêmios, como na Copa do Mundo de 1958. Durante minha tese, realizei um estudo com pré-adolescentes em escolas de Porto Alegre (Damo 2005). Os resultados mostraram que a carreira de futebolista para homens ainda era estigmatizada entre as classes altas, provavelmen-

te por permanecer associada às classes populares – quanto às mulheres, esta era uma questão sem sentido há duas décadas.

A literatura brasileira enfatiza fortemente o papel de jogadores oriundos das classes trabalhadoras na transformação de jogo em espetáculo e mostra que alguns desses atletas alcançaram o *status* de representantes da nação. No entanto, essa mesma literatura tem dado pouca atenção à questão de gênero e ao fato de que, em 1941, foi editado um decreto federal proibindo a organização de competições femininas de futebol no Brasil (Bonfim 2019). Embora os textos mostrem que a proibição não pôs fim à prática, ela dificultou a formação de circuitos competitivos, impedindo às mulheres o direito à representação de coletividades, clubísticas e nacionais.

Se considerarmos que o futebol de espetáculo é, em boa medida, uma performance de representação e, particularmente, de representação política, pois exercida por atletas remunerados em favor de comunidades às quais os times pertencem, temos a exata dimensão do que implicou a restrição encetada pelo Estado Novo na década de 1940. Ademais, as carreiras masculinas se beneficiaram da infraestrutura fornecida pelo Estado, incluindo estádios monumentais erguidos para o espetáculo do futebol que, por extensão, reafirmaram os homens como representantes legítimos das associações coletivas. A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em vigor desde 1943, já previa o reconhecimento pela Justiça do Trabalho dos contratos firmados entre clubes e atletas, embora a regulamentação específica só tenha surgido em 1976.

Outro marco legal importante para as carreiras foi a criação da Lei 9.615 (Brasil 1998), conhecida como Lei Pelé, que reconfigurou o

formato dos contratos após o impacto do “Caso Bosman” na Europa. Curiosamente, essa lei tem destaque nas teses sobre carreiras masculinas, mas raramente nas femininas, pois à época raras mulheres possuíam um contrato de trabalho profissional e tampouco eram consideradas *commodities*. Os centros de formação, referidos há pouco como estratégia econômica dos clubes, não previam sua utilização pelas mulheres e só recentemente surgem dissertações e teses enfocando tais aspectos. De fato, a Lei Pelé trouxe poucos benefícios para os profissionais da base da pirâmide. Não há mais clubes ou competições do que havia três décadas atrás, embora tenha havido um aumento exponencial no fluxo de recursos acumulados pelos profissionais, no auge de algumas carreiras, que estão no topo da pirâmide. Também não há mais atletas profissionais em atividade no Brasil, embora a nova regulamentação tenha beneficiado a circulação, tanto nacional quanto internacionalmente.

No caso do futebol de mulheres, a literatura tem destacado as lutas travadas no final da década de 1970 para revogar o decreto misógino de 1941 (Costa 2017). A profissionalização foi regulamentada na década seguinte, mas o progresso nas três décadas subsequentes foi lento e intermitente, marcado pelo desdém dos clubes tradicionais. Não é por acaso que o time de maior destaque na década de 1980 foi o Radar, sem tradição futebolística no circuito masculino (Almeida 2013). Ao longo da década de 1990, houve tentativas de promover o futebol de mulheres apelando à sensualização dos corpos. A revista *Placar*, publicação mais influente do futebol na época, editada por homens e voltada para um público masculino, come-

çou a exibir jogadoras com trajes e trejeitos sensuais (Haag 2023). Os uniformes chegaram a ser redesenhados para ressaltar os corpos, mas a estratégia acabou se mostrando ineficaz junto ao público. Além de criticada pelos setores mais progressistas da sociedade brasileira, encontrou forte resistência de jogadoras que desejavam reconhecimento e valorização de suas *performances* atléticas (Pisani 2012, Souza Júnior 2013).

A criação da Copa do Mundo Feminina, em 1991, ajudou a dar visibilidade e legitimidade à representação nacional feminina. No entanto, é a recente pressão exercida pela FIFA sobre as federações e confederações, e destas sobre os clubes, que tem dado novo impulso à carreira. Trata-se de uma política privada que tem tido impacto concreto na consolidação das competições em níveis nacional e continental, com contratos mais longos e salários mais altos. O novo cenário ainda é demasiado recente para avaliações definitivas, mas é inegavelmente uma conquista notável (Almeida 2019).

Embora as jogadoras de futebol estejam apenas começando a vislumbrar a possibilidade de autonomia financeira, pelo menos aquelas de clubes que participam dos circuitos gerados pelas políticas privadas em questão, sabe-se que suas rendas ainda estão muito aquém dos homens. Essa situação não é exclusiva do Brasil, embora tenha se normalizado devido à longa tradição de desigualdade. De certa forma, a carreira esportiva parece ser concebida como uma carreira artística, um campo em que as diferenças são exorbitantes e as lutas por igualdade permanecem frágeis. Mesmo sendo um esporte coletivo, algo que futebolistas reafirmam tautologicamente no dia a dia, essa percepção parece limitada ao desempenho em campo.

Quando se pensa em trajetórias, um viés individualista e meritocrático se impõe e acaba normalizando o sucesso e o fracasso, mesmo que este último possa ser justificado pelas ações de outros.

PERSPECTIVAS

Não haveria mais de 600 teses sobre futebol se não fosse o forte crescimento dos programas de pós-graduação no Brasil, que se deve ao aumento de recursos para a produção científica durante governos progressistas. O país sofreu reveses políticos e eleitorais recentes, mas conseguimos manter as estruturas. No entanto, o cenário não é totalmente promissor, nem para as humanidades, nem para as demais áreas que se relacionam conosco.

Se olharmos para a dinâmica interna do campo de estudos esportivos e, particularmente, do futebol, deve-se notar o aumento do interesse por modalidades menos visadas pela mídia, como os circuitos comunitário/varzeano, indígena, LGBTQIAPN+, adaptado a pessoas com deficiência, entre outras. O futebol de mulheres está em fase de transição; deixou de ser um *outsider* e está atraindo pesquisas que antes se limitavam ao futebol masculino, a saber: fluxo de dinheiro, treinamento e alta *performance*, disputas internas, mercantilização, carreiras midiáticas etc. Certos marcadores antes normalizados estão sendo repensados pela academia, incluindo cronologias e a relação entre políticas públicas e privadas.

Não quero concluir esta apresentação de forma populista, enaltecendo as carreiras no futebol por terem permitido que pessoas

egressas das classes populares adquirissem visibilidade, prestígio e a legitimidade de serem representantes da nação e/ou dos clubes. É inegável que essas trajetórias são fruto de lutas dentro e fora de campo, mas agora precisamos olhar para o futuro e destacar os pontos onde os obstáculos persistem. Nesta perspectiva, é urgente refletir sobre as carreiras de treinadoras com igual ou maior interesse que as de atletas, tanto para homens quanto para mulheres. A escassez de mulheres treinando equipes femininas pode ser apenas um fato circunstancial, que em breve será superado. Caso contrário, exigirá explicações mais aprofundadas, baseadas na comparação e no contraste entre o campo esportivo e outros espaços. O mesmo vale para a trajetória dos treinadores negros que surgiram na última década e foram ofuscados pela importação de argentinos e portugueses, todos brancos, no que parece ser um movimento não orquestrado de dirigentes de clubes, apoiado pelo discurso midiático e até pelos torcedores, que merece uma longa e profunda investigação.

Mesmo com alguns percalços no financiamento à pesquisa, temos alcançado resultados promissores. A produção brasileira é qualificada, embora careça de reconhecimento internacional. Superamos resistências e criamos espaços férteis de diálogo e debate, compartilhando repertórios teóricos e metodológicos capazes de gerar pesquisas originais que abriram novos horizontes para se pensar o futebol. Quaisquer que sejam esses horizontes, o tema das carreiras/trajetórias haverá de se manter relevante e mesmo essencial, sobretudo se pudermos expandir o diálogo e aprimorar a perspectiva comparativa, seja ela histórica/geracional, nacional, de gênero e, sobretudo, para além do espectro do futebol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Caroline. 2013. “*Boas de bola*”: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

ALMEIDA, Caroline. 2019. “O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil”. *FuLiA/UFMG*, 4(1): 72-87.

BONFIM, Aira. 2019. *Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. Dissertação de Mestrado em História, Política e Bens Culturais – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas.

BRASIL. Presidência da República. *Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998*. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9615consol.htm.

BROMBERGER, Christian. 1998. *Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde*. Paris: Bayard.

CASTRO, Ruy. 1995. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras.

COSTA, Leda. 2017. “O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980”. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, (13): 493-507.

DAMATTA, Roberto. 1982. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

DAMO, Arlei. 2005. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de Doutorado em Antropologia Social – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DAMO, Arlei. 2007. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec.

DAMO, Arlei. 2021. “Dos grounds às arenas – as quatro gerações de estádios brasileiros em perspectiva antropológica”. *Museologia e Patrimônio – revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*, 14(1): 212-246.

ELIAS, Norbert e Eric Dunning. 2008. *Quest for excitement: sport and leisure in the Civilising Process*. Dublin: University College Dublin Press.

GIGLIO, Sérgio e Enrico Spaggiari. 2010. “A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009)”. *Revista de História*, São Paulo, jul./dez., (163): 293-350.

GUEDES, Simoni. 1977. *O futebol brasileiro: instituição zero*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – Museu Nacional/PPGAS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

HAAG, Fernanda. 2023. “O futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele”: o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil

(1983-2023). Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

LEITE LOPES, José Sergio e Sylvain Maresca. 1989. “La disparition de la ‘joie du peuple’. Notes sur la mort d’un joueur de football célèbre”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 79 : 21-36.

PISANI, Mariane. 2012. *Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – Centro de Filosofia e Ciências Humanas de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina.

RIAL, Carmen. 2008. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”. *Horizontes Antropológicos*, 14(30): 21-65.

SILVA, Ana Paula. 2008. *Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil*. 229f. Tese de Doutorado em Antropologia – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de, Alexandre Fernández Vaz, Tia-go Lisboa Bartholo e Antonio Jorge Gonçalves Soares. 2008. “Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros”. In: *Horizontes Antropológicos*, 30(14): 85-111. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200004>.

SOUZA JÚNIOR, Osmar. 2013. *Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade*. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

SPAGGIARI, Enrico. 2014. *Família joga bola: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana*. Tese de Doutorado em Antropologia Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

TOLEDO, Luiz Henrique de. 1996. *Torcidas organizadas*. Campinas: Autores Associados.

CAPÍTULO 6

Os torcedores de futebol sob o olhar das Ciências Sociais: um balanço dos estudos franceses e algumas perspectivas de pesquisa

Ludovic Lestrelín

Université de Caen Normandie, França

Apesar de as competições de futebol representarem um fato social de massa, estarem inseridas na temporalidade das sociedades contemporâneas, atraírem grandes públicos e despertarem grandes entusiasmos (mensuráveis pela presença nos estádios e pela audiência televisiva), o estado das pesquisas francesas sobre os torcedores ainda se assemelhava, no início dos anos 1980, a uma vasta *terra incognita*. Alguns pesquisadores começaram então a se dedicar ao tema, entre eles os sociólogos Alain Ehrenberg e Patrick Mignon, bem como o antropólogo Christian Bromberger. Este último reuniu uma equipe de especialistas em antropologia urbana para conduzir, na segunda metade dos anos 1980, a primeira investigação de campo ambiciosa, que resultou, em 1995, na publicação do livro *Le match de football*, ponto de partida efetivo dos estudos sobre torcedores na França. Diversas gerações de pesquisadoras e pesquisadores — das

quais faço parte — puderam apoiar-se nas fundações lançadas por esses três pioneiros para implementar seus próprios programas de estudo. Assim, ao longo de três décadas, o conhecimento sobre os torcedores e o “torcedorismo” — neologismo que designa o apoio a uma equipe ou atleta, expresso em um contexto de sociabilidade mais ou menos organizada — foi significativamente ampliado. A tal ponto que, recentemente, foi publicado o primeiro trabalho de síntese sobre as formas de apoio expressas em torno do espetáculo esportivo (Lestrelin 2022). Este texto tem por objetivo descrever as condições de surgimento da pesquisa sobre torcedores na França, fazer um balanço dos estudos realizados até o momento e apontar perspectivas de trabalho, incentivando abordagens desse tema com rigor a ambição científica.¹ Pois se o estudo dos torcedores de futebol levanta questões específicas desse universo social, esse campo também constitui uma porta de entrada pertinente para discutir questões sociológicas fundamentais.

I. O SURGIMENTO DAS PESQUISAS SOBRE TORCEDORES NA FRANÇA

Na maioria dos países europeus, o surgimento da pesquisa em Ciências Sociais sobre torcedores está ligado à classificação desse

1 Gostaria de agradecer ao INCT Futebol e aos organizadores do colóquio (do qual este texto é fruto) “Les sciences sociales face au football: échanges et perspectives franco-brésiliens”, realizado em Paris em dezembro de 2024, por terem reunido as condições para um diálogo, ainda demasiado raro, entre pesquisadores franceses e brasileiros.

grupo como “população-problema” na agenda política. De fato, as competições de futebol foram marcadas, nas décadas de 1970 e 1980, por episódios de violência que estimularam a demanda por conhecimento especializado. A tragédia de Heysel, ocorrida em 29 de maio de 1985, durante a final da Copa dos Campeões Europeus entre o Juventus de Turim e o Liverpool FC, representa, nesse contexto, um ponto de inflexão. O saldo trágico (trinta e nove mortos e seiscentos feridos), a transmissão ao vivo pela televisão e a presença nos lares o tornaram um evento a partir do qual a questão do “hooliganismo” passou a ser formulada fora de seu espaço geográfico original, o Reino Unido.² Foi o que aconteceu na França, que na época enfrentava incidentes de menor escala, localizados em torno de alguns clubes (como o Paris Saint-Germain), mas que também assistia ao surgimento dos primeiros grupos de torcedores autodenominados “ultras”. Inspirados no exemplo italiano, esses grupos valorizavam uma forma de radicalidade que preocupava as autoridades. O tema passou, então,

2 Emprego aspas para o termo “hooliganismo”, porque o conceito é alvo de críticas por parte de pesquisadores europeus, sendo a principal delas o fato de se tratar de um termo “guarda-chuva”, que alimenta a ideia de um fenômeno homogêneo e cria a ilusão de uma continuidade entre comportamentos de natureza e gravidade bastante distintas. Outra dificuldade associada ao uso do termo é que ele tende a deslocar o foco para o tipo de indivíduos envolvidos nos distúrbios, em detrimento dos fatores estruturais e ambientais nos quais esses comportamentos ocorrem (qualidade das infraestruturas, ordenamento dos espaços, preparo e treinamento das forças de segurança na gestão de multidões em eventos esportivos, entre outros), apesar de esses aspectos desempenharem, com frequência, um papel decisivo na ocorrência dos incidentes.

a chamar a atenção de dirigentes esportivos e políticos. Ele também suscita o interesse dos pesquisadores.

1.1. “A RAIVA DE APARECER”: *HOOLIGANS*, SINTOMAS DAS TRANSFORMAÇÕES DO INDIVIDUALISMO

Autor de uma tese de Sociologia defendida em 1978, Alain Ehrenberg interessou-se inicialmente pelo mundo do esporte enquanto espaço de construção da masculinidade viril. Posteriormente, transformou-o em um observatório das mudanças de sensibilidades, como a ascensão do espírito empreendedor e dos valores de competição e concorrência na sociedade francesa das décadas de 1970 e 1980. Foi nesse contexto que ele formulou, na França, a primeira interpretação coerente do hooliganismo, relacionando-o a uma reflexão sobre as transformações do individualismo, ou seja, o valor atribuído à liberdade e à igualdade de cada indivíduo (Ehrenberg 1991). Nesse sentido, o pós-Segunda Guerra Mundial, caracterizado por forte crescimento econômico, melhoria das condições de vida e prolongamento da escolarização, marcaria uma inflexão rumo a uma aspiração coletiva à autonomia, como evidenciam os movimentos de emancipação dos anos 1960 e 1970. Mais do que um valor, a autonomia se tornaria uma expectativa normativa, no sentido de que cada indivíduo seria convocado a se tornar autor da própria existência. Se, para Alain Ehrenberg, o epicentro dessa mudança está na esfera do trabalho (lugar de forte exigência de engajamento subjetivo e iniciativa), o universo esportivo também manifestaria essas transformações.

Assim, mesmo sem se basear em pesquisas de primeira mão, Alain Ehrenberg argumenta que os *hooligans* são *outsiders* destinados a ocupar postos subalternos e permanecer no anonimato. Ele não faz do pertencimento de classe um elemento central. Esses homens ilustrariam sobretudo uma juventude vulnerável, capturada pelas contradições da sociedade de consumo e do universo empresarial, que exalta o desempenho, o mérito individual e a visibilidade. Em suma, o hooliganismo seria um individualismo dos excluídos, alimentado pela “raiva de aparecer”. Afinal, não é tanto a violência em si, mas a possibilidade de ser homem e de se tornar alguém que estaria no centro da atividade dos *hooligans*, que teriam interiorizado o imperativo de se destacar, e ser protagonista da própria vida. A violência é, assim, vista como uma forma eficaz de espetacularização da conduta.

1.2. A PARTIDA DE FUTEBOL COMO RITUAL URBANO

Christian Bromberger segue outra orientação e, de fato, a questão da violência física ocupa pouco espaço em seu trabalho. A jornada intelectual que culminaria com a publicação do livro *Le match de football*, em 1995, começou cerca de dez anos antes, a partir de um edital de pesquisa lançado pelo Ministério da Cultura. Instigado pela criação, em torno do Olympique de Marseille (OM), de grupos de torcedores que se autodenominavam “ultras”, Bromberger lançou, com Alain Hayot e Jean-Marc Mariottini, um programa de pesquisa sobre as modalidades e os significados do entusiasmo popular pelo

futebol na região do Mediterrâneo norte-ocidental.³ O estudo previa a comparação entre as cidades de Marselha, Nápoles e Turim (que abriga dois clubes de alto desempenho: Juventus e Torino).⁴

Christian Bromberger demonstra como o futebol ocupa um lugar central no surgimento e na realização de grandes rituais espetaculares. Os clubes estão inseridos no tecido e no imaginário urbanos, expressando a forma como os habitantes se percebem e se descrevem. A composição social dos estádios, os modos de apropriação desses espaços e os vínculos de sociabilidade gerados por essa paixão comum são examinados. A pesquisa se estende aos bares e cafés, aos espaços públicos ocupados pelas multidões e às sedes das associações de torcedores, que funcionam como casas de bairro e representam células básicas da sociabilidade masculina urbana. Para os torcedores, o pré-jogo, o jogo e o pós-jogo seguem um esquema rítmico relativamente fixo, modulado pela importância de cada partida, que marca o tempo: semanas, meses, anos. Ir ao estádio faz parte do processo de socialização com a cidade e essa experiência constrói hábitos sólidos: preparativos, rotas, meios de transporte utilizados, pontos de encontro etc. Em Marselha, a frequência ao estádio pode ser interpretada, para muitos imigrantes, como um rito de integração à sociedade e à cidadania locais. Durante os jogos, o

3 É em Marselha que se forma o primeiro grupo francês de torcedores fundado no modelo “ultra”. Trata-se do Commando Ultra, criado em 1984. No ano seguinte, surgem os Boulogne Boys, em Paris.

4 O sociólogo italiano Alessandro Dal Lago (1990) realiza, no mesmo período, um trabalho com objetivos semelhantes em Milão, Bérgamo e Turim. O trabalho conduzido por Roberto DaMatta no Brasil, traduzido para o francês (1982), também é uma fonte de inspiração.

sentimento de comunidade, diluído no cotidiano, torna-se palpável. Gestos, palavras e práticas expressam essa transformação efêmera das relações sociais. Nas grandes vitórias, esse sentimento se corporifica e transborda para o espaço urbano por meio de festas que invadem as ruas, alcançando toda a população da cidade, inclusive aqueles menos interessados ou mesmo hostis ao futebol.

1.3 RECORRER À HISTÓRIA SOCIAL, ECONÔMICA E POLÍTICA PARA ESTUDAR A “SOCIEDADE DO SÁBADO”

Tendo construído sua carreira fora do meio universitário (primeiro como pesquisador independente, depois como diretor, por vários anos, do laboratório de Sociologia vinculado ao Ministério dos Esportes), Patrick Mignon se interessa pelo espetáculo do futebol (que ele chama de “sociedade do sábado”), dando continuidade a seus primeiros trabalhos sobre culturas juvenis, o que o torna leitor dos sociólogos ingleses (especialmente dos autores vinculados ao campo dos *cultural studies*). Sua ambição é resumida nos seguintes termos, na introdução do livro *La passion du football*, publicado alguns meses antes da Copa do Mundo de 1998, organizada na França: “Compreender tanto a universalidade da paixão pelo futebol quanto as diferenças de intensidade e de significado dessa paixão”, tendo como “linha mestra [...] a questão do público, espectadores e torcedores” (Mignon 1998: 8-9).⁵

5 Esse livro reúne análises publicadas em diversos veículos desde o início da década de 1990.

Para isso, Patrick Mignon realiza um estudo comparativo entre os casos francês e britânico, recorrendo à história social, econômica e política. Ele revela, assim, dois modelos bastante distintos de desenvolvimento de uma cultura futebolística. Na Inglaterra, o futebol rapidamente se torna um espetáculo comercial, disputado por jogadores profissionais que vestem as cores de clubes vinculados a uma comunidade territorializada (um bairro, uma pequena cidade, uma paróquia, uma empresa). Ser torcedor, nesse contexto, tem um significado social, entre pertencimento de classe e pertencimento local. Isso não se verifica na França, ou ao menos em grau muito menor, com exceção de algumas cidades como Marselha, Saint-Étienne ou Lens. Fundado em 1970, o Paris-Saint-Germain (PSG) ilustra a lenta e difícil construção de uma “cultura futebolística” em Paris, enfrentando, inicialmente, a indiferença e mesmo o desdém de intelectuais e políticos. O “terreno” parisiense acumula, aliás, certos obstáculos: uma menor concentração operária e uma lealdade frágil à equipe local, em razão da forte presença de interioranos “subidos à capital” para trabalhar ou estudar, mas cujas raízes permanecem em outras regiões. Nos anos 1980, a formação no Parc des Princes (estádio do PSG) de grupos de torcedores, dos quais uma parte provocava incidentes, leva Patrick Mignon a abordar a violência, comparando novamente o que ocorre na Inglaterra e na França. Apoiado em pesquisadores britânicos, ele desempenha o papel de intermediário com o público francês, expondo especialmente o contexto de surgimento do hooliganismo inglês (a desestruturação das comunidades operárias sob o impacto das políticas de urbanismo e

das transformações no mundo do trabalho). Por isso, as estratégias de pacificação adotadas nos estádios ingleses a partir dos anos 1990 chamam sua atenção. Ele documenta a transformação dos torcedores em consumidores e a marginalização do espectador economicamente excluído, devido ao aumento do preço dos ingressos. Nesse sentido, seu trabalho se encerra com a análise da racionalização econômica do futebol e de seus efeitos sobre o público, processo que, posteriormente, se intensificará e se espalhará para outros países europeus.

II. UMA DINÂMICA DE PESQUISAS, UM INÍCIO DE RECONHECIMENTO ACADÊMICO

No final da década de 1990, três livros se tornaram referência na França para as pesquisas em Ciências Sociais sobre os torcedores.⁶ A organização da Copa do Mundo de 1998 e o entusiasmo coletivo gerado pelo sucesso da seleção nacional no torneio (é necessário lembrar quem foi o outro finalista?) despertaram um maior interesse dos intelectuais pelo futebol. Pesquisas sobre temas variados passaram a ser desenvolvidas em diferentes universidades, especialmente naquelas próximas a clubes que despertam grande paixão local, como em Saint-Étienne (Charroin 1992),⁷ Nantes (Faure e

6 É preciso acrescentar a obra de Elias e Dunning, traduzida para o francês em 1994. Resultado de uma longa investigação realizada com torcedores extremos na França e na Europa, o livro do jornalista Philippe Broussard, *Génération supporter*, publicado em 1990, também figurava nessa época entre as referências indispensáveis sobre o tema.

7 Pascal Charroin defendeu, em 1993, a primeira tese de doutorado sobre torcedores de futebol.

Suaud 1999), Lens (Demazière *et al.* 1999, Nuytens 2004) e Bordeaux (Hourcade 1998, Smith 2001).

Quais aspectos são estudados? Em vez de apresentar uma restituição cronológica exaustiva, tarefa illusória e tediosa, proponho destacar algumas grandes temáticas abordadas. A primeira está ligada a uma sociologia do engajamento, inspirada em sociólogos interacionistas, com ênfase especial no conceito de carreira. Essa abordagem se justifica, porque os pesquisadores se interessaram muito por uma forma específica e minoritária de torcer, a que envolve criar ou integrar um grupo organizado. Duas perguntas-chave se impõem: quem são os indivíduos que compõem esses grupos e quais são as trajetórias que os conduzem a essas coletividades? Isso permite conexões com estudos sobre a ação coletiva e o ingresso em organizações, levando a investigar a influência da socialização familiar e de amigos, as condições de acesso aos grupos e suas lógicas de recrutamento, a permanência no tempo e a continuidade do papel de torcedor, bem como as desistências e o *turnover*.⁸

Na continuidade dessas pesquisas, também foram estudadas as formas visíveis de apoio: as práticas realizadas nos estádios, as regras e os costumes que orientam os comportamentos e influenciam a ocupação das arquibancadas. O foco recai, assim, sobre a eferescência coletiva, e os esforços dos pesquisadores se concentram nos coletivos de torcedores ultras, que, a partir do final da década de 1980, passam a ser os principais responsáveis por criar a atmosfera

8 Para uma síntese sobre esses aspectos, veja: Lestrelin (2015).

dos estádios franceses. Agindo de forma autônoma — ao contrário das associações “oficiais”, mais antigas, que visavam sobretudo ajudar o bom funcionamento do clube —, os ultras se tornam protagonistas por meio de suas coreografias e de uma intensa participação vocal e corporal, modificando profundamente a configuração dos estádios. Eles se apropriaram das arquibancadas atrás dos gols como territórios exclusivos, onde instituíram suas próprias regras e modos específicos de ser e agir, transformando esses setores (que até os anos 1970 não tinham tal função) em emblemas do torcedorismo. Seus comportamentos foram objeto de análises que tentavam compreender sua complexidade e sua ambivalência: a disciplina e o rigor convivem com a valorização da festa, do humor, da desordem, do excesso, às vezes por meio do uso de álcool ou drogas (Bromberger 1988, Wittersheim 2014, Lestrelin 2020).

O estudo do surgimento do torcedorismo ultra tornou-se uma linha de pesquisa amplamente desenvolvida na França (Hourcade 2003). Destacou-se rapidamente a dimensão juvenil desse tipo de apoio aos clubes de futebol. De fato, praticamente todos os membros desses coletivos têm entre 15 e 35 anos. O crescimento do movimento ultra foi visto como um bom observatório da autonomização da juventude (Hourcade 2004). É nesse momento que se analisa a função socializadora do torcedorismo. Para indivíduos muito jovens, integrar um grupo desse tipo pode ser uma oportunidade de se envolver em diversas atividades (escrever no jornal interno, administrar o *site* do grupo, desenhar standartes e bandeiras) e até de adquirir competências (coordenar a montagem das coreografias nas arquibanca-

das, organizar viagens para jogos, interagir com dirigentes do clube ou com a mídia). Estruturados em torno de uma sede associativa, os grupos desenvolvem uma intensa vida coletiva fora dos jogos (*shows*, refeições, festas etc.). Para além do aspecto festivo, o grupo tem um papel de integração, funcionando como espaço de solidariedade, em que a amizade é um elemento essencial. O torcedorismo atua, assim, como um “espaço intermediário”, uma zona de proteção frente ao mundo externo, dentro da qual jovens homens constroem sua identidade organizando-se de maneira autônoma, assumindo responsabilidades, realizando projetos compartilhados e elaborando novas formas de se relacionar com as instituições e a cidadania.

Como a imensa maioria dos ultras é composta por homens, a participação no torcedorismo também levanta questões sobre a afirmação da masculinidade. No entanto, essa dimensão só começou a ser estudada a partir dos anos 2000, já que os pesquisadores que trabalham com o tema, na França, são majoritariamente homens. Em 2007, uma jovem socióloga afirmou que “a literatura científica [...] quase sempre é cega às questões de gênero” (Guyon 2007: 81). Buscando preencher essa lacuna, seu estudo sobre os ultras do AJ Auxerre mostra que esse estilo de torcedorismo, que envolve o corpo, é uma performance masculina. Altamente generificada, a sociabilidade nas arquibancadas e nos ônibus para os jogos tende a invisibilizar as mulheres. O mesmo vale para a divisão do trabalho. As tarefas mais prestigiadas são atribuídas a rapazes, especialmente àqueles que mais correspondem aos padrões de masculinidade valorizados no grupo (força, resistência física). O trabalho de Bérangère Ginhoux

(2015) com os ultras do AS Saint-Étienne aprofunda essa linha de pesquisa. Ela mostra os desafios enfrentados por meninas que tentam integrar os grupos. Associadas à fragilidade, elas colocam em risco a imagem viril do coletivo e são vistas como inaptas ao combate físico. Aos olhos dos rapazes, elas também ameaçam a coesão masculina. Algumas acabam se afastando rapidamente, mas outras permanecem e adotam estratégias diversas, tentando demonstrar um engajamento irrepreensível, aceitando o papel estereotipado de “menina” ou criando um espaço feminino protetor dentro do grupo.

Assim como em outros países europeus, a violência dos torcedores de futebol também se tornou um tema muito estudado por sociólogos franceses. Os incidentes nos estádios se multiplicam nas décadas de 1980 e 1990. Formam-se então, em torno dos clubes do norte da França, especialmente em Paris, os primeiros grupos que se autodefinem como “*hooligans*”, inspirados nas “*firms*” inglesas. No mesmo período, o movimento ultra começou a ganhar força em cidades do sul (Marselha, Nice, Bordeaux). Um dos esforços centrais dos ultras foi justamente se desvincular da etiqueta de *hooligans*, mesmo admitindo o uso da força física para se impor a torcedores rivais ou resolver conflitos internos.

Visto que a compreensão dos fundamentos da violência torcedora envolve dificuldades metodológicas de acesso ao campo, foram realizadas poucas pesquisas aprofundadas com os autores dos distúrbios. Os estudiosos franceses preferiram se dedicar a distinguir *hooligans* de ultras ou a analisar as políticas públicas de combate à violência nos estádios (Busset *et al.* 2008, Hourcade 2010,

2020; Tsoukala 2010). Uma rara pesquisa feita entre os *hooligans* parisienses nos anos 2000 (baseada em entrevistas semiestruturadas) traçou o perfil de sete deles, desmantelando a ideia de uma ligação direta entre violência e origem social (Collinet *et al.* 2008).⁹ Com idades entre 23 e 27 anos, solteiros ou casados, eles provinham de famílias de classes populares (pais operários, assalariados) e médias (supervisores, comerciantes, gerentes de empresas). Plenamente integrados à sociedade, eles exerciam profissões variadas.

A pesquisadora Bérangère Ginhoux (2018), por sua vez, realizou trabalho de campo imersivo junto aos ultras do AS Saint-Étienne, documentando a variedade dos níveis de engajamento em situações de confronto. Apenas uma fração do grupo participa diretamente dos conflitos, e diferentes papéis podem ser identificados: os “abridores” vigiam as ruas e áreas estratégicas (bares, arredores do estádio, praças, estações), informando e alertando os demais. As “testemunhas”, geralmente mulheres, não participam fisicamente, mas registram os eventos (fotos, vídeos) para controlar a narrativa posterior. Os “seguidores”, novatos que podem demonstrar seu valor nesses momentos, atuam como apoio aos “caras legais”, os combatentes aguerridos, colocados na linha de frente. Conhecidos por suas habilidades, sua coragem e sua resistência, esses últimos são monitorados pela polícia com base em sinais como altura, massa muscular, tatua-

9 Na Inglaterra, os primeiros estudos sobre torcedores violentos seguiram a linha do pertencimento de classe. Entre as obras mais debatidas está o livro organizado por Eric Dunning (1988), que enfatiza a socialização de jovens oriundos dos segmentos mais duros da classe operária.

gens, forma de andar. Na retaguarda ficam os que não gostam de briga, protegem os bens do grupo ou prestam primeiros socorros. A luta corpo a corpo (eventualmente com cintos, sinalizadores, grades...) em condições de força equilibradas é o que garante o prestígio de uma vitória, que reside na submissão e na fuga dos adversários, sinal de sua fraqueza. Tais confrontos são excepcionais ao longo de uma temporada esportiva, mas a possibilidade de que ocorram já é suficiente para gerar a excitação desejada por esses torcedores.

O vínculo mantido pelos torcedores radicais (*hooligans*, ultras) com o extremismo político prolonga o questionamento sobre a violência e sua gestão. Nesse aspecto, Nicolas Hourcade é autor de publicações de referência (2000; 2015). Na França, a imagem do torcedor nacionalista e racista deve muito aos *hooligans* do PSG, que, a partir dos anos 1980, ocuparam a arquibancada Boulogne do Parc des Princes. As roupas de *skinheads*, os cantos racistas, a violência contra pessoas negras e os grafites de extrema-direita ao redor dos estádios lhes garantiram ampla visibilidade midiática. Se, na mesma época e nos anos 1990, símbolos como cruzeiros celtas e *slogans* racistas também foram observados fora de Paris, a tendência amplamente majoritária era o apolitismo. Em Bordeaux e em Marselha, por outro lado, havia grupos ultras antirracistas. Quando existe, a reivindicação de uma identidade política pode servir para se diferenciar de outros grupos. Nesses casos, ela costuma ser radical, o que é coerente com o compromisso extremo do movimento ultra, e pode atrair jovens com ideias extremistas. No entanto, esses casos são marginais e, sobretudo, a politização é limitada e superficial.

Ela geralmente depende de poucos indivíduos e se expressa principalmente por meio de emblemas, *slogans* ou atos violentos contra um inimigo estigmatizado. Para a maioria dos ultras, a política se reduz ao jogo eleitoral, sendo, por isso, frequentemente desprezada. A fraca presença do extremismo político nas arquibancadas francesas também se explica por fatores ligados ao desenvolvimento do torcedorismo ultra. Como esses grupos ambicionam conquistar um espaço dentro dos clubes, eles precisam reunir membros e simpatizantes, ou seja, recrutar. A politização é pouco compatível com esse tipo de projeto agregador. Quanto à eventual “recuperação política”, ela não funciona, porque os ultras valorizam muito sua autonomia. Atualmente, quase não há mais cruzeiros celtas ou suásticas, nem gritos de “macaco!” nos estádios franceses. Os incidentes costumam ser obra de indivíduos isolados. As ideias de extrema-direita não desapareceram completamente de certos grupos ultras e *hooligans*, mas se expressam de forma velada, por meio do uso da bandeira nacional, de letras ou símbolos reconhecíveis apenas por iniciados.

Outra acepção da palavra “política” foi analisada a fim de documentar a ascensão de uma postura contestatória entre os torcedores de futebol (as críticas se dirigem essencialmente à comercialização do esporte e às restrições de segurança que pesam sobre suas atividades). Assim, o termo “torcedores militantes” começou a ser utilizado, inicialmente em sentido metafórico (Bromberger 1995). O torcedorismo foi então considerado revelador das transformações nas formas de engajamento, especialmente quando vivido dentro de alguns coletivos ultras, comparados às “casas de juventude”

das décadas anteriores por sua função socializadora. Nesse sentido, os estádios foram definidos como “novos lugares da política” (Bromberger *et al.* 2002), embora tal afirmação não se baseasse em investigações empíricas. Posteriormente, alguns autores procuraram importar conceitos da sociologia da ação coletiva e dos movimentos sociais para estudar os torcedores (Lestrelin 2010, 2015). Essa dinâmica resultou em dois livros coletivos (Busset *et al.* 2014, Busset e Gasparini 2016) que estabeleceram marcos teóricos e analíticos para ir além de um uso meramente descritivo do conceito de militância como chave para interpretar os modos de ação dos torcedores contemporâneos.¹⁰

Trinta anos depois da publicação do livro de Christian Bromberger, o estudo dos torcedores de futebol se expandiu por caminhos diversos. Os resultados dessas investigações foram publicados em revistas acadêmicas generalistas de alto prestígio: *Actes de la recherche en sciences sociales*, *Revue française de sociologie*, *Politix*, *Ethnologie française*, *Vingtième Siècle*, *Déviance et Société*, *Sociologie* etc. Exceto por raras exceções, os pesquisadores franceses, no entanto, têm pouca presença nas revistas anglófonas, o que dificulta, ou até impede, a circulação de seus trabalhos entre colegas estrangeiros (considerando que os sociólogos anglo-saxões

10 Desde 2014, existe uma “Associação Nacional dos Torcedores”, que atualmente reúne cerca de quarenta grupos ultras de diversos clubes franceses. Essa organização representativa atua como um grupo de interesse. Parte de seu trabalho consiste em fazer *lobby* junto a políticos nacionais e dirigentes esportivos.

dominam esse campo de estudo). No momento em que escrevo estas linhas, cinco teses de doutorado estão em andamento. Elas ilustram a breve história das pesquisas mencionadas. Baseadas em métodos qualitativos, essas teses exploram temas como os cantos dos torcedores, a ascensão do movimento ultra em Marselha, o tratamento midiático do hooliganismo britânico nos anos 1970 e 1980, e a politização por meio do torcedorismo (na França e na Turquia).¹¹

III. ALGUMAS PERSPECTIVAS DE PESQUISA

As pesquisas realizadas até o momento estão longe de ter esgotado o tema. Sem pretensão de exaustividade, é possível identificar certos pontos cegos na literatura existente, lacunas que mereceriam ser objeto de investigações específicas.

Em primeiro lugar, é evidente que os modos ordinários de acompanhar os times, fora de qualquer organização estruturada, permaneceram à sombra, como se os pesquisadores tivessem se deixado levar apenas pelas formas mais espetaculares e visíveis do torcer. No entanto, é essa “forma elementar” de apoio que é a mais comum.

¹¹ Segundo meu levantamento, 25 teses de doutorado foram defendidas entre 1994 e 2022. Os campos de estudo são tanto franceses quanto estrangeiros (ex-lugoslávia, Turquia, Ucrânia, Argentina, Itália, Marrocos, Argélia). As pesquisas concentram-se principalmente nos torcedores radicais (ultras e *hooligans*). Se considerarmos as 14 teses defendidas entre 2012 e 2022, apenas dois doutores ainda mantêm contato com o meio acadêmico (embora não ocupem cargos efetivos). Portanto, a renovação dos pesquisadores é uma questão bastante relevante.

Sabendo-se, além disso, o quanto a paixão por um time costuma estar ligada às emoções da infância, só podemos lamentar que os sociólogos cheguem tão tarde às trajetórias individuais: seus entrevistados são quase sempre adultos (às vezes recém-saídos da adolescência, é verdade). E os meninos e as meninas? Como as crianças são socializadas no futebol? Quais são suas práticas? As pesquisas sobre torcedores de futebol poderiam facilmente se integrar à sociologia da infância, fase da vida que tem despertado crescente interesse nos últimos anos. Nada se sabe, tampouco, sobre as formas de apoio que surgem no contexto do desenvolvimento das competições femininas de futebol. Além disso, nenhuma pesquisa francesa se dedicou ao apoio à seleção nacional masculina. Ainda assim, associações de torcedores se formaram desde os anos 2000. Seus membros viajam para o exterior durante as grandes competições internacionais, combinando torcida e turismo.¹²

Do ponto de vista histórico, o surgimento das primeiras formas de apoio durante os jogos de futebol começou a ser documentado nas décadas de 1920 e 1930, tendo em vista que esse período marca o desenvolvimento do espetáculo comercial e a instauração

12 Há cerca de vinte anos, as questões políticas em torno dos resultados esportivos da seleção francesa se intensificaram. Depois do título mundial de 1998, a equipe da França passou a ser vista como símbolo da integração “*à la française*”, de um país orgulhoso de sua mestiçagem. Em contrapartida, depois do fiasco da Copa do Mundo de 2010, a seleção foi alvo de duras críticas por parte de figuras políticas de destaque. Chegou-se, por exemplo, a questionar se alguns jogadores da seleção, especialmente aqueles oriundos da imigração pós-colonial, eram dignos de vestir a camisa nacional e representar o país. Sobre esse tema, ver: Archambault *et al.* (2016).

do campeonato profissional em 1932 (Fontaine 2010, Sorez 2013, Tétart 2019). Esse esforço poderia ser aprofundado, pois o recurso à história é essencial para compreender a evolução das normas de comportamento nos estádios, das sociabilidades e dos perfis daqueles e daquelas que criam ou participam de atividades dos grupos de torcedores. As transformações ocorridas nos anos 1970, por exemplo, chamaram a atenção dos pesquisadores, já que essa década vê o desenvolvimento de uma relação com o futebol bem diferente da anterior à Segunda Guerra Mundial, como evidenciado pelo entusiasmo em torno do sucesso do AS Saint-Étienne (finalista da Liga dos Campeões em 1976). Os estádios franceses se enchem de cores e bandeiras. Os cantos das torcidas ecoam nas arquibancadas. A paixão passa a ser expressa de forma mais ostensiva, e as arquibancadas tornam-se locais de exuberância e entusiasmo coletivo. Uma verdadeira inversão de valores se opera: a desinibição substitui a moderação. As duas décadas seguintes (anos 1980 e 1990) aceleram a reconfiguração do cenário torcedor na França, pois marcam o nascimento dos grupos ultras e dos bandos de *hooligans*. Por isso, foram amplamente documentadas. No entanto, quase nada se sabe sobre o período entre os anos 1940 e 1960 — marcado, no entanto, por profundas transformações socioeconômicas. A reconstrução do pós-guerra, o forte crescimento econômico combinado com o avanço da sociedade de consumo, seguido da entrada gradual em um contexto de crise do modelo industrial francês, certamente tiveram repercussões na esfera dos lazeres esportivos. Pode-se supor que esse período tenha sido chave na evolução dos perfis dos membros das organizações de

torcedores. Um enigma, de fato, cerca a história dos torcedores de futebol na França: o da “popularização” do torcedorismo. Nos anos 1920 e 1930, torcer para um clube era uma forma de afirmar certa modernidade, o pertencimento a um grupo de torcedores funcionava como uma marca distintiva em relação à massa dos espectadores. Os indícios históricos convergem para mostrar que os pioneiros desses grupos vinham da pequena e média burguesia urbana: funcionários públicos, carteiros, comerciantes em Lens e Nîmes, contadores, empregados de comércio ou de banco, farmacêuticos em Nice, notários, advogados e médicos em Rennes. Os membros desses coletivos tinham tempo e recursos: seus pequenos jornais eram bem escritos; eles organizavam jantares e festas, valorizavam a participação em viagens, mesmo distantes, usando trens, e alguns até dispunham de carro próprio. Nos anos 1970 e 1980, as associações de torcedores já não eram compostas pelos mesmos perfis sociais. Em Marselha, por exemplo, o principal grupo que apoiava o OM reunia 2.500 membros oriundos dos bairros populares da cidade. Operários, assalariados e pequenos comerciantes compunham o comitê diretor e a diretoria. Resta, portanto, documentar em detalhe como se deu essa mudança profunda.

No que diz respeito aos grupos ultras franceses, as pesquisas indicam que eles são compostos, na maioria das vezes, por indivíduos oriundos das classes médias e das frações mais estáveis das classes populares. Por que, então, há tão poucos descendentes da imigração magrebina e subsaariana em seus quadros, exceto nos grupos localizados em Paris e em Marselha? A história migratória das

duas maiores cidades francesas não é suficiente para explicar esse fato. Uma primeira pista seria considerar que isso se deve à temporalidade da ascensão do movimento ultra na França. Nos anos 1980 e 1990, os *hooligans* do PSG foram amplamente divulgados na mídia, e seu racismo era conhecido, o que pode ter contribuído para confundir a imagem dos ultras. No entanto, esses elementos contextuais parecem insuficientes. Seria mais apropriado, então, voltar-se para a socialização urbana dos jovens imigrantes e seu sentimento de pertencimento territorial? De fato, será possível envolver-se no movimento ultra, reivindicar uma forma de orgulho local simbolizada pelo clube mais próximo geograficamente, quando se vive diariamente a exclusão urbana ou formas de discriminação? Também seria importante examinar a inserção urbana dos grupos ultras (o bairro onde estão estabelecidos), bem como as características sociais dos fundadores e dirigentes desses grupos, e suas redes pessoais (visto que é por esse meio que se organizam as dinâmicas de recrutamento nos primeiros tempos de existência do coletivo).

A organização interna das associações de torcedores merece, de forma mais ampla, ser estudada: as trajetórias dos membros, a divisão do trabalho, o acesso a responsabilidades e o papel de representação que pode levar a uma forma de visibilidade midiática local. Os vínculos que os responsáveis por esses grupos estabelecem com um conjunto de atores também são fundamentais. Mais do que com os dirigentes de alto escalão dos clubes ou com os jogadores, seria importante documentar as relações mantidas com os funcionários da área administrativa (especialmente do setor de bilheteira ou segu-

rança), pois esses profissionais são interlocutores com os quais se estabelecem relações de trabalho às vezes diárias. Da mesma forma, criam-se vínculos com profissionais da mídia. Em Marselha, ter uma ligação privilegiada com os líderes dos grupos de torcedores (que reúnem milhares de associados) pode ser uma vantagem profissional para os jornalistas da imprensa local. Além de notícias sobre o OM representarem uma questão econômica para os jornais, a posição dos membros das redações que cobrem o clube tem sido desafiada pelo crescente controle da comunicação imposto pelo próprio clube, que dificulta o acesso a jogadores e treinadores — as fontes “tradicionais”. As relações entre os responsáveis pelos coletivos de torcedores e os representantes políticos — locais e nacionais — e outros atores do campo político (representantes de bairros, funcionários encarregados da aplicação de políticas públicas, assistentes sociais, outros dirigentes associativos etc.) também devem ser melhor consideradas. Esses vínculos podem ser marcados pelo afastamento, com líderes torcedores não desejando “jogar o jogo” da participação nesse espaço, visto como conflituoso e como uma ameaça à coesão da organização. Esse distanciamento exige, então, uma habilidade prática para garantir relativa autonomia. Em outros casos, nos quais possuem certa tradição e número significativo de membros, alguns grupos podem se inserir no sistema político local, sendo colocados na condição de “parceiros” de determinadas iniciativas municipais. Seus líderes podem, assim, ser um dos atores que fazem políticas com os políticos, sem fazer política.

Por que considerar os vínculos estabelecidos pelos grupos de torcedores com diversas categorias de atores situados em sua

periferia? Porque é somente sob essa condição que se pode compreender por que e como um coletivo de torcedores se desenvolve e ocupa, de forma duradoura, uma posição de força no ambiente de um clube. De fato, o sucesso de um grupo não decorre apenas da capacidade de seus membros mais engajados de se organizarem e inovarem para fazer valer seus interesses, mas sim de uma configuração de conjunto (no sentido de Norbert Elias), que leva diferentes atores sociais a apoiar ou valorizar, por razões próprias, a existência e a ação do grupo em questão. É também situando os torcedores na extensão e na complexidade dos vínculos estabelecidos com outras categorias de atores que podemos explicar por que alguns deles alcançam formas de visibilidade e notoriedade local (Lestrelin 2016).

Encerraremos esse panorama retornando à questão da violência, que, sem dúvida, merece ser reexaminada. Falta, de fato, um trabalho aprofundado sobre as condições de aprendizagem da violência dentro dos grupos radicais. Minhas próprias pesquisas de campo em Marselha, junto a coletivos ultras — alguns dos quais usam ou já usaram de força física em um passado mais ou menos recente — me levam a considerar o torcedorismo como uma instância de socialização masculina secundária para homens de origens sociais muito diversas, inclusive das classes superiores. O envolvimento em confrontos pode, de fato, constituir para alguns deles uma fonte de identidade, *status* e excitação. Por outro lado, certamente não se pode afirmar que isso dê sentido a uma vida pouco gratificante. Da mesma forma, a explicação baseada na socialização primária, nas disposições e *habitus*, não me parece pertinente para tentar

explicar por que homens se entregam a tais práticas — sobretudo, porque essa explicação negligencia que as violências torcedoras são fundamentalmente práticas de grupo. Nesse sentido, parece impossível compreender a passagem ao ato violento sem relacioná-la ao funcionamento dos coletivos torcedores, aos vínculos ali estabelecidos e aos desafios da integração em seu seio. A violência envolve, na verdade, uma relação consigo mesmo (com o corpo, suas sensações e emoções) e com os outros (companheiros de grupo, adversários), que se constrói acima de tudo na ação e coletivamente. Em outras palavras, seria mais pertinente seguir a hipótese de uma habituação progressiva aos confrontos verbais e físicos, que resultaria na aquisição de um autocontrole (controle de suas emoções, sobretudo do medo) para dominar os outros. Esse processo passa por interações ordinárias, em que “pequenas” dominações face a face são potenciais prelúdios a dominações de maior envergadura. O recurso à etnografia parece, então, imprescindível para documentá-lo com precisão.

Que balanço podemos fazer deste rápido panorama das pesquisas realizadas na França sobre os torcedores de futebol? Pode-se afirmar que um importante conjunto de conhecimentos foi acumulado ao longo de cerca de quarenta anos. No entanto, diversos desafios se apresentam. O primeiro é combater uma forma de reducionismo que faz do caso minoritário, porém mais visível — o pertencimento a um grupo organizado de torcedores —, o foco prioritário

do interesse dos pesquisadores. Outro desafio é melhorar o diálogo com os sociólogos não francófonos, pois as publicações em língua francesa ainda são pouco conhecidas por colegas estrangeiros. A formação de novas gerações de pesquisadores, capazes de dar continuidade aos trabalhos existentes e explorar novas direções, também representa uma questão importante. No entanto, essa renovação tem demorado a acontecer, e os acadêmicos que atualmente publicam sobre o tema são poucos. Além disso, é necessário reforçar o esforço de “normalização” do objeto de estudo torcedores. Com isso quero dizer que fazer sociologia *dos* torcedores não deve impedir de fazer sociologia *a partir* dos torcedores. É perfeitamente possível escolher esse campo empírico para participar dos debates teóricos das Ciências Sociais, para trabalhar certos conceitos — o que representa uma maneira de combater a tendência à hiperespecialização e ao confinamento em um objeto restrito. Outro problema enfrentado pelos sociólogos que trabalham com o futebol é o distanciamento em relação às autoridades esportivas (federação, liga, dirigentes de clubes), o que impacta negativamente as possibilidades de financiamento das pesquisas. Essa constatação também se aplica às autoridades públicas. No entanto, os conhecimentos oriundos das Ciências Sociais são relevantes para orientar políticas públicas, desenvolver programas educativos e preventivos contra a violência, o racismo ou a homofobia, bem como para contribuir à reflexão sobre os dispositivos de acompanhamento e acolhimento dos torcedores nos estádios e durante grandes eventos. Nos países do norte da Europa, foi por meio da cooperação entre policiais e pesquisadores que novas

abordagens para a manutenção da ordem puderam ser implementadas, com o objetivo de reduzir as tensões, prevenir incidentes e estabelecer um ambiente seguro para todos os membros do público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHAMBAULT, Fabien, Stéphane Beaud e William Gasparini (org.). 2016. *Le football des nations. Des terrains de jeu aux communautés imaginées*. Paris: Éditions de la Sorbonne.

BROMBERGER, Christian. 1988. “Sur les gradins, on rit... aussi parfois. Facétie et moquerie dans les stades de football”. *Le Monde alpin et rhodanien – revue régionale d’ethnologie*, (3-4): 137-156.

BROMBERGER, Christian, Bruno Étienne e Michel Guerin. 2002. “Les nouveaux lieux du politique” [table ronde]. In: *La pensée de midi*, 7: 79-91.

BROMBERGER, Christian. 1995. *Le match de football. Ethnologie d’une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Paris: éditions de la Maison des sciences de l’homme.

BROUSSARD, Philippe. 1990. *Génération supporter. Enquêtes sur les ultras du football*. Paris: Robert Laffont.

BUSSET, Thomas, Jean-Philippe Dubey, Christophe Jaccoud e Dominique Malatesta (org.). 2008. *Le football à l’épreuve de la violence et de l’extrémisme*. Lausanne: Antipodes.

BUSSET, Thomas, Christophe Jaccoud e Roger Besson (org.). 2014.

L'autre visage du supportérisme. Autorégulations, mobilisations collectives et mouvements sociaux. Berne: Peter Lang.

CHARROIN, Pascal. 1992. "Il pubblico del Geoffroy-Guichard di Saint-Étienne". In: LANFRANCHI, Pierre (org.). *Il calcio e il suo pubblico.* Naples: Edizioni Scientifiche Italiane. 306-309.

COLLINET, Cécile, Denis Bernardeau Moreau e Julien Bonomi. 2008. "Le Casual, un nouveau genre de hooligan". *Annales de la recherche urbaine*, (105): 36-45.

DAL LAGO, Alessandro. 1990. *Descrizione di una battaglia. I rituali del calcio.* Bologna: il Mulino.

DAMATTA, Roberto. 1982, "Notes sur le futebol brésilien". *Le Débat*, (19): 68-76.

DEMAZIÈRE, Didier, Catherine Carpentier-Bogaert, Yves Maerten, Williams Nuytens e Pascal Roquet. 1999. *Le peuple des tribunes. Les supporters de football dans le Nord-Pas-de-Calais.* Béthune: Musée d'Ethnologie Régionale.

DUNNING, Eric, Patrick Murphy e John Williams. 1988. *The Roots of Football Hooliganism.* Londres: Routledge.

EHRENBURG, Alain. 1991. *Le culte de la performance.* Paris: Calmann-Lévy.

ELIAS, Norbert e Eric Dunning. 1994. *Sport et civilisation. La violence maîtrisée.* Paris: Fayard.

FAURE, Jean-Michel e Charles Suaud. 1999. *Le football professionnel à la française*. Paris: PUF.

FONTAINE, Marion. 2010. *Le Racing Club de Lens et les “Gueules Noires”*. *Essai d'histoire sociale*. Paris: Les Indes Savantes.

GINHOUX, Bérangère. 2015. “Comment devient-on un ‘gars du groupe’ quand on est une fille? Carrière et combines des supportrices ultras”. *Agora débats/jeunesses*, (71): 7-21.

GINHOUX, Bérangère. 2018. “Openers, witnesses, followers, and ‘good guys’. A sociological study of the different roles of female and male ultra fans in confrontational situations”. *Soccer in Society*, 21(6): 833-840.

GUYON, Stéphanie. 2007. “Supportérisme et masculinité: l'exemple des Ultra à Auxerre”. *Sociétés & Représentations*, (24): 79-95.

HOURCADE, Nicolas. 1998. “La France des ultras”. *Sociétés et Représentations*, (7): 241-261.

HOURCADE, Nicolas. 2000. “L'engagement politique des supporters ultras français. Retour sur des idées reçues”. *Politix*, 13(50): 107-125.

HOURCADE, Nicolas. 2003. “L'émergence des supporters ultras en France”. In: BOUCHER, Manuel e Alain Vulbeau (org.). *Émergences culturelles et jeunesse populaire. Turbulences ou médiations?* Collection Débats Jeunesses. Paris: L'Harmattan. 75-89.

HOURCADE, Nicolas. 2004. «Les groupes de supporters ultras». *Agora débats/jeunesses*, (37): 32-42.

HOURCADE, Nicolas. 2010. "Principes et problèmes de la politique de lutte contre le hooliganisme en France". *Archives de politique criminelle*, (32): 123-139.

HOURCADE, Nicolas. 2015. "Les expressions racistes des supporters de football français depuis les années 1980". In: BOLI, Claude, Patrick Clastres E Marianne Lassus (org.). *Le sport en France à l'épreuve du racisme*. Paris: Nouveau Monde. 105-116.

HOURCADE, Nicolas. 2020. "Les politiques de gestion des supporters de football en France: de la 'tolérance zéro' à une articulation entre répression et prévention?". *Archives de politique criminelle*, (42): 155-171.

LESTRELIN, Ludovic. 2010. *L'autre public des matchs de football. Sociologie des "supporters à distance" de l'Olympique de Marseille*. Paris: Éditions de l'EHESS.

LESTRELIN, Ludovic. 2015. "De l'avantage de comparer les carrières supportéristes à des carrières militantes". *Sciences Sociales & Sport*, (8): 51-77.

LESTRELIN, Ludovic. 2016. "Depé. Un supporter icône de l'Olympique de Marseille". *Ethnologie française*, 46(3): 483-494.

LESTRELIN, Ludovic. 2020. "Par le détour de l'humour. Le rire dans les groupes de supporters de football". *Terrain* [En line]. <https://journals.openedition.org/terrain/20858>.

LESTRELIN Ludovic. 2022. *Sociologie des supporters*. Paris: La Découverte.

- MIGNON, Patrick. 1998. *La passion du football*. Paris: Odile Jacob.
- NUYTENS, Williams. 2004. *La popularité du football. Sociologie des supporters à Lens et à Lille*. Arras: Artois Presses Université.
- SMITH, Andy. 2001. *La passion du sport. Le football, le rugby et les appartenances en Europe*. Rennes: PUR.
- SOREZ, Julien. 2013. *Le football dans Paris et ses banlieues. Un sport devenu spectacle*. Rennes: PUR.
- TÉTART, Philippe (org.). 2019. *Côté tribunes. Les supporters en France de la Belle Époque aux années 1930*. Rennes: PUR.
- TSOUKALA, Anastassia. 2010. *Hooliganisme en Europe. Sécurité et libertés publiques*. Québec: Athéna.
- WITTERSHEIM, Éric. 2014. *Supporters du PSG. Une enquête dans les tribunes populaires du Parc des Princes*. Lormont: Le Bord de l'eau.

Futebol, nação e violência

Ruben George Oliven

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

É possível fazer uma analogia entre times de futebol e nação? Em uma definição clássica, Max Weber (1982) descreveu a nação como sendo uma comunidade de sentimentos. Pode parecer estranho que uma definição sociológica lance mão de algo psicológico como o sentimento, mas este conceito certamente é o substrato dessa forma moderna de organização política que é a nação.

Apesar da globalização, somos socializados a sentir que fazemos parte de um todo que inclui os que consideramos iguais a nós e exclui os que são considerados diferentes. Aprendemos a nos expressar em uma língua que é própria, a saber cantar o hino de nosso país, a conhecer sua história, seus heróis, sua natureza, sua música. A nação, portanto, inclui os que são parecidos conosco e exclui aqueles que são diferentes. A lógica é a do “*dislike of the unlike*”, ou seja, o dissabor pelo dissimilar, uma espécie de xenofobia expressa pela percepção do incomum que, às vezes, funciona como detonador de conflitos.

Poderíamos tentar aplicar a lógica desta definição ao futebol? Por trás de qualquer time de futebol, seja de esquina, de uma região ou

de um país, existe uma comunidade que se define pelos sentimentos que ele engendra nos seus membros. Isto ajuda a explicar as torcidas, a vibração e a violência que esse esporte provoca. Uma das maneiras de explicar por que o futebol mobiliza sentimentos profundos, a ponto de, às vezes, os torcedores apelarem para ataques físicos, refere-se ao fato de que as equipes em jogo são formadas por muito mais do que onze jogadores e representam sentimentos coletivos daqueles que as apoiam. Isto pode ocorrer tanto em nível local, como em nível mundial. Em nível local, há clubes que são de uma instituição, de um bairro ou de uma cidade. Existem cidades, estados ou regiões, onde há dois clubes, entre os quais se divide a lealdade da maioria dos torcedores. Estas localidades ficam praticamente divididas, em termos simbólicos, em duas metades, à semelhança do que ocorre em várias sociedades primitivas. Esta divisão e oposição acabam garantindo a coesão da sociedade.

Isto é, especialmente, válido em competições internacionais como a Copa do Mundo da FIFA, que se realiza a cada quatro anos e na qual os adversários são seleções nacionais. Neste caso, o que está em jogo é uma competição entre países, em que as comunidades imaginadas se enfrentam com todos os sentimentos que estão associadas aos estados-nação. Poder-se-ia mesmo afirmar que, neste caso, o futebol passa a ser uma forma lúdica de substituir a guerra por um jogo com vencedores e vencidos. Assim sendo, há um paralelismo entre ações bélicas e futebolísticas, estabelecendo-se uma *relação metafórica* entre estados-nação e futebol. É preciso defender seu território e invadir e penetrar o do outro grupo, derrotando-o. Assim, cada torcedor filia-se a um clã e trava batalhas ficticiamente.

Ao passo que a nação é uma comunidade imaginada, para usar a expressão de Benedict Anderson (1989), enquanto o time de futebol é uma comunidade real que pode ser visualizada em campo. O mesmo pode ser dito em relação às torcidas, que, embora numerosas, podem ser vistas vibrando e acompanhando os jogos. Enquanto sentir-se membro de uma nação envolve uma abstração simbólica pela qual precisamos desenvolver sentimentos de pertencimento a um território que, às vezes, tem dimensões continentais, pertencer a um time é algo mais restrito que pode ser praticado cada vez que assistimos a uma partida de futebol.

O futebol funciona com um sistema de lealdades, cujo mecanismo pode ser comparado ao do amor à região ou ao país. Pertencer a um país significa ser fiel a ele, sentimento que, às vezes, é chamado de patriotismo. Recusar-se a lutar por seu país significa deserção, crime que, em tempos de guerra, é punido com a morte. Pertencer a um clube significa ser leal a ele, estabelecendo-se uma *relação analógica*. Vibrar quando o clube ganha, sofrer resignadamente quando ele perde. O torcedor que troca de time é, em geral, malvisto e chamado de: “vira-casaca”, em português, ou “*turncoat*”, em inglês, alguém que não é muito confiável. O torcedor deve continuar fiel a seu time, mesmo quando ele fica anos sem ganhar um campeonato.

Durante muito tempo, o futebol foi considerado um esporte apenas masculino, e as mulheres eram desencorajadas a praticá-lo. Com o tempo, essa crença sofreu abalos e, atualmente, o futebol é praticado tanto por homens como por mulheres — o Brasil destacando-se, neste sentido, com grandes jogadoras. Entretanto, do pon-

to de vista simbólico e de praticantes, o futebol continua sendo um jogo eminentemente masculino. Ele é, em certo sentido, uma “luta de machos” a exemplo do que ocorre no reino animal. Mas, ao passo que nesta situação, em geral, a luta se dá entre duas criaturas — pela posse de fêmeas —, no futebol a luta se dá entre equipes e se assemelha mais a uma simulação da guerra. Há um território — o campo de futebol — dividido em duas metades em que se dá o embate e, no qual, algumas posições precisam ser defendidas e outras precisam ser atacadas e conquistadas. O objetivo último é penetrar na área do inimigo e, com a bola, invadi-lo e marcar pontos. Do ponto de vista das representações sexuais, o futebol pode ser percebido como pertencente aos rituais masculinos, que existem em vários lugares do mundo, e, por meio deles, a masculinidade é definida e afirmada (Dundes 1980).

O futebol também pode ser visto como uma linguagem. Em alguns casos, ele é um código que determina que todos os homens têm de ser, minimamente, capazes de dominá-lo. Em países em que o futebol é um esporte popular, parte-se do pressuposto que todos estão interessados nele e, por conseguinte, são capazes e gostam de falar sobre ele. O futebol, neste caso, passa a ser uma forma de falar sobre o país e sobre a identidade nacional.

A exemplo de guerras, as derrotas da seleção nacional são situações particularmente propícias a falar sobre a “alma nacional”. “Por que perdemos?” é a pergunta que todos se fazem, exigindo uma resposta. Nesta busca de culpabilidades, o primeiro a ser sacrificado é, em geral, o técnico. É ele quem deveria ter comparado sua seleção

às demais e ter dado uma orientação segura ao time, dizendo aos jogadores como proceder. Mas demitir o técnico não basta. É preciso um exercício coletivo de expiação da culpa.

No caso brasileiro, isto frequentemente significa argumentar que não houve suficiente preparo para o campeonato, que tudo foi feito de forma improvisada, que faltou seriedade e que, no mundo moderno, as coisas não funcionam assim. Mas, se ao contrário, a seleção brasileira preparou-se com antecedência, as coisas foram feitas de forma organizada e, mesmo assim, o resultado foi a derrota, o argumento funciona às avessas: o futebol brasileiro só vale por sua criatividade, por sua capacidade de improvisar; impor uma forma excessivamente disciplinada significa militarizar o futebol e matar a genialidade dos jogadores.

Esta discussão, no fundo, é uma narrativa sobre a identidade nacional: o país deve se organizar e procurar ser “sério”, ou, ao contrário, é preciso manter o bom humor e a descontração que caracterizariam o Brasil? Em termos de cultura popular, isto significa uma opção entre o Caxias e o Zé Carioca. O primeiro é um modelo de seriedade, numa referência ao patrono do exército brasileiro e único duque que o Brasil teve. Já, o segundo é o mais brasileiro dos personagens criados pelos estúdios de Walt Disney no começo da década de 1940, sendo retratado como o típico malandro, sempre escapando dos problemas por meio de um “jeitinho”.

Isto nos remete à questão de que, frequentemente, se enxergam estilos nacionais e regionais de jogar futebol. A “alma” de um país ou de uma região se traduziria no modo como o futebol é jogado. Assim,

alguns seriam mais violentos, outros mais lineares, outros mais criativos etc. Embora se possa associar um estilo de jogo a determinadas equipes, é óbvio que o que se procura com esse exercício é ver o futebol novamente como uma linguagem, na qual os movimentos concatenados dos corpos traduziriam o caráter nacional ou regional. Assim, por exemplo, Gilberto Freyre, um dos sociólogos que procurou discutir o que o Brasil tem de diferente de outras nações, diz o seguinte sobre o futebol deste país: “O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades, de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade (...)” (Freyre 1945: 421).

Nessa perspectiva, o futebol brasileiro, nos seus momentos de glória, sempre se baseou na criatividade, no improviso e no “jeitinho”. Seriam essas características que distinguiriam a equipe brasileira das demais equipes nacionais, as quais privilegiam, frequentemente, o rigor tático e a disciplina. O “jeitinho” seria uma expressão cultural que reflete a flexibilidade, a capacidade de adaptação, mas também a tomada de riscos, às vezes, em detrimento do método tradicional.

As derrotas, em contraposição, tornam-se um terreno fértil para os intensos debates sobre a identidade nacional e os modos pelos quais o país se percebe, com os sucessos e os fracassos no campo. A derrota de uma equipe brasileira é, frequentemente, vivenciada como uma afronta não somente ao orgulho esportivo, mas, também, à imagem que o país faz de si mesmo e o lugar que ele ocupa no mundo. Trata-se de um momento em que as tensões entre a modernidade

e a tradição, a ordem e o caos, vêm à tona. A equipe de futebol torna-se assim o espelho de uma sociedade em perpétua negociação a respeito de seu passado e de seu futuro.

É comum autores rotularem o futebol como uma ideologia (Vinnai 1978). Neste enfoque, o futebol e as práticas associadas a ele não passariam de uma forma de manipular as massas e transformar o esporte no “ópio do povo”, impedindo-as de adquirir consciência sobre as questões sociais e políticas. Esta perspectiva do tipo “pão e circo” empobrece o entendimento do futebol enquanto fenômeno cultural. Ela tende a não ver o que este esporte tem de específico e como ele mobiliza as massas. Ela ignora, igualmente, que nenhum regime político consegue se manter somente às custas do futebol. Na verdade, os processos de construção de identidades futebolísticas, ou de outro tipo qualquer, envolvem a atribuição de significados às ações humanas, a descoberta de diferenças, a apropriação e reelaboração de manifestações culturais, a ressignificação etc. O futebol é uma prática que mobiliza os sentimentos de milhões de pessoas que, ao vibrarem com ele, estão não somente mobilizando energia física, mas afetos e paixões que dizem respeito a grupos que vão do local ao nacional.

Elias e Dunning (1992) recolocaram a questão da diferença entre os esportes individuais e os coletivos, especialmente quando fizeram um inventário acerca do futebol. Eles demonstraram como o futebol sempre envolveu a coletividade, desde os tempos mais remotos. Mesmo que não se possa precisar, ao certo, como era praticado no período pré-moderno, as referências ao futebol são em geral seguidas de termos que remetem às multidões, às cidades, ao público e ao

coletivo. A limitação do número de atletas, bem como do tempo e do espaço nos moldes que atualmente conhecemos foram instituídas lentamente e formalizadas pelas regras tardiamente. Ainda assim, o futebol mantém uma tradição herdada dos tempos medievais e renascentistas, um residual que sacraliza o coletivo, capaz de subsistir, inclusive, ao espectro individualista e privatista da moderna cultura ocidental.

Como a configuração dos grupos esportivos segue um padrão instituído pelo jogo, e sendo o futebol um esporte onde prevalece o coletivo, os torcedores se pensam como pertencentes a uma totalidade que os transcende. Isto pode ser observado no comportamento das torcidas organizadas e, particularmente, nas suas relações de alianças e hostilidades frente a outros grupos. Não são propriamente tribos urbanas, mas se pensam, organizam e atuam em bandos, razão pela qual são em geral temidos pelos outros torcedores, inclusive os da mesma predileção. Contrariar um membro de torcida organizada significa contrariar o interesse da torcida como um todo e, portanto, estar sujeito às represálias de todos os seus membros.

Sendo o coletivo uma entidade abstrata, necessita ser representado por meio de símbolos, como flâmulas, faixas, bandeiras e camisetas, entre outros. Um exemplo claro da dimensão sagrada que estes objetos possuem pode ser encontrado nos “roubos” de faixas e bandeiras entre as torcidas organizadas. A posse desses objetos usurpados dos rivais é sinônimo de *status* para o grupo que os porta, e, por isso mesmo, eles são exibidos publicamente, nos estádios, como demonstração de poder e intimidação.

Por tudo isso, o pertencimento clubístico é interessante não apenas para pensar a dinâmica do futebol, mas também uma série conflitos sociais. De maneira geral, o futebol não cria fatos novos, apenas permite que sejam veiculados com ele questões mais gerais, inicialmente forjadas em outras esferas da vida social. A experiência do êxito e do fracasso pode ser vivenciada também no vôlei, no basquete, no jogo de cartas, enfim, ganhar e perder “faz parte do jogo”. Contudo, apenas o futebol está fortemente vinculado às categorias mais amplas da sociedade latino-americana, variando, obviamente, de um contexto a outro.

Hoje em dia, com a globalização, é “natural” que um jogador queira trocar de time ao receber uma proposta que lhe seja mais vantajosa e que esta troca se dê num nível mundial, envolvendo diferentes países. Entretanto, quando ocorre a Copa do Mundo, estes jogadores devem jogar pelos seus países de nacionalidade. Neste caso, a lei do mercado cede lugar novamente à lei do pertencimento à nação.

Temos aqui duas lógicas. A primeira tem a ver com o fato de que a economia, cada vez mais, cruza as fronteiras nacionais. Com a criação das empresas multinacionais, ficou mais difícil manter as fronteiras nacionais em termos de transações econômicas e financeiras. É natural, portanto, que também os grandes jogadores circulem não apenas dentro de seu país, mas, se forem extraordinários, de um país para outro.

A segunda lógica é a do estado-nação: torço (e se sou jogador, jogo) pelo meu país em época de copa de mundo e outras disputas internacionais, e isto acirra meus ânimos contra os países adver-

sários. Neste sentido, seria impatriótico um brasileiro torcer (ou jogar), por exemplo, para a Argentina numa disputa entre este país e o Brasil. Entretanto, ultimamente, em algumas Copas do Mundo houve futebolistas brasileiros jogando por outros países, o que é possível pelo fato de eles terem dupla cidadania, e é provável que no futuro haja mais casos semelhantes. A subversão da segunda lógica tem a ver com o fato de o Brasil e outros países serem, gradativamente, atingidos por uma lógica de mundialização, sendo natural que tenham jogadores “globalizados”. Neste sentido, é revelador que, em 1994, o Congresso Brasileiro tenha aprovado uma emenda à sua Constituição, permitindo que, em certos casos, brasileiros possam ter dupla cidadania, o que antes não era legal. Esta mudança acompanha a tendência de uma imigração crescente de brasileiros para a Europa, Estados Unidos e Japão. É provável que, no futuro próximo, a monetarização do futebol se acentue mais ainda, gerando conflitos entre clubes e empresas, jogadores e clubes e torcedores e seus times.

A violência no futebol é um tema recorrente, principalmente no que diz respeito às torcidas organizadas. Muito tem-se falado sobre formas de coibi-la ou reduzi-la, o que é compreensível. Esforços têm sido desenvolvidos nesse sentido, e é bom que assim seja. Afinal, há vários incidentes de pessoas feridas ou inclusive mortas em função de agressões físicas, e é preciso impedir que isso aconteça.

Entretanto, há que se reconhecer que os jogos de futebol têm a violência como um ingrediente inerente à sua prática. Assim, como nos rituais de iniciação, a humilhação faz parte do processo de transformar os novatos em veteranos, nos jogos de futebol, as equipes

começam em igualdade de condições, mas precisam terminar sendo vencedoras ou vencidas. Esse resultado disruptivo propicia um antagonismo que, facilmente, descamba para a violência física, principalmente por ser o público, geralmente, formado por homens jovens cheios de adrenalina.

Se, nos estádios e arenas de futebol, há um juiz que tem formas de disciplinar os jogadores, com a possibilidade inclusive de expulsá-los do jogo, isto se torna mais difícil no que diz respeito às torcidas. Ao passo que o jogo em campo foi, historicamente, disciplinado com uma série de regras que compõem o *fair-play*, enquanto prática que enfatiza a ética e o respeito pelos outros, impedindo que os praticantes prejudiquem os adversários de forma proposital, isso não se aplica às torcidas que tendem a uma violência estrutural que, muitas vezes, tem consequências trágicas.

A violência que pode acompanhar os confrontos futebolísticos não se limita à intensidade das partidas, mas se estende, às vezes, além dos estádios. As rivalidades locais ou internacionais podem se transformar em enfrentamentos físicos entre torcedores, quando o fracasso no campo repercute como uma derrota de maior envergadura, um fracasso de uma nação inteira em manter sua posição de liderança na esfera esportiva. O futebol, nesse contexto, transforma-se em mais que um jogo: ele encarna jogos identitários, políticos e culturais, que ultrapassam, em muito, a competição esportiva.

Historicamente, os estereótipos raciais desempenham um papel importante no que diz respeito às diferenças entre os grupos, e eles estão presentes no futebol, quando os jogadores são insultados e,

frequentemente, comparados a animais durante os jogos. Medidas antirracistas e penalizações aos torcedores que praticam tais atos são iniciativas importantes que podem auxiliar a eliminar ou, pelo menos, reduzir as manifestações racistas. Nesse sentido, os clubes poderiam desempenhar um papel importante ao sensibilizar seus torcedores e educá-los a não se envolverem em manifestações de caráter racial.

Usualmente, os clubes de futebol afirmam que eles não são responsáveis por suas torcidas organizadas, que elas são entidades independentes. Uma outra perspectiva, já adotada por muitos juízes, propõe uma compreensão diferente: as torcidas organizadas não existem sem os clubes e, conseqüentemente, esses últimos são corresponsáveis por seu comportamento. Isto significa a possibilidade de sancionar os clubes cujos torcedores estejam implicados em atos de violência e/ou racismo.

Do ponto de vista filosófico, o futebol coloca questões significativas. Para um marciano que não conhecesse o jogo, este, provavelmente, lhe pareceria ridículo, já que, da ótica do extraterrestre, não faria sentido 22 pessoas correrem atrás de uma esfera inflada de couro, durante 90 minutos, e, que, cada vez, que ela penetrasse numa área demarcada por três traves de madeira ocorreria algo de transcendental importância.

É significativo que dois dos maiores expoentes do existencialismo francês tenham se pronunciado sobre o futebol. Jean-Paul Sartre observou que “Em um jogo de futebol, tudo é complicado pela presença do outro time”. A questão do “outro” é funda-

mental no imaginário desse esporte. É ele que precisa ser enfrentado, é ele que tentará impedir que nosso time consiga fazer um gol e é ele que vai tentar fazer um gol contra o nosso time. A filosofia de Sartre está fortemente marcada pela ideia da contingência. E o futebol, enquanto jogo, caracteriza-se justamente pela contingência. Como na vida, embora haja regras, nunca podemos prever o resultado de um jogo de futebol. Há imprevistos e tampouco temos controle sobre as decisões do juiz, as quais sempre envolvem um grau de subjetividade que pode determinar o resultado de uma partida.

Outro filósofo existencialista, Albert Camus, tinha no futebol uma prática que marcou sua vida. A ele é atribuída uma citação equivocada, mas amplamente difundida de que “tudo que sei sobre a moral e as obrigações do homem eu devo ao futebol”. Seu time de coração sempre foi o Racing Universitaire d’Alger (RUA), uma equipe universitária da Argélia, da qual foi goleiro na sua juventude. Profundamente apaixonado pelo futebol, ele não considerava esse esporte algo primitivo, mas sim sugeria ser uma forma de “alcançar sabedoria sobre a vida de uma maneira imediata, e não de uma grande distância”. Assim, a disputa intensa de um jogo de futebol possibilitava às pessoas verem quem elas realmente eram. A beleza do futebol coadunava-se com sua filosofia, já que, para Camus, a irracionalidade do jogo contrastava com a possibilidade que ele proporcionava a quem o jogasse ou o assistisse, de transcender o absurdo de nossas existências.

Os meios de comunicação têm um papel central no futebol de nossos dias. Na medida que permitem que possamos assistir às parti-

das que ocorrem em lugares onde não estamos presentes fisicamente, eles magnificam o sentimento de pertencimento a um time. Quando os jogos eram transmitidos apenas radiofonicamente, dependíamos da voz do *speaker* para imaginar o que ocorria em campo. Isso era difícil porque jogos de futebol são muito rápidos, com a posição dos jogadores e da bola evoluindo em um ritmo complicado de acompanhar. Com a possibilidade de visualizar o jogo e ao mesmo tempo ouvir a voz de um comentarista, nossos sentimentos são magnificados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. 1989. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática.

DUNDES, Alan. 1980. "Into the Endzone for a Touchdown. In: *Interpreting Folklore*. Bloomington: Indiana University Press.

ELIAS, Norbert e Eric Dunning. 1992. *A Busca da Excitação*. Lisboa: DIFEL.

FREYRE, Gilberto. 1945. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, volume 2.

VINNAI, Gerhard. 1978. *El Fútbol como Ideologia*. México: Siglo Veintiuno.

WEBER, Max. 1982. "A Nação". In: *Ensaios de Sociologia* (organizado por H. Gerth & Wright Mills). Rio de Janeiro: Zahar

CAPÍTULO 8

Estudar o futebol feminino na França: das recomposições da disciplina esportiva à renovação de suas análises

Camille Martin

ENS de Lyon, França

O interesse das Ciências Sociais pelo futebol feminino não é recente na França, mas vem passando por uma importante renovação, impulsionada pelas reestruturações que afetam a disciplina. De fato, desde o início dos anos 2010, as práticas femininas têm entrado na agenda da Federação Francesa de Futebol (FFF), obtendo uma maior visibilidade tanto na instituição quanto nos clubes e na esfera pública. Diante dessas significativas transformações, que impactam concretamente as experiências esportivas das jogadoras, os questionamentos sociológicos vêm se reorientando em termos temáticos e conceituais. Este capítulo tem por objetivo apresentar essas mudanças e propor um panorama — que não pretende ser exaustivo — das produções recentes das Ciências Sociais a respeito do futebol feminino.

1. O AMBIENTE ESPORTIVO E INSTITUCIONAL DO FUTEBOL FEMININO EM RECOMPOSIÇÃO

1.1. O DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL FEMININO NA AGENDA FEDERATIVA

Embora o reconhecimento institucional e a responsabilidade pelas práticas femininas por parte da FFF remontem aos anos 1980, a partir de 2011 houve uma mudança significativa. Uma política proativa de desenvolvimento do futebol feminino foi colocada na agenda, sob a forma de um “plano federativo de feminização”. Esse plano corresponde em parte – antecipando-as¹ – às exigências do Ministério dos Esportes, que delega às federações esportivas credenciadas a responsabilidade de implementar a política esportiva nacional. Assim, é necessário introduzir o Estado na análise para refletir sobre os rumos e os desafios dessa política federativa.

Desde sua implementação, o plano de feminização teve objetivos variados: aumentar o número de mulheres federadas (jogadoras, árbitras, treinadoras, voluntárias), fortalecer a presença feminina nas instâncias dirigentes da federação e melhorar o nível das jogadoras de elite. Recursos adicionais foram alocados para as práticas desportivas femininas em todas as categorias e reformas foram ini-

1 De fato, foi apenas a partir de 2013 que o ministério responsável pelos esportes passou a exigir das federações delegatárias o estabelecimento de uma política de feminização, integrando-a às convenções de objetivos que orientam suas atividades.

ciadas nos regulamentos das competições para tornar a prática mais atrativa às mulheres de todas as idades e níveis. O plano também levou ao recrutamento de mulheres para altos cargos na hierarquia da federação. Campanhas de divulgação direta foram realizadas, tanto localmente nos clubes quanto em nível nacional, por meio da intensificação da presença na mídia da seleção feminina principal e da unificação da identidade visual com a da seleção masculina. Desde os anos 2010, as principais competições internacionais são transmitidas pela televisão; os principais jogos do campeonato da primeira divisão são transmitidos desde 2016. Por fim, a federação pleiteou e obteve o direito de sediar a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, e o evento foi marcado por uma campanha de divulgação da seleção e da modalidade (em parceria, sobretudo com estabelecimentos escolares).

De modo geral, a FFF buscou uma simetria entre as práticas femininas e masculinas: hoje, ambas são — ao menos teoricamente — administradas pelos mesmos funcionários. Esses profissionais são treinados para atuar nas diferentes frentes de desenvolvimento do futebol feminino e incentivados a tratá-lo como uma prioridade profissional. Assim, é o próprio lugar simbólico do futebol feminino dentro da instituição federativa que vem sendo promovido com essas transformações.

1.2. UM AUMENTO SIGNIFICATIVO NO NÚMERO DE MULHERES FEDERADAS

A intensificação do compromisso da FFF com o desenvolvimento do futebol feminino parece, de fato, estar surtindo efeito, dado o expres-

sivo aumento do número de atletas federadas, sobretudo a partir de 2012. Se em 1992 a federação registrava cerca de 37 mil federadas, em 2024 esse número aumentou para mais de 240 mil atletas — quase 6,5 vezes. Esse crescimento contrasta com a estagnação relativa do número de homens federados, que se manteve em torno de 1,8 milhão no mesmo período. Em 1992, as mulheres representavam menos de 2% das inscrições federadas; em 2024, esse número chega a quase 10%. Embora essa tendência seja antiga, os esforços da FFF a partir dos anos 2010 claramente tiveram impacto. O aumento dos efetivos é particularmente significativo a partir de 2012, ano seguinte ao lançamento do plano federativo de feminização: entre 2012 e 2020, as taxas de crescimento anuais ficaram em torno de 10% em média (nesse mesmo período, os efetivos masculinos permaneceram relativamente estáveis).

Essas mudanças quantitativas têm efeitos diretos na prática do futebol pelas mulheres. As jogadoras mais jovens, que podem integrar equipes masculinas até os 14 anos, estão cada vez menos isoladas nesses grupos: a grande maioria dos clubes que acolhem crianças já conta com meninas entre seus jovens federados. A presença mais expressiva de meninas permite formar equipes femininas ou ao menos grupos femininos pontuais, em todas as faixas etárias, possibilitando momentos de prática em contextos não mistos. O maior número de equipes também permite a organização de competições por nível esportivo, aumentando o interesse competitivo da modalidade. O crescimento da presença feminina entre os jogadores amadores teve efeitos concretos na melhoria das condições de prática,

além de efeitos mais simbólicos, ao ampliar a visibilidade geral das mulheres nos clubes e estádios de futebol.

1.3. UMA DINÂMICA DE PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL FEMININO DE ELITE

No futebol de elite, de alto rendimento, o fenômeno mais marcante dos últimos anos é a profissionalização da primeira divisão feminina. Formalmente, a categoria de jogadora profissional foi estabelecida em setembro de 2024. Antes disso, algumas jogadoras já eram remuneradas contratualmente (e não apenas informalmente) por clubes da primeira e da segunda divisão, sem o estatuto profissional. Essas atletas atuavam sob um “contrato federativo”: contratos padronizados e simplificados, originalmente criados para a contratação formal de jogadores (homens) em clubes que não possuíam o estatuto de profissionais.² Nesses contratos federativos, as remunerações apresentavam grande variação, indo de algumas centenas de euros para jogadoras em regime de tempo parcial (embora atuando em tempo integral) até dezenas de milhares de euros mensais para atletas renomadas de clubes de primeira divisão que se beneficiam dos recursos das equipes principais masculinas.

2 Esse estatuto profissional é reservado aos clubes cuja equipe principal masculina atua nas duas primeiras divisões nacionais (*Ligue 1* e *Ligue 2*). Essas divisões são administradas pela Ligue de Football Professionnel (Liga de Futebol Profissional), uma associação distinta da FFF, mas que atua sob sua supervisão. Assim, há jogadores que atuam sob contrato federativo nas duas divisões inferiores.

Em julho de 2024, foi criada a Liga Feminina de Futebol Profissional, responsável pela gestão das duas primeiras divisões femininas nacionais, seguindo o modelo da Liga de Futebol Profissional masculino. Isso abriu caminho para o acesso das jogadoras aos sindicatos de atletas profissionais, embora a temporada 2024-2025 tenha começado sem uma convenção coletiva específica, com negociações previstas até o início da temporada seguinte. O salário-mínimo das jogadoras, ligeiramente superior ao salário-mínimo nacional (SMIC), também foi estabelecido pelo acordo setorial relativo ao esporte profissional. A situação das jogadoras de alto rendimento se estabiliza econômica e juridicamente, somando-se ao aspecto simbólico da conquista do estatuto profissional. Mesmo que os salários ainda estejam longe dos de seus homólogos masculinos, os mais altos chegam a 50 mil euros brutos mensais na temporada 2024/2025. Além disso, oito clubes receberam autorização para abrir centros de formação para jovens jogadoras de elite, que agora podem ser remuneradas contratualmente durante a formação.

Nesse cenário, o futebol passa a ser visto como uma via de profissionalização para jovens promissoras, perspectiva que introduz questões econômicas nas carreiras dessas atletas e influencia escolhas esportivas e escolares. Mais amplamente, a profissionalização do futebol feminino também impulsiona o desenvolvimento de uma economia em torno da categoria, para além da simples remuneração das jogadoras. De fato, a profissionalização (em termos legais) exige um acompanhamento técnico e médico especializado dessas atletas. Embora esse acompanhamento possa ser compartilhado com o

das outras equipes de elite (masculinas) dos clubes, ele pode exigir a contratação de funcionárias dedicadas exclusivamente às jogadoras. Além disso, a crescente comercialização do espetáculo esportivo feminino envolve a contratação de equipes responsáveis por essas funções comerciais.

Embora o futebol feminino de elite ainda não desperte o mesmo entusiasmo que o futebol masculino, sua presença no cenário esportivo francês se ampliou significativamente desde o início dos anos 2010: a profissionalização foi instituída, grandes clubes masculinos investem financeiramente e ajudam a estruturar essa economia, que é sustentada por um público crescente, tanto entre os homens quanto entre as mulheres. Essas rápidas transformações, que impactam tanto as práticas amadoras quanto as de elite, convidam a um novo olhar e a novos questionamentos acerca da modalidade.

2. AVANÇOS RÁPIDOS QUE CONVIDAM A REFLETIR SOBRE A RECOMPOSIÇÃO DAS DESIGUALDADES MATERIAIS NO ACESSO DAS MULHERES AO FUTEBOL

Desde os anos 2000, diversos estudos têm se dedicado a destacar a marginalização material das mulheres no futebol, a dificuldade do acesso feminino às infraestruturas e aos recursos financeiros de seus clubes etc. Esses estudos evidenciam os mecanismos pelos quais as mulheres costumam ser materialmente prejudicadas em favor dos homens dentro dos clubes, onde esse rebaixamento material também está ligado a um rebaixamento simbólico. Essa marginalização pode se manifestar na alocação das mulheres a espaços periféricos,

na atribuição de campos em condições inferiores, na definição de horários menos funcionais e na distribuição desigual de recursos materiais (uniformes antigos) ou de recursos humanos (técnicos, dirigentes). Essa posição desfavorável no acesso às infraestruturas e aos recursos pode gerar condições de prática precárias, constituindo um obstáculo à permanência das mulheres no esporte.

Esses estudos, no entanto, por mais fundamentais que sejam, foram realizados majoritariamente antes do plano de feminização da FFF. Surge, portanto, a necessidade de reavaliar essas desigualdades materiais à luz das transformações recentes no esporte.

2.1. A PROFISSIONALIZAÇÃO NOS TEXTOS E NA PRÁTICA

Várias pesquisas atuais têm como foco inicial a dinâmica de desenvolvimento de uma economia do futebol feminino. Depois da tese de doutorado de Cassandre Rivrais, defendida em 2022,³ um número de revista dedicado à questão da profissionalização das mulheres no futebol foi organizado em 2024 por Cécile Ottogalli-Mazzacavallo, Virginie Nicaise e Guillaume Bodet. Os autores e autoras destacam o crescimento dos interesses comerciais e financeiros, com o aumento da audiência dos jogos, variável que, eles enfatizam, tem mostrado certa estagnação desde o início dos anos 2020. Eles lembram que, embora “a história do futebol praticado por mulheres seja, como em

3 Cassandre Rivrais, *“Je ne suis pas là pour danser”: études des carrières et des conditions de pratique des footballeuses en France et au Québec*, Tese de doutorado, Lyon 1, 2022.

outras modalidades esportivas, marcada por desigualdades de acesso, tratamento e reconhecimento [entre mulheres e homens]”, as recentes evoluções nas práticas femininas não encobrem o fato de que os desafios econômicos não se comparam aos que regem as práticas masculinas. Os autores destacam, por exemplo, que mesmo nas duas primeiras divisões nacionais, algumas jogadoras ainda vivem em situação economicamente precária, muitas vezes conciliando as atividades esportivas de alto rendimento com uma atividade profissional paralela.

A situação ambivalente das jogadoras profissionais é analisada por Bodin, Rivrais e Ottogalli-Mazzacavallo (2024) com base no caso das atletas do clube Olympique Lyonnais. Eles descrevem a dupla posição dessas jogadoras: ao mesmo tempo privilegiadas no universo do futebol feminino e desvalorizadas no espaço futebolístico global. Nesse estudo, os autores mostram como a melhora das condições materiais de treinamento influencia direta e significativamente os desempenhos e o reconhecimento simbólico. No entanto, esse círculo virtuoso permanece, por um lado, relativamente excepcional no mundo do futebol feminino francês e, por outro, limitado, pois, embora dominantes no espaço futebolístico feminino, no universo do futebol profissional como um todo as mulheres seguem subordinadas. Essa mesma conclusão é compartilhada por Luc Arrondel e Richard Duhautois⁴, que em 2020 dedicaram um estudo à avaliação

4 Luc Arrondel, Richard Duhautois, *Comme les garçons? L'économie du football féminin*. Paris: Rue d'Ulm, 2020, 184 p.

econômica da profissionalização do futebol feminino. A análise, que não se limita ao caso francês, demonstra até que ponto o futebol feminino continua sendo um “pequeno negócio” em comparação com o masculino.

Esses estudos, ao analisarem qualitativa e quantitativamente o desenvolvimento do futebol feminino profissional e ressaltarem a enorme distância que ainda o separa das modalidades masculinas, convidam à reflexão sobre as relações financeiras entre os setores femininos e masculinos dos clubes, ou seja, os fluxos de recursos entre esses dois subespaços generificados no futebol. Ainda que existam mecanismos legais que assegurem a redistribuição de recursos do esporte profissional para o amador,⁵ essas mesmas dinâmicas se aplicam às relações entre o futebol masculino e feminino? Esses dois subespaços estão ligados por relações de concorrência (por infraestruturas, pela atenção do público) ou de cooperação? A natureza dessas relações varia conforme a escala de análise (federação, clubes)? Embora não formule essas questões dessa maneira, Laurent Grün as aborda diretamente ao tratar da distribuição de recursos entre os setores feminino e masculino no âmbito de um clube (Grün 2024). Ele analisa os efeitos da profissionalização das jogadoras no FC Metz, entre 2014 e 2019, e questiona, em especial, o processo de formação que permite o acesso ao alto rendimento

5 Em 1999, foi implementado um mecanismo de compartilhamento de recursos entre o esporte profissional e o esporte amador, conhecido como taxa Buffet: uma parte dos direitos de transmissão dos campeonatos profissionais deve ser destinada às práticas amadoras.

desde muito jovem. Grün aponta os obstáculos que dificultam a distribuição equilibrada do acesso às instalações esportivas, aos recursos financeiros e ao suporte técnico. Interessando-se de perto pelos debates em torno dessas temáticas dentro do clube, ele mostra até que ponto, apesar de uma intenção explícita de tratamento igualitário, resistências persistem e perpetuam a visão das mulheres como secundárias, uma modalidade menos séria, menos digna de interesse. As próprias mulheres em cargos técnicos internalizam essa posição subalterna e se perdem na ilusão de uma igualdade que só se manifesta nos aspectos menos relevantes da formação – em detrimento das questões materiais, como meios de subsistência e autonomia financeira de atletas e treinadoras. No FC Metz, embora no período analisado haja uma profissionalização da formação e dos saberes (em termos de quantidade e qualidade dos treinos, disciplina nos cuidados com o corpo, perseverança, dedicação e definição de estratégias de desempenho), o autor não constata uma profissionalização propriamente dita, nem das atividades nem das pessoas responsáveis por elas.

2.2. DAS DESIGUALDADES MATERIAIS ÀS REPRESENTAÇÕES DIFERENCIADAS: O FUTEBOL FEMININO DE ELITE NA MÍDIA

Essas transformações econômicas são acompanhadas por uma crescente difusão midiática das práticas femininas, tema estudado sob a ótica de seus efeitos nas representações do futebol feminino junto ao grande público. Pesquisas realizadas na França sobre mídia e fute-

bol feminino (Ravel e Gareau 2016, Abouna 2018, Lapeyroux 2021) mostram que as jogadoras tendem a ser representadas por meio de imagens depreciativas ou sexualizadas. Essas análises constataam que os meios de comunicação retratam as atletas de acordo com as normas de gênero, insistindo em aspectos tradicionalmente valorizados nas mulheres (vida familiar, aparência) em detrimento de suas qualidades esportivas. Os estudos também insistem no fato de que essas representações reforçam estereótipos associados aos dois sexos e que a difusão dessas imagens caminha na contramão do objetivo igualitário e emancipador do desenvolvimento do futebol feminino.

Nessa perspectiva, destaca-se o trabalho de Natacha Lapeyroux, que combina análises qualitativas e quantitativas das representações midiáticas das atletas e se revela particularmente esclarecedor. Essa autora estuda a cobertura televisiva das Copas do Mundo de Futebol Feminino de 2007, 2011 e 2015 (Lapeyroux 2021). Em termos quantitativos, ela mostra que a difusão da prática feminina aumentou significativamente, acompanhada, no âmbito da recepção, por recordes de audiência desde 2003. Assim, esses torneios femininos se tornaram eventos esportivos rentáveis para anunciantes e emissoras. No entanto, esse crescimento na cobertura não impede uma representação diferenciada em relação às competições masculinas. As jogadoras continuam submetidas a exigências de feminilidade e a padrões de desejabilidade heterossexual. A autora também reflete sobre a cobertura midiática do esporte e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para ingressar nas profissões ligadas ao jornalismo esportivo.

Apesar da dificuldade de demonstrar empiricamente os efeitos concretos da recepção dessas imagens, os dirigentes da FFF atribuem a elas um papel relevante e utilizam a comunicação como ferramenta para promover o futebol feminino amador. Assim, desde o lançamento do plano de feminização do futebol no início dos anos 2010, houve um forte investimento em divulgar as jogadoras de elite por meio da transmissão de partidas da seleção e da primeira divisão do campeonato feminino. O objetivo é tanto divulgar a modalidade quanto estimular a identificação com jogadoras de elite, encorajando a participação feminina no futebol.

De forma geral, essas representações midiáticas são objeto de interesse científico com base na convicção de que possuem efeitos sociais: os autores e autoras desses estudos atribuem a elas um potencial de reforço ou de contestação das normas e hierarquias de gênero.

3. PENSAR AS EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS DAS MULHERES NO FUTEBOL AMADOR

A questão da reprodução ou da subversão das normas de gênero estrutura os estudos franceses sobre o futebol feminino ao longo dos anos 2000 e 2010. Trata-se de refletir sobre o ambiente cultural no qual as jogadoras estão inseridas e no qual formam tanto suas aspirações futebolísticas quanto suas decisões de se envolver com a prática ou se afastar dela. Assim, os estereótipos e estigmas que pesam sobre as futebolistas são o foco das análises, e o objetivo é compreender como eles afetam as trajetórias e a construção identitária

das atletas (Abouna 2010), ou ainda os contextos de socialização que explicam improváveis decisões de envolvimento esportivo (Mennesson 2005). Esses trabalhos evidenciam a exigência de conformidade corporal imposta às jogadoras de futebol (Mennesson 2006), bem como as instruções contraditórias às quais elas são submetidas, entre a necessidade de desenvolver um corpo musculoso para atender às demandas do esporte e a exigência de um corpo esguio, conforme as normas de gênero que se aplicam a elas (Ottogalli-Mazzacavallo, Nicaise e Bodet 2021). Nessa perspectiva, trata-se de pensar conjuntamente o peso das representações, dos estereótipos e suas consequências concretas em termos de desigualdades na prática (sanções simbólicas aplicadas às mulheres, estigmas que desencorajam o engajamento duradouro etc.).

Embora os questionamentos recentes pareçam se concentrar mais nas práticas de alto rendimento, com um interesse renovado pelas condições materiais (profissionalização, acesso às infraestruturas etc.), esse enfoque material poderia ser aplicado também às práticas amadoras. De fato, as condições nas quais as jogadoras estão inseridas influenciam diretamente a atratividade da atividade esportiva e, conseqüentemente, sua propensão a manter o engajamento. Assim, parece útil abordar tanto as práticas amadoras quanto as profissionais pelo prisma de suas condições materiais de existência, de sua organização e dos recursos que lhes são destinados — elementos que moldam concretamente as experiências cotidianas das jogadoras.

Utilizando bases de dados quantitativas sobre atletas federais (homens e mulheres) da FFF, bem como sobre as infraestruturas

esportivas disponíveis, tentei medir a relação estatística entre a disponibilidade de infraestruturas em um território (seu número em relação ao número de federados que as utilizam) e o desenvolvimento do futebol feminino nesse território (Martin 2021). O objetivo era refletir sobre os determinantes materiais, e não apenas simbólicos, que influenciam o desenvolvimento do futebol feminino. Também era uma forma de abordar a disseminação da prática a partir da perspectiva da oferta esportiva, e não apenas da demanda, ou seja, do desejo das mulheres de praticarem futebol. Embora tenha sido difícil, com os dados disponíveis, concluir pela existência de uma relação estatística entre disponibilidade de campos de futebol e proporção de mulheres entre os praticantes, esse trabalho abre caminho para reflexões sobre os efeitos das condições de jogo para as jogadoras amadoras.

Dando continuidade a essa abordagem centrada nas infraestruturas, propus-me a estudar a regulamentação das práticas femininas (Martin 2022). Muito concretamente, observar a evolução dos regulamentos esportivos voltados às mulheres permite compreender os contornos da experiência esportiva que lhes é proposta, ou pelo menos tal como é concebida pelos dirigentes das instâncias federativas. Ao me debruçar sobre os regulamentos que determinam a estrutura das categorias competitivas femininas, observei que as reflexões federativas sobre as mudanças são pautadas tanto pelo objetivo de desenvolver o futebol feminino e melhorar as condições de prática das jogadoras quanto por uma preocupação de controle sobre elas, visando moldar sua socialização de gênero. Assim, por trás da

instauração de práticas não mistas desde a infância, percebe-se a intenção de evitar o isolamento de meninas em equipes masculinas e a (suposta) construção de atitudes de gênero não normativas. Trata-se, ao contrário, de promover sua socialização esportiva ao lado de outras meninas. Paralelamente, o projeto de não permitir que adolescentes de 15 anos integrem equipes adultas encobre — além do objetivo de desenvolver categorias de base — o desejo de mantê-las afastadas do convívio com adultos e de seus comportamentos considerados desviantes (consumo de álcool e sexualidade homossexual, em especial). Assim, essas mudanças regulamentares não devem ser compreendidas apenas sob o ponto de vista esportivo: explicá-las exige captar de que forma elas servem ao controle das interações e da socialização das jogadoras. Na prática, essa reflexão se beneficiaria de um estudo aprofundado sobre como esses regulamentos são aplicados concretamente e quais são as reais condições de socialização das futebolistas amadoras.

4. O ENRIQUECIMENTO DAS PERSPECTIVAS E DAS ABORDAGENS SOCIOLÓGICAS SOBRE O FUTEBOL FEMININO

De forma mais ampla, as transformações recentes do futebol feminino e a abertura para outras abordagens sociológicas convidam à renovação dos questionamentos e à inclusão de novos objetos de estudo.

Em primeiro lugar, até aqui falamos apenas de jogadoras, deixando de lado a análise de outras categorias federadas. Na realidade, diversos trabalhos começam a se abrir a esses outros aspectos

da modalidade. É o caso, por exemplo, de Lucie Le Tiec, que estuda árbitras de alto desempenho (Le Tiec 2016). Partindo de uma observação participante de sete anos como árbitra nacional, a autora mostra como os testes físicos são excludentes para as mulheres que aspiram à arbitragem de alto desempenho, e como os mecanismos de cooptação jogam contra elas, de modo que aquelas que conseguem chegar ao topo permanecem exceções, apesar das políticas de apoio às carreiras femininas na arbitragem. Da mesma forma, mesmo que o plano de feminização da FFF no começo dos anos 2010 incluísse o objetivo de feminizar as instâncias dirigentes em todos os níveis, as voluntárias e as dirigentes federadas seguem pouco estudadas, assim como as mulheres que atuam no treinamento técnico das jogadoras.⁶

Além disso, ainda que a situação das jogadoras seja primeiramente abordada sob o ponto de vista de gênero, enquanto praticantes minoritárias de um esporte historicamente e simbolicamente masculino, o futebol feminino também merece ser pensado a partir de suas heterogeneidades. Para além das diferenças de idade, nível técnico e condições materiais, trata-se também de um ambiente onde se constroem relações sociais. Um ambiente atravessado, como outros, por hierarquias de raça, classe, gênero e sexualidade. Compreender de que forma a marginalização simbólica das jogadoras se articula com (reforça, recompõe, invisibiliza) essas dinâmicas internas ao campo seria um aprofundamento valioso, trazendo o olhar

6 Com a notável exceção do trabalho de H. Juskowiak, J. Bréhon e O. Hidri Neys (2021) sobre o caso de uma pioneira, Corine Diacre, primeira mulher a treinar, na França, uma equipe profissional masculina.

das Ciências Sociais a temas amplamente politizadas, como o uso do véu no esporte, por exemplo.

Por fim, embora os mecanismos de marginalização simbólica das jogadoras sejam bem descritos, as lutas cotidianas e organizadas que elas travam ainda são pouco estudadas. Apesar dos obstáculos à mobilização das esportistas, conforme demonstrado de forma convincente por Mennesson (2012), formas de resistência são observáveis tanto na França quanto no exterior. Para além das mobilizações visíveis e de grande escala, que formas de luta diária são conduzidas localmente pelas jogadoras? A prática não mista é favorável ao desenvolvimento de uma consciência das desigualdades, de uma socialização feminista? Mais amplamente, se práticas esportivas são vistas como potencialmente emancipadoras para as mulheres, como essa emancipação se constrói concretamente? Como ela se manifesta?

CONCLUSÃO

A leitura desses trabalhos, em sua diversidade de abordagens e objetos, revela um ponto de convergência tão central quanto implícito. O que perpassa essas pesquisas é a convicção de que, por trás das restrições materiais e das barreiras simbólicas à prática do futebol pelas mulheres, o que está em jogo não é apenas a possibilidade de praticar um esporte em boas condições. O que está realmente em jogo, e que fundamenta o interesse desses estudos, é a ideia de que a prática esportiva (especialmente o futebol, esporte de grande visibilidade no contexto francês, muito comentado e acompanhado) pode

ser um espaço de contestação da ordem de gênero, de emancipação individual e coletiva. O que implicitamente estrutura esses trabalhos e lhes confere importância é a certeza de que, quando as mulheres entram nos espaços esportivos e se tornam legítimas dentro deles, um sistema inteiro de reprodução de normas de gênero começa a se desgastar, oferecendo perspectivas de reconfiguração de hierarquias e margens de manobra individuais. Isso também ocorre quando visibilidade midiática das principais jogadoras introduz no espaço público a imagem de corpos femininos musculosos e atléticos. Uma diversidade de modelos se torna visível, abrindo uma pequena brecha na reprodução das normas corporais e estéticas. Esse poder emancipador do esporte é de fato o que faz do estudo do futebol feminino um verdadeiro esporte de combate.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOUNA, Marie Stéphanie. 2010. “‘Féminisation’ du football et constructions des identités sexuées: des dynamiques et accompagnements de(s)-ordres du genre”. Tese de doutorado em Sociologia, Brest. <https://theses.fr/2010BRES1021>.

ABOUNA, Marie Stéphanie. 2018. “Internet et mise en visibilité du football féminin en France: entre avancées et paradoxes”. *Communiquer. Revue de communication sociale et publique*, (22): 49-66. <https://doi.org/10.4000/communiquer.2576>.

ARRONDEL, Luc e Richard Duhautois. 2020. *Comme les garçons? L'économie du football féminin*. 1a. edição. Paris: Rue d'Ulm.

BODIN, Théo, Cassandre Rivrais e Cécile Ottogalli-Mazzacavallo. 2024. “Être une femme et jouer à l’Olympique Lyonnais: essai d’histoire d’un club atypique”. *Staps*, 145(2): 29-48. <https://doi.org/10.3917/sta.145.0029>.

GRÜN, Laurent. 2024. “Professionaliser la section filles au sein d’un club de football professionnel ‘historique’: les équipes féminines du FC Metz (2014-2019)”. *Staps*, 145(2): 67-82. <https://doi.org/10.3917/sta.145.0067>.

JUSKOWIAK, Hugo, Jean Bréhon e Oumaya Hidri Neys. 2021. “‘Comme un garçon...’: Corinne Diacre, un·e entraîneur·e de football professionnel comme les autres?”. *Staps*, 131(1): 45-63. <https://doi.org/10.3917/sta.131.0045>.

LAPEYROUX, Natacha. 2021. “Représentations télévisuelles des Championnats du monde de football des femmes en France: entre stéréotypes et innovations transgressives”. *Staps*, 131(1): 85-101.

LE TIEC, Lucie. 2016. “Les arbitres féminines sur la touche? Conditions d’entrées et de déroulement de carrières des femmes arbitres de football”. *Marché et organisations*, (27): 131-48.

MARTIN, Camille. 2021. “Des stades moins disponibles pour les femmes? Difficultés d’accès aux infrastructures et développement du football féminin en France”. In: *Sport-Arenen – Sport-Kulturen – Sport-Welten, Deutsch-französisch-europäische Perspektiven im „langen“ 20. Jahrhundert*, por Dietmar Hüser, Paul Dietschy e Philipp Didion. Stuttgart: Franz Steiner Verlag. 143-152..

MARTIN, Camille. 2022. “Développer le football, moraliser les joueuses: La socialisation de genre des joueuses au cœur de la politique sportive”. *Agora débats/jeunesses* 90(1): 87-101. <https://doi.org/10.3917/agora.090.0087>.

MENNESSON, Christine. 2005. *Être une femme dans le monde des hommes: socialisation sportive et construction du genre*. Sports en société. Paris: L'Harmattan.

MENNESSON, Christine. 2006. “Le gouvernement des corps des footballeuses et boxeuses de haut niveau”. *Clio. Femmes, Genre, Histoire*, 23: 179-96. <https://doi.org/10.4000/clio.1898>.

MENNESSON, Christine. 2012. “Pourquoi les sportives ne sont-elles pas féministes?” *Sciences sociales et sport* 5(1): 161-191.

OTTOGALLI-MAZZACAVALLLO, Cécile, Virginie Nicaise e Guillaume Bodet. 2021. “Football et femmes en France: une longue route (encore) semée d’embûches...”. *Staps*, 131(1): 5-11. <https://doi.org/10.3917/sta.131.0005>.

OTTOGALLI-MAZZACAVALLLO, Cécile, Virginie Nicaise e Guillaume Bodet. 2024. “Être footballeuse et en faire son métier en France: conditions d’émergence et de développement d’un statut (encore) fragile”. *Staps*, 145(2): 7-18. <https://doi.org/10.3917/sta.145.0007>.

RAVEL, Barbara e Marc Gareau. 2016. “‘French Football Needs More Women like Adriana’? Examining the Media Coverage of France’s Women’s National Football Team for the 2011 World Cup and the

2012 Olympic Games”. *International Review for the Sociology of Sport* 51(7): 833-847. <https://doi.org/10.1177/1012690214556912>.

RIVRAIS, Cassandre. 2022. “‘Je ne suis pas là pour danser’: études des carrières et des conditions de pratique des footballeuses en France et au Québec”. Tese de doutorado em STAPS, Lyon 1. <https://theses.fr/2022LYO10105>.

TIEC, Lucie Le. 2016. «Les arbitres féminines sur la touche? Conditions d’entrées et de déroulement de carrières des femmes arbitres de football ». *Marché et organisations*, no 27 (septembre), 131-48.

CAPÍTULO 9

Fé, gênero e futebol: por que os jogadores votaram na extrema direita?¹

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

CONTEXTUALIZAÇÃO

Por que a maioria dos jogadores de futebol brasileiros aderiu à extrema direita?

Procurei responder a essa pergunta com base em dados de uma pesquisa iniciada em 2003, envolvendo mais de 100 jogadores e jogadoras de futebol que atuaram (ou ainda atuam) em diversos países e em todos os continentes. Bolsonaro era, então, um deputado

1 Comunicação apresentada no II Colóquio Internacional do INCT Futebol — As Ciências Sociais Diante do Futebol: Intercâmbios e Perspectivas Franco-Brasileiras. Gostaria de expressar minha gratidão ao CNPq pelo financiamento do INCT Estudos sobre o Futebol Brasileiro. Agradeço também a Bela Feldman-Bianco e Miriam Grossi pelas valiosas observações finais durante o colóquio, tanto sobre o conjunto dos trabalhos apresentados, quanto, mais particularmente, sobre este texto. E agradeço a Mariana Brum (UFPel) pela ajuda na preparação dos slides apresentados.

federal pelo Rio de Janeiro, uma figura desconhecida nacionalmente, e, provavelmente, nenhum dos futebolistas com quem teve contato tinha ouvido falar nele.

Essa pesquisa começou em um contexto de emigração massiva no Brasil, um fluxo iniciado nos anos 1980² e intensificado nos anos 1990, motivado pelo desemprego, pela busca de melhores condições de vida, mas também pelo sonho de “vencer na América” (Margolis 1994, 2013). Os jogadores de futebol (pés-de-obra) seguiram uma dinâmica semelhante, embora seus destinos preferenciais sejam distintos, aos emigrantes brasileiros “comuns” (mãos-de-obra), que vão, majoritariamente, para o Norte global ou para países vizinhos da América do Sul.

Segundo dados do Ministério das Relações Exteriores, em 2024, cerca de 4,5 milhões de brasileiros viviam no exterior. Os Estados Unidos acolhem a maior comunidade (1,9 milhão), seguidos por Portugal (360 mil), Paraguai (254 mil), Reino Unido (220 mil) e Japão (202 mil). Essa emigração tem uma origem bem definida: muitas dessas pessoas vêm da cidade de Governador Valadares, em Minas Gerais (Pinto 2021). A principal região de destino é a costa leste dos Estados Unidos, onde se concentram cerca de 63% dos brasileiros residentes no país (Assunção 2011).

Os jogadores brasileiros, por sua vez, estão presentes na maioria dos 208 países e territórios onde o futebol é regulado pela FIFA.

2 “In just five decades the number of international migrants nearly tripled from 76 million in 1960 to 214 million in 2010” (Brzozowski 2012: 137)

Como me dei conta muito cedo, sua migração não segue o mesmo padrão dos outros emigrantes brasileiros (Rial 2006) e seu país de destino preferencial difere. Em agosto de 2023, Portugal acolhia 213 jogadores brasileiros, dos quais 108 atuavam na liga portuguesa, representando cerca de 22% dos jogadores dessa liga — o que faz do Brasil a principal nacionalidade estrangeira na Liga Portugal Betclic³. De fato, desde os anos 1990, o número de jogadores de futebol brasileiros expatriados mantém-se estável, superando em média de mil por ano, e Portugal, numa lógica pós-colonial, tornou-se a principal porta de entrada para o mercado europeu — o mais cobiçado, pois abriga os clubes globais⁴. Esse movimento pós-colonial também

3 Disponível em: https://www.transfermarkt.pt/61-dos-jogadores-da-liga-portuguesa-sao-estrangeiros-brasil-e-o-pais-mais-representado/view/news/436975?utm_source=chatgpt.com e https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-portugues/noticia/2023/08/11/campeonato-portugues-202324-tabela-palpites-e-principais-brasileiros.ghtml?utm_source=chatgpt.com

4 Como defini em outros textos, os clubes globais são aqueles que transcendem as fronteiras de suas comunidades, regiões e, até mesmo, de seus Estados-nação. Eles são nós de fluxos globais econômicos, humanos, midiáticos e simbólicos, concentrando capitais que circulam em escala mundial e empregando jogadores provenientes de diferentes partes do mundo. Reúnem torcedores dispersos pelo planeta, colonizando o imaginário de uma população mundial – majoritariamente masculina. Enquanto comunidades imaginadas, podem ser considerados como nações (Weber 1992, Oliven 2025), com seus hinos, bandeiras e um forte sentimento de pertencimento. As cidades do futebol global, como Madri, Munique, Manchester e Barcelona, em termos de importância no sistema futebolístico, superam as cidades globais (Sassen 1991), como Nova York, Los Angeles e Tóquio.

é observável em outras nacionalidades: argentinos e uruguaios preferem a Espanha; africanos de ex-colônias francesas, a França etc.

Para os futebolistas brasileiros, em 2023, o Japão⁵ ocupou a segunda posição como destino preferencial (79 jogadores), seguido pelos Emirados Árabes Unidos (49), Espanha e Estados Unidos (44 cada), Itália e Inglaterra (40 cada), Bulgária (39) e Tailândia (34)⁶. O fato de os Estados Unidos contarem com 44 jogadores brasileiros reflete o desenvolvimento da MLS (Major League Soccer) e a continuidade da participação feminina na NWSL (National Women's Soccer League)⁷. Sua presença em países como Malta, Índia ou Tailândia é mais surpreendente, já que esses países não estão entre os destinos dos trabalhadores brasileiros. Como me afirmou o adido cultural do consulado brasileiro em Mumbai, em 2011: “Eu nem sabia que havia brasileiros trabalhando aqui; o salário-mínimo na Índia é bem inferior ao do Brasil. Ninguém é louco de vir trabalhar aqui.”

Analisei, portanto, essa emigração dos jogadores levando em consideração tanto as dinâmicas próprias da migração brasileira quanto aquelas específicas do campo futebolístico⁸. As primeiras

5 Disponível em: <https://alternativa.co.jp/noticias/esportes/126724/liga-de-futebol-do-japao-faz-30-anos-e-conta-com-45-brasileiros-nesta-temporada/>

6 CIES – Football Observatory.

7 Em 2012, eles eram 21 na MLS (Rial 2012) e o número caiu para 12 em 2017.

8 O conceito de campo, formulado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, constitui um elemento central de seu quadro teórico. Sua principal característica reside na impossibilidade de uma definição fixa e definitiva: trata-se de uma porção do espaço social que atingiu um grau de autonomia

hipóteses da pesquisa respondiam aos estereótipos veiculados pela mídia ou por certos intelectuais⁹, que os qualificavam como “mercenários”, motivados unicamente por dinheiro; como “consumistas”, obcecados por bens de luxo; e como “estrangeiros”, desligados do Brasil. Essas três figuras — mercenário, consumista, estrangeiro — estruturaram as perguntas iniciais: será que os jogadores de futebol correspondem a esses perfis?¹⁰

suficiente para sustentar a crença compartilhada na legitimidade de seu princípio fundador. Em resumo, a autonomia de um campo refere-se à sua capacidade interna de estabelecer um princípio próprio de diferenciação e organização, relativamente independente das imposições externas de ordem religiosa, política, econômica ou midiática (Bourdieu 1992: 93).

9 Simoni Guedes, em 2006, declarou que essas qualificações não provinham apenas da mídia, mas também dos intelectuais especialistas em esporte. Ver NAVI – Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem. Mesa-redonda com Carmen Rial e Simoni Guedes – 58ª Reunião Anual da SBPC (2006). Rodríguez, Cristhian (ed.), Projeto Acervo Memória e Preservação Digital. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Vídeo (formato digital). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Rn63MM3_BT4]. Acesso em: [14/04/2025].

10 É importante destacar que, no início do século XXI, os correspondentes internacionais especializados em esportes eram raros e o contato se limitava à transmissão das partidas, com poucas entrevistas de jogadores no exterior. Uma exceção era o programa *Expresso da Bola*, transmitido pelo canal SporTV, coproduzido pela MariaTV. O jornalista Décio Lopes viajava pelo mundo para encontrar jogadores que contavam como era viver em um país de língua e cultura diferentes, com costumes diversos. O *Expresso da Bola* foi exibido em 2003 e deixou de ser produzido em 2012. Desde 2022, foi relançado, agora na forma de um segmento no programa *Esporte Espetacular*, da TV Globo. Atualmente, o correspondente da ESPN em Madrid,

As conversas, entrevistas e observações me mostraram que eles mantêm um forte sentimento de pertencimento nacional que é reforçado quando se deslocam para o exterior, como é comum acontecer com imigrantes. Isso não exclui as demandas de naturalização que encaminham quando estão no Norte global, especialmente na Europa. Mas essas naturalizações eram vistas como meios para facilitar sua circulação no mercado futebolístico, ao mesmo tempo, que possibilitavam a abertura de vagas para outros brasileiros nos clubes. Eles, portanto, não se tornavam “estrangeiros”, tratava-se de naturalizações estratégicas¹¹.

Por fim, seus estilos de vida não eram centrados no consumo. Certamente, muitos dos que atuavam (e atuam) na Europa viviam em residências de alto padrão, dirigiam carros caros e, alguns, usavam roupas de marcas de luxo. Mas seu cotidiano continuava modesto: arroz com feijão e churrasco dominavam suas refeições e a maioria dos que encontrei vestia-se como os jovens de classe média de sua geração.

Logo nos primeiros contatos, fui levada a problematizar as categorias comumente usadas para definir a mobilidade nos estudos de migrações. Seriam os futebolistas emigrantes/imigrantes? Expatria-

Gustavo Hofman, realiza entrevistas à distância com jogadores brasileiros, geralmente em países periféricos do sistema do futebol, que são veiculadas no podcast *Futebol no Mundo*.

11 Essas transferências são hoje facilitadas pelas redes de “multiclubes” (Simões 2024), que reúnem sob um mesmo proprietário clubes de diferentes países.

dos? Transmigrantes? Uma das conclusões dessa fase foi a de que as categorias tradicionais de análise das migrações não correspondiam ao que encontrei em campo. Sua mobilidade assemelha-se mais a uma circulação contínua – o que eles chamam de “rodar” (Rial 2008).

O que os diferenciava de outros emigrantes era o fato de viverem em bolhas protegidas, cuja densidade dependia de vários fatores: o *status* do clube na hierarquia do futebol, a idade em que os jogadores emigram, a duração da estadia no exterior e, até mesmo, a presença de filhos em idade escolar no lar. Mas essa bolha existia e persiste, mesmo em clubes de menor expressão no sistema futebolístico global, e pode incluir o empréstimo de um apartamento pelo clube (como foi o caso de um jogador que entrevistei em Marrakech), ajuda na busca por moradia, tradutores (como em Eindhoven, Aalborg, Istambul, Atenas...), e secretários que podem ser empregados pelo clube (como em Atenas), por agentes (como em Alkmaar), ou diretamente pelo jogador (como em Sevilha). Nos clubes globais, essa bolha também inclui amigos próximos, fisioterapeutas pessoais, cozinheiras e toda uma infraestrutura que transforma o domicílio em academia, clínica médica ou espaço para festas e lazer.

Essa bolha também existe no futebol de mulheres, mas é bem menos densa: as jogadoras mantêm um contato mais estreito com a cultura local. Elas correspondem mais ao que Appiah (2006) definiu como “patriotas cosmopolitas”¹². É o caso de Arina, que conheci em

12 “Podemos ser patriotas cosmopolitas, pessoas ligadas ao seu próprio lar, com suas particularidades culturais, mas que se agradam da existência de outros lugares, diferentes, que são a casa de outras pessoas, também

julho de 2024. Almoçamos no restaurante Murillo, em Madri, na companhia de Vera Cíntia Alvarez, autora do capítulo 12 deste livro, que a conhecia por meio dos contatos estabelecidos entre o consulado brasileiro na Espanha e as jogadoras. Arina deixou o Brasil em 2015 para jogar nos Estados Unidos, no Monroe College¹³. Depois passou pelo Madrid CF e atuava no Rayo Vallecano quando nos encontramos — antes de ser transferida para o Getafe, em 2025. Ela contou suas imersões no cotidiano dos países onde viveu e relatou em detalhes sua aventura na Armênia, onde trocou as férias por um contrato de jogadora, motivada pelo desejo de “conhecer o país” e de participar da Liga dos Campeões¹⁴. Não encontrei relatos semelhantes ao de

diferentes. (Appiah 2006: 118). E também: ‘O patriota cosmopolita pode imaginar a possibilidade de um mundo em que todos seriam cosmopolitas enraizados, ligados a um lar próprio, com suas particularidades culturais, mas que também se agradariam da presença de outros lugares diferentes, que são a casa de outras pessoas, igualmente diferentes. O cosmopolita imagina ainda que, nesse mundo, nem todos acharão preferível permanecer em sua pátria, de modo que a circulação de pessoas entre diferentes localidades envolverá não só o turismo cultural (que o cosmopolita aceita e aprecia), mas também a migração, o nomadismo, a diáspora.’ (Appiah 1997: 618). [minha tradução].

13 O Monroe College possui dois campi principais: New Rochelle, NY, que é o campus original e principal da instituição, e The Bronx (Nova York), que é o campus urbano.

14 “Adoro fazer perguntas, adoro. Por isso fui para a Armênia. Queria ir só para ver como era o país, juro. Deixei de lado minhas férias de verão para ir jogar na Armênia, só para descobrir a cultura. E todo mundo me dizia: ‘Bruna, é

Arina entre os homens: eles demonstram muito menos curiosidade

um país do terceiro mundo, com religião muçulmana, a mulher é meio...’ Mas eu pensei: ‘Vou só jogar futebol.’ Que experiência, vou poder contar. Eu estava no Rayo [Vallecano], aí chegou o verão e meu agente, que tem contatos em todo lugar, me disse: ‘Enviei seu vídeo por engano para um time da Armênia, eles gostaram muito e querem que você vá lá neste verão.’ Eles estavam jogando a fase eliminatória da Liga dos Campeões [...] E aí eu pensei: ‘Uau, ir para a Armênia e jogar a Liga dos Campeões pela primeira vez?’ Meu agente me perguntou: ‘Nem te disse o que eles estão oferecendo?’ Pagavam bem, porque eu não tinha nenhuma despesa. Cheguei em um momento superbom. Tinha duas ou três meninas da África treinando. Veja a diversidade! Três meninas da África, o treinador era ucraniano e ele tinha trazido cinco jogadoras do time dele da Ucrânia. E as outras eram armênias. Então elas falavam armênio, e as ucranianas falavam russo. Porque elas não podiam falar nem armênio nem ucraniano. Então falavam russo. Em vez de aprender inglês, elas aprendiam russo. Eu, como as meninas da África, falava inglês, as ucranianas falavam ucraniano e quando as meninas estavam sozinhas na Armênia, eu pensava, meu Deus, a única coisa que aprendi em ucraniano foi ‘dá’, que significa ‘sim’. Sim é ‘si’ ou ‘yes’, e em ucraniano é ‘dá’. ‘Dá’. Foi a única palavra que guardei. Aprendi mais naquele momento, mas esqueci tudo. Fui para lá pensando: ‘Meu Deus, onde me meti? Ninguém fala espanhol, ninguém fala português, só as três que falam inglês, não entendo nada.’ Eles explicavam um exercício no campo, eu não entendia nada, sempre me colocava na última posição para ver como minhas companheiras faziam e assim aprender. E claro, tinha a comida. Me pesava todos os dias, e todo dia perdia um quilo. A qualidade dos produtos não era boa, sabe, tirei fotos, o peixe estava lá há um mês, estava seco e até preto. Mas eles nunca jogam comida fora, porque não têm muito... Uma das minhas companheiras do ‘equipo’ [ela usa às vezes palavras em espanhol] me explicou que era porque eles lembravam da guerra, de quando foram atacados. Perguntei sobre a guerra. Disseram que não foi há tanto tempo, cerca de vinte anos: ‘Há vinte anos nos atacaram.’ Eu disse: ‘Vinte anos?’ Ela já vivia naquela época. Não se fala de cem anos atrás. Nem de cinquen-

pelas línguas, culinárias, lugares ou modos de vida locais.

Os jogadores brasileiros homens que encontrei na Europa e na Ásia compravam seus alimentos em comércios brasileiros (em Tóquio, em Amsterdã...), frequentavam restaurantes brasileiros e, quando possível, faziam vir do Brasil empregadas domésticas ou familiares para ajudá-los no dia a dia. Quando não encontravam comércios ou restaurantes com produtos brasileiros, levavam esses produtos nas malas ou buscavam similares em outros mercados étnicos – uma prática comum a muitos emigrantes. Lembro, por exemplo, que no café do Feyenoord, depois de conversar por quase duas horas com o senhor Iran – ex-marinheiro da marinha mercante brasileira, que havia visitado mais de 40 países e era pai do jogador que eu estudava – recusei gentilmente seu convite para jantar um “verdadeiro bobó de camarão”. Ele planejava comprar os ingredientes “brasileiros” nos mercados turcos e senegaleses de Roterdã. Eles expressavam uma forte nostalgia do Brasil e grande tristeza por

ta. Vê-se que é uma cultura... que não é uma cultura alegre. Sabe? Eles são tímidos, não olham nos olhos. Você vai ao supermercado, todo mundo olha para baixo. [Mais adiante, ela diz:] Quando voltei para a Espanha, liguei para casa: ‘Mãe, preciso te contar uma coisa. Passei três meses na Armênia jogando futebol e tal.’ ‘Na Armênia, minha filha? Sozinha, minha filha? Onde você morou, Arina, o que você comeu? Como foi?’ Então eu expliquei tudo e disse: ‘Você me vê bem, estou bem.’ ‘Ah, Arina, pelo amor de Deus, nunca faça isso de novo.’ Como sei que ela se preocupa, conto para ela depois. Primeiro faço, depois conto. Mas para minhas primas, disse: ‘Vou para a Armênia, vou deixar o endereço de onde estou, porque se algum dia eu não responder, estou aqui, na Armênia, nesta casa.’ Sempre faço isso.”

estarem longe de seus entes queridos. As queixas sobre o inverno rigoroso ou a língua local eram recorrentes. Já entre as jogadoras, a ideia de patriotas cosmopolitas parece mais adequada do que a de bolha, pois, embora mantivessem gostos e saudade do Brasil, apreciavam o local. Entre elas, o nacionalismo aparece mais como um sentimento do que como uma ideologia.

Assim, as conclusões dessa etapa da pesquisa etnográfica mostram que, ao contrário da imagem veiculada pela mídia, esses jogadores não eram “estrangeiros”, nem “consumistas” ou “mercenários”. O ganho financeiro era apenas um dos fatores de motivação. Eles buscavam um *status* mais elevado em suas carreiras: competências técnicas e táticas, carisma midiático, reconhecimento pelos pares etc. — ou seja, um maior capital futebolístico (Bourdieu 1988). Para minha grande surpresa, também, viviam o afastamento do Brasil e sua experiência no exterior como um “sacrifício” feito em nome de sua família extensa, muitas vezes muito humilde, a quem invariavelmente ajudavam¹⁵.

A pesquisa permitiu concluir que seus valores fundamentais eram a família¹⁶ — dentro de uma estrutura patriarcal heteronorma-

15 A placa afixada acima da lareira de Fábio, em Eindhoven, com uma mensagem de agradecimento de seus onze irmãos, ilustra bem sua generosidade familiar. Ele havia aberto uma empresa de modo a poder empregar todos os irmãos e garantir seus sustentos.

16 O pai de família (quando está presente, pois muitos vêm de famílias sem a presença do pai) permanece uma figura que deve ser respeitada. Cledison, milionário, me contou que, quando estava em São Paulo, na casa de sua família de origem, e queria “sair”, pedia dinheiro ao pai. Destinar uma casa

tiva (Butler 2019) —, a pátria e a fé. A palavra “Deus” aparecia frequentemente em seus discursos, o que abriu uma nova série de perguntas: por que as práticas religiosas são tão difundidas entre eles? Por que a maioria adere a confissões neopentecostais? E, mais tarde, por que votaram em Bolsonaro (B.)?

A BÍBLIA EXPLICA

A presença da religião entre os jogadores de futebol não é novidade — como mostra, por exemplo, a estátua de Nossa Senhora Aparecida encontrada no armário de Pelé, que permaneceu fechado por mais de 50 anos nos vestiários do Santos e foi aberto por ocasião de sua morte. No entanto, o catolicismo e as religiões afro-brasileiras, ainda muito presentes, predominavam no futebol até pouco. O catolicismo continua sendo a religião oficial dos clubes, enquanto as práticas do candomblé, embora silenciosas, persistem¹⁷. Mas a

para a mãe ao receber o primeiro ganho substancial é uma forma de respeitar um sistema de honra no qual o pai seria diminuído por esse presente.

17 No programa de rádio *Sala de Redação*, da rádio Gaúcha, de 18 de março de 2025, os jornalistas presentes (Pedro Ernesto Denardin, César Cidade Dias, Leonardo Oliveira, José Alberto Andrade, Cristiano Munari, Luciano Potter e Adroaldo Guerra Filho) relataram em detalhes a história do Pai Danilo, acionado pelo Internacional e pelo Grêmio, em busca de proteção: « O Renato [treinador do Grêmio] depois da conquista, foi da Copa do Brasil, ele fez aqueles dois jogos contra o Atlético utilizando uma camisa verde, não sei se vocês lembram? Aquela camisa foi doada pelo pai Danilo.»... «O Renato pagou ele em 2016 e 2017”. E “O Inter quis tanto esse Gauchão, tanto, tanto, que juntou o presidente que não se fala, trouxeram o D’Alessandro já no ano

maioria dos meus interlocutores era evangélica, correspondendo nessa escolha a de muitos brasileiros com a mesma origem social — apenas lembrando, os evangélicos passaram de 15% da população brasileira, em 2000, para 21,6%, em 2010, e em 2023 chegaram a 26,9%, o que mostra um crescimento vertiginoso, mas também uma desaceleração desse crescimento.

Essa religiosidade (ou “fé”, como preferem chamar) transforma profundamente suas práticas cotidianas (Asad 1993). Segundo eles, a fé os protege das “tentações” presentes na vida de muitos amigos de infância e colegas de profissão — drogas, álcool, relações sexuais múltiplas. Ou seja, a “fé” os afasta de orgias perniciosas para o corpo de um atleta de alta performance. A fé faz com que viagem para cidades onde existem igrejas neopentecostais, que promovam reuniões em suas casas, e, até mesmo, abram templos — como foi o caso em Munique ou em Abu Dhabi. Mesmo os jogadores católicos, como Brenno, que encontrei na Austrália, ou Lobato, no Canadá, frequentavam templos neopentecostais “para encontrar outros brasileiros”.

A fé dos jogadores de futebol é proselitista: se propaga por gestos, tatuagens e palavras, o que os torna pastores globais (Rial 2012). Mas a fé não é apenas um calmante para as incertezas e nem uma

passado, e o D'Alessandro enlouqueceu o vestiário, e pagaram o pai Danilo”. Um diretor do Inter, atendendo pedido do fisicultor Paulo Paixão foi quem contatou o Pai Danilo para perguntar sobre a questão da dívida. « Segundo ele, era de R\$ 35 mil reais, mais R\$ 10 mil para o material (pipoca, porque a pipoca tem um efeito, e balas de mel, 5 mil balas de mel». O Inter pagou e ganhou o campeonato gaúcho, depois de sete anos sem título.

vitamina que fortalece os músculos. Como observei no trabalho de campo, o impacto da religião não ocorria apenas no campo profissional, apresentando um efeito muito mais amplo, transformando e construindo subjetividades.

A religião oferece uma cosmologia que ordena seu cotidiano, prescreve o que se deve e o que não se deve fazer, incentivando a autodisciplina diária e o constante monitoramento do corpo e das emoções. Obediência, autodisciplina, autocontrole, autoconsciência e reflexão são alguns dos efeitos que essa ética religiosa oferece e da qual são beneficiários. Ela lhes oferece narrativas e rituais que os integram a uma visão de mundo compartilhada — uma cosmologia, diria Geertz (1973) — que substitui a anterior. Não se trata de uma explicação científica ou racional, mas de um quadro simbólico que orienta as práticas. Muitos aderiram ao neopentecostalismo por influência da família ou dos colegas. A “fé” ajuda a diferenciar o “bem” e o “mal” e mantém os fiéis longe das “tentações” de um estilo de vida prejudicial às suas carreiras profissionais e, ao mesmo tempo, aderir à religião transforma-os de maneira radical, abrindo para novas experiências de vida. A fé transforma profundamente sua existência ao oferecer uma nova leitura do mundo.

Para alguns, a teologia da prosperidade ajudou a explicar a ascensão econômica vertiginosa e as profundas transformações pelas quais passaram quando se transferiram para clubes globais, uma transição que não é fácil. Como indivíduos “transclasses” (Jaquet 2023), vivem num entre-lugar: pois têm um novo *status* financeiro, sem que, com isso, reneguem completamente o *habitus* de sua classe de origem.

A Bíblia passa a orientar suas escolhas, oferece-lhes um sentimento de ordem, reforça hierarquias — particularmente em um universo tão estruturado hierarquicamente como o futebol — e sustenta uma visão heteronormativa de gênero, alinhada à masculinidade hegemônica (Connell 1995).

E, quanto às jogadoras, muitas também neopentecostais? Embora as mulheres pratiquem o futebol desde os primórdios desse esporte (Giulianotti 2002), sua história é marcada por contestações e proibições. Como mostra a antropóloga Caroline Almeida, no Brasil, já nos anos 1920, a jornalista Cléo de Galsan defendia o direito das mulheres ao futebol, em contradição com o discurso médico e higienista dominante. Para Galsan, o futebol era uma ferramenta fundamental para a emancipação feminina: “Elas não conseguirão nada, pois para lutar, para vencer, serão necessárias mulheres saudáveis de corpo e alma; serão necessárias moças cujo cérebro não esteja enfraquecido por ideias românticas.” (Rial e Almeida 2024).

Como na França, na Inglaterra ou na Alemanha, no Brasil também o futebol foi proibido às mulheres – mas com a especificidade de que, aqui, essa proibição não emanou de uma federação, mas foi inscrita numa lei estatal. Ainda assim, o futebol nunca deixou de ser praticado pelas mulheres, ainda que de forma esporádica, por vezes com a cumplicidade das autoridades locais (Esteves 2024). Ele representava então um ato subversivo (Butler 1990).

Quando a proibição foi revogada, 38 anos após sua instauração, em 1979, o jogo foi retomado com clubes formados em boates de gays e lésbicas, sendo praticado majoritariamente por mulheres negras, lésbicas e das classes populares (Rial e Almeida 2024).

As “pioneiras”¹⁸, que encontrei no Rio de Janeiro em 2019, chegaram a participar de torneios no exterior, mas em condições muito precárias¹⁹. E eram submetidas a preconceitos sexuais e raciais. As federações buscavam feminizá-las por meio de regulamentos que proibiam cabelos curtos, e a imprensa, por meio de reportagens abjetas, colocava fotos coloridas de jogadoras brancas, sorridentes e esbeltas ao lado de imagens em preto e branco de jogadoras negras, com expressão fechada (Almeida 2015).

Jogar futebol era um desafio. Não havia apoio familiar ou de vizinhos, como no caso dos homens. Assim, enquanto entre os meninos o futebol servia para reforçar uma masculinidade socialmente prescrita, afastando-os de uma feminização tida como indesejável, entre as meninas sua prática era cercada do risco de masculinização. Vencer os obstáculos abria possibilidades de emancipação e agenciamento, subvertendo as normas de submissão feminina.

Mesmo as gerações seguintes, de jogadoras como Aline Pelegrino ou Andressa Alves, sofreram preconceitos. Andressa conta que pedia uma bola de presente a cada Natal, mas sempre ganhava uma boneca – até o dia em que decapitou a boneca para transformá-la em bola. A Nike criou então uma bola de futebol com o rosto de uma

18 Pioneiras – assim são chamadas (e se autodenominam) as jogadoras que atuaram em clubes e na seleção nacional após a liberação oficial do esporte em 1979.

19 A jogadora Fanta conta ter passado fome na China, pois não se adaptou à comida local. Ainda assim, voltou com uma medalha de bronze, em um torneio que precedeu a primeira Copa do Mundo feminina.

boneca em homenagem à sua história. Embora tenha jogado por clubes no Brasil, foi sua ida ao exterior que a libertou dos preconceitos. Em um contexto menos machista e graças à influência de jogadoras estrangeiras, ela pôde inclusive fazer seu *coming out*, no sentido dado por Sedgwick (2007).

POR QUE VOTARAM EM B.?

Voltemos aos homens. E a um de meus principais interlocutores, Quirino Nogueira (QN), que ajuda a entender por que votaram em Bolsonaro. QN frequentava igrejas neopentecostais, sem nunca dizer a qual exatamente pertencia, insistindo que “só a fé importa”. Mais tarde, tornou-se pastor – uma trajetória comum entre ex-jogadores brasileiros. Mas QN foi além: deixou o mercado europeu após um sonho em que se via montado em um camelo, pregando no deserto. Instalou-se, então, em um país árabe — bem antes de esses países tornarem-se destinos frequentes de jogadores da Seleção — e, lá, fundou uma igreja frequentada por mais de 100 fiéis. Sua esposa tornou-se cantora gospel.

Dedicou-se inteiramente à pregação, com a mesma eloquência e estética dos pastores neopentecostais: no vestuário, na entonação, no domínio da Bíblia. Seus discursos expressam a necessidade de ordem, de uma hierarquia clara, e a defesa de um modelo familiar tradicional. Em outras palavras, um repúdio às pautas identitárias, vistas como fontes de desestabilização da ordem estabelecida, de ansiedade e de angústia (Manso 2023). Como diversos autores

mostraram (Manso 2023, Pinheiro-Machado 2019), foi justamente esse sistema de valores que levou muitos evangélicos oriundos das classes populares a votar em Bolsonaro.

QN, como tantos outros, publicou mensagens de apoio ao candidato B. nas redes sociais, chorou enrolado na bandeira brasileira na calçada diante da derrota do “mito” e se juntou aos manifestantes reunidos em frente aos quartéis pedindo intervenção militar. Foi seguido por outros jogadores que viam em B. a personificação de seus valores, bem resumidos no lema “Deus, Pátria, Família e Liberdade”. Provavelmente, ignorava que os três primeiros elementos desse lema pertenciam ao movimento fascista brasileiro, liderado pelo jornalista Plínio Salgado — a Ação Integralista Brasileira — que defendia o nacionalismo, a ordem social fundamentada na religião cristã (especialmente o catolicismo) e os princípios conservadores da família tradicional.

Foram várias as manifestações nas redes sociais. Para Rivaldo, B. representava uma escolha bíblica: ele cita em uma publicação o salmo “Um líder inteligente e sábio mantém a ordem” e, em outra, “A ordem é garantida por um dirigente sábio”. Daniel Alves escreveu em um post: “O Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” — outro lema, desta vez de origem nazista, reutilizado por B. Ronaldinho, por sua vez, escreveu: “Por um Brasil melhor, desejo paz e segurança”. Thiago, capitão da Seleção, repete o mesmo lema. Neymar publicou um vídeo conclamando o voto em B. E a lista continua.

As exceções entre os jogadores homens são raras: Paulinho, que celebra seus gols homenageando Oxóssi, seu orixá do candomblé, é o

único dos mais conhecidos que se congratulou com a vitória de Lula: “O Maior Presidente da História do Brasil está de volta”, escreveu. As mulheres, ao contrário, foram mais discretas: preferiram não declarar voto, mas não apoiaram B. Andressa foi uma das que declarou publicamente que nunca votaria em B.

As mensagens dos jogadores trouxeram votos a B, influenciaram o resultado da eleição? Difícil de medir. O que se sabe, porém, é o enorme alcance de suas declarações nas redes sociais. O exemplo dos números no Instagram é eloquente: o português Cristiano Ronaldo é a pessoa mais popular do mundo nessa plataforma — e, provavelmente, em muitas outras — com mais de 600 milhões de seguidores. Messi aparece em segundo lugar. O primeiro brasileiro no ranking é Neymar, em quarto lugar, com mais de 200 milhões de seguidores. Ele nunca foi eleito o melhor jogador do mundo pela FIFA nem ganhou uma Bola de Ouro da France Football. Marta, em contrapartida, eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo pela FIFA, tinha cerca de 2 milhões de seguidores em 2024 — ou seja, apenas 10% dos seguidores de Neymar. Ela não teve manifestações políticas explícitas, mas pelo menos uma vez deu “like” em um post elogioso a Lula.

A decepção pela derrota foi enorme e em alguns posts se lê que acreditavam em um golpe. QN: “Tenhamos Esperança”. E Rivaldo foi ainda mais explícito: “...a luta continua e não vamos parar e muita coisa vai acontecer até o dia 31/12/2022”. Após a posse de Lula, QN continuou apoiando a extrema direita, mas abandonou a estética do pastor adotando a do “coach”, própria do candidato a prefeito de São Paulo Pablo Marçal — que ficou muito perto de ir ao segundo

turno nas eleições de 2022. QN segue pregando, agora sob a forma de conselhos de sucesso pessoal. Empatia, Visão, Liderança, Determinação são algumas das lições que publica em sua conta no Instagram. Durante os cultos, aparece de jeans e camiseta, deixando de lado o tradicional terno e gravata dos pastores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ascensão dos evangélicos neopentecostais na cena política brasileira transformou profundamente o debate público, deslocando a atenção das questões econômicas para pautas morais, em particular aquelas ligadas a gênero, à sexualidade e à família. Para esse grupo, a moralidade bíblica impõe-se como princípio absoluto, suplantando a racionalidade política e os próprios fundamentos da democracia.

Nesse contexto, a figura do convertido opõe-se à do pecador, em uma lógica maniqueísta que legitima a perseguição ao “outro” — sejam adeptos das religiões afro-brasileiras, povos indígenas, pessoas LGBTQIA+, comunistas ou mesmo antropólogos. O mal ganha rosto, nome, endereço. A demonização desses grupos, associada à retórica do “inimigo interno”, alimenta discursos de fanatismo, de intolerância e, em alguns casos extremos, de violência.

B., embora católico, mergulhou no universo neopentecostal, adotando uma visão de mundo que oferece respostas simples a um mundo tornado complexo. Essa visão oferece a “ordem” que muitos brasileiros buscam diante das incertezas provocadas por transformações sociais profundas, especialmente aquelas promovidas por

movimentos emancipatórios que desafiam o patriarcado e o binarismo de gênero. O quê chamaram de “ideologia de gênero” tornou-se o símbolo dessa ameaça.

Para muitos jogadores e ex-jogadores que se tornaram influenciadores ou líderes políticos, a salvação da nação passa por mudanças individuais, por conversões, e não por transformações estruturais. Seus institutos de caridade ou pregações pastorais concentram-se na moralização do indivíduo, sem jamais abordar os mecanismos sociais que reproduzem as desigualdades. O futebol, por sua vez, com sua estrutura fortemente hierarquizada e sua lógica meritocrática, funciona ao mesmo tempo como metáfora e como modelo que responde a essa demanda por ordem.

Nesse sentido, assiste-se à emergência de uma “teologia da política”, onde o governo se oriente por princípios bíblicos — frequentemente interpretados de forma literal e anacrônica — como sugere Manso (2023). A consolidação dessa lógica representa um grande desafio à laicidade do Estado e à pluralidade democrática. Subestimar a força simbólica e a coerência dessa base de apoio seria um erro analítico: ela articula crenças, afetos e visões de mundo que oferecem pertencimento e sentido em um contexto marcado pela desorientação e pelo ressentimento. No Brasil contemporâneo, a aliança entre a bola e a Bíblia ultrapassa os bancos do Congresso Nacional e ajuda a compreender a escolha de tantos por B.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo. 2015. *A cabeça do brasileiro: uma análise da percepção da cor e da raça no Brasil*. São Paulo: Editora XYZ.

ALMEIDA, Caroline Soares de e Carmen Rial. 2023. “Football, Lesbianism and Feminism in Brazil: Subversive Acts.” *Soccer & Society* 25 (2): 1–13. <https://doi.org/10.1080/14660970.2023.2265200>.

APPIAH, Kwame Anthony. 1997. Cosmopolitan Patriots. In *The Quality of Life*, editado por Martha C. Nussbaum e Amartya Sen, 591–618. Oxford: Clarendon Press.

APPIAH, Kwame Anthony. 2006. *Cosmopolitanism: Ethics in a World of Strangers*. New York: W. W. Norton & Company.

ASAD, Talal. 1993. *Genealogies of Religion: Discipline and Reasons of Power in Christianity and Islam*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

ASSUNÇÃO, Viviane K. 2011. *Alimentação de emigrantes brasileiros nos Estados Unidos*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina.

BOURDIEU, Pierre. 1988. *Esboço de uma teoria da prática*. Tradução de Mariana de Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero.

BOURDIEU, Pierre. 1992. Os Campos do Poder. In *As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*. Tradução de Rodrigo Nunes, 77–109. São Paulo: Papirus.

BRZOZOWSKI, Jan. 2012. *International migration and economic development*, *Estudos Avançados*, 26 (75) p. 137-156.

BUTLER, Judith. 1990. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York; London: Routledge.

BUTLER, Judith. 2019. *Notas para uma teoria performativa do gênero*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Annablume.

CONNELL, R. W. 1995. *Masculinities*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press.

ESTEVES, Laura. 2024. Jogar com uma mulher. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.1, 2024. Acessível em <https://www.inctfutebol.com.br/post/jogar-como-uma-mulher>

GEERTZ, Clifford. 1973. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books.

GIULIANOTTI, Richard. 2002. "Supporters, Followers, Fans and Flâneurs: A Taxonomy of Spectator Identities in Football." *Journal of Sport and Social Issues* 26 (1): 25-46.

JAUQUET, Chantal. 2023. *Transclasses: A Theory of Social NonReproduction*. London: Verso.

MANSO, Bruno Paes. 2023. *A fé e o fuzil: Crime e religião no Brasil do século XXI*. São Paulo: Todavia.

MARGOLIS, Maxine L. 1994. *Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton: Princeton University Press.

MARGOLIS, Maxine L. 2013. *Goodbye Brazil: Imigrantes Brasileiros no Mundo*. São Paulo: Contexto.

OLIVEN, Rubén. 2025. *Megaeventos esportivos: sociologia do futebol, cultura e poder*. São Paulo: Cortez Editora.

PINHEIROMACHADO, Rosana. 2019. *Amanhã vai ser maior: O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual*. Barcelona: Planeta.

PINTO, Franco Dani Araújo. 2021. *Yídòng de xīngxīng: experiências e trajetórias de imigrantes chineses em Governador Valadares-MG, um território de cultura emigratória*. Tese (Doutorado em Curso de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas) — Universidade Federal de Santa Catarina.

RIAL, Carmen. 2006. *Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém*. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*. Madrid, v. 61, n. 2, p. 163–190. Número especial: Culturas deportivas y mercados globales y locales. <https://doi.org/10.3989/rdtp.2006.v61.i2.20>.

RIAL, Carmen. 2008. “Rodar: A circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior.” *Horizontes Antropológicos* 14 (30): 21–65. <https://doi.org/10.1590/S010471832008000200002>.

RIAL, Carmen. 2012. “Banal Religiosity: Brazilian Athletes as New Missionaries of the NeoPentecostal Diaspora.” *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology* 9 (2): 128–159. Acesso em 16 jul. 2025. <https://vibrant.org.br/issues/v9n2/carmenrialfootballandreligion/>.

RIAL, Carmen e Caroline Soares de Almeida. 2024. O “gênero da bola”: Mulheres e futebol na mídia. *Revista ALCEU* 24 (52): 84–119. Acesso em 17 jul. 2025. <https://revistaalceu.com.pucrio.br/alceu/article/view/417>.

SASSEN, Saskia. 1991. *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. 2007. *Epistemologia do armário*. Tradução de Ricardo Ruiz. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

SIMÕES SANTOS, Irlan. 2024. Finanças, mídia e futebol: o modelo de multiclub ownership e inserção dos fundos de private equity. *Revista ALCEU*. [S.l.], v. 24, n. 52, p. 199–217. DOI: 10.46391/ALCEU, v24, ed 52.2024.408.

WEBER, Max. 1992. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Paulo Neves. 5. ed. São Paulo: Editora Unesp.

CAPÍTULO 10

Pode-se falar em “futebol comunitário” na França?

Igor Martinache

Universidade Paris-Nanterre, França

INTRODUÇÃO

Como diz um provérbio italiano: “*traduttore, traditore*”. Significativamente intraduzível sem perder a paronomásia, ele costuma ser vertido para o francês como “traduzir é trair” e se revela particularmente pertinente para quem se propõe a estudar o futebol em diferentes sociedades, como a brasileira e a francesa — o que nos lembra, aliás, que no que diz respeito à bola, como em muitos outros domínios, globalização não significa padronização (Giulianotti e Robertson 2004). Mesmo levando em conta o famoso preceito durkheimiano segundo o qual “o método comparativo é o único apropriado à Sociologia” (Durkheim 1967: 124), o sociólogo francês encontrará dificuldades para traduzir certas expressões correntes que designam a prática do futebol no país de Pelé e Garrincha, a começar pela muito usada “futebol comunitário”. Essa categoria não corresponde nem ao futebol amador organizado com *status* associativo, nem ao futebol informal de rua ou de várzea (Trémoulinas

2008), mas sim a um fenômeno original difícil de reproduzir dentro das formas de organização da prática futebolística na França. Em todo caso, seria particularmente inadequado qualificar isso em francês como “*football communautaire*”, já que esse adjetivo tem conotações especialmente negativas no contexto francês.

Essa desconfiança em relação às comunidades remonta, na verdade, à Revolução Francesa, de 1789, e à noção particular de interesse geral que ela promoveu. Considerando que as corporações do Antigo Regime contribuíam para manter os privilégios e as desigualdades entre os cidadãos, a Assembleia Constituinte adotou, em 1791, o decreto d’Allarde e a lei Le Chapelier, que proibiram as corporações — ou seja, qualquer associação profissional, tanto de empregadores quanto de empregados — em nome da liberdade de empreender. Isso acabou entrando a formação dos sindicatos, que só foram legalizados em 1884 com a lei Waldeck-Rousseau. Mais fundamentalmente, os jacobinos — majoritários entre os revolucionários da Primeira República — impuseram a ideia de que o Estado era o guardião do interesse geral e que nenhum “corpo intermediário” deveria se interpor entre este e os cidadãos, concebidos como indivíduos autônomos e iguais. Daí a forte centralização do poder estatal em comparação com outros países europeus, sendo qualquer transferência de prerrogativas às coletividades locais, especialmente às regiões, por muito tempo percebida como uma ressurreição de poderes feudais (Dulong 1978). O fato de o regime autoritário de Vichy, como outros regimes fascistas, ter dado destaque central às corporações e ao *terroir* [identidade territorial] certamente contribuiu para enraizar

no imaginário francês a desconfiança em relação a qualquer tipo de subgrupo dentro da nação, seja ele baseado em vínculos profissionais ou geográficos. Prova disso são as acusações feitas a Durkheim de ter prefigurado o Estado corporativista fascista, ainda que suas concepções estivessem nos antípodas disso (Plouviez 2015).

Contudo, essa desconfiança em relação às comunidades, no sentido de grupos fundados sobre uma solidariedade mecânica (Durkheim 1893), voltou-se progressivamente contra os imigrantes. Se desde o início do século XIX a França constituiu uma exceção no continente europeu ao apresentar saldo migratório positivo, enquanto seus vizinhos perdiam população, o agrupamento de imigrantes em território francês ainda hoje é visto como um obstáculo à plena integração deles à sociedade, que se pretende baseada na assimilação total. Apesar do “cadinho francês” (Noiriel 1988) ter funcionado a pleno vapor, cada nova geração de imigrantes é suspeita — especialmente pelos setores conservadores — de não querer ou não conseguir se assimilar, ironicamente utilizando as gerações anteriores de imigrantes como exemplo e esquecendo as violências que também elas sofreram. Mais recentemente, os ataques terroristas conduzidos em nome do islamismo radical a partir dos anos 1990 contribuíram para um novo deslocamento do termo “comunitário” ou “comunitarista”, agora aplicado principalmente a pessoas de fé muçulmana, que representam cerca de um décimo da população.¹ O “comunitaris-

1 Estimativa aproximada, pois todo recenseamento com base étnica ou religiosa é proibido na França.

mo” passou, assim, a ser usado para estigmatizar setores das classes populares minoritárias, alvos de uma dupla atribuição — “racial” e religiosa — com base em sua aparência física ou sobrenome, acusados de cultivar um isolamento social que colocaria em risco a coesão da comunidade nacional, embora o isolamento social voluntário das classes superiores raramente seja questionado (Mohammed e Talpin 2018). O futebol não escapa dessas lógicas de exclusão, como mostram os alarmes midiáticos e políticos que, desde a onda de atentados de 2015, apontam certos clubes como supostos focos de radicalização islâmica (Sallé e Bréhon 2020).

Nesta contribuição, propomos questionar essas representações e, mais fundamentalmente, a oposição entre comunidades e sociedade que as sustenta, com base em diferentes trabalhos sócio-históricos sobre a prática do futebol — estudos que tendem a mostrar, pelo contrário, que esse esporte, assim como outras práticas culturais ou profissionais, desempenhou e continua a desempenhar um poderoso papel integrador, sem que para isso seja necessário apagar as diferenças.

COMUNIDADE E SOCIEDADE: UMA OPOSIÇÃO EM QUESTÃO

A distinção entre comunidade e sociedade é tão antiga quanto problemática na Sociologia, sobretudo porque é difícil desencilhá-la do senso comum. Ferdinand Tönnies foi o primeiro a formulá-la, em sua obra epônima de 1887, a partir de uma distinção estabelecida pelo psicólogo Wilhelm Wundt entre uma “vontade orgânica” e uma “vontade refletida” (Tönnies 2010). A primeira se

refere a ações guiadas pela busca de prazer, aos hábitos e tradições — e, portanto, voltadas para o passado —, enquanto a segunda diz respeito a ações resultantes de um raciocínio e motivadas pelo interesse individual. Cada uma dessas vontades determina um tipo específico de vínculo social: no primeiro caso, baseado na família, nos afetos, na religião e em outras tradições; no segundo, em contratos de todo tipo — transações mercantis, relações de trabalho etc. —, delineando, assim, dois modelos: comunidade e sociedade. Poucos anos depois, Émile Durkheim inspirou-se fortemente nisso, não sem criticar o tom nostálgico de Tönnies, para elaborar sua famosa distinção entre “solidariedade mecânica”, baseada na similitude, e “solidariedade orgânica”, baseada na complementaridade. Esta última substitui gradualmente a primeira à medida que avança a divisão do trabalho social (Durkheim 1893). Embora Durkheim tenha o mérito de introduzir uma dimensão processual, sua abordagem não está isenta de um certo evolucionismo normativo, que permeia toda a sua obra, movido pelo medo do avanço da anomia junto à solidariedade orgânica. Foi Max Weber quem provavelmente ofereceu a visão mais heurística dessa distinção, um quarto de século mais tarde, em sua obra-prima *Economia e Sociedade*, com os conceitos de *Vergemeinschaftung* e *Vergesellschaftung*, traduzidos em português por “comunitarização” e “societização” (Colliot-Thélène 2019). Weber insistiu ainda mais na dimensão processual desses fenômenos, mas apontou que eles estão, na verdade, intrinsecamente entrelaçados na maioria das relações sociais, ou seja, há afeto e contrato, semelhança e diferença, na formação de quase todo coletivo.

Essa perspectiva, livre de qualquer evolucionismo, parece-nos mais adequada para analisar os agrupamentos sociais de todos os tipos, inclusive no futebol, como também ilustram as lógicas do torcedorismo, onde se mesclam pertencimentos locais e projeções eletivas, como particularmente evidenciado pelo “torcedorismo à distância” (Lestrelin 2011). É isso que tentaremos demonstrar na continuação deste texto a partir de dois ângulos: primeiro, aquele que hoje mais frequentemente se associa à noção de comunidade nas representações coletivas francesas, o da imigração e da integração das pessoas “de origem”, como se costuma dizer. Em segundo lugar, abordaremos o que mais vinha à mente dos sociólogos, e de seus contemporâneos, no final do século XIX e início do XX: a comunidade aldeã.

FUTEBOL E COMUNIDADE(S) NACIONAL(IS): O ESPELHO DOS AZUIS

Em um artigo programático, baseado principalmente em relatos autobiográficos de jogadores imigrantes ou filhos de imigrantes, Stéphane Beaud e Gérard Noiriel apontam diversos caminhos para o estudo das relações entre o futebol e a imigração, que se revelam mais complexas do que aparentam (Beaud e Noiriel 1990). Recordando, primeiro, um levantamento feito por um grande jornal esportivo que mostrava que cerca de um terço dos jogadores convocados para a seleção masculina de futebol da França, desde sua criação, tinham origem estrangeira ou dos territórios ultramarinos, os autores demonstram que o recrutamento e as condições de entrada na car-

reira futebolística estão estreitamente ligados às transformações da classe operária no país, especialmente às diferentes rotas de imigração estabelecidas conforme as regiões e os setores de atividade. Ao questionarem o papel integrador do futebol, os autores destacam que a resposta depende do significado que se dá à “integração dos imigrantes”: seria uma assimilação cultural ou uma inserção nas diversas esferas da vida social (emprego, sociabilidades locais etc.)? A resposta também depende, segundo os autores, da população considerada: a elite futebolística, os jogadores amadores ou os espectadores? Se essa questão já exigia — e ainda exige — mais investigações, os relatos analisados revelam a recorrência de experiências de rejeição de cunho racista ou xenófobo que, em contrapartida, levaram esses indivíduos a reivindicar suas origens estrangeiras, sem que isso impedisse sua integração — muito pelo contrário, segundo os autores, que observam que as manifestações patrióticas não impediam os torcedores de se identificarem com jogadores de origem estrangeira e de naturalizar a diversidade de sobrenomes no país, por exemplo. Essas análises apontam, portanto, para uma combinação complexa, em vez de uma oposição, entre os processos de *comunitarização* e *societização* no futebol, o que parece culminar com a vitória inédita da seleção francesa na Copa do Mundo masculina de 1998 em casa, vencendo na final o Brasil de Ronaldo “Fenômeno” por três a zero. A sociedade francesa enaltece sua equipe “*Black-Blanc-Beurs*” (Negros-Brancos-Árabes), apelido que celebrava explicitamente a diversidade de origens geográficas dos jogadores, para grande desgosto da extrema-direita, e parece finalmente recon-

ciliada com sua história de “cadinho” (Noiriel 1988) multinacional e multicultural. No entanto, esse entusiasmo integrador revela-se de curta duração, pois menos de quatro anos depois, um candidato de extrema-direita se qualifica pela primeira vez para o segundo turno da eleição presidencial, revelando que as fraturas da sociedade francesa estavam longe de ter cicatrizado. O futebol também se torna um espelho disso durante a Copa do Mundo masculina de 2010, na África do Sul. Os “Bleus”, como são conhecidos os jogadores da seleção francesa, se recusam a sair do ônibus para treinar, após a imprensa divulgar supostas ofensas proferidas por um jogador contra o técnico, ainda que isso tenha ocorrido a portas fechadas dentro do vestiário. Essa “greve” é duramente condenada por diversos comentaristas na mídia, que não hesitam em atribuir o que julgam ser um comportamento de “delinquentes” às origens estrangeiras de alguns atletas. Refletindo sobre os fatores desse acontecimento, Stéphane Beaud destaca as transformações no recrutamento e nas trajetórias dos jogadores profissionais, especialmente a institucionalização precoce e a internacionalização das carreiras, além de outros fatores, como o distanciamento em relação aos jornalistas esportivos. Ele também sublinha as diferenças na socialização dos protagonistas dessa greve — que, aliás, nunca foi tratada como um verdadeiro conflito trabalhista, apesar do nome — em relação àquela vivida por gerações anteriores da seleção, em especial os campeões de 1998, o que remete à desestabilização da classe operária, sobretudo de origem imigrante, provocada pelo fim dos “Trinta Gloriosos” (Beaud 2011). O sociólogo destaca ainda, em seu último capítulo, outra forma de estigmatização

dos jogadores de elite de origem estrangeira na mídia, após os decretos da FIFA que modificaram as regras de definição da nacionalidade esportiva em 2003 e 2008. As novas regras permitem que jogadores com dupla nacionalidade escolham por qual seleção jogar, sem limite de idade, mas de maneira irreversível. Isso levou vários jogadores nascidos e criados na França a optarem por defender a seleção do país de seus pais, frequentemente no continente africano — o que foi interpretado por alguns conservadores como sinal de não integração ou até de traição nacional. No entanto, essas decisões são motivadas, na maioria das vezes, por razões esportivas — como a oportunidade de jogar por uma seleção mais acessível que a francesa — e, talvez principalmente, por um sentimento de rejeição, do qual se aproveitaram as federações “aliciadoras” do outro país.

A mesma complexidade nos sentimentos de pertencimento aparece entre os torcedores de seleções nacionais, acompanhada do mesmo tipo de pânico moral que exige uma escolha clara de lado em matéria de pertencimento nacional. Essa tensão recai especialmente sobre as manifestações de apoio à seleção da Argélia no caso francês, revelando fraturas ainda abertas na antiga metrópole devido à Guerra de Independência (1954-1962). As vaias à Marselhesa, hino nacional francês, ouvidas no Stade de France durante um amistoso entre França e Argélia, em 6 de outubro de 2001, geraram forte polêmica política e midiática — reativada posteriormente em uma partida França-Marrocos, em 2007, e outra França-Tunísia, em 2008, após a qual o então presidente Nicolas Sarkozy chegou a exigir o cancelamento imediato de futuras partidas se o hino fosse nova-

mente vaiado.² Mas não são apenas manifestações de hostilidade aos símbolos nacionais que incomodam. As celebrações de rua em caso de vitória de seleções estrangeiras, sobretudo a argelina, com a exibição de suas bandeiras, também são fortemente estigmatizadas, sendo interpretadas como sinais de hostilidade à França por “falsos torcedores” oportunistas. No entanto, as poucas pesquisas realizadas sobre o tema revelam, mais uma vez, a diversidade das manifestações e dos fatores de apoio ao país dos ancestrais e sugerem uma inversão da lógica, afirmando que essas projeções complexas, assim como os atos violentos de uma minoria de vândalos, expressam acima de tudo uma vivência marcada por desigualdades e discriminações, o que alimenta a desconfiança em relação às autoridades francesas (Cos e Talpin 2014). Uma pesquisa etnográfica com uma família marfinense que fugiu da guerra cerca de quinze anos antes, e cujo filho jogava pela seleção da Costa do Marfim na Copa do Mundo de 2014, no Brasil, também mostra como o apego ao país de origem por meio do futebol em nada impede a integração social e profissional na sociedade de acolhida – podendo, ao contrário, até favorecê-la (Nazareth 2014).

O FUTEBOL COMUNITÁRIO DOS IMIGRANTES POLONESES DO NORTE DA FRANÇA (ANOS 1930)

Por mais interessantes que sejam, na medida em que permitem desconstruir o simplismo do senso comum, esses estudos apresentam,

2 Gil Bousquet, “France — Tunisie. Vive polémique autour des sifflets”, *La Dépêche*, 16 out. 2008.

no entanto, a limitação de se concentrarem na elite do futebol, deixando de lado o essencial da prática realizada pelos “amadores”. Diversas pesquisas permitem, contudo, preencher parcialmente essa lacuna, ao se interessarem pelas relações entre futebol e imigração em uma escala mais local, mostrando a variabilidade espacial e temporal do fenômeno. Olivier Chovaux estudou, por exemplo, o caso dos imigrantes poloneses no norte da França, trazidos principalmente para trabalhar nas minas de carvão. Devido à proximidade com a Inglaterra e à presença marcante do “paternalismo industrial esportivo”, a região foi um local pioneiro no desenvolvimento da prática do futebol na França, com a presença precoce de jogadores estrangeiros, especialmente ingleses e belgas, nas equipes mais competitivas, mesmo antes da institucionalização do profissionalismo em 1932, dentro de uma lógica de “importação de tecnicidade”, impulsionada por uma crença persistente na existência de “estilos nacionais”. A partir dos anos 1930, a bola deixa de ser um simples reflexo das ondas sucessivas de imigração para se tornar um verdadeiro “meio de integração, particularmente eficaz”. Esse meio ofereceria não apenas uma via de reconhecimento social aos jogadores de origem popular e estrangeira, mas também contribuiria para a aculturação dos recém-chegados por meio do contato com os nativos, o que teria o efeito de atenuar a xenofobia. Pode-se pensar, primeiramente, na fase mais visível desse processo: a “invenção” da figura do “futebolista mineiro”, ou seja, a detecção de jovens jogadores talentosos entre as populações operárias imigrantes, que eram então dispensados do trabalho na mina para se dedicarem exclusivamente

ao futebol e contribuir assim para uma “cultura de integração pelo futebol”, fundindo identidades imigrantes e operárias. Essa prática, contudo, também atendia a interesses patronais voltados à pacificação das relações sociais. O caso do Racing Club de Lens, fundado em 1906 pelos dirigentes das empresas de carvão, encarna toda a ambiguidade desse processo (Fontaine 2010), embora ainda sejam necessárias pesquisas para compreender os efeitos concretos dessas iniciativas sobre as populações operárias e imigrantes, especialmente por meio do torcedorismo organizado, que começa a se popularizar — em todos os sentidos do termo — nos anos 1920. Enquanto alguns estudos destacam a importância da prática do “futebol de rua”, na qual jovens franceses e estrangeiros, especialmente poloneses — que representavam quase três quartos da população estrangeira da região em 1936 — se misturavam ao sair da escola ou da mina (Ponty 1995), a prática também se estrutura com a criação contínua de novos clubes e a institucionalização de campeonatos com calendários coordenados. A comunidade polonesa se organiza por sua vez ao desenvolver sua própria rede de associações com vocação esportiva e cultural, a começar pela União Polonesa de Futebol, criada em 1924, que organiza seu próprio campeonato, rapidamente composto por cerca de trinta equipes. Se, por um lado, trata-se de preservar uma identidade cultural em situação migratória, isso não deve ser visto como sinal de isolamento, ainda mais considerando que a maioria dos jogadores poloneses no setor mineiro jogava em clubes da Federação Francesa de Futebol, cujos recursos eram sustentados pelas companhias mineradoras. Embora o futebol fosse apenas uma

entre muitas outras atividades, não se pode negligenciar a existência de um processo de integração *dentro e por meio* do futebol, como ilustra este caso, que resulta mais da iniciativa dos próprios interessados e das lógicas esportivas do que de uma política voluntarista dos dirigentes esportivos.

AS AMBIGUIDADES DOS CLUBES PORTUGUESES NA FRANÇA DOS ANOS 1970

Esse fenômeno é corroborado por outros estudos voltados para diferentes períodos e diferentes comunidades de origem estrangeira. É o caso, por exemplo, dos imigrantes portugueses estudados por Victor Pereira (2017), baseado em uma pesquisa histórica e etnográfica. Embora clubes “portugueses” tenham sido criados por imigrantes desde o início do século XX, isso só ocorre na França a partir dos anos 1960, com algumas exceções, ao contrário de outras comunidades — polonesa, espanhola, italiana ou suíça — que já haviam fundado “seus” clubes no período entreguerras. Isso se deve simplesmente ao fato de que a imigração portuguesa na França, até então limitada, passou por uma considerável expansão nesse período. Também contribuiu para isso o ativismo das autoridades portuguesas, que incentivaram a criação de clubes de futebol porque consideravam essa atividade uma maneira de despolitizar os emigrantes e afastá-los da propaganda comunista, mesmo que, simultaneamente, a ditadura do Estado Novo demonstrasse grande desconfiança em relação ao futebol dentro de Portugal. O regime fomentou, assim, a criação de uma Associação Nacional dos Portugueses da França (ANPF), que

organizou várias equipes e instrumentalizou o futebol para defender o Império Colonial. Na prática, contudo, a maioria dos clubes comunitários de futebol foi criada por trabalhadores portugueses recém-chegados à França, mas menos por desejo de isolamento do que pela rejeição dos clubes existentes, dado que a Federação Francesa de Futebol limitava a dois o número de estrangeiros permitidos por equipe em suas competições. Três quartos das equipes “portuguesas” estavam situadas fora da região parisiense, apesar de ser nessa região que se concentrava a maioria dos imigrantes do país. O autor explica esse paradoxo pelo fato de um mesmo clube poder abrigar várias equipes. Pode-se, no entanto, propor outra hipótese: a prática do futebol como um meio de integração seria mais necessária nos territórios periféricos, cidades médias e áreas rurais, do que nas grandes metrópoles como Paris. O pesquisador ressalta que a escolha de se constituir em associação, em vez de jogar informalmente, revela uma vontade de integração à sociedade de acolhimento por meio do confronto com outras equipes locais. Isso é confirmado pelo fato de que, ao contrário do caso polonês, os imigrantes portugueses não criaram seu próprio sistema competitivo. Apesar das ofensas xenofóbicas que sofriam regularmente, o futebol lhes oferecia um terreno onde podiam enfrentar, e até vencer, os “franceses” e assim “suspender, por uma partida, a inferioridade social e simbólica na qual se encontravam” (*Ibid.*: 64). Segundo Victor Pereira, os imigrantes portugueses fizeram do futebol uma “mercadoria cultural” que lhes permitia valorizar a si mesmos, especialmente por essa ser uma das poucas áreas em que o país se destacava

internacionalmente durante a ditadura salazarista. Por meio das interações que o futebol favorecia, ele também lhes proporcionava um “capital social” mobilizável em suas atividades econômicas e na vida cotidiana. Facilitava ainda a transmissão geracional entre pais e filhos e a manutenção do vínculo com o país de origem, vínculo que algumas empresas portuguesas souberam explorar para expandir suas atividades na França, criando um verdadeiro “mercado da saudade”. O historiador destaca ainda que, ao longo das décadas, dezenas de clubes portugueses conseguiram se manter, ao mesmo tempo em que se abriram ao restante da população e se integraram às políticas públicas esportivas. O caso de Lilian Thuram — figura-chave na vitória da França na Copa do Mundo de 1998 e que iniciou no Clube Esportivo e Cultural dos Portugueses de Fontainebleau, criado em 1971, que acolhia todas as crianças do bairro popular vizinho — é exemplar. Assim como, de forma oposta, os casos de outros jogadores da seleção francesa, filhos de imigrantes portugueses, como Robert Pirès ou Antoine Griezmann, que se formaram fora de tais clubes. Esses clubes de futebol cumpriram, e ainda podem cumprir, o papel de espaços protetores e locais de aprendizado da vida em sociedade na França para os imigrantes portugueses, à semelhança do que muitos estudos mostraram sobre as associações operárias no final do século XIX, ou dos trabalhos dos sociólogos da Escola de Chicago nos Estados Unidos (Thomas e Znaniecki 1998, Grafmeyer e Joseph 1990). Entretanto, o autor também aponta várias limitações a esse processo de integração: primeiro, as mulheres são amplamente excluídas, ou pior, têm a divisão tradicional de tarefas reforçada, pois devem

cuidar do trabalho doméstico enquanto os homens jogam, além de lavarem os uniformes deles, tornando possível o envolvimento esportivo masculino. Em segundo lugar, a identidade operária é igualmente relegada, como demonstram os nomes das associações, o que contribui para a despolitização buscada pelas autoridades portuguesas e confirmada pelos relatórios de vigilância de seus equivalentes franceses. Por fim, as identidades regionais também são apagadas nos nomes dos clubes, que sempre fazem referência a Portugal, como se fosse um território homogêneo. Assim, o futebol contribui para a manutenção do sentimento nacional, essa “comunidade imaginada” (Anderson 1983), e para sua expansão dentro da diáspora.

ESTUDAR O FUTEBOL COMUNITÁRIO NA ALSÁCIA ATUAL, ENTRE REJEIÇÃO E INTEGRAÇÃO

Pode-se destacar, por fim, uma investigação sociológica sobre o futebol comunitário na Alsácia, uma região fronteiriça com a Alemanha no leste da França, que aponta uma série de questões metodológicas interessantes, além de apresentar resultados que corroboram, para o período contemporâneo, constatações anteriormente estabelecidas (Gasparini e Koebel 2017). Nessa região, onde a proporção de imigrantes é estimada em 10% da população — taxa superior à média nacional — e cuja composição se distingue pela forte presença de pessoas originárias da Turquia (mais de um terço da comunidade turca na França), a Liga Regional de Futebol Amador relata,

desde o início dos anos 2000, um aumento nos pedidos de filiação de clubes provenientes de associações culturais ou religiosas turcas que, até então, não tinham fins esportivos. Os pesquisadores buscam, assim, compreender as lógicas subjacentes à existência de um futebol “comunitário”, não sem questionar o próprio significado dessa expressão. Em um primeiro momento quantitativo, realizado a partir dos arquivos da Liga da Alsácia de Futebol Amador, eles se empenham em identificar os licenciados de origem estrangeira entre os maiores de 16 anos, baseando-se em seus prenomes,³ e nos clubes que apresentam uma denominação de “conotação comunitária” — que são apenas 16 de um total de 578 e estão concentrados em três centros urbanos. Os autores estabelecem várias constatações: uma tendência dos clubes com nome comunitário a acolher jogadores de origens nacionais cada vez mais variadas; uma certa disseminação dos jogadores com prenomes de origem estrangeira nos demais clubes,⁴ mas também uma forte correlação entre a proporção desses jogadores e o tamanho do município, o que não apenas reflete a concentração de imigrantes nas aglomerações urbanas como também sugere a existência de mecanismos de rejeição mais fortes em áreas

3 Método onomástico comum em pesquisas desse tipo, apesar de aproximativo, pois a Constituição francesa proíbe qualquer recenseamento com base étnica ou religiosa e reconhece apenas a distinção entre franceses e estrangeiros.

4 Apenas cerca de vinte deles ultrapassam 50% de jogadores com prenomes de origem estrangeira e estão significativamente localizados em bairros populares de grandes aglomerações, onde as populações imigrantes estão concentradas.

rurais, o que pode ter motivado a criação de clubes “comunitários” que aí se concentram, segundo os autores. Eles apontam, por outro lado, uma presença significativa de prenomes estrangeiros entre os árbitros (cerca de 30%) e, inversamente, uma fraca presença entre os dirigentes (menos de 10%), sinais, respectivamente, de integração institucional e de subordinação. As mulheres de origem estrangeira também estão muito sub-representadas, tanto entre as jogadoras quanto entre as dirigentes, ainda mais do que seus colegas homens, o que confirma o caráter altamente generificado da integração via futebol. Observa-se, por fim, que mais de 60% dos licenciados em futsal têm prenomes de sonoridade estrangeira, sugerindo que esta seria uma prática-refúgio. Essa hipótese é corroborada pelo segundo momento da investigação, de caráter qualitativo, baseado em entrevistas com um dirigente, um jogador e o treinador de um dos dois clubes “comunitários” turcos. Seus testemunhos relatam repetidas experiências de rejeição com conotação racista e de injustiças — seu clube, embora seja o melhor da cidade no aspecto esportivo, recebe menos apoio material da prefeitura do que outros clubes. Os autores concluem que a existência de clubes “comunitários” só pode ser compreendida a partir do estudo do conjunto do “espaço esportivo associativo local” e levando em consideração o contexto socioeconômico. Eles insistem no “paradoxo do futebol amador”, que é ao mesmo tempo espaço de mestiçagem e intercâmbio cultural, bem como de agrupamento comunitário, que, embora minoritário, revela as discriminações e dificuldades socioeconômicas enfrentadas pelas populações de origem imigrante na França. O futebol pode, assim,

ser uma fonte de valorização e de compensação dos fracassos vividos em outras esferas (escola, emprego etc.), além de favorecer a acumulação de um “capital social” que pode facilitar a obtenção de um estágio ou emprego, particularmente no tecido empresarial “comunitário”. Os autores destacam, por fim, que o foco sobre o suposto “comunitarismo” das populações minoritárias oculta aquele, mais intenso, das populações autóctones, como indica a taxa significativa de clubes nos quais 100% dos licenciados têm prenomes de sonoridade francesa, especialmente em áreas rurais.

FUTEBOL E COMUNIDADES ALDEÃS: MANUTENÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS SOCIABILIDADES LOCAIS

Ao associar demais comunidade e imigração na França, tende-se justamente a perder de vista o sentido original do primeiro termo: o da comunidade aldeã. Este, no entanto, está no centro de alguns trabalhos, como a etnografia já clássica do clube de Voutré, pequena aldeia com menos de 1.000 habitantes situada entre Laval e Le Mans, no oeste da França (Faure 1989). Jean-Michel Faure mostra como esse clube desempenha um papel crucial nas sociabilidades aldeãs, das quais constitui um verdadeiro “princípio organizador”. Fundado pelos operários pedreiros locais, o que originalmente se chamava “Clube da Cabilia” — nome da região da Argélia de onde a maioria deles era originária — participa da separação clara, e até do confronto, entre o mundo deles e o dos camponeses autóctones, que se reflete na política local. “A osmose entre a pedreira, o futebol e a

organização da vida coletiva nunca se desfez” ao longo das décadas, observa o sociólogo, que aponta que política, religião, posição social e futebol são indissociáveis em escala local. A equipe do C.A. Voutré, que atualmente recebe outras profissões e não apenas pedreiros — pequenos comerciantes, professores etc. —, e que conta com vários membros no Conselho Municipal, é tratada como uma metonímia da aldeia e carrega sua reputação de “vermelha” para fora, o que contribui por sua vez para forjar sua identidade local em oposição à dos outros vilarejos vizinhos. Suas partidas permitem que essa identidade se manifeste com paixão, ao mesmo tempo em que favorecem momentos privilegiados de sociabilidade, especialmente em torno do bar. Pode-se notar, aliás, que a questão migratória parece totalmente apagada diante de outros marcadores identitários — socioprofissionais e políticos — em escala local. O autor destaca, contudo, um efeito mais ambíguo no plano político, pois apesar da imagem de “vermelha” associada ao clube, ele é, ao contrário, um local de evitação da política nas discussões, onde cada um guarda suas opiniões para si, como forma de prevenir qualquer situação conflituosa fora do jogo.

Em outro registro, Nicolas Renahy (2001, 2005) também mostra a importância do futebol na integração local por meio do caso de uma aldeia da Borgonha da qual ele próprio é originário. Tendo saído de lá para estudar Sociologia, o pesquisador voltou a se estabelecer na aldeia para escrever sua tese, que tinha como objetivo ir na contramão do foco atual da mídia e do meio acadêmico nos “jovens de periferia” em ambientes urbanos. Ele se associou ao clube local de futebol ao mesmo tempo em que conseguiu um emprego na fábri-

ca, e conduziu sua pesquisa junto aos “caras do pedaço”, que têm em comum o fato terem raízes na região – o que não impede que alguns descendam de imigrantes. Enquanto a aldeia perdeu mais de um terço de sua população desde meados dos anos 1970, devido ao fim dos “Trinta Gloriosos” e à crise industrial que se seguiu, o clube se tornou autônomo da empresa à qual originalmente pertencia. Da mesma forma, ele conta com cada vez menos operários e moradores da aldeia, mas continua a se afirmar como representante da identidade local, uma identidade operária, que perpetua simbolicamente apesar do estabelecimento do desemprego em massa. Isso acontece durante as partidas de domingo, que marcam a sociabilidade local e o entusiasmo da centena de torcedores que acompanham o clube em seus jogos fora de casa, mas também nos treinos de corrida do time, que seguem o trajeto dos tradicionais desfiles de todos os tipos, passando praticamente em frente a todas as casas. O futebol opera assim uma “superação simbólica” da crise do mundo rural e operário, segundo o pesquisador, permitindo, além disso, a afirmação de uma virilidade preservada por meio da encenação de um “corpo masculino atuante”, apesar da perda do *status* socioeconômico, e permite conservar a autoestima e a da comunidade local, cuja principal riqueza continua sendo o “capital de autoctonia” (Retière 2003), ligado ao fato de “ser daqui”, que no entanto compensa apenas de forma imperfeita os males relacionados à crise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se é importante adotar um certo distanciamento em relação aos discursos sobre a “integração pelo esporte” (Gasparini 2008), que são

promovidos por certos responsáveis políticos em relação aos imigrantes e seus filhos, e que erigem a prática esportiva como um espaço de inculcação de regras e valores dos quais eles seriam desprovidos, ao mesmo tempo em que deixam de tratar as causas mais estruturais de suas dificuldades, muitos trabalhos sugerem, na França como em outros lugares, que o futebol constitui ao mesmo tempo um espelho e um fator privilegiado dos processos de integração, dos quais é preciso notar tanto a polissemia, o caráter relacional⁵ e a ambivalência. Essas pesquisas sócio-históricas refutam a persistente oposição entre “comunidade” e “sociedade” e indicam claramente que esses dois tipos de laços sociais coexistem, ainda que de maneiras variadas e complexas segundo os contextos. É necessário continuar a explorar esses processos, especialmente por meio do prisma do futebol; e para além dos campos já delimitados, que podem ser aprofundados e estudados sob outros ângulos, existem outros campos que podem ser investigados e comparados. A dialética entre *comunitarização* e *societização* poderia ser mobilizada para estudar questões tão variadas quanto as modalidades de futebol adaptado (em cadeira de rodas, para deficientes visuais etc.) para pessoas em situação de deficiência; a maneira como clubes LGBT podem constituir “territórios acolhedores” capazes de favorecer a prática, especialmente feminina (Le Blanc 2019); o papel particular do futebol em ambiente carcerário

5 Como em muitas outras atividades, é preciso haver ao menos dois (grupos) a (se) integrarem: os recém-chegados (*outsiders*) e os “estabelecidos” (*established*), e o desfecho depende, em primeiro lugar, destes últimos (Elias e Scotson 1965).

(Sempé e Bodin 2015); os usos do futebol no trabalho social, especialmente para acompanhar pessoas em situação de rua (Danneau 2014); mas também para entender os mecanismos da improvável politização de jogadores de futebol de alto rendimento (Guéry e Martinache 2022a) ou de grupos de torcedores antifascistas a partir de “tradições inventadas” (Guéry e Martinache 2022b). A lista não é exaustiva, mas constitui, acima de tudo, um convite a continuar as pesquisas desse tipo, que levam o futebol a sério, esforçando-se para captar a complexidade e a ambivalência das lógicas sociais em ação. Uma tarefa tanto mais importante porque, de novo, vemos se desenvolver na França um pânico moral em torno do suposto uso de certos clubes de futebol como células de radicalização e recrutamento de potenciais terroristas islamistas, não sem alguns equívocos (Chapitiaux e Terral 2024) – uma renovação de certas obsessões do republicanismo francês, que leva a pensar que, como uma bola, a história social muitas vezes anda em círculos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. 1983. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso.

BEAUD, Stéphane. 2011. *Traîtres à la nation? Un autre regard sur la grève des Bleus en Afrique du Sud*. Paris: La Découverte.

BEAUD Stéphane e Gérard Noiriel. 1990. “L’immigration dans le football”. *Vingtième Siècle*, 26: 83-96.

BOUSQUET, Gil. 2008. “France – Tunisie. Vive polémique autour des sifflets”. *La Dépêche*, 16 out. <https://www.ladepeche.fr/article/2008/10/16/481989-france-tunisie-vive-polemique-au-tour-des-sifflets.html>.

CHAPITAUX, Médéric e Philippe Terral. 2024. “Islamisme et sport: entre invisibilité, amalgame, stigmatisation et protéiformité de la menace”. *Hérodote*, 192: 129-144.

COLLIOT-THÉLÈNE, Catherine. 2019. “La notion de ‘communauté’ chez Max Weber: enjeux contemporains”. *Cahiers de philosophie de l’université de Caen*, 56: 35-56.

COS, Raphaël e Julien Talpin. 2014. “Le ‘supporter de l’Algérie’ et ses doubles Enjeux locaux de la coupe du monde à Roubaix”. *Savoir/Agir*, 30(4): 47-55.

DANNEAU, Benoît. 2014. “Les personnes sans abri et le football: entre pratique sportive et accompagnement social”. *Informations sociales*, 182: 134-140.

DULONG, Renaud. 1978. *Les Régions, l’État et la société locale*. Paris: Presses Universitaires de France.

DURKHEIM, Émile. 1893. *De la Division du travail social*. Paris: Alcan.

DURKHEIM, Émile. 1967. *Les Règles de la méthode sociologique*. Paris: Alcan [1ère éd.: 1894].

ELIAS, Norbert e John Scotson. 1965. *The Established and the Outsiders*. London: Franck Cass & Co.

FAURE, Jean-Michel. 1989. “Les ‘fouteux’ de Voutré”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 80: 68-73.

FONTAINE, Marion. 2010. *Le Racing Club de Lens et les “Gueules noires”, essai d’histoire sociale*. Paris: Les Indes Savantes.

GASPARINI, William. 2008. “L’intégration par le sport. Genèse politique d’une croyance collective”. *Sociétés contemporaines*, 69: 7-23.

GASPARINI, William e Michel Koebel. 2017. “Le football communautaire: enquête dans les clubs alsaciens, France”. *Sciences de la société*, 101: 144-167.

GIULIANOTTI, Richard e Roland Robertson. 2004. “The Globalization of Football: A Study in the Glocalization of the ‘Serious Life’”. *British Journal of Sociology*, 55(4): 545-568.

GRAFMEYER, Yves e Isaac Joseph (org.). 1990. *L’École de Chicago. Naissance de l’écologie urbaine*. Paris: Aubier.

GUÉRY, Valentin e Igor Martinache. 2022a. “Le sportif, le politique et le médiatique Vikash Dhorasoo, un habitus clivé pris dans la logique des champs”. *Politiques de communication*, 19: 189-223.

GUÉRY, Valentin e Igor Martinache. 2022b. “From Red Star to red poster: the multiple lives of Rino Della Negra”. *Presentation at the 6th RERIS Congress, Warsaw, September 27th*.

LE BLANC, Antoine. 2019. “Construire des territoires rassurants: l’exemple du sport LGBT en région parisienne”. *L’Information géographique*, 83(3): 39-61.

LESTRELIN, Ludovic. 2011. *L’Autre public des matchs de football*. Paris: Éditions de l’EHESS.

MOHAMMED, Marwane e Julien Talpin (org.). 2018. *Communautarisme?* Paris: Presses Universitaires de France.

NAZARETH, Cyril. 2014. “Un match des Éléphants dans une famille ivoirienne de footballeurs Supporter le fils aîné à distance”. *Savoir/Agir*, 30(4): 37-45.

NOIRIEL, Gérard. 1988. *Le Creuset français*. Paris: Seuil.

PEREIRA, Victor. 2017. “Football, identité et culture: Le football parmi les Portugais et leurs descendants en France”. *Interdisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies*, 6: 55-77.

PLOUVIEZ, Mélanie. 2015. “Le projet durkheimien de réforme corporative: droit professionnel et protection des travailleurs”. *Les Études Sociales*, 157-158: 57-103.

PONTY, Janine. 1995. *Les Polonais du Nord ou la mémoire des corons*. Paris: Autrement.

RENAHY, Nicolas. 2001. “Football et représentation territoriale: un club amateur dans un village ouvrier”. *Ethnologie française*, 31: 707-715.

RENAHY, Nicolas. 2005. *Les gars du coin. Enquête sur une jeunesse rurale*. Paris: La Découverte.

RETIÈRE, Jean-Noël. 2003. “Autour de l’autochtonie. Réflexions sur la notion de capital social populaire”. *Politix*, 63:121-143.

SALLÉ, Loïc e Jean Bréhon. 2020. “La radicalisation dans le sport au prisme de la sociologie de Norbert Elias: des commérages aux logiques de l’exclusion”. *Staps*, 128: 61-79.

SEMPÉ, Gaëlle e Dominique Bodin. 2015. “Homo-sociabilité et (auto) exclusion en prison pour hommes. Usages sociaux du sport et divisions de l’espace”. *Espaces et sociétés*, 162: 79-93.

THOMAS, William e Florian Znaniecki. 1998. *Le paysan polonais en Europe et en Amérique*. Paris: Nathan [éd. or.: 1919].

TÖNNIES, Ferdinand. 2010. *Communauté et société*. Paris: Presses Universitaires de France [éd. or.: 1887].

TRÉMOULINAS, Alexis. 2008. “La construction locale d’un ordre social: Négociations de parties de football. *L’Année sociologique*, 58(2): 267-298.

CAPÍTULO 11

A periferia do futebol: uma noção em debate

Fábio Machado Pinto

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

INTRODUÇÃO

Este estudo integra o eixo de pesquisa Futebol Comunitário e Várzea, do INCT Futebol, coordenado pelos colegas Luiz Carlos Rigo (UFPel) e Mauro Myskiw (UFRGS). Este “espaço-rede” reúne pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, interessados em problematizar práticas futebolísticas não profissionais. No Brasil, futebol de várzea e futebol comunitário são termos para práticas futebolísticas que fazem parte do cotidiano local ou regional, particularmente, aquelas vivenciadas como atividades de lazer. Várzea significa “planície”: são áreas subdesenvolvidas e propensas a inundações, como as existentes na periferia da cidade de São Paulo, onde surgiram os primeiros campos de futebol utilizados pelas classes populares no Brasil. Outros termos incluem futebol amador, de base, comunitário ou periférico. Arlei Damo destacou, assim, as diferentes matrizes do futebol: espetáculo, bricolado, comunidade (Damo 2007), e propôs então falar de futebolóis (Damo 2018) diante da pluralidade e da poli-

fonia desse fenômeno, que são, elas próprias, parte da diversidade tão típica do Brasil, sem, contudo, renunciar a abarcar a natureza múltipla do que é a prática do futebol hoje. Em 2024, o trabalho de Ribeiro, Spaggiari e Almeida problematiza outras denominações para o futebol, como “suburbano”, “não oficial”, “periférico”, “de bairro”, “colonial” ou “rural”, “comunitário”, “de praia”, “de parques”, “de escola”, “de veteranos”, “feminino”, “operário”, entre outros, cada um vinculado a um contexto específico, em um circuito específico, pouco ou nada conectado com as federações e os clubes considerados profissionais. Este capítulo propõe-se, assim, a problematizar esse debate em torno da denominação do futebol periférico diante de sua complexidade, como demonstram pesquisas realizadas no Brasil. Para tanto, também farei outras duas perguntas: como se constituiu a periferia do futebol, esse fenômeno singular-universal, e quais relações se estabeleceram com seu centro, o espetáculo e o futebol de alto nível?

Em 2012, alguns anos após retornar da França, onde havia concluído meu doutorado na Universidade de Paris 8 e participado da Copa da França pela equipe amadora de A.S.Pierrefitte, juntei-me aos veteranos da Santa Cruz do Ribeirão da Ilha, e lançamos um projeto chamado InterPeriferias do Futebol, reunindo as periferias de Florianópolis e de Paris. Este projeto buscava promover a formação esportiva e cultural de jogadores veteranos, mas também realizar uma pesquisa etnográfica sobre as periferias do futebol. Nesse contexto, pude observar as relações existentes entre o futebol profissional e o amador. Em 2018, minha colega Invernizzi defendeu sua

tese intitulada “Ser daqui ou de fora” (Ser ‘daqui’ ou ‘de fora’): hierarquias, descontinuidades e trânsito no futebol amador em Florianópolis. Ela analisou o futebol amador, pouco visível, quase subterrâneo, seus significados e seus possíveis deslocamentos em relação ao futebol profissional, às relações de poder e ao pertencimento comunitário. As categorias de performance e sociabilidade, que emergiram dos relatos, observações de campo e documentos analisados, revelaram o futebol amador como um lugar de encontro de diferentes projetos e temporalidades, uma forma de permanência em campo e de compartilhamento de recursos materiais e simbólicos, a exemplo do modelo profissional, ele próprio diversificado conforme a forma como cada clube se organiza. Ambos guardam certa interdependência. O futebol como fenômeno singular/universal revela toda uma complexidade, intimamente ligada às histórias de constituição sociocultural e econômica de cada território. Em Florianópolis, o futebol amador contrasta, por exemplo, com o praticado em Pelotas/RS ou Porto Alegre/RS, como demonstram os estudos de Rigo (2004) e Myskiw (2012); em São Paulo/SP, pelos estudos de Bonfim (2019) e Spaggiari (2016); ou em Belo Horizonte (Ribeiro 2021).

2. AS PESQUISAS SOBRE A PERIFERIA DO FUTEBOL NO BRASIL

As pesquisas no Brasil demonstram a complexidade e a pluralidade da periferia do futebol, que contrasta com seu centro, marcado pela padronização, espetacularização e “arenização”, e atravessado por complexas relações de poder em seu núcleo, composto pela Con-

federação Brasileira de Futebol (CBF) e suas 27 federações. Uma busca realizada por Rocha, Rial, Rigo e Myskiw (2023) no portal do CNPq utilizou o termo “futebol” para identificar os grupos brasileiros de pesquisa dedicados a esse tema. Os autores encontraram 14 deles dedicados ao estudo de várzea, comunidade e lazer. A partir desse estudo, realizaram uma busca bibliossociométrica que permitiu listar 459 autores dedicados ao estudo da periferia do futebol. Identificaram especialistas de diferentes áreas, como educação física, história, sociologia, literatura e comunicação, que dividiram em cinco áreas de estudo: história, memória e identidade; comunicação, cinema, fotografia, arte e linguagem; sociabilidade, pertencimento e emoção; corpo, etnia, gênero e sexualidade; política e gestão pública.¹

As principais equipes de pesquisa no Brasil são: o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (Ludens/USP), liderado por Marco Bettine; o Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (LabNAU/USP) dirigido por José Magnani; o Grupo de Pesquisa Patrimônio, Espaço e Memória (LABUR/USP) liderado por Simone Scifoni; o Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA/UFGM) dirigido por Élcio Loureiro Cornelissen; o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFGM) liderado por Silvio Ricardo da Silva; o Grupo de Pesquisa em História do Lazer (HISLA/UFGM) liderado por Cleber Augusto Gonçalves Dias; o Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciências Aplicadas ao Fute-

1 A pesquisa de Rigo e Myskiw ainda está em andamento. Os resultados preliminares foram apresentados no primeiro encontro do INCT Futebol Florianópolis, em agosto de 2024.

bol (GEPCAF/UFJF-GV); o Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC, UFRJ) dirigido por Antônio Jorge Soares; o Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC) dirigido por Carmen de Moraes Rial; o Núcleo de Estudos e Pesquisa de Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC) liderado por Alexandre Fernandez Vaz; o Grupo de Pesquisa do Esporte: Laboratório de História do Esporte e Lazer (UFRJ) liderado por Victor Andrade de Melo; o Grupo Cotidiano, Resgate, Pesquisa e Orientação (Corpo/UFBA) liderado por Maria Cecília de Paula Silva; o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Cultura Corporal no Sertão (IFECT/PE) liderado por Bartolomeu Lins de Barros Júnior; o Grupo de Pesquisa sobre Futebol e Sociedade (UEPG/PR) liderado por Miguel Archanjo de Freitas; o Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (UFRGS/RS) liderado por Mauro Myskiw e Raquel da Silveira; o Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Gênero e Saúde (UFSM/RS) liderado por Zulmira Borges; e o Grupo de Pesquisa — Estudos Socioculturais em Educação Física, Esporte e Lazer (Furg/RS) liderado por Gustavo da Silva Freitas.

Os estudos sobre a periferia do futebol emergem de um amplo debate interdisciplinar que se estende para além das práticas esportivas. Na década de 1980, com a abertura democrática, o retorno de intelectuais exilados e o retorno de movimentos sociais, de sindicatos e de partidos de esquerda à cena política, as pesquisas se voltaram para questões sociais e culturais, políticas e econômicas relacionadas às condições de vida dos trabalhadores.

No estado do Rio de Janeiro, Simoni Guedes e José Sérgio Leite Lopes, ex-alunos do Museu Nacional, onde estudaram com Roberto

DaMatta e Gilberto Velho, entre outros, interessavam-se pela vida dos operários. O debate sobre o papel do futebol na dramatização da identidade nacional era predominante na época. Simoni Guedes escreveu *Futebol Brasileiro: Instituição Zero* (1977), no qual coloca o futebol em um nível mais importante para a sociedade brasileira do que os três poderes — Executivo, Legislativo e Judiciário. Seu tema é a formação da identidade nacional brasileira, baseada principalmente no estudo da vida dos operários e de suas atividades de lazer, das quais o futebol amador obviamente faz parte, no subúrbio carioca de Bangu. E é isso que ela trata em “Subúrbio: Celeiro de Craques”, um de seus artigos no livro *Universo do Futebol* (DaMatta 1982). O tema de Simoni Guedes é também o território, o espaço social, numa perspectiva geográfica, que ela associa, por sua vez, ao espaço metropolitano do Rio de Janeiro e, também, ao imaginário de sua formação histórica: a periferia. Utilizando uma metáfora que associa um celeiro, local de armazenamento de grãos, a espaços periféricos, distantes dos centros urbanos, sugere que esses abrigam as sementes de “craques”, ou seja, jogadores extraordinários. As entrevistas com trabalhadores exploram as expectativas e as frustrações de quem busca seguir a carreira de jogador profissional de futebol (Hollanda 2021). A obra de José Sérgio Leite Lopes é referência, como seu artigo que propõe a etnografia da “Morte da alegria do povo”, Garrincha, publicado em *Actes de la Recherche* (1989). Seu artigo na *Revista da USP*, intitulado “A Vitória do Futebol que incorporou a pelada” (Leite Lopes 1994), analisa a contribuição de Mario Filho na transição do futebol amador para o profissional no Brasil e demonstra a

importância deste jornalista também, graças aos seus estudos sobre o futebol brasileiro, notadamente *O Negro no Futebol Brasileiro* (Filho 1947), foram geradas inúmeras análises e debates, não só em sua época, mas que ainda hoje são realizadas, quase 80 anos após sua publicação. Podemos citar, sobre o mesmo tema, a obra *A Invenção do País do Futebol*, coordenada por Ronaldo Helal, Antônio Jorge Soares e Hugo Lovisolo (2001), uma segunda geração de pesquisadores influenciados pelo primeiro grupo. Esta nova geração de pesquisadores tratou de disseminar as pesquisas pelo país. No estado do Rio, surgiram junto com os citados acima nomes como Bernardo Buarque de Hollanda, entre outros.

Em São Paulo, Waldenyr Caldas (1990), pesquisador da USP, em seu livro *O Pontapé Inicial*, analisa e contextualiza essa transição, tomando também como referência os estudos de Mario Filho e Thomas Mazzoni (1950). Outro artigo, de José Witter (1982), intitulado “*A várzea não morreu*”, insere-se nos estudos pioneiros sobre cultura esportiva por meio da história oral. São estudos que abordam os aspectos históricos ou geopolíticos relacionados à prática do futebol. Inúmeros estudos sobre a periferia do futebol foram produzidos em São Paulo (Seabra 1987). Dos estudos de antropologia urbana liderados por José Guilherme Magnani aos estudos sociológicos pioneiros de Fátima Antunes (1992) sobre o *Futebol de Fábrica*, uma nova geração emergiu, incluindo Luiz Toledo (UFSCar), Enrico Spaggiari, Marco Betine e Diana Mendes na USP e Aira Bonfim no Museu do Futebol, revelando também a importância e a presença das mulheres na história do futebol.

O estado de Minas Gerais constitui o terceiro polo de estudos sobre a periferia do futebol. Seu núcleo é a equipe FULIA, liderada por Élcio Cornelsen, e a equipe da GEFUT/UFMG, liderada por Silvio Ricardo da Silva, que desenvolve pesquisa com Felipe Abrantes, Sara Soutto Mayor e Georgino de Souza Neto. Este último tem contribuído para a reflexão sobre a sociabilidade dos torcedores por meio da etnografia, mas também da história do futebol amador. Ambas as equipes, oriundas de áreas distintas, como literatura, educação física e lazer, têm organizado importantes eventos dedicados ao futebol, como o “Simpósio Internacional de Futebol, Línguas, Artes, Cultura e Lazer”. Também em Minas Gerais, na Universidade Federal de Viçosa (UFV), José Geraldo Salles, professor de Educação Física, estuda a relação entre o futebol amador e o profissional. Sua equipe mantém vínculo com Antônio Jorge Soares, do Rio de Janeiro, seu orientador de tese. O jovem pesquisador de história Raphael Rajão, membro do FULIA (UFMG), doutorou-se no Rio de Janeiro sob a orientação de Bernardo Buarque de Hollanda. Hoje, como professor do Instituto Federal do Ceará, Rafael realiza importantes pesquisas sobre futebol amador, principalmente na cidade de Belo Horizonte. No Nordeste brasileiro, os pesquisadores Bruno Abrahão e Francisco Caldas, professores de Educação Física da Universidade Federal da Bahia (UFBA), realizaram estudos sobre futebol no sertão. A tese de Bruno também foi orientada por Antônio Jorge Soares, do Rio de Janeiro.

Para concluir este breve panorama, mencionaremos outras equipes e pesquisas realizadas em estados do Sul do Brasil. No Rio Grande do Sul, a pesquisa também é diversificada e está organizada

em torno de três equipes. Em Porto Alegre, o curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) abriga um grupo liderado por Marco Stigger e Mauro Myskiw, que estuda, entre outras coisas, o financiamento de equipes de futebol de várzea presentes em circuitos de lazer. A professora Silvana Goellner, do mesmo centro, realiza importantes estudos sobre a memória e as narrativas de jogadoras, como parte do projeto “Igualdade de Condições em Campo”, referente ao futebol na América do Sul. Os estudos de Mauro e Arlei partem da ideia do circuito varzeano como um lugar de organização e gestão da comunidade, que não deve ser compreendido por noções como carência, precariedade ou marginalidade, mas sim por seus próprios significados. Mais ao sul, em Pelotas e em Rio Grande, pesquisadores da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) realizam estudos sobre o futebol “infame” e as memórias do futebol de fronteira, sob a coordenação de Luiz Carlos Rigo, inspirados em Michel Foucault — com o adjetivo “infame”, ele refere-se ao futebol que, apesar de ter muitos praticantes, goza de pouca visibilidade.

Em Santa Catarina, a equipe do NAVI/UFSC, coordenada pela antropóloga Carmen Rial, que também dirige o INCT Futebol, além de orientar inúmeros estudos e organizar importante simpósio que aborda temas que correlacionam futebol, migração, mídia e sociabilidade. Sua pesquisa analisa os movimentos de jogadores brasileiros para o exterior, capítulo que consta neste volume. Na mesma universidade, a equipe do NEPESC do Centro de Educação, liderada por Alexandre Vaz e por mim (Fábio Pinto), desenvolve pesquisas sobre o futebol, especialmente, no meu caso, sobre a sua periferia, refletindo

sobre projetos e campos de possibilidade, com base na antropologia urbana de Gilberto Velho (2003, 2006), entre outros. Um pouco mais ao norte, uma equipe do Departamento de Educação Física da Universidade de Ponta Grossa (UEPG), no Paraná, realiza uma etnografia sobre a cultura do futebol.

Entre outros pesquisadores não menos importantes presentes em outros estados brasileiros, podemos citar algumas das equipes identificadas graças à pesquisa sociométrica, ainda em andamento, de Rigo e Myskiw (2024). Esses estudos nos permitem formular inúmeras perguntas, fruto desse esforço coletivo e de uma rede em construção.

3. A PERIFERIA DO FUTEBOL: UMA NOÇÃO EM DEBATE

Estudar a periferia do futebol nos ajuda a melhor compreender e transformar a sociedade em que vivemos? O que nos ensina a periferia do futebol sobre aspectos políticos, econômicos e socioculturais, relações sociais, projetos e desejos em sociedades complexas e em constante transformação? É possível pensar em projetos de desenvolvimento humano na periferia do futebol?

Os estudos sobre a periferia do futebol nos mostram que se trata de relações históricas, socioculturais e econômicas e que refletiremos em termos de condições periféricas. Concordamos com Carmen Rial (2024) que, em seu prefácio ao livro *InterPeriferias do Futebol*, analisa a expressão várzea, amplamente utilizada no país, especialmente onde foi criada, em São Paulo, mostrando que ela não é mais representativa da diversidade de lugares onde o futebol é jogado, seja

em centros urbanos ou rurais, em escolas e fábricas, em praias ou em parques, entre outros. Além disso, a expressão pode ser associada a algo mal organizado, desordenado, o que gera desconforto entre seus praticantes. O termo “amador” também tende a carregar essa conotação pejorativa, embora, na realidade, se refira a campeonatos municipais com organização semelhante à dos profissionais, onde alguns jogadores podem receber rendimentos semelhantes ou até melhores do que os encontrados no circuito profissional, contribuindo assim para uma circulação de atletas entre o mundo amador e profissional. Há, portanto, um certo número de jogadores profissionais ou ex-profissionais que retornam ao futebol amador (Spaggiari 2024). É o caso, por exemplo, dos atletas Doriva, Eder Lima e Jailson, que atuaram no São Paulo e no Palmeiras e retornaram ao amadorismo, recebendo até R\$ 5 mil reais (cerca de 800 euros) por partida para participar do Enquadro, time que disputa o Campeonato Amador de Sorocaba. Esse campeonato mobiliza 200 clubes e organiza 800 partidas, gerando mais de R\$ 20 milhões reais (cerca de 3,1 milhões de euros) em receita.² Seu financiamento vem de diversas fontes, muitas delas informais, como a troca de favores, a ajuda de patrocinadores ou o trabalho de associados e de voluntários que passam pelas portas da associação. No entanto, a expressão “amador” talvez seja a mais utilizada na periferia do futebol, principal-

2 Emilio Botta, «Futebol de várzea vira fonte de renda para campeões da Libertadores: A madeira canta» [« Le football de ‘varzea’ devient une source de revenus pour les champions Libertadores: le bois chante »], Globo Esporte, 14 juin 2023. [En ligne].

mente pela sua dimensão histórica, descrita acima. O termo futebol comunitário também nos apresenta certas limitações, como analisa neste livro, em seu capítulo, nosso colega Igor Martinache em relação à realidade francesa, onde a noção de “comunidade” tem uma conotação negativa, partindo do pressuposto de que constitui uma barreira entre os indivíduos e a República. No Brasil, os *Community Studies* estão na origem da formação do campo das ciências sociais e têm suscitado um importante debate envolvendo importantes sociólogos como Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos (Oliveira e Maio 2011). A expressão “comunidade” tem sido alvo de alguma rejeição por parte de intelectuais, e não tem tido a mesma aceitação que as expressões «várzea» e «amador» entre praticantes e agentes do futebol, evidenciando as diferenças entre futebol e comunidade, como observamos na tese de Invernizzi (2018).

O livro *Futebol Popular*, coordenado por Ribeiro, Spaggiari e Almeida (2024), buscou traçar um panorama da produção sobre o tema e analisou uma parte dos estudos do campo. Os autores utilizam a categoria “futebol popular” na tentativa de abarcar a diversidade do futebol no Brasil, que, além de sua condição contra-hegemonica e do distanciamento do circuito de espetáculo, se caracteriza por sua forte penetração como prática entre as classes populares e subalternas – grupo social que compartilha valores culturais expressos em uma multiplicidade de manifestações também reconhecidas como “populares”. Contudo, a expressão também é pouco utilizada no mundo futebolístico e encontra uma forma de resistência intelectual, como aponta Rial (2024), referindo-se aos estudos de Bourdieu.

A concepção dualista entre cultura legítima e cultura popular é alvo de inúmeras controvérsias intelectuais, caracterizadas por práticas ambíguas e contraditórias, como já apontou Marilena Chauí (1986).

A noção de periferia ganhou ampla popularidade por meio do cinema e da música. Exemplos importantes incluem os filmes *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meireles, e *Linha de Passe* (2008), de Walter Salles e Daniela Thomas, bem como os álbuns *Raio X do Brasil* (1993) e *Sobreviver no Inferno* (1997), da banda Os Racionais MCs. Essas obras promovem o orgulho de pertencer à periferia, ao mesmo tempo em que denunciam a violência, o racismo e as desigualdades.

A noção também foi utilizada na antropologia urbana por José Magnani (1992, 2012, 2013) e articula categorias como o “pedaço”, a “mancha”, os “trajetos” e o “circuito” para pensar as relações entre a prática coletiva e os espaços em que ela se realiza. Magnani toma o espaço da cidade como objeto e integra o lugar em sua análise, buscando compreender trechos e unidades que não são dados de ante-mão, destacando-os contra um fundo muitas vezes impreciso, na paisagem urbana. Destacando a dialética centro-periferia, ele indaga se há um pedaço no centro, com ligações complexas e baseado em redes. A categoria “pedaço” emergiu da periferia, do bairro e da fruição de atividades de lazer, incluindo o futebol, que desperta formas de devoção, trocas esportivas e associativas, trocas de pequenos serviços, de favores, práticas coletivas e ritualizadas, presentes na periferia. A categoria “circuito” revela toda essa circulação de elementos que vão da periferia para o centro. A categoria “pedaço” permite descrever uma forma de sociabilidade baseada em uma relação

particular entre o espaço e os atores sociais implicados. As conexões entre seus respectivos domínios permitem considerar as diferentes escalas da cidade, os diferentes planos de análise e as interconexões entre as redes sociais. Trata-se de uma antropologia “de perto e de dentro para fora” como estratégia para abordar a diversidade das dinâmicas urbanas nas grandes metrópoles.

Em 2011, durante o seminário “Estética da Periferia”, José Magnani afirmou que, após o boom que a indústria do entretenimento deu à noção de periferia nos anos 1990, e uma subsequente tendência à relativização no meio sociológico, ela foi assumida pelos povos nativos em um sentido político: na periferia, produzem-se conhecimentos, bens materiais e culturais, entre outros. Mas é também lá que a maioria dos jovens, a maioria negros, é assassinada. Conectar, unir as quebradas e pacificar os territórios constituem uma tarefa única. Formou-se, assim, uma consciência periférica, com forte relação de pertencimento e luta social.

Os estudos inspirados em Milton Santos também analisam a realidade sociocultural por meio de suas dinâmicas territoriais, como algo que nos pertence e faz parte de nossa história. Entretanto, para Santos (1996), as noções de “centro” e de “periferia” devem ser revistas ou substituídas pelas de “espaço” e de “globalização”. De fato, a discussão sobre a noção de periferia é antiga e remonta aos debates econômicos da década de 1950, para designar as margens do capitalismo, um lugar de pobreza e de precariedade devido à sua distância do centro. No entanto, há nuances, e as relações centro-periferia não se reproduzem da mesma forma em todas as situações.

Há fortes variações na dinâmica de suas relações, inclusive entre diferentes centros e diferentes periferias, o que podemos chamar de “condições periféricas”. É nesse contexto que buscamos mobilizar as noções geopolíticas de “centro-periferia”, “fronteira” e “margem” para pensar o futebol (Rafestin 1992, 1993). Devemos refletir sobre certos estereótipos ou interpretações que limitam a reflexão e não refletem a complexidade dos conceitos, suas interações, suas escalas e suas temporalidades. Podemos encontrar clubes e federações, jogos e campeonatos entre profissionais, que podem não ser espetaculares e apresentar desempenhos inferiores aos de algumas ligas e times amadores que atuam na periferia do futebol. Há também casos de clubes que rapidamente passaram do *status* amador para o profissional, como o Água Santa de Diadema (localizado no ABCD, subúrbio de São Paulo), que se profissionalizou em 2011. Com apoio financeiro, torcedores apaixonados em uma cidade carente de lazer, uma equipe técnica e um certo entusiasmo, o time levou cinco anos para chegar à elite do futebol paulista. Em 2023, eliminou os clubes São Paulo e Bragantino, e chegou à final do campeonato paulista. Seus jogadores venceram o jogo de ida da final contra o Palmeiras, mas foram derrotados no jogo de volta e, assim, perderam o título³.

A relação entre o centro — o futebol de espetáculo — e sua periferia pode ser pensada como um espaço em que a posição de cada liga ou clube pode ser avaliada de acordo com o grau de conexão com os

3 Yan Resende e Chris Mussi, “Da várzea à elite em quatro anos: conheça o “meteórico” Água Santa”], *Globo Esporte*, 5 de maio de 2015 [Online].

demais e com o centro. Essas ligações podem apresentar maior ou menor grau de dominação ou subordinação, dependência ou autonomia. Nesse espaço, os centros têm maior luminosidade, ou seja, densidade econômica, técnica e profissional, com atividades apresentando maior grau de tecnologia e de organização do espetáculo, desenvolvimento de alto rendimento, visibilidade das marcas dos patrocinadores, mobilização e magnitude do público consumidor e produção da identidade clubística e associativa. Isso contrasta com a opacidade da periferia, com baixa densidade econômica e organizacional na realização de seus torneios e campeonatos, para mobilização, treinamento e preparação de seus jogadores; menor impacto sobre as associações e torcedores; ausência ou precariedade da infraestrutura de suas sedes e campos, enfim, uma gestão predominantemente amadora de clubes e de ligas.

As condições periféricas se estabelecem a partir de modos de jogar (intensidade, rendimento técnico, organização tática), mas também por meio de formas de sociabilidade que remetem à diversidade de jogadores e ao significado do jogo, à linguagem própria, à criatividade na mobilização de recursos, à flexibilidade, em relação às condições dos campos e da infraestrutura esportiva, adaptando-se às características locais. O par centro-periferia também nos permite pensar em termos de margens, ou seja, espaços pouco integrados, pouco ou não explorados pelo centro. A margem é parte da periferia. Isso nos permite distinguir a periferia marginalizada e a periferia integrada, ou mais precisamente identificar uma espécie de gradação da condição periférica, dentro de uma mesma dinâmica (centro e

periferia), o que envolve dimensionar o grau de conexão/integração com o centro. Há clubes que não participam de ligas e de campeonatos na periferia do futebol e organizam suas próprias partidas, mobilizando seus próprios recursos para ter o mínimo que lhes permita praticar futebol semanalmente.

A periferia do futebol transformou-se, ganhando complexidade, estabelecendo novas fronteiras (Scheibe 2018), como demonstramos anteriormente. Um bom exemplo é a Copa das Favelas, o maior torneio do gênero no mundo, organizado pela CUFA — Central Única das Favelas —, que teve sua primeira edição em 2012. Em 2022, a final, na Arena Barueri, foi transmitida pela televisão aberta. Em 2024, seus campeonatos feminino e masculino mobilizaram 800 mil jovens em todo o país. Podemos destacar também a pluralidade e a complexidade das formas como o futebol se organiza e resiste aos padrões impostos pelo futebol de alto nível como espetáculo. Formas inovadoras de jogar futebol, organizar eventos e formar times começam a se desenvolver em todo o país, em comunidades rurais, em reservas indígenas, em comunidades LGBTQIAPN+, em presídios entre detentos, nas ruas e praças para moradores de rua, em times formados por pessoas com deficiência, entre outros.

A noção de fronteira⁴ do futebol também nos permite refletir sobre as condições mínimas do que pode ser considerado futebol ou

4 Aqui, a fronteira do futebol se diferencia da expressão futebol de fronteira utilizada por Rigo (2004) para denominar o futebol praticado na fronteira entre Brasil e Uruguai. Em sua tese de doutorado, Rigo trata da periferia do futebol, seja ela amadora, de várzea, comunitária e até mesmo profissional.

os princípios fundamentais das “leis do jogo”, mesmo que admitam certo grau de modificação. Isso nos permite refletir sobre o que podemos considerar outros futebóis: Futebol de Rua, Futebol Sete ou Society, Futebol de Areia ou Praia, Futsal, Futevôlei, Futebol Paralímpico, Fut3, Pelada, Futebol de Mesa ou Botão, Rugby, Futebol Americano, Showbol, Bossaball e Futetênis são alguns exemplos, entre muitos outros, que se desenvolvem para além das fronteiras do futebol. No entanto, podem evoluir de forma autônoma e tornarem-se tão populares quanto o futebol — espetáculo de alto nível — com seus próprios centros e periferias.

Creio que esta aproximação entre a geografia social (Santos 1996) e antropologia pode nos permitir uma reflexão mais adequada e flexível sobre as múltiplas manifestações socioculturais do futebol em diferentes territórios e épocas, com o objetivo de não apenas compreender fenômenos em sociedades complexas (Velho 2003, 2006), como também procurar valorizar e promover as culturas e iniciativas periféricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de periferia talvez seja a melhor forma de compreender o futebol em qualquer região, independentemente de quem o pratica (gênero, idade, classe social, renda), com relações com o centro, mais ou menos, integradas, às vezes marginais ou negligenciadas. Pesquisas e estudos sobre as repercussões das variações nas diferentes condições periféricas estão apenas começando. É importante enfatizar o poder mobilizador e transformador da periferia diante da concentração e da acumulação econômica que ocorrem no centro. Promover encon-

tros entre periferias catalisa esse poder. Não apenas para demonstrar e valorizar sua diversidade, mas também para colocar em prática redes de solidariedade, formação intercultural e ação coletiva.

Nosso desafio é conectar pesquisadores e grupos de pesquisa, também em rede. O INCT Futebol tem um papel fundamental para que pesquisadores se conheçam, discutam suas metodologias e compartilhem suas pesquisas. Alguns estudos já impactaram as periferias do futebol, como foi o caso do reconhecimento do futebol amador como patrimônio cultural imaterial, que aconteceu em 2017, durante eventos realizados em Belo Horizonte e São Paulo, promovidos pelo Museu do Futebol. Precisamos continuar avançando. Políticas e recursos públicos devem fomentar e sustentar essas iniciativas, que há muito tempo fazem parte das periferias, e não apenas do futebol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. 1992. “Futebol de Fábrica em São Paulo”. Dissertação de Mestrado em Sociologia, USP.

BONFIM, Aira, Alberto Luiz dos Santos e Enrico Spaggiari. 2024. “Mas existem equipes de futebol de várzea femininas? O processo de mapeamento do futebol de mulheres em São Paulo”. *FuLiA/UFGM*, Belo Horizonte, v. 9, p. 1.

BONFIM, Aira. 2019. “Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)”. Dissertação de

Mestrado em História, Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

CALDAS, Waldenir. 1990. *O Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ibrasa.

CHAUÍ, Marilena de Souza. 1986. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.

DAMATTA, Roberto (org.). 1982. *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque.

DAMO, Arlei. 2007. *Do Dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: HUCITEC.

DAMO, Arlei. 2018. “Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política”. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, set./dez.

FILHO, Mario. 1947. *O negro no foot-ball brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores.

HELAL, Ronaldo, Antonio Jorge Gonçalves Soares e Hugo Rodolfo Lovisoló. 2001. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad.

GUEDES, Simoni Lahud. 1977. “O Futebol brasileiro: instituição zero”. Dissertação de mestrado, Museu Nacional, Rio de Janeiro.

GUEDES, Simoni Lahud. 1982. “Subúrbio: celeiro de craques”. In: DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade*

brasileira. Rio de Janeiro: Edições Pinakothèque, p. 61.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. 2021. “Retrato da antropóloga quando jovem: Simoni Guedes – dos anos de formação a Subúrbio, celeiro de craques”. In *Revista Mana*, (27)1: 1-28.

INVERNIZZI, Lisandra. 2018. “Ser ‘daqui’ ou de ‘fora’: hierarquias, descontinuidades e trânsitos no futebol não profissional de Florianópolis”. Tese de Doutorado em Educação, Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LOPES, José Sérgio Leite. 1994. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”. In *Revista USP*. São Paulo.

MAGNANI, José Guilherme C. 1992. “Da periferia ao centro: pedaços e trajetos”. In *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, v. 35. p. 191-203.

MAGNANI, José Guilherme C. 2012. “Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana”. *Coleção Antropologia Hoje*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome.

MAGNANI, José Guilherme C. 2013. “Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos”. *Anuário Antropológico*, Brasília, UnB, v. 38 n.2: 53-72.

MAZZONI, Thomas. 1950. *História do Futebol no Brasil 1894-1950*. São Paulo: Ed. Leia.

MYSKIW, Mauro. 2012. “Nas controvérsias da várzea: trajetórias e

retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre”. 415 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

OLIVEIRA, Nemuel da Silva e Marcos Chor Maio. 2011. “Estudos de Comunidade e ciências sociais no Brasil”. *Revista Sociedade e Estado*, Volume 26, Número 3, setembro/dezembro.

PINTO, Fábio Machado, Ricardo Lara e Alexandre Fernandez Vaz. 2024. *Interperiferias do Futebol: o que o futebol nos ensina sobre o viver na sociedade contemporânea?* Pelotas: Editora Ateliê da Casa.

RAFESTIN, Claude. 1992. Autor de la function sociale de la frontiere. *Espace et Societé*. N. 70/71. p. 157-194.

RAFESTIN, Claude. 1993. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática.

RIAL, Carmen. 2024. “Futebol comunitário, popular, espontâneo, de várzea, amador, menor? Limites e potencialidades das categorias que definem um futebol periférico”. In: PINTO, Fábio Machado, Ricardo Lara e Alexandre Fernandez Vaz. *Interperiferias do Futebol: o que o futebol nos ensina sobre o viver na sociedade contemporânea?* Pelotas: Editora Ateliê da Casa.

RIBEIRO, Raphael Rajão, Enrico Spaggiari e Caroline Soares de Almeida. (Org.). 2024. *Futebol Popular*. São Paulo: Ludopédio.

RIBEIRO, Raphael Rajão. 2021. “A várzea e a metrópole: futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-

1989)”. Tese de doutorado em História, Escola de Ciências Sociais. FGV CPDOC, Rio de Janeiro.

RIGO, Luiz Carlos. 2004. *Memórias de um Futebol de Fronteiras*. Pelotas: Editora Universitária UFPel.

ROCHA, Sofia Covello da e Carmen Rial. 2023. “INCT Estudos do futebol brasileiro: um olhar para a configuração de grupos de pesquisa sobre futebol de várzea e comunitário”. In: “Salão de Iniciação Científica”, n. 35, nov. 6-10: UFRGS, Porto Alegre, RS.

SANTOS, Milton. 1996. *A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.

SCHEIBE, Eduarda. 2018. “Toda a fronteira é periférica? Ensaio sobre a apresentação centro-periferia para estudos fronteiriços”. *Passages de Paris*. n. 16, 2018, p. 03-17.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. 1987. “Os meandros dos rios nos meandros do poder. Tietê e Pinheiros: valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo”. Tese de doutorado, USP.

SPAGGIARI, Enrico. 2016. *Família joga bola: jovens futebolistas na várzea paulistana*. São Paulo: Intermeios/Fapesp.

SPAGGIARI, Enrico. 2024. “Profissionalização da várzea? – Controvérsias e dinâmicas do rodar no futebol popular paulistano”. *Revista INTERthesis — Revista Internacional Interdisciplinar*, Florianópolis, v. 21, p. 01-22, jan./dez.

WITTER, José Sebastião. 1982. “A várzea não morreu” In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; In *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial/Arquivo do Estado.

VELHO, Gilberto. 2003. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

VELHO, Gilberto. 2006. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração* (4ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

CAPÍTULO 12

A identidade futebolística internacional do Brasil utilizada como instrumento de diplomacia e ferramenta de formulação da política externa

Vera Cíntia Alvarez

Ministério das Relações Exteriores do Brasil

O futebol, fenômeno social de importância econômica e cultural, vetor de promoção da imagem externa de um país no imaginário mundial, revelador da potência e do declínio das nações, substituto da guerra e instrumento de diplomacia, foi deliberadamente utilizado pelo Secretário de Estado das Relações Exteriores do Brasil como dispositivo de sua “diplomacia da bola”. Esta visava atrair o apoio internacional para as candidaturas do Brasil à organização dos dois maiores eventos esportivos mundiais e, em particular, o apoio dos países em desenvolvimento, que têm o Brasil como referência por seus esforços de crescimento com inclusão social.

O futebol foi evidentemente escolhido como motor dos programas propostos pela nova unidade criada dentro do organograma do

Itamaraty (apelido do Ministério das Relações Exteriores do Brasil) porque é considerado a marca brasileira mais conhecida internacionalmente, seu *soft power* na linguagem dos pesquisadores da “marca-país” e do *soft power* das nações, como afirma Joseph Nye (2004), entre outros. Ao criar um departamento específico para o esporte, o Itamaraty não inventava a roda. Historicamente, os Estados-nação se apropriaram do esporte para promover políticas tanto internas quanto externas.

De 2003 a 2016, a agenda da política externa brasileira foi claramente influenciada pela perspectiva de preparar, realizar e obter sucesso nos futuros megaeventos mundiais, considerando que os dois maiores megaeventos – a Copa do Mundo da FIFA e os Jogos Olímpicos – são eventos culturais, esportivos e econômicos de grande envergadura, com caráter dramático intenso e grande apelo popular internacional. As transmissões de televisão, seu principal motor de divulgação, motivam patrocinadores, fidelizam participantes e promovem as cidades e países anfitriões.

Assim, o futebol e as políticas de inclusão social por meio do futebol foram usados como estratégia diplomática durante a campanha para ingressar no seleto grupo de países capazes de organizar grandes eventos esportivos mundiais: a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e, dois anos depois, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio de Janeiro. Duas oportunidades extraordinárias para aproveitar as vantagens excepcionais proporcionadas pelos megaeventos mundiais aos anfitriões, em um momento em que o Brasil se tornou uma das maiores economias do mundo e se reposicionou no cenário internacional.

Em um passado não tão distante, os megaeventos mundiais eram organizados por países centrais ricos e com longa tradição na organização desse tipo de evento. O crescimento econômico de países como Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, o grupo original dos BRICS, mudou o panorama geopolítico internacional e inaugurou uma nova ordem mundial com novos atores no equilíbrio de poderes globais.

Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2004, em Atenas, marcaram o início de uma nova era em que as cidades-sede de megaeventos esportivos poderiam estar em novos territórios: na China, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Pequim (2008); na África do Sul, a Copa do Mundo da FIFA (2010); na Índia, os Jogos da Commonwealth (2010); na Rússia, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Inverno (2014) e a Copa do Mundo da FIFA (2018); e no Brasil, como vimos, a Copa de 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016.



**À partir des Jeux en Athènes, 2004,
de nouveaux acteurs montent sur scène :**



- **Chine**, Jeux Olympiques et Paralympiques de 2008 ; 
- **Afrique du Sud**, Coupe de la FIFA 2010 ; 
- **Inde**, Jeux du Commonwealth, 2010 ; 
- **Russie**, Jeux Olympiques et Paralympiques d'hiver, 2014, et la Coupe de Football FIFA 2018 ; 
- **Le Brésil**, Coupe de la FIFA 2014 et Jeux Olympiques et Paralympiques d'été 2016 

Diapositivo apresentado pela autora no *II Colloque International INCT Football*, Paris, dezembro 2024

Os Estados envolvidos, não centrais e não hegemônicos, permitiram abrir novos espaços de poder simbólico e novos territórios para grandes eventos mundiais. A China aproveitou para melhorar sua imagem no Ocidente, passando de um país comunista, subdesenvolvido e autárquico para uma potência mundial, aberta, moderna e realizada. A Rússia fez bom uso da Copa do Mundo de 2018 para informar o Ocidente sobre a reconstrução de seu orgulho nacional e projetar seu poder e o de seu líder, Vladimir Putin. Ambos os países usaram o esporte para se legitimar internacionalmente e se posicionar como potências emergentes, desafiando as potências dominantes, Estados Unidos e Europa. A verdade é que os governos nacionais gastam milhões para gerir sua imagem e se esforçam para influenciar a forma como são percebidos. As nações aspiram projetar seu *soft power*, seu poder de atração, e aproveitar novas oportunidades: aumentar o turismo, atrair investimentos, aumentar o comércio internacional, ter uma política externa respeitada e credível e, sobretudo, moldar uma imagem positiva no tabuleiro mundial.

O Brasil não é uma potência militar e, embora esteja entre as dez maiores economias do mundo, também não é uma potência econômico-política. No entanto, participa do sistema internacional com a ideia de que seu desenvolvimento, um de seus objetivos prioritários, depende das relações que mantém com outros países e de uma diplomacia estratégica e generosa.

O planejamento da campanha brasileira dentro do Itamaraty foi baseado em dois princípios fundamentais, pilares da política externa brasileira: o princípio da autonomia — ou seja, a independência

em relação às potências hegemônicas — e o princípio do universalismo — a manutenção de relações com todos os países, independentemente de sua situação política ou religiosa, tipo de regime ou orientação econômica. Além disso, o Brasil possui um *soft power* ligado à sua imagem, à sua cultura popular, à música e ao chamado “futebol bonito”, que é espontâneo e ultrapassa as fronteiras nacionais.

Se o futebol é um instrumento por excelência de construção das identidades nacionais, no caso do Brasil, trata-se também da marca de sua identidade internacional. Por outro lado, o Brasil podia se orgulhar de ser referência para outros países em desenvolvimento em algo importante: a experiência de inclusão social pelo futebol, os programas nas favelas e comunidades pobres criados à época pelo governo e ONGs.

Desde 1958, graças ao seu desempenho excepcional em campo, o Brasil se impôs simbolicamente como líder do esporte mais popular do planeta. Esse sucesso esportivo — ilustrado por seu número recorde de títulos mundiais, sua longevidade no topo do ranking da FIFA e o reconhecimento individual de seus jogadores — permitiu difundir a imagem de um “futebol bem jogado”, o futebol do “jogo bonito”. Paradoxalmente, embora o futebol tenha sido inventado pelos britânicos, uma fórmula famosa resume essa realidade: “Se a moda é francesa, o design é italiano e o estilo de vida é americano, o futebol é brasileiro”.

Para os especialistas em esporte — percebido não como simples entretenimento, mas como fenômeno social e político —, o futebol brasileiro também é uma ferramenta de construção das identidades

nacionais e de inclusão social. É nessa perspectiva que o Itamaraty, sob a administração do então ministro Celso Amorim, integrou o esporte a uma doutrina estratégica, dando origem a iniciativas como a Coordenação-Geral de Intercâmbio e Cooperação Esportiva (apelidada de “CG-bola” pelos colegas). Essa unidade elaborou programas de cooperação destinados a difundir a paixão pelo “belo jogo brasileiro”, ao mesmo tempo em que preparava o terreno para a recepção de megaeventos internacionais.

Com a lembrança das excursões da equipe do Santos Futebol Clube na África, nas décadas de 1960 e 1970, que interromperam uma guerra em curso e atenuaram conflitos locais, a ideia de que o futebol brasileiro é um produto estratégico para a diplomacia se cristalizou. Trata-se verdadeiramente do melhor, mais eficaz e mais eficiente embaixador do Brasil no mundo.

Essa ideia ganhou força com a decisão de promover o Jogo da Paz no Haiti em 2004, no contexto da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (Minustah), comandada pelo Brasil. A partida amistosa lá realizada com a participação da Seleção Brasileira foi concebida como um gesto humanitário, mas sobretudo como um gesto diplomático de alto potencial.



Diapositivo apresentado pela autora no *II Colloque International INCT Football*, Paris, dezembro 2024 (imagem autorizada pelo autor da foto)

DIPLOMACIA PÚBLICA E INCLUSÃO SOCIAL

Outra dimensão essencial dessa estratégia reside na adoção de uma diplomacia pública “povo a povo”. Essa abordagem, que vai além da simples relação entre governos, visa estabelecer laços diretos com as sociedades civis e promover intercâmbios culturais e esportivos. Assim, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil concebeu a utilização do esporte não apenas como instrumento de projeção internacional, mas também como meio de inclusão social e combate às discriminações – sejam elas raciais, étnicas ou de gênero.

A adoção do futebol como objeto principal dos programas elaborados pela CG-Bola do Itamaraty correspondia ao desejo de muitos

países, especialmente africanos e asiáticos, de estabelecer cooperação esportiva com o Brasil. A ideia era ter programas de cooperação esportiva com o maior número possível de países. No período, o Brasil implementou vários programas de cooperação esportiva para fortalecer suas relações internacionais. Entre mais de quarenta, destacam-se quatro iniciativas particularmente bem-sucedidas:

I - Formação de treinadores estrangeiros das seleções nacionais que se preparavam para a Copa do Mundo e o futebol dos Jogos Olímpicos. Em colaboração com a Federação Paulista de Futebol, o Brasil organizou cursos para formar treinadores estrangeiros no estilo de jogo brasileiro, o famoso “belo jogo”. Figuras lendárias, como o ex-jogador Zico, participaram dessas formações, compostas por aulas de tática e teoria, treinamentos em campo, visitas a estádios famosos, palestras com treinadores campeões, que atenderam às expectativas dos convidados. O primeiro grande curso foi ministrado aos treinadores dos países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), em Brasília. Outros, realizados ao longo de vários anos, trouxeram treinadores de lugares tão distantes quanto o Nepal.

II - Apoio às jogadoras palestinas: o Brasil convidou a seleção feminina de futebol da Palestina para treinar no Brasil, oferecendo a essas atletas uma oportunidade rara de se desenvolverem em um contexto profissional. Foi a primeira atividade realizada no âmbito do Protocolo de Cooperação no Esporte, assinado durante a visita do Presidente Lula aos territórios palestinos ocupados. As jogadoras, que

sofriam por não ter onde jogar — pois mesmo quando havia campo, eram os jogadores homens que treinavam —, como nos foi dito, receberam um verdadeiro “choque de autoestima”. Com o apoio do gabinete do prefeito local, fizemos com que desfilassem pela cidade de Santos no antigo bonde turístico, sob aplausos do público composto principalmente por crianças e jovens das escolas públicas.

III - Doação de equipamentos esportivos: o Brasil forneceu equipamentos esportivos, especialmente bolas de futebol fabricadas em programas sociais de inclusão no Brasil, a países africanos, reforçando assim os laços de solidariedade internacional.

IV - Apoio institucional aos “Primeiros Jogos Mundiais dos Povos Indígenas”, em Palmas, capital do Estado do Tocantins, região Norte do Brasil, em 2015: o apoio do Itamaraty foi crucial, com convites feitos a equipes de povos indígenas de mais de setenta países. Foi preciso negociar com o Ministério da Agricultura e Pecuária a entrada pelas fronteiras brasileiras de matéria orgânica, penas, ossos, adornos sumptuosos ou de uso comum pelos visitantes estrangeiros.

O FUTEBOL COMO EMBAIXADOR DA PAZ

A análise da instrumentalização do futebol e dos megaeventos esportivos pelo Brasil revela uma estratégia inovadora de política externa, baseada na valorização do futebol e do *soft power*, e uma diplomacia pública decididamente voltada para a inclusão social. Longe de se

limitar à simples organização de eventos, o Brasil soube transformar o esporte em uma ferramenta diplomática de grande alcance, capaz de fortalecer sua imagem, atrair investimentos, dinamizar seu mercado interno e promover valores universais. Assim, a experiência brasileira oferece um exemplo instrutivo de como um país, considerado ao mesmo tempo uma grande economia e um ator “periférico” no cenário internacional, pode redefinir seu papel em uma ordem mundial em constante evolução. O *soft power* brasileiro, baseado no futebol, na música e em uma diplomacia multilateral, fundamentada na independência diplomática e no universalismo, permitiu ao país afirmar seu papel de líder regional e promotor da paz e do desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Nye, Joseph. 2004. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. New York: Public Affairs.

CAPÍTULO 13

Da classe operária ao estudo do futebol, e de volta... Itinerário de um sociólogo “engajante”

ENTREVISTA COM STÉPHANE BEAUD, REALIZADA POR IGOR MARTINACHE
E FRÉDÉRIC RASERA

Nascido em 1958, Stéphane Beaud é um dos sociólogos mais renomados hoje em dia na França. Ele começou suas pesquisas investigando os trabalhadores da indústria automobilística no leste do país com Michel Pialoux, com quem publicou, entre outros, *Retour sur la condition ouvrière* [“Voltar sobre a condição operária”] (1999). Privilegiando o método etnográfico, ele também é autor, com Florence Weber, de um *Guide de l’enquête de terrain* [“Guia da pesquisa de campo”], de 1997, que continua sendo uma referência indispensável para os pesquisadores iniciantes. Ele também se interessou pelas consequências ambivalentes da abertura do ensino superior na França com “80% au bac” et après? [“80% no Enem... e depois?”] (2002). Grande amante do futebol desde a juventude, ele só tardiamente fez dele um objeto de pesquisa, mostrando como esse esporte oferecia um espelho interessante para a sociedade francesa, especialmente no que diz respeito às tensões relacionadas às relações de classe e à sua história migratória. Preocupado em tornar a Sociologia

popular, em todos os sentidos da palavra, ele também está envolvido em várias iniciativas que visam divulgar os conhecimentos produzidos por essa disciplina, principalmente dando muitas palestras em escolas de ensino médio e bibliotecas públicas.

Pergunta: *Você se tornou conhecido na França pelas pesquisas que fez com Michel Pialoux junto aos operários da fábrica Peugeot na região de Sochaux-Montbéliard. Embora esse seja um lugar central para o futebol francês, o futebol estava totalmente ausente de seus trabalhos à época. Como você explica essa omissão?*

Resposta: Esse paradoxo é evidente e merece ser questionado. Há pelo menos dois elementos que explicam isso. O primeiro está ligado à maneira como Michel Pialoux e eu construímos nosso objeto de estudo. Sou vinte anos mais jovem e aprendi o trabalho de campo a seu lado, entrei “na esteira dele” na primeira fase da pesquisa. Comecei a trabalhar com Pialoux em 1988-1989, ao passo que ele já havia iniciado, em 1983, um importante trabalho de cunho biográfico com Christian Corouge, um OS [*ouvrier spécialisé*, operário especializado], militante da CGT,¹ na fábrica de carrocerias de Sochaux, que deu origem a cinco “Crônicas Peugeot”, publicadas em 1984-1985 na revista *Actes de la recherche en sciences sociales*. Ele focou sua

1 A CGT (Confederação Geral do Trabalho) é, junto com a CFDT (Confederação Francesa Democrática do Trabalho), uma das principais organizações sindicais interprofissionais; a primeira é considerada combativa, enquanto a segunda valoriza os acordos com os empregadores.

análise nas transformações do grupo operário local, especialmente nas formas de representação e delegação internas, trabalhando com algumas das intuições de Pierre Bourdieu sobre o tema (Bourdieu 1984). Michel Pialoux realizou longas entrevistas com membros de diferentes estratos do grupo operário (operários especializado, OS, mas também “profissionais”, OP),² e em 1988-1989 eu me juntei ao seu trabalho, ampliando o objeto de estudo para as transformações que estavam ocorrendo no âmbito da educação e da habitação. Minha tese de doutorado, que defendi em 1995 na EHESS (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais), intitula-se, aliás, *L’usine, l’école et le quartier* [A fábrica, a escola e o bairro]. Assim, centramos o trabalho nessas questões de reprodução do grupo operário. E, nesse quadro teórico, o futebol só poderia surgir como uma questão menor ou desnecessária.

Além disso, os operários com os quais trabalhávamos e cooperávamos no campo, especialmente nossos aliados de pesquisa, eram majoritariamente militantes da CGT e, por vezes, da CFDT. Localmente, eram chamados de “antipeugeotistas”. Ora, o estádio Bonal [onde joga o Football Club Sochaux-Montbéliard (FCSM)] e o time de futebol eram o território, ou mesmo o reduto, dos “peugeotistas”. Desde 1968 (lembrete: dois operários foram mortos em junho de 1968 em Sochaux, quando as CRS³ tentaram pôr fim à ocupação

2 Nas classificações profissionais, os OS eram considerados sem qualificação específica e, por isso, situavam-se na base da hierarquia, enquanto os OP tinham uma certa qualificação reconhecida.

3 As CRS, Compagnies Républicaines de Sécurité [Companhias Republicanas

operária da fábrica), havia uma divisão nítida, e ainda muito viva, entre essas duas frações do grupo operário local. Lembro que, quando pesquisávamos (intensamente) em Sochaux entre 1988 e 1995, havia ainda 25 mil operários na fábrica, e essa oposição entre “peugeotistas” e “antipeugeotistas” era muito forte e estruturante — ainda mais depois da grande greve dos OS da fábrica de Sochaux (sete semanas) em 1989.

Resumindo: a questão do futebol, e mais especificamente do clube de Sochaux, era quase um tabu entre os operários que pesquisávamos, como Christian Corouge e seus companheiros. Todos lutavam sindicalmente na fábrica, e essa batalha, nos anos 1970, havia sido muito dura e, às vezes, violenta (com sindicato pelego, punição de delegados da CGT pelos supervisores etc.). Para eles, não havia meio-termo: o time de futebol Sochaux era, por essência, “o time do patrão”, e eles o detestavam por princípio [de luta]. E isso apesar de Christian Corouge ter sido, na juventude, um excelente jogador de futebol em Cherbourg (atuava como ponta-direita), selecionado para a equipe de cadetes de sua região. Ele adorava futebol, mas jamais colocaria os pés no estádio Bonal. E eu mesmo, durante todos aqueles anos intensivos de pesquisa e tese (1989-1995), nunca fui ao estádio — eu “respeitei esse interdito”, por assim dizer, ainda que o estádio ficasse ao lado da fábrica.

Acho, portanto, que a principal razão da ausência do futebol em nossos trabalhos sobre o grupo operário de Sochaux foi que, de fato,

de Segurança] são um corpo específico da polícia francesa dedicado à manutenção da ordem (especialmente durante manifestações de rua).

ele estava fora do escopo da pesquisa. Era, repito, uma espécie de interdito, para não ofender os militantes operários dos quais éramos muito próximos.

P: E o futebol como prática ou espetáculo não fazia parte do cotidiano deles?

R: Não, muito pouco. Mas, de minha parte, mesmo assim tentei abordar indiretamente a prática do futebol na região. No meio da nossa pesquisa, por volta de 1992-1993, o DUPM [District Urbain du Pays de Montbéliard, Distrito Urbano da Região de Montbéliard] lançou um edital para entender a multiplicação de clubes chamados “étnicos” na região: portugueses, argelinos, marroquinos, turcos etc. Fui postulante porque o tema me interessava. Escrevi um pequeno projeto e depois participei de uma espécie de entrevista com uma comissão de representantes locais, na qual apresentei esse pequeno texto e expliquei os trabalhos da Escola de Chicago sobre os imigrantes poloneses nos EUA (Thomas e Znaniecki 1998), sugerindo que, longe de ser um obstáculo à integração, a multiplicação desses clubes (“Argelinos de Montbéliard”, “Portugueses de Montbéliard”, “Turcos de Montbéliard” etc.) indicava, paradoxalmente, que a integração estava em curso,⁴ passando por esse canal histórico — um fenômeno também presente em outras imigrações, especialmente nos EUA. Obviamente, essa hipótese pareceu absurda a meus inter-

4 Ver o capítulo 10, de Igor Martinache.

locutores: um dos representantes locais chegou a me chamar, com certa rudeza, de “intelectual” que “não entendia nada”, pois minha hipótese parecia totalmente insensata. Claro que não fui selecionado para a pesquisa!

Ou seja, eu não estava totalmente cego para essas questões: lia diariamente o *L'Est Républicain* [o jornal local] durante os períodos de campo, em temporadas de dois a três meses, e recortava os artigos sobre futebol que me interessavam.

A segunda grande razão que pode explicar a ausência do futebol em nossa pesquisa sobre os operários de Sochaux-Montbéliard está mais ligada à minha trajetória pessoal como sociólogo. Eu havia escrito um artigo em 1990 com Gérard Noiriel, intitulado “L’immigration dans le football” [A imigração no futebol] (Beaud e Noiriel 1990). Isso mostra que o tema estava, de certo modo, em algum canto da minha mente. Mas, ao realizar minha tese sobre os filhos de operários de Sochaux-Montbéliard, tornando-me sociólogo das classes populares — embora eu mesmo não fosse oriundo desse meio —, eu diria, retrospectivamente, que provavelmente quis “dar garantias” do meu engajamento nesse trabalho pleno e profundo de conversão à Sociologia. Não foi propriamente um obreirismo da minha parte, mas reconheço que, naquele momento biográfico crucial de conversão à Sociologia, talvez eu tenha tido a tendência de “obreirizar” meus objetos de pesquisa. E o futebol, visto como pouco nobre sindical ou politicamente, foi naturalmente excluído.

Para entender isso, devo insistir no fato de que minha conversão à Sociologia foi um processo longo e incerto: por um lado,

eu não estava destinado a ser sociólogo — fiz estudos em economia e na Sciences Po Paris — e, por outro, como era um leitor assíduo e apaixonado de Bourdieu e da revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, eu tinha — dentro da minha cabeça — estabelecido um padrão elevado de exigência para essa disciplina. Lembro que, entre 1985-1989, quando era “encarregado de estudos” no Ires (um instituto de pesquisa a serviço das organizações sindicais, criado pelo primeiro-ministro socialista Pierre Mauroy, em 1982), demorei muito para ousar assinar meus primeiros textos (no *Note de l’Ires*) como “sociólogo” — e eu já tinha 30 anos.

Enfim, nesse momento de primeiros passos como sociólogo, querendo estudar o mundo operário sob a esquerda no poder, o futebol era um tema muito secundário, quase enterrado dentro de mim, de encontro a tudo o que eu queria fazer. O que me interessava, com Michel Pialoux (cujos trabalhos me fascinavam), era estudar as formas de reprodução do grupo operário — e o futebol, nesse contexto, me parecia um objeto quase ilegítimo.

P: Então como você acabou estudando o futebol e, mais especificamente, analisando a greve dos Bleus durante a Copa do Mundo de 2010?

R: Tudo começou com o artigo que escrevi com Gérard Noiriel, em 1990, pois ambos tínhamos interesse pelo tema — mas é verdade que por muito tempo o deixei de lado. Sem querer fazer um trabalho de ego-história ou de ego-sociologia, preciso mencionar ao menos minha relação com o futebol: durante meus anos de estudante e dou-

torando, não tive televisão em casa, quase não via os jogos, acompanhava o campeonato francês de maneira distraída, não comprava mais o *L'Équipe* [o único jornal esportivo francês] — enfim, acompanhava o futebol de longe. Era uma espécie de ruptura com meu passado de apaixonado por futebol, e eu diria que, de forma mais ou menos consciente, esse me parecia o preço a pagar para ser sociólogo de verdade. Além disso, ao lado de Michel Pialoux e de Jean-Claude Chamboredon (que orientou minha tese), dois sociólogos que eu admirava muito e que tinham sólida formação clássica (estudo de *khâgne*⁵ e de letras clássicas), e eu sabia que nunca conseguiria recuperar meu “atraso” intelectual. Talvez para me conformar à imagem ideal de sociólogo que eles representavam para mim, acabei deixando de lado, ou mesmo reprimindo, minha paixão esportiva, em particular pelo futebol. Comecei a me interessar novamente pelo futebol com a Copa do Mundo de 1998, que vivi de forma um tanto apagada, como um torcedor decepcionado. Eu detestava aquela seleção [francesa] de jogo defensivo, achava os jogos terrivelmente tediosos e seguia a linha crítica do *L'Équipe* contra [Aimé] Jacquet [técnico da seleção]. Acompanhava todos os jogos sem me deixar levar pela paixão esportiva. Ao mesmo tempo, ficava feliz em vê-los vencer, porque me interessava muito pelo fenômeno social que permitia aos filhos de imigrantes, como [Zinedine] Zidane, alcançarem o sucesso no futebol.

Em 2010, já começava a me interessar de novo pelo futebol, mas ainda era um tema adormecido. Quando aconteceu aquela famosa

5 Cursos preparatórios na área de humanidades voltados para o ingresso nas grandes escolas francesas de elite, como a Escola Normal Superior (ENS).

greve dos Bleus em Knysna, na África do Sul, achei a cobertura da mídia extremamente enviesada, deslocada e até bastante escandalosa. Percebi rapidamente — não era difícil — que aquela greve de jogadores em plena Copa do Mundo, extremamente improvável, era um acontecimento mais complexo do que diziam os comentaristas, que passaram 15 dias crucificando os supostos “líderes” da greve, rotulando-os publicamente como “jogadores de periferia” e “muçulmanos”. Logo tive uma intuição de que, por trás do bombardeio midiático, havia espaço para um discurso diferente, mais sensato e ponderado, a partir de um olhar sociológico. Propus um artigo para o *Libération* alguns dias depois da greve e, mais tarde, decidi aprofundar a reflexão em um livro. No verão seguinte, reuni muito material de imprensa com a ajuda de dois motores de busca potentes (Factiva e Europresse).

Pequeno parêntese institucional: na época, eu era professor de Sociologia na ENS [École Normale Supérieure], desde 2007. Nessa instituição muito prestigiada na França, fui aos poucos sendo sugado por múltiplas atividades acadêmicas que tomavam muito do meu tempo e acabei perdendo o contato com o trabalho de campo. A pesquisa em Sochaux já estava distante, e talvez eu também precisasse me autonomizar de Michel [Pialoux]. Enfim, eram anos de incerteza. Eu não era “infeliz” na ENS — seria o cúmulo... —, mas eu experimentava um certo mal-estar persistente. Eu havia me tornado, contra a minha vontade, uma espécie de *homo academicus* [orientando muitas teses, participando de inúmeras bancas], em tempo quase integral, e já não tinha um objeto de pesquisa claro.

Em 2007, Olivier Masclet e eu propusemos à editora Albin Michel um belo projeto de livro sobre uma “sócio-história dos *Beurs*” [termo coloquial para designar os filhos de imigrantes norte-africanos nascidos na França]. Era um tema que me interessava muito e sobre o qual havíamos escrito um longo artigo programático para um número especial (verão de 2006) da revista *Les Annales* dedicado aos protestos urbanos de 2005. Também organizei um seminário na ENS sobre o tema. Mas, por razões variadas, não conseguimos escrever o livro. Tanto que o futebol surgiu, naquele momento, como uma espécie de válvula de escape, tornando-se um objeto que me ajudou a decidir entre diferentes caminhos de pesquisa e a sair de uma espécie de “marasmo” em que eu me encontrava.

Eu não teria conseguido escrever tão rapidamente esse livro, *Traîtres à la nation?* (Traidores da nação?) (Beaud 2011), se não estivesse na ENS, onde tive a possibilidade, e até a sorte, de poder dispor de cinco meses sem aulas, com muito tempo livre. Aluguei um estúdio, no qual me tranquei para trabalhar intensamente (em colaboração com Philippe Guimard, ex-aluno do mestrado EHESS-ENS, que cresceu em La Courneuve) e escrever esse livro sobre a greve dos Bleus de 2010.

P: A etnografia sempre esteve no centro das suas investigações, e você também coescreveu com Florence Weber um Guia para a pesquisa de campo (Beaud e Weber 1997), que serviu e ainda serve de referência para muitas gerações de estudantes. Como você explica o fato de que, para escrever *Traidores da nação?*, você não

realizou uma pesquisa etnográfica, mas utilizou essencialmente artigos de imprensa?

R: Essa é uma objeção pertinente e que me foi feita várias vezes em relação a esse livro: “onde está a pesquisa de campo?”. De fato, não há. Mas, no meio acadêmico da Sociologia, com frequência subestimamos o fato de que realizar uma pesquisa etnográfica sobre um acontecimento (no caso, a greve dos Bleus, que teve impacto extraordinário e uma enorme repercussão midiática) é praticamente missão impossível. Tentei, claro, contatar diversos atores, mas era absolutamente impossível entrevistar os jogadores. Enviei *e-mails* a todos os responsáveis da seleção francesa que estavam na África do Sul, mas ou eles não me respondiam, ou diziam que não podiam. Percebi rapidamente que não havia como investigar esse acontecimento, a menos que se fosse um *insider*, o que eu não era.

Na falta de uma investigação etnográfica, trabalhei — como é comum em Sociologia — com os meios disponíveis, ou seja, com o vasto material encontrado nos diversos meios de comunicação: imprensa generalista, imprensa esportiva, rádio, televisão, internet etc. Como hoje o futebol é amplamente discutido, essas fontes, especialmente as jornalísticas, são abundantes. Elas são interessantes, claro, desde que manejadas com paciência, precaução e prudência. Como os jornalistas, pela posição profissional que ocupam, têm acesso privilegiado aos jogadores, empresários e dirigentes, percebi que seria possível construir, a partir do cruzamento de seus relatos, uma leitura sociológica detalhada e bastante precisa desse acontecimento. Creio

ter realizado um número suficiente de pesquisas de campo e ensinado bastante metodologia de pesquisa para saber que a pesquisa etnográfica é uma ferramenta-chave das Ciências Sociais e, de certo modo, insubstituível. Mas também é um fato que nem sempre ela é viável. O truque do sociólogo, nesses casos, é buscar caminhos alternativos.

Sempre cito o exemplo do artigo de Bourdieu e Boltanski sobre “A produção da ideologia dominante” (1976) ou os textos do primeiro sobre os padrões (Bourdieu e Saint-Martin 1978). Esses grandes artigos da *Actes* se baseiam muito pouco em entrevistas e ainda menos em observações. Não por acaso, eles se baseiam em ampla revisão bibliográfica e, acima de tudo, em uma análise de imprensa muito completa. Para profissões públicas, nas quais as pessoas precisam estar visíveis no espaço público e são continuamente alvo de comentários, como dirigentes políticos, grandes executivos ou jogadores de futebol de alto rendimento, considero totalmente legítimo fazer uma Sociologia séria baseada em fontes jornalísticas, ainda que ela nunca alcance a profundidade e a riqueza explicativa de uma pesquisa etnográfica longa e rigorosa, como a realizada por Frédéric Raseria com a profissão de jogador de futebol (Raseria 2016). Defendo, portanto, a ideia de que é possível trabalhar seriamente com fontes jornalísticas e que, em temas como a greve dos Bleus, temos o direito de renunciar a certo purismo metodológico (“Fora da pesquisa etnográfica, não há salvação!”). Durante muito tempo, aliás, a Ciência Política se baseou exclusivamente, e até excessivamente, nesse tipo de fonte.

Voltando à greve de 2010, foi pela imprensa que descobri Marc Planus, um dos atores do acontecimento e um dos poucos que

falaram em público. Enviei várias mensagens a ele e tentei contactá-lo por diversos canais, pois se tratava de um ator secundário. Ele era um observador perspicaz que poderia ter sido um informante privilegiado, mas ele não me deu retorno. Penso que, nesse episódio, houve dentro da Federação Francesa um consenso pela *omertà* [lei do silêncio]: ninguém diz nada, ninguém disse nada. Foi preciso esperar até 2018, em um documentário do Canal+ [principal canal privado de TV da França], para que Raymond Domenech [técnico da seleção na época] revelasse o que Nicolas Anelka [o jogador no centro do incidente inicial] realmente lhe dissera: “Vai se ferrar com esse seu time de merda!”.⁶

Em resumo, fica claro que o cerne do problema era a relação entre Domenech e o jornal *L'Équipe*. Domenech sabia muito bem o que Anelka havia dito, mas não disse nada durante oito anos, deixou que as versões se espalhassem, como se tivesse aceitado deixar a situação “esquentar” em vez de apaziguar os ânimos. Essa atitude me parece totalmente irresponsável e continua sendo, para mim, um verdadeiro enigma sociológico que, quinze anos depois, ainda não foi esclarecido.

P: Você passou por várias universidades, incluindo Nantes, onde existe uma tradição de pesquisa sociológica sobre o esporte, e sobre o futebol em particular, impulsionada por Jean-Michel Faure e Charles Suaud. Seus colegas de Nantes tiveram alguma influência sobre você?

⁶ Na época, porém, os jornalistas haviam imaginado outras declarações muito mais problemáticas.

R: Tivemos uma espécie de desencontro. Eu tinha grande apreço por Charles Suaud, que foi meu orientador de HDR [habilitação para dirigir pesquisas],⁷ em 2003, em Nantes. Era um excelente professor e ótimo colega, que trabalhava em dupla com Jean-Michel Faure (autor de uma tese de Estado, infelizmente nunca publicada, sobre “esporte e classes sociais”). Eles davam muitos de seus cursos nos STAPS [o equivalente dos departamentos de Educação Física na França], onde abordavam o tema do esporte. Eles haviam entendido que para estudar o esporte com um mínimo de objetividade estatística era preciso se voltar para os alunos de STAPS, que não temiam enfrentar os números e produzir estatísticas. Como Suaud e Faure eram ótimos professores, conseguiram atrair bons estudantes (na grande maioria, homens) e desenvolveram nos STAPS sua “pequena empresa sociológica” (o que considero muito louvável), abordando diversos temas interessantes sobre o esporte.

Eu, por outro lado, entre 1996 e 2000, estava no departamento de Sociologia de Nantes, bastante desconectado dos STAPS e, do ponto de vista da pesquisa, mergulhado nos trabalhos com Michel Pialoux [sobre os operários de Sochaux]. Por isso, eu estava muito pouco disponível e não me envolvi nessa promissora vertente nantesa da sociologia do esporte, além do fato de que não morava em Nantes (minha esposa é professora em Paris). Além disso, quando cheguei, o departamento de Sociologia estava em pleno conflito

7 Qualificação adicional, equivalente a uma segunda tese, necessária para orientar teses sozinho e alcançar o cargo de professor universitário na França.

estrutural entre diferentes correntes e não havia uma dinâmica de pesquisa coletiva. Penso que, se tivesse chegado alguns anos antes, talvez tivesse me lançado nessa empreitada com eles. Havia no grupo de Suaud e Faure jovens colegas que eu apreciava, mas nunca fizemos uma pesquisa coletiva no departamento.

P: Depois disso, você orientou muitos trabalhos de mestrado sobre futebol. Pode nos contar como escolhe os temas com os estudantes? E você utilizou alguns desses trabalhos em suas próprias pesquisas? Se sim, como?

R: Depois do livro de 2011 (*Traidores da nação?*), organizei seminários sobre futebol na ENS. Comecei com um seminário sobre “A história social do futebol”, com Julien Sorez. Ingenuamente, pensei que depois de 1998 e 2010 haveria certo entusiasmo pelo tema, mas tivemos apenas quatro alunos, a maioria da ENS (Paris e Cachan). Um deles fez uma belíssima tese sobre o Stade de Reims [um clube histórico ainda hoje na primeira divisão], mas, no geral, o tema não interessava muita gente nas Ciências Sociais. O futebol, na Escola Normal Superior de Paris, esse templo do saber acadêmico desde 1794, era realmente ousado, já que ainda hoje é um objeto ilegítimo.

E não apenas nas Ciências Sociais, aliás. Gérard Ernault, conhecido jornalista do *L'Équipe* e do *France Football*, também participou de algumas sessões desse seminário. Ele contou que, ao sair da ESJ (Escola Superior de Jornalismo) de Lille [uma das melhores escolas da profissão na França], em 1965, foi o único da turma a querer tra-

balhar no *L'Équipe*, e todos os seus colegas de turma ficaram surpresos, quase zombando dele por aquela escolha profissional suicida. Naquela época, querer ser jornalista esportivo era visto como algo de “segunda categoria” na ESJ, uma espécie de rebaixamento voluntário. Mais tarde, Ernault tornou-se um dos grandes redatores do *France Football* [o principal semanário esportivo da França, criador da Bola de Ouro] e autor prolífico de biografias de jogadores pela editora Calmann-Levy, nos anos 1970. Ele também fez uma leitura muito interessante do meu livro.

Quando o livro saiu, esqueci de dizer, enviei um exemplar a Laurent Blanc [ex-jogador da seleção francesa campeã em 1998 e então treinador da equipe], à Federação Francesa de Futebol, à direção da seleção francesa, ao jornal *L'Équipe*. Ninguém respondeu, mas Philippe Tournon, assessor de imprensa da seleção, que achou que Laurent Blanc não leria o livro, pegou-o na caixa de correio da FFF. Ele o leu e enviou-me, na ENS, uma bela carta dizendo que concordava amplamente com o que eu havia escrito. Isso me confortou e me encorajou, pois o livro recebeu poucas resenhas na imprensa e nas revistas de Sociologia, exceto a de Julien Bertrand, a sua [Igor Martinache] e a de um doutorando (Chavignier) na *Revue française de sociologie*. Essa carta de Philippe Tournon, que foi diretor de comunicação da seleção francesa de 1983 a 2004 e, depois, de 2012 a 2018 — enfim, ele é, à sua maneira, um grande especialista — tranquilizou-me ao confirmar que eu estava no caminho certo com esse livro.

Depois, com Julien Sorez, criamos outro seminário, desta vez focado na etnografia do futebol nas periferias parisienses. Recebe-

mos alunos do mestrado da EHESS/ENS, inclusive várias mulheres, e funcionou muito bem. Gerou ótimos trabalhos de mestrado. Deveríamos ter feito um livro coletivo ou número de revista. Na época, porém, como eu estava saindo da ENS, deixei de lado. Foi uma pena, e provavelmente um erro da minha parte, porque acredito que havia um filão realmente promissor. Esse seminário “Etnografia do futebol na periferia” também nos mostrou que, em vez de tentar estudar meios quase inacessíveis, podemos pesquisar sobre o futebol amador, o futebol juvenil. Mais tarde, coordenei uma pesquisa sobre futsal a pedido da Federação Francesa de Futebol. Também foi muito interessante, mas igualmente subutilizada. Outro erro: ao fazer pesquisas coletivas, é preciso acompanhar os resultados e garantir que gerem algo: um número especial de revista ou um livro.

Acho que essa subutilização de todas essas pesquisas sobre o futebol entre 2012 e 2016, e o fato de ter deixado esse rico material abandonado, deveu-se fundamentalmente, no meu caso, a uma espécie de “aquoibonismo” (termo derivado da expressão francesa “*à quoi bon?*”, “para quê?”) um tanto fatalista, ligado ao pouco interesse que a maioria dos sociólogos franceses tem demonstrado pelo futebol como objeto de pesquisa. Outro indicador acadêmico, entre outros: meus dois livros sobre futebol (2010 e 2014) não geraram nenhum convite para seminários de pesquisa em Sociologia ou jornadas de estudo. A única vez em que fui convidado para falar foi por volta de 2020, por doutorandos de Ciência Política de Paris 1 (e foi muito interessante).

P: E você usou esses trabalhos de alunos nas suas próprias pesquisas?

R: Essa é uma questão complexa, que vocês em Lyon e Nanterre provavelmente também enfrentam: o que fazer com os bons trabalhos dos estudantes? Acho há muito tempo deveríamos fazer como os historiadores, que copublicam artigos com bons alunos de mestrado ou, muitas vezes, publicam em seu próprio nome pesquisas que orientaram. Em Sociologia/etnografia, os estudantes fazem suas pesquisas, defendem seus mestrados e pronto, ninguém faz mais nada. Raros são os que publicam por conta própria (como Olivier Godechot, cujo primeiro livro na coleção *Enquêtes de terrain*, da editora La Découverte, veio de seu mestrado sobre *traders* — mas ele era aluno da ENS e ex-aluno da Ensae).⁸ A grande maioria não publica nada. Acho que um(a) “bom(a)” estudante, bem orientado(a), que realiza um ótimo trabalho de mestrado, nem sempre consegue escrever um artigo sozinho(a), mas podemos ajudá-lo(a) a publicar, coassinando, como nossos colegas das “ciências duras”. Também poderíamos criar revistas *on-line* para publicar bons trabalhos desta ou daquela faculdade. Deveríamos publicar mais os trabalhos dos estudantes, que às vezes propõem investigações muito originais e pertinentes — desde que não publiquemos em seu lugar, nem nos apropriemos indevidamente de seus trabalhos. É lamentável que mais de 90% dos bons trabalhos de mestrado nunca sejam conhecidos, pois não são publicados.

8 A École Nationale de la Statistique et des Études Économiques é uma grande escola de Engenharia especializada na análise de dados quantitativos.

P: Voltando ao artigo que você escreveu com Gérard Noiriel em 1990 sobre imigração no futebol (Beaud e Noiriel 1990): é um texto de referência, muito citado, e ao mesmo tempo um artigo bastante programático. Pode nos contar sobre sua origem e como o vê hoje? O programa proposto foi implementado?

R: Na época, há 35 anos, Gérard e eu éramos *agrégés-préparateurs* [cargo de professor temporário destinado aos aprovados no concurso da *agrégation*] na ENS — “*caïmans*”, como se dizia — ele em História desde 1985, eu em Sociologia desde 1989, e nenhum de nós dois era *normalien* [ex-aluno da ENS], o que é raríssimo. Às vezes, deixavam isso bem claro para nós, o que acabou gerando um forte sentimento de união entre nós. Gérard trabalhava feito louco, estava sempre na biblioteca ou nos arquivos (devemos ter almoçado juntos umas três vezes nos cinco anos que passamos na ENS). Mas trocávamos muitas ideias, especialmente sobre o DEA de Ciências Sociais, que ele coordenava. Um dia, ele me disse: “Vai sair um número especial [da revista *Vingtième Siècle*] sobre futebol, e me pediram um artigo sobre futebol e imigração”. Era [o historiador] Alfred Wahl (que é de Metz e que Gérard, formado na Faculdade de História de Nancy, conhecia), que o coordenava. Gérard, que sabia do meu interesse pelo futebol, gentilmente me propôs escrever esse artigo com ele.

Como Gérard escreve rápido e bem, dividimos o trabalho. Passei um mês lendo livros e artigos sobre o tema na Biblioteca Nacional, especialmente testemunhos de jogadores filhos de imigrantes. Escrevi cerca de trinta páginas de anotações manuscritas, que entreguei

a Gérard. No fim de semana, ele redigiu um primeiro rascunho com base nas minhas anotações e fizemos um pequeno bate e volta no texto. Foi um artigo de encomenda, escrito de maneira artesanal, que escrevemos porque tínhamos ideias que queríamos desenvolver. Gérard também havia jogado futebol no seu Vosges natal, tinha lembranças boas e ruins, mas, mesmo assim, assinava o Canal Plus [canal pago que na época transmitia muitos jogos do campeonato francês e das Copas da Europa] para assistir aos jogos. Foi um artigo de ocasião, que estabelecia alguns marcos e problemáticas. Gérard estava cheio de projetos, então não colocamos em prática o programa esboçado no artigo, e ele acabou deixando a ENS em 1994, e eu, em 1996. Poderíamos ter organizado um seminário sobre futebol e imigração entre 1990 e 1994, mas ele estava envolvido com um livro em inglês e outro sobre a questão dos refugiados.

P: Mas vocês organizaram mais tarde um seminário juntos na ENS intitulado “Fazer o espetáculo”?

R: Sim, mas mais tarde. A ideia de “Fazer o espetáculo” partia da constatação de que o futebol, por si só, não bastava para atrair participantes à ENS. Então decidimos misturá-lo com arte e cultura, pois Gérard trabalhava, desde o início de 2010, em uma pesquisa sobre o primeiro palhaço negro na França, chamado “Chocolat”, no final do século XIX e início do XX [sua trajetória é reveladora das relações raciais na França]. Essa pesquisa deu origem a dois livros, em 2011 e em 2016, sendo o segundo (Noiriel 2016) muito importante

aos meus olhos, embora tenha sido, de forma bastante surpreendente e inexplicável, esquecido pela crítica historiográfica (muito poucas resenhas desse livro nas principais revistas de História...). Além disso, ele também trabalhava em um livro dedicado ao teatro. Era uma maneira de mostrar que o futebol também é um espetáculo que pode ser interessante comparar com outros – teatro, dança, ópera... – e não apenas uma estratégia de legitimação, mas também uma forma de construir diferentes objetos, tirar o futebol da sua bolha e comparar as lógicas entre diferentes tipos de espetáculo. Tínhamos um projeto de livro que não viu a luz do dia, mas com Julien [Sorez] temos um projeto de história social do futebol.

P: Com Julien Sorez, você também está preparando um documentário propondo uma história popular do futebol na França. Você poderia falar sobre a gênese desse projeto e sobre como vocês o desenvolveram, bem como, mais amplamente, sobre a prática da sociologia pública, à qual você tem se dedicado bastante ultimamente?

R: Esse projeto de documentário está, como costuma acontecer, ligado a encontros pessoais. Mais uma vez, é graças a Gérard Noiriel, que havia participado de um documentário sobre a história dos impostos, em dois episódios de 52 minutos, produzido por Luc Martin-Gousset, então diretor de uma grande produtora de documentários chamada Le Point du Jour. Gérard me convidou para a estreia desse documentário, quando conheci Martin-Gousset, que me pareceu uma pessoa muito curiosa e simpática. Falei com ele sobre a ligação

entre futebol e sociedade. Ele não conhecia muito do assunto, mas se interessou e logo achou que seria interessante fazer um documentário sobre isso. Como eu não tinha tempo nem estrutura para me lançar sozinho nesse projeto, falei imediatamente com Julien Sorez, historiador reconhecido do futebol, pois o objetivo era dar ao documentário uma forte dimensão histórica. Julien é uma pessoa determinada, cheia de ideias e com muita energia, algo que sempre admirei nele. Queríamos propor uma história popular do futebol, mas sem voltar muito no tempo. Eu queria falar da minha geração com a epopeia dos “Verts”, então decidimos começar por Saint-Étienne e avançar até os dias atuais. Atualmente estamos aguardando a resposta final da France Télévisions [consórcio de canais públicos de televisão na França], que deve sair no final de junho de 2025. Eles quase aprovaram o projeto, mas ainda precisam assinar, pois envolve muito dinheiro. Tivemos que escrever primeiro um texto bem curto para apresentar o projeto, com menos de dez páginas, e depois tivemos de três a quatro meses para fazer o que o jargão da televisão chama de “desenvolvimento”. A France Télévisions financia essa etapa. O diretor Mathias Vaysse, Julien e eu escrevemos esse desenvolvimento: um documento de 82 páginas em que descrevemos o que será mostrado de 5 em 5 minutos. Fizemos pré-entrevistas por Zoom com membros da geração dos Verts, como Dominique Bathenay, Christian Lopez e Alain Giresse. Julien encontrou Luis Fernandez num café. Ao todo, realizamos cerca de vinte entrevistas, transcritas pela equipe de produção. Não foi difícil contatar essas antigas glórias do futebol francês, já aposentadas, com entre 50 e 70 anos e felizes

em falar. O problema está com a nova geração de jogadores: mesmo que o documentário seja essencialmente histórico, ele só será aceito se tratar também da era atual – com Mbappé e companhia. O que sempre nos dizem na France Télévisions é que Bathenay e Lopez são interessantes, mas ninguém mais sabe quem são, enquanto Mbappé e os outros... O problema é que é mais difícil conseguir entrevistar esses últimos, pois eles são muito requisitados. Como não se trata de mais um documentário sobre a epopeia dos Bleus ou dos Verts, mas sim um projeto para entender o que mudou no futebol, insistimos muito nos centros de formação, na profissão de jogador, nos educadores e, também, no futebol urbano e rural. Quisemos diversificar e não focar apenas no OM, no PSG ou no Saint-Étienne, mas mostrar o futebol dos territórios. Veremos se será aceito, pois os divulgadores (France TV) querem celebridades, nomes conhecidos na ficha técnica do documentário – seguem a lógica da audiência e do dinheiro, mesmo na televisão pública, porque o documentário será exibido no horário nobre (21h-23h).

Voltando ao ponto principal, que é como conduzir boas entrevistas com esses jogadores de futebol de alto nível, nos deparamos com uma dificuldade nada fácil de superar. Eles já foram tão entrevistados por jornalistas ao longo da carreira, que muitas vezes reproduzem um discurso pronto. É como se entrassem no piloto automático. Então, o objetivo da entrevista sociológica diante da câmera será justamente desviá-los dessa tendência, buscar outras abordagens, fazer perguntas menos usuais.

Dominique Bathenay, por exemplo, estrela dos Verts, que deixou Saint-Étienne para ir ao PSG. Falamos com ele para entender as

condições dessa transferência. Sua esposa era uma verdadeira torcedora do Saint-Étienne, então não foi uma decisão fácil. Ele explicou que, na verdade, sua esposa teve um papel enorme porque queria sair de Saint-Étienne. Eles foram convidados para uma estadia em Paris, com festas, cultura, espetáculos... Ele nos disse: “A gente saía todas as noites!”. Para mostrar o fascínio de Paris naquela época, eles não eram levados para baladas, mas para o Folies-Bergère, Bobineau etc. [cabarés e teatros populares de Paris]. Ao ampliar o contexto social dos jogadores daquela geração, o documentário ganha uma dimensão muito interessante, mostrando que eles não são apenas jogadores de futebol e destacando o papel das esposas.

P: Essas entrevistas por videoconferência não poderão ser usadas diretamente no documentário?

R: Elas foram incluídas no “desenvolvimento” de 82 páginas, que tem muitos trechos dessas entrevistas, para mostrar a qualidade do material e, também, que já trabalhamos bastante. Mas, depois, será preciso refazê-las durante o que chamam de filmagem, a gravação do documentário. Se isso acontecer, quero realmente fazer um trabalho metodológico sobre isso, porque quero mostrar que vale a pena em um documentário, como em entrevistas etnográficas, deixar que a fala se estabeleça quando se quer “falar sério de futebol” (Beaud 2014). Com o enorme desafio da montagem, é claro: como dar espaço a essa fala no filme, já que os canais odeiam “túneis” (quando os entrevistados falam demais)? Como evitar uma série de peque-

nos trechos de 30 segundos? Prefiro alguém falando por 5 minutos, desenvolvendo uma ideia, a cortes demais. O que mais me interessa nesse projeto é tentar fazer um documentário que fuja do comum e tenha uma abordagem sociológica que permita entender de um jeito diferente quem são essas pessoas. Por exemplo, não sei se vamos conseguir, mas para tratar da geração atual, queremos dar voz aos educadores, com a ideia de mostrar que se a França é o terceiro maior exportador de jogadores de futebol do mundo, é graças aos seus centros de formação e aos educadores, que são muito bons, mesmo que infelizmente a moda seja contratar técnicos estrangeiros para os clubes de primeira divisão, quando há excelentes treinadores franceses.

*P: A segunda parte da pergunta dizia respeito à sua relação com a sociologia pública. Não sei se esse documentário entra nessa ideia, mas, além do futebol, há alguns anos você também escreveu um livro intitulado *La France des Belhoumi* (Beaud 2018), no qual traça o retrato sociológico de uma família originária da Argélia. Depois disso, você fez inúmeras intervenções em escolas e até levou a obra ao teatro (Beaud, Belhoumi e Lurcel 2024) — como fez Gérard Noiriel, aliás. Você poderia explicar essa abordagem?*

R: Cresci intelectualmente ao lado de Jean-Claude Chamboredon, de um lado, e de Michel Pialoux, por mais tempo, do outro. Ambos eram ascetas da Sociologia. Chamboredon era um grande erudito, escreveu artigos de referência, mas não publicou um único livro sozinho. Cresci dentro desse mito [do sociólogo asceta], tendo como

contramodelo o polo tourainiano [os sociólogos ligados a Alain Touraine], que praticava uma sociologia hiperpública, com construções de objetos muitas vezes improvisadas e mais frágeis. Hoje, penso que é preciso encontrar um equilíbrio, e acredito, mais do que nunca, na importância de tornar a Sociologia pública. Também pesa o fato de que comecei a fazer isso não com 30 anos, mas a partir dos 50, porque só então pareceu-me interessante. Tive alguns arrependimentos, pois durante as pesquisas com Pialoux recebemos muitos convites, mas nem sempre respondíamos. Houve falas e debates estimulantes — apresentamos a pesquisa em Sochaux —, mas acredito que uma investigação de longo prazo como aquela merecia ter sido mais explorada. Esse é um dos pontos cegos da Sociologia atual: o que fazemos com os livros e artigos que escrevemos? O que resta deles? Quem se apropria deles no mundo social?

P: Você acha que o futebol pode ajudar a tornar a Sociologia mais popular?

*R: Sim, absolutamente. Vivo dizendo que o futebol e, de forma mais ampla, o esporte, é um objeto formidável para as Ciências Sociais, mas ainda subutilizado, especialmente no ensino médio, porque os professores simplesmente não se interessam por ele, embora, de modo geral, ele interesse muito aos alunos. Um dia, por curiosidade, fui procurar na internet quais bibliotecas públicas de Paris haviam adquirido o livro *Traidores da nação?*. Das 52 bibliotecas municipais, apenas uma o havia comprado. Diverti-me escrevendo um*

e-mail aos diretores/diretoras das outras 51, explicando o objetivo sociológico do livro (esclarecendo que não era um “livro de futebol”) e, também, gentilmente, perguntando por que não o haviam incluído em seus acervos. Recebi apenas uma resposta (da biblioteca Les Couronnes, no 20^o arrondissement). Isso mostra todo o desprezo que o “pessoal da cultura” sente pelo futebol — e acredito que ainda temos dificuldade para medir a força e a profundidade histórica desse desprezo.

Por outro lado, fui convidado uma vez por uma biblioteca de Choisy-le-Roi [subúrbio de Paris], por uma bibliotecária que atua num bairro popular, para falar sobre o livro. Cerca de 25 pessoas compareceram, apenas duas meninas, todos jovens da periferia, de roupa esportiva, e conversamos por duas horas. Foi sensacional! Alguns tinham lido o livro, foi uma troca muito rica. Eu teria adorado fazer isso em maior escala, mas infelizmente futebol e gestores(as) de bibliotecas ainda não combinam...

P: Você pode falar sobre sua colaboração com o jornal regional Sud-Ouest e sobre as crônicas esportivas que você escreve, que em breve serão reunidas em livro?

*R: Isso tem a ver com minha relação com o jornalismo. Quando eu tinha 15 anos, no final do ensino fundamental, me perguntaram que profissão eu queria seguir. Escrevi: “jornalista esportivo”. Quando fui professor em Nanterre (2014-2017), antes de me transferir para Poitiers (2017-2020), recebi um *e-mail* do editor da seção de*

esportes do *Sud-Ouest* (Frédéric Laharie), dizendo que havia lido e gostado muito de *Traidores da nação?*, cinco ou seis anos antes. Ele me explicou que queria dar mais profundidade à editoria de esportes de domingo, criando uma coluna chamada “Esporte e Cultura”, escrita em rodízio por quatro colaboradores, sendo um cineasta, um sociólogo (eu, no caso), e um historiador. Aceitei sem pensar muito, mas não percebi de início o trabalho que isso representaria, especialmente porque a ideia não era falar apenas de futebol. Eu já era assinante do *L'Équipe*, mas para isso precisava ler a imprensa esportiva diariamente, por pelo menos meia hora, buscando temas interessantes para comentar. Levo cerca de duas horas para escrever cada coluna, geralmente no sábado de manhã. Durante a semana, escolho um tema e monto um dossiê, o que chamo de “material para o artigo”. São reportagens que encontro na imprensa e, a partir delas, desenvolvo meu texto. Tento abranger diferentes esportes que me interessam — nunca escrevi sobre remo porque não entendo nada, mas já falei de futebol, basquete, handebol, esportes coletivos em geral e esportes individuais como ciclismo, tênis etc., além de políticas esportivas, tentando destacar figuras que não costumam ser mencionadas pela mídia tradicional.

É um trabalho modesto, mas me deixa feliz saber que o sociólogo Christian Baudelot leu o livro dessas crônicas (que será publicado no início de 2026) e achou interessante, mesmo com o tamanho reduzido dos textos (3.000 a 4.000 caracteres). E Jean-Claude Lescure, historiador e professor de História Contemporânea que fundou o mestrado de Jornalismo da Universidade Paris-Cergy, escreveu um belíssimo posfácio para o livro.

P: Você jogou muito futebol na juventude, embora já tenha dito que houve pausas no seu interesse pelo futebol de alto rendimento. Queríamos saber se você fez algum trabalho consciente para tentar domar sua paixão pelo futebol ou usá-la de alguma maneira.

R: Minha paixão é, em grande parte, coisa do passado: fui jogador dos 6 aos 21 anos, mas parei quando entrei na Sciences Po. Joguei três anos na universidade de Dijon, com o tio de Frédéric [Rasera], no time de “Ciências Econômicas-Direito”. Em 1978-1979, com o nosso time do Yonne, subimos para o equivalente à 4ª divisão, a Nationale 2, e parei logo depois dessa promoção, ao ingressar na Sciences Po Paris. Foi uma paixão de infância e adolescência, dos 6 aos 15 anos, mas na categoria de cadetes nosso time (que era realmente muito bom) se dividiu: os melhores foram para outro clube da região e eu, com meu irmão gêmeo, ficamos no clube onde nosso pai era dirigente. Foi ali, órfão da antiga equipe (dois colegas viraram profissional e semi-profissional), que comecei a me afastar progressivamente do futebol. Mas essa paixão nunca desapareceu completamente, ela ficou adormecida. No final dos anos 1970, minha namorada da época, uma jovem bibliotecária e filha de professores comunistas (PCF), muito feminista, também contribuiu de certa forma para me afastar do futebol, dizendo sempre: “É muito bobo ficar chutando uma bola.”

P: Com vários colegas, você se interessou pelo papel do futebol na construção e na manutenção dos sentimentos de pertencimento nacional (Archambault, Beaud e Gasparini 2016). Qual sua visão

sobre a globalização do futebol? Até onde se pode ir em termos de generalização ao estudar esse esporte? É possível ignorar os contextos locais? Se não, quais são, em sua opinião, as especificidades do futebol na França hoje?

R: Conheço o futebol principalmente pela telinha da TV. Mas estive no Brasil em 1997, a convite de Afrânio Garcia, que teve a gentileza de me levar a um jogo do Flamengo no Maracanã. Duas coisas me marcaram — foi pouco depois do acórdão Bosman na Europa, que teve grande impacto no futebol brasileiro. O estádio não estava cheio, e o nível técnico era mediano, mas guardo uma lembrança extraordinária da torcida. O público brasileiro vibrava em função do jogo, e foi incrível ver como as ações do Flamengo eram acompanhadas por uma torcida que crescia em intensidade conforme o ataque se desenrolava. Guardo uma lembrança extraordinária, marcada por certa tristeza, por perceber o quanto o futebol brasileiro (que me fez sonhar com Pelé e a fabulosa seleção de 1970, no México) havia perdido o brilho. Tudo isso para dizer que, no futebol como em outras áreas, a globalização tem vencedores e perdedores. Nações apaixonadas pelo futebol, como Argentina e Brasil, enfrentam uma queda na qualidade do jogo, apesar de suas torcidas comprometidas e conhecedoras. Estamos vendo uma oligopolização do futebol, com uma concentração de recursos nas principais ligas europeias, o que está esvaziando de conteúdo muitos campeonatos nacionais — e acho que podemos dizer isso sem cair na nostalgia. Há disputas de poder e disputas simbólicas importantes. Mas, para fazer a sociologia

do futebol hoje, é preciso também realizar uma sociologia econômica do futebol e não se limitar aos jogadores. É necessário analisar como os quadros sociais do universo futebolístico desempenham um papel essencial, e um dos pontos centrais a considerar está na articulação entre futebol profissional e futebol amador. Acredito que nisso resida um dos grandes desafios de uma sociologia do futebol, ainda por ser construída. Não se pode adotar apenas um ponto de vista ou se contentar em estudar apenas o futebol profissional.

P: E para você, o futebol francês ainda tem especificidades, apesar do processo de globalização do futebol profissional?

R: A maior especificidade do futebol francês reside, na minha opinião, no sucesso extraordinário dos centros de formação à francesa, a política esportiva que, por exemplo, o jornalista Philippe Tournon relata no caso de Boulogne nos anos 1970 (Tournon 2021). Se quisermos compreender a especificidade do futebol francês, entender como há pelo menos vinte anos ele consegue revelar tantos jogadores como Mbappé, Dembélé, Doué, Cherki, Upamecano, Konaté, entre outros, seria necessário estudar de perto essa alquimia particular que faz com que, em vários centros de formação — em Rennes, Sochaux, PSG ou Lyon, por exemplo — existam orientadores que realizaram um grande trabalho, a ponto de representantes de clubes da Holanda, da Inglaterra e da Alemanha virem à França para entender o que está acontecendo. Essa é a grande exceção francesa, que faz do país um “produtor” de jogadores de futebol, que são “exportados” cada

vez mais jovens — com, obviamente, todos os desvios associados a essa exportação precoce, pois há muitas perdas nesse processo. A segunda especificidade francesa está no fato de os clubes serem, em geral, subdimensionados, e, com exceção de alguns grandes (PSG, Lyon, Marselha), os clubes franceses são economicamente frágeis. Exceto por quatro ou cinco grandes clubes, não temos a estrutura clubística existente na Inglaterra, na Alemanha, na Espanha e talvez na Itália. Também seria necessário fazer um trabalho comparativo sobre os investimentos nos clubes desses diferentes países europeus: quem são os investidores? Quais são suas motivações? É marcante que os investidores franceses tenham abandonado o futebol. Vimos recentemente o exemplo de Saint-Étienne: quando os proprietários quiseram vender o clube, apareceu um comprador local, um empresário que queria criar uma estrutura com outros dirigentes de PME locais, mas sua oferta foi recusada e se preferiu vender para canadenses que aparecem uma vez por trimestre...

P: Você mencionava anteriormente que o futebol era um objeto de pesquisa bastante desprezado nas Ciências Sociais, especialmente na França. Até que ponto isso constitui uma especificidade francesa? E você notou alguma mudança nesse aspecto?

R: Em primeiro lugar, o futebol francês por muito tempo não foi muito competitivo, salvo pela epopeia do Stade de Reims e da AS Saint-Étienne. As elites intelectuais e políticas tinham uma visão muito condescendente sobre ele. Como eu disse, 1998 marcou

uma verdadeira virada, com um impulso popular que não deve ser subestimado. Muitas pessoas começaram a se interessar por futebol, inclusive muitas mulheres, e vimos também o surgimento de uma imprensa especializada um pouco mais intelectual, como *Les Cahiers du football* e *So Foot*. Observei isso também na Sciences Po Lille, onde passei os últimos quatro anos da minha carreira universitária (entre 2020 e 2024): muitos estudantes, homens e mulheres, me procuraram para fazer uma monografia sobre o futebol. O mesmo fenômeno ocorre em outros lugares: vemos um entusiasmo crescente por esse esporte, que antes não existia. Também entre intelectuais: vemos pessoas que têm vontade e que se permitem escrever sobre futebol, o que antes não acontecia na França. Não tive tempo de fazer um levantamento completo de todas as obras publicadas sobre o futebol, mas é visível que as coisas mudaram. Ainda não totalmente, no entanto: tenho uma anedota para contar, sobre a qual nunca escrevi, mas que é reveladora. Depois da publicação de *Traïdores da nação?*, fui à livraria La Hune, a famosa livraria de Saint-Germain-des-Prés em Paris, que já não existe mais, e perguntei ao vendedor onde encontrar o livro. Ele me reconheceu e, com um tom entre surpresa e decepção, disse: “Ah, o senhor é Stéphane Beaud! Agora se interessa por futebol, então?”. Ele havia lido *Retour sur la condition ouvrière* (Beaud e Pialoux 1999) e, para ele, escrever um livro sobre futebol, sobre esse objeto “sujo”, era realmente um rebaixamento. No fim, ele encontrou o livro, escondido no fundo da pequena seção de esportes. Acho que, nos meios culturais, o futebol continua sendo um tema ainda não totalmente legítimo. O interes-

sante é que ele começa a se difundir também por meio da literatura, do teatro e da dança, que o abordam cada vez mais.

P: O futebol também é um objeto que permite atravessar as fronteiras de classe, mas, ao mesmo tempo, quando se trabalha com sociologia das classes populares, isso é considerado nobre e valorizado – menos quando se trata de futebol. Isso ecoa os trabalhos em sociologia da cultura que mostram a tendência das classes superiores a se tornarem cada vez mais onívoras, exceto a respeito de certos objetos que continuam sendo repelidos (Bryson 1996). Poderíamos dizer que, na sociologia das classes populares, pode-se pesquisar qualquer coisa – menos futebol?

*R: Isso parece resumir bem a situação, ainda que o futebol constitua um observatório privilegiado para penetrar o universo das classes populares por outra via que não o trabalho, ou seja, através das práticas culturais ordinárias. É importante mostrar toda a positividade dessas práticas em meios populares – e isso não é pouca coisa. Por exemplo, eu adoraria fazer sociobiografias detalhadas de jogadores de futebol. Li as três biografias de Zidane, mas não tive tempo de escrever sobre elas. Foram publicadas em um intervalo de quatro a cinco anos, e uma delas se chama “biografia não autorizada”, escrita por uma jovem de origem argelina. Porque, de fato, Zidane e seus irmãos controlam tudo que é publicado sobre ele. Por exemplo, um artigo saiu no *Le Monde* sobre Zidane que não agradou ao seu “clã”, e eles boicotaram o jornal por vários anos. Acredito que biografi-*

as aprofundadas de jogadores de futebol podem esclarecer muitos aspectos sociológicos. Faz anos que sonho em fazer uma biografia de Jean Tigana. Tenho tentado convencê-lo, mandando mensagens (consegui seu número de celular por um conhecido em comum), livros e pequenos artigos que escrevi sobre futebol. Por enquanto, sem sucesso. Soube por pessoas próximas a Tigana que ele “tem uma mágoa” com os jornalistas (não sei o motivo); é bem provável que ele me veja como um deles, mesmo sendo sempre muito educado e cordial em nossas breves (e muito espaçadas) trocas por mensagem. Como Tigana teve uma trajetória extraordinária como jogador (aos 23 anos ainda era carteiro pela manhã, quando jogava pelo Toulon na segunda divisão), e como eu adorava seu estilo de jogo — e ele ainda é relativamente jovem (70 anos) — não perco a esperança de realizar um dia esse projeto que beira o sonho...

P: Você já mencionou algumas, mas quais são as linhas de pesquisa promissoras sobre o futebol na França ou em outros países?

R: Acho que ainda não se escreveu tudo sobre o futebol profissional, mas um dos principais desafios é convencer as instâncias do futebol francês — a FFF (Federação Francesa de Futebol) ou a LFP (Liga de Futebol Profissional) — de que é interessante fazer uma sociologia do futebol, mas sem amarras. Outro projeto que tentei implantar quando estava na ENS foi propor à FFF uma pesquisa para responder à seguinte pergunta (bastante simples): “Quem são, socialmente falando (origem social, tipo de escolaridade, profissão exercida, estado

civil etc.), as jogadoras de futebol feminino?”. Isso em parceria com a doutoranda Camille Martin, que estava fazendo uma tese sobre o desenvolvimento do futebol feminino.⁹ A ideia era enviar estudantes para aplicar questionários presencialmente nos clubes, em vez de usar questionários autoaplicados, de modo a obter dados confiáveis. Contatei vários colegas nos departamentos de STAPS e montamos um projeto de pesquisa coletiva. Consegui o contato de Brigitte Henriques, futura presidente do CNOSF (Comitê Olímpico e Esportivo Francês), que era então a número três da FFF. Ela nos recebeu muito gentilmente, a mim e a Camille Martin. Apresentamos nosso projeto, enfatizando sua originalidade metodológica. Ela nos ouviu com atenção e achou o projeto realmente interessante, mas um mês depois me ligou dizendo: “Sr. Beaud, lamento, mas seu projeto não vai funcionar, vocês são caros demais (pedíamos 30 mil euros por tudo), uma equipe de consultores se propõe a fazer a mesma coisa por 25 mil euros”. Tentei saber mais sobre essa proposta concorrente e descobri, estupefato — e bastante desgostoso —, que eles pretendiam fazer a pesquisa com as jogadoras apenas por telefone, com todos os vieses inerentes a esse “método”. Tentei explicar que não era a mesma coisa, que a nossa proposta era sólida: um questionário aplicado presencialmente, com forte possibilidade de controle de alguns vieses. Nosso objetivo era entrevistar 10 mil jogadoras em diferentes regiões da França com equipes compostas por estudantes de STAPS.

9 Ver capítulo 8 neste livro.

Resumindo, acho que um dos grandes desafios hoje, para nós sociólogos, é conseguir estabelecer relações produtivas com dirigentes das instâncias do futebol e convencê-los a nos financiar, em vez de financiar exércitos de consultores formados em escolas de negócios, que ganham dinheiro em 15 dias, trabalhando muito mais rápido, sim, mas muito pior que nós, sociólogos. Gostei muito do artigo de Didier Demazière e Williams Nuytens, no qual analisam a violência no futebol amador baseando-se nos relatórios de incidentes (Demazière e Nuytens 2018). Há muita coisa a ser feita com base nos dados dos distritos [níveis locais da organização do futebol na França], com observação de partidas. Há pouquíssima observação no campo da sociologia do futebol na França – trata-se, de fato, de uma sociologia que sofre por não contar com um trabalho sistemático de observação dos jogos em diferentes níveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHAMBAULT, Fabien, Stéphane Beaud e William Gasparini (org.). 2016. *Le football des nations. Des terrains de jeux aux communautés imaginées*. Paris: Presses universitaires de la Sorbonne.

BEAUD, Stéphane e Gérard Noiriel. 1990. “L’immigration dans le football”. *Vingtième Siècle*, 26: 83-96.

BEAUD, Stéphane. 1995. *L’usine, l’école et le quartier: itinéraires scolaires et avenir professionnel des enfants d’ouvriers de Sochaux-Montbéliard*. Thèse de doctorat en Sociologie – EHESS, Paris.

BEAUD, Stéphane e Florence Weber. 1997. *Guide de l'enquête de terrain*, Paris: La Découverte.

BEAUD, Stéphane e Michel Pialoux. 1999. *Retour sur la condition ouvrière. Enquête aux usines Peugeot de Sochaux-Montbéliard*. Paris: Fayard.

BEAUD, Stéphane. 2002. "80 % au bac"... et après? *Les enfants de la démocratisation scolaire*. Paris: La Découverte.

BEAUD, Stéphane. 2011. *Traîtres à la nation? Un autre regard sur la grève des Bleus en Afrique du Sud*. Paris: La Découverte.

BEAUD, Stéphane. 2014. "Prendre le foot au sérieux". *Savoir/Agir*, 30(4): 9-15.

BEAUD, Stéphane. 2014. *Affreux, riches et méchants ? Un autre regard sur les Bleus*, Paris : La Découverte.

BEAUD, Stéphane. 2018. *La France des Belhoumi. Portraits de famille (1977-2017)*. Paris: La Découverte.

BEAUD, Stéphane e Frédéric Rasera. 2020. *Sociologie du football*. Paris: La Découverte.

BEAUD Stéphane, Samira Belhoumi e Dominique Lurcel. 2024. *Passeport pour la liberté (histoire de Samira). Théâtre et sociologie au lycée*. Lormont: Le Bord de l'Eau.

BOURDIEU, Pierre. 1971. "Genèse et structure du champ religieux". *Revue française de sociologie*, 12(3): 295-334.

BOURDIEU, Pierre e Luc Boltanski. 1976. “La production de l’idéologie dominante”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 2(2-3): 3-73.

BOURDIEU, Pierre e Monique de Saint-Martin. 1978. “Le patronat”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 20-21: 3-82.

BOURDIEU, Pierre. 1984. “La délégation et le fétichisme politique”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 52-53: 49-55.

BRYSON, Bethany. 1996. “‘Anything but Heavy Metal’: Symbolic Exclusion and Musical Dislikes”. *American Sociological Review*, 61(5): 884-899.

DEMAZIÈRE, Didier e Williams Nuytens. 2018. “Que faire avec des matériaux incertains? Le cas d’une sociologie des violences dans le football amateur”. *Staps*, 122: 31-44.

NOIRIEL, Gérard. 2016. *Chocolat. La véritable histoire d’un homme sans nom*. Paris: Bayard.

RASERA, Frédéric. 2016. *Des footballeurs au travail. Au cœur d’un club professionnel*. Marseille: Agone.

THOMAS, William e Florian Znaniecki. 1998. *Le Paysan polonais en Europe et en Amérique. Récit de vie d’un migrant*. Paris: Nathan [ed. original: 1919].

TOURNON, Philippe. 2021. *La Vie en Bleu*. Paris: Albin Michel.

Futebol, sociedade e identidade: olhares cruzados entre a França e o Brasil

Miriam Grossi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil¹

INTRODUÇÃO

Inicialmente gostaria de agradecer e parabenizar os colegas Fábio Pinto e Igor Martinache pela organização deste colóquio internacional. Sabemos o quanto a organização de um colóquio constitui uma tarefa difícil² e, no caso deste colóquio, por ser um colóquio franco-brasileiro, o esforço é ainda maior, pois envolve um verdadeiro trabalho de tradução, não apenas linguística, mas principalmente cultural.

Não sei se os colegas franceses aqui presentes sabem o que representa o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia do Futebol (INCT Futebol). Ter um projeto de INCT contemplado no âmbito do principal edital de financiamento de projetos de pesquisa do CNPq,

1 Agradeço o convite do INCT Futebol/CNPq e o apoio do CNPq (por meio do INCT e da bolsa PQ), que possibilitaram minha participação no Colóquio.

2 Mantive neste texto o tom oral dos comentários que fiz em francês por ocasião do encerramento do Colóquio. A versão em português é um pouco diferente da francesa porque não é uma tradução *ipsis literis* da comunicação feita mais espontaneamente em francês no final do Colóquio.

órgão equivalente ao CNRS ou à ANR na França, é um enorme prestígio porque é um edital altamente competitivo da ciência brasileira. Felicito os colegas brasileiros que idealizaram este projeto e que nele se encontram ativamente engajados. Cabe ainda salientar que a coordenação do instituto é exercida por uma mulher, Carmen Rial, o que, infelizmente é ainda bastante incomum nos espaços de liderança científica, tanto no Brasil quanto na França. Embora as mulheres sejam numerosas em diferentes campos científicos, raramente recebem o devido reconhecimento por sua expertise e têm acesso limitado aos postos de liderança. A criação deste Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia dedicado ao futebol constitui, portanto, um marco tanto para as pesquisas sobre futebol quanto para o reconhecimento das mulheres na ciência brasileira.

Em segundo lugar, é fundamental sublinhar que o futebol — como bem recordou Bela Feldman-Bianco —, embora onipresente na sociedade brasileira, foi raramente reconhecido como objeto legítimo de investigação científica até recentemente. O fato de estarmos aqui reunidos para dialogar sobre futebol mostra um significativo reconhecimento institucional no Brasil. Este colóquio insere-se no conjunto de diversos eventos internacionais organizados pelo INCT Futebol e ilustra de maneira exemplar o que afirmou nossa embaixadora, Vera Cíntia Alvarez, em sua intervenção: o futebol constitui uma expressão central da identidade brasileira e desempenha um papel crucial em nossa diplomacia.

Neste espaço, contudo, o futebol é apresentado não apenas como prática esportiva de alcance mundial, mas igualmente, e sobretudo,

como objeto de pesquisa no campo da produção científica brasileira. Passamos, assim, a uma outra dimensão da ação diplomática do Brasil: a diplomacia intelectual. O que foi apresentado neste colóquio é testemunho da contribuição substantiva da ciência brasileira para a compreensão de um fenômeno social e econômico global de primeira ordem.

Sintetizo, a seguir, as principais problemáticas abordadas ao longo do colóquio, adotando uma perspectiva comparativa sobre as pesquisas dedicadas ao futebol no Brasil e na França. Inicialmente, delinearei uma cartografia do campo dos estudos sobre o futebol, considerando as gerações e instituições dos(as) pesquisadores(as) envolvidos(as), bem como as disciplinas, os referenciais teóricos e as metodologias mobilizadas. Em seguida, examinarei algumas temáticas transversais que emergiram das discussões como: as trajetórias e identidades de jogadores e jogadoras, as relações de gênero, as configurações familiares (casais e parentalidade), bem como as dimensões culturais, políticas e as formas de violência associadas a este universo.

GERAÇÕES E INSTITUIÇÕES

Desejo, primeiramente, destacar que o Brasil está representado no colóquio por diversas gerações de pesquisadores(as). Encontramos aqui a geração pioneira, composta por José Sergio Leite Lopes e Ruben Oliven, que iniciaram os estudos sobre o futebol ainda na década de 1980, bem como a geração dos “mais ou menos jovens” — como Carmen Rial, Bernardo Buarque de Hollanda, Arlei Damo e Fábio Pinto — que passaram a investir neste campo a partir da década

da de 1990. Soma-se a essas duas, a nova geração, representada por participantes que estão aqui na plateia, como Pedro e Renata, estudantes brasileiros atualmente em formação na França. Essas três gerações expressam diferentes momentos de reflexão, sustentados por questionamentos teóricos que representam as principais questões de cada momento histórico ao longo dos últimos quarenta anos.

No que diz respeito mais especificamente à França, aprendi, por meio deste colóquio, que os trabalhos sociológicos e históricos sobre o futebol são nitidamente mais recentes do que aqueles conduzidos no Brasil. Eles emergem principalmente no final da década de 1990, por ocasião da Copa do Mundo ocorrida na França, em 1998, mas só conheceram um desenvolvimento mais robusto ao longo da última década.

No tocante às instituições, foi-nos apresentada uma cartografia que evidencia a amplitude do campo de pesquisa sobre o futebol no Brasil. Apesar da grande extensão territorial do país, constatou-se que pesquisas sobre o tema são desenvolvidas em todas as regiões e na maioria das universidades brasileiras. Em comparação, na França, o assunto parece estar muito mais circunscrito a poucos estabelecimentos, como a Universidade Paris-Nanterre, a Universidade Lyon 2, a Universidade de Pau e a École Normale Supérieure de Lyon. À luz dos dados apresentados, observa-se que o futebol, enquanto objeto de pesquisa científica e de debate acadêmico, possui no Brasil uma difusão e um enraizamento institucional significativamente mais amplos do que na França.

Ao comparar as disciplinas envolvidas no estudo do futebol, observa-se que, no caso brasileiro, são principalmente as ciências humanas — em particular a antropologia e a história — que se interessaram pelo lugar do futebol na sociedade. Já na França, essa temática é tratada mais frequentemente no âmbito dos STAPS (*Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives*), área que no Brasil se denomina “Educação Física”. O que me chamou particularmente a atenção, ao ouvir os colegas franceses, foi a forma como se posicionam no interior do próprio campo dos STAPS: como pesquisadores que introduzem contribuições teóricas da sociologia e da história do esporte em um domínio historicamente marcado pela prática.

O que sobressai com força, de ambos os lados do Atlântico, é que o futebol constitui um campo de pesquisa profundamente interdisciplinar. É precisamente por meio da contribuição cruzada de diversas disciplinas que ele consegue se impor como um domínio de investigação científica plenamente constituído.

No plano teórico e metodológico, a obra de Bourdieu revela-se uma fonte de inspiração comum e estruturante tanto para pesquisadores brasileiros quanto franceses. As conferências de abertura, com José Sérgio Leite Lopes, e de encerramento, com Stéphane Beaud, oferecem os exemplos mais eloquentes. Ambos se inscrevem em um quadro teórico baseado na análise do “campo social” do futebol, mobilizando conceitos como campo, carreira, vocação e *habitus*.

Uma das propostas do colóquio era oferecer um panorama das pesquisas realizadas em ambos os lados do Atlântico sobre diferentes

temáticas ligadas ao futebol. Contudo, foi uma pena as apresentações tenham dedicado relativamente pouco espaço à apresentação de dados etnográficos concretos, bem como maior explicitação das abordagens metodológicas, qualitativas ou quantitativas. Do ponto de vista metodológico, chama a atenção o fato de que muitos pesquisadores presentes recorreram ao uso de arquivos em seus trabalhos. Mas não se trata unicamente de arquivos institucionais, como os dos clubes ou das federações esportivas. Uma acepção mais ampla foi mobilizada, incluindo arquivos midiáticos, judiciais e outros.

Em alguns momentos, as categorias “torcedores”, “treinadores”, “mídia” ou “público” foram utilizadas sem clara definição de seus significados em cada contexto nacional. Essas categorias são idênticas na França e no Brasil? Algumas intervenções, todavia, evidenciaram a existência de sutilezas próprias aos diferentes tipos de jogadores e jogadoras de futebol nos dois países.

TEMÁTICAS ABORDADAS

Ao longo do colóquio, uma dúzia de temáticas atravessou as diferentes intervenções. Listo, a seguir, alguns dos pontos que me pareceram mais relevantes no conjunto das comunicações.

TRAJETÓRIAS E IDENTIDADES

Um tema recorrente durante o colóquio foi o das trajetórias dos jogadores, seus percursos e a vocação para se tornar futebolista.

Foram evocadas as trajetórias de jogadores brasileiros oriundos das favelas, em comparação com a de Zidane, originário de um subúrbio de Marselha, destacando as diferenças e similitudes associadas à classe social. No entanto, não é possível pensar essas questões unicamente em termos de classe. É fundamental adotar uma abordagem interseccional. É necessário situar essas problemáticas no contexto pós-colonial dos séculos XX e XXI, uma vez que as questões raciais são centrais no mundo contemporâneo, estando no cerne das relações sociais, políticas e econômicas em escala global. Assim, torna-se impossível compreender as tensões presentes dentro de campo apenas sob a ótica da classe.

É igualmente indispensável levar em consideração as questões de gênero, que foram abordadas em uma das mesas-redondas, que poderiam ter sido tratadas de forma mais aprofundada, na medida em que essas questões se encontram no cerne da vida social e, evidentemente, também do universo do futebol. Ao longo do colóquio, abordaram-se também questões relativas a valores de gênero, como a honra e a masculinidade. Esta última foi amplamente discutida, sobretudo quando se manifesta por meio da violência.

Dado que as problemáticas de gênero são inegavelmente centrais no campo futebolístico, seria relevante aprofundar sua análise, articulando-as com as dimensões de classe, raça, geração etc. Qual é a idade dos atores do campo social do futebol? Como eles se reconhecem enquanto mulheres/homens, brancos/negros, jovens/idosos, heterossexuais/homossexuais? De que lugar se posicionam ao atuar nesse campo?

Mas, na realidade, que imagens se deseja transmitir das mulheres jogadoras de futebol? Elas devem ser belas, desejáveis para um público heterossexual, isentas de quaisquer traços de masculinidades ou lesbianidades? Observamos representações recentes de jogadoras brasileiras, sobretudo de novas gerações, que exibem abertamente sua orientação sexual, casando-se e compartilhando imagens em casal, com suas companheiras, filhos e cenas da vida familiar cotidiana. Como essas representações de famílias homoparentais são percebidas? Que influência tais imagens exercem no mundo heterocentrado do futebol?

FAMÍLIA, CASAIS E FILHOS

Gostei muito das questões sobre a família dos jogadores de futebol, em especial sobre a forma como se organizam com suas esposas e filhos em uma carreira que exige que a família os acompanhe em suas frequentes transferências de um clube a outro. Costuma-se esquecer que esses homens, jogadores de futebol, têm famílias e que, no mundo do futebol, ser casado, ter uma família, ter filhos constitui também um valor importante para os clubes. Um jogador com família é percebido como um atleta disciplinado, que jogará bem, levará uma vida ordenada, evitará o álcool e as saídas noturnas com amigos e saberá administrar seus rendimentos de maneira responsável.

Ficamos com vontade de conhecer mais a situação de suas esposas: são elas, em 2024, mulheres sem carreira profissional nem formação acadêmica, que aceitam seguir os maridos? Por quanto tem-

po? Em quais condições econômicas e sociais? O que significa ser “esposa de jogador” para elas? Trata-se de uma forma de estabilidade econômica? De reconhecimento social? E por que essa situação é tão diferente para as mulheres jogadoras de futebol, que frequentemente estão em casais homoafetivos com colegas jogadoras?

Parece-me necessário considerar esses casais como casais de carreiras duplas, na medida em que “ser esposa de jogador” também parece constituir, de certo modo, uma forma de carreira profissional no mundo do futebol — com outros papéis, outras lógicas e outras exigências. Ao trabalhar sobre a questão das carreiras duplas em nosso próprio campo intelectual, pude constatar que as carreiras de antropólogos e sociólogos do início do século XX se baseavam frequentemente em colaborações das mulheres com seus parceiros homens colaborações estas que, na maior parte das vezes, não foram reconhecidas como tal. Descobre-se, por exemplo, que por trás do nome de Claude Lévi-Strauss como autor de *Tristes Trópicos*, havia o trabalho de Dina Dreyfus, sua companheira, que realizou pesquisas ao seu lado no Brasil. Proponho que as análises já realizadas nos campos científico e artístico sejam igualmente aplicadas ao universo do esporte, a fim de compreender melhor as dinâmicas conjugais e profissionais que o atravessam.

Neste sentido vale pensar também nos filhos dos jogadores e nas trajetórias que despertam o interesse do grande público. O caso dos filhos homens que, por sua vez, tornam-se jogadores profissionais é bem conhecido. No entanto, sabe-se muito menos sobre o destino das filhas. Por exemplo, a imprensa noticiou amplamente a história

da filha transgênero de um jogador muito famoso, que hoje constrói uma carreira internacional como modelo, com o apoio declarado de seu pai. Mais recentemente, uma jovem atriz de uma telenovela brasileira emergiu no cenário midiático: reconhecida enquanto filha de um ex-jogador que atuou no Japão. Esses exemplos evidenciam a forma como os filhos de jogadores internacionais também podem construir trajetórias públicas, particularmente no campo artístico. Como se estruturam esses percursos? Que aprendizagens esses filhos extraem de suas experiências de vida no exterior, de sua escolarização em instituições internacionais? Que capitais culturais e relacionais mobilizam na construção de sua própria carreira?

CULTURA

Foram mencionados alguns filmes sobre futebol e alguns livros como o de Boris Fausto (2017). Falou-se também — ainda que brevemente — sobre a presença do futebol em novelas e séries em plataformas como a Netflix, que cativam milhões de telespectadores. Essas produções ocupam talvez, no Brasil, um lugar comparável ao da literatura na França. Sem dúvida, o cinema, a televisão e a literatura constituem domínios ricos a explorar para compreender melhor como o futebol se integra à nossa vida cotidiana através de nossas práticas de consumo cultural.

Poderíamos, igualmente, ter aprofundado mais a análise da dimensão que o futebol ocupa na campo cultural, no cinema, no teatro, na literatura ou na música. O teatro, por exemplo, constitui uma

manifestação cultural importante na França. Recordo-me de que, em 2024, no Festival de Avignon, uma peça abordava o futebol. Mas seria possível afirmar que o futebol é realmente um tema para o teatro francês? Como ele se insere nas outras formas artísticas? Do mesmo modo, no Brasil — como aprendi nas aulas do professor Ruben Oliven quando fiz a graduação na UFRGS —, provavelmente a música, seja oriunda da Música Popular Brasileira (MPB) ou de correntes contemporâneas como o hip-hop, é a expressão cultural mais significativa da cultura brasileira. Seria importante aprofundar mais os estudos sobre a maneira como o futebol atravessa e inspira a música popular brasileira e sobre como ele é nela representado, celebrado ou criticado.

POLÍTICA E VIOLÊNCIA

A relação do futebol com a política foi bastante discutida, sobretudo em torno de questões de diplomacia internacional, especialmente por ocasião das Copas do Mundo, masculina e feminina. Esses grandes eventos constituíram momentos decisivos, propícios a mudanças nas políticas públicas, a investimentos adicionais, à concessão de créditos de pesquisa e à produção ou solicitação de publicações científicas. É como se, em determinado momento, a sociedade se desse conta: “Ah, existe algo que não conhecemos...”, e passasse a recorrer às ciências humanas para refletir sobre fenômenos que parecem evidentes — ou, como se diz em português, “estavam caindo de maduro”. Descobre-se então que antropólogos, historiadores, entre outros, podem oferecer explicações ou análises densas sobre

fenômenos do cotidiano, extrapolando o senso comum. É também nesse momento que a grande imprensa recorre a especialistas e pesquisadores.

Esse recurso à expertise científica sobre futebol tem ocorrido frequentemente em contextos de crise institucional — como nas denúncias públicas de agressões sexuais envolvendo jogadores de futebol —, quando os grandes meios de comunicação solicitam a contribuição de pesquisadoras e pesquisadores do campo. Nesse sentido, cabe mencionar a demanda endereçada a Carmen Rial e a esta autora por diversos órgãos de imprensa por ocasião da prisão do jogador brasileiro Daniel Alves na Espanha. Tal solicitação decorreu de um artigo que publicamos em 1987, sobre um caso de estupro coletivo de uma jovem adolescente de 13 anos cometido por jogadores do Grêmio, clube do sul do Brasil, durante um torneio na Suíça. Amplamente silenciado à época, a abordagem desse crime só foi retomada recentemente. Essa mudança de atitude em relação à violência sexual — que outrora podia ser considerada, ou mesmo tolerada, como uma forma de comportamento “normal” em certos círculos masculinos — reflete uma transformação significativa das sensibilidades sociais. Ela nos convida a interrogar o papel do futebol, não apenas como espelho das relações de dominação, mas também como potencial vetor de sua contestação.

A questão da violência no interior do mundo do futebol também foi amplamente abordada neste colóquio. Grande parte das discussões tratou das formas mais visíveis e reconhecidas de violência, particularmente aquelas exercidas por determinados grupos de tor-

cedores de alguns clubes. Um dos trabalhos apresentados destacou atos de violência ocorridos durante os próprios jogos — entre equipes adversárias, mas também em decorrência de intervenções policiais. Todavia, o que mais me chamou atenção foram os relatos de violências dentro das próprias equipes, entre jogadores. Em especial, os testemunhos relativos aos jogadores estrangeiros me tocaram profundamente: seu isolamento, seu sentimento de exclusão e sua dificuldade de integração devido à barreira linguística — sobretudo quando ainda não dominam bem o francês — evidenciam uma forma de violência mais silenciosa, mas não menos destrutiva: a violência simbólica, tão bem desenvolvida conceitualmente por Pierre Bourdieu (1970 e 1997).

Falou-se também da violência racial, do racismo presente no interior do mundo do futebol. Ele está presente em toda parte e se mistura com a xenofobia contra jogadores estrangeiros, sobretudo na França. Ao aprofundar as questões raciais presentes no futebol de forma comparativa, observam-se semelhanças e diferenças. Foi feita referência ao conceito amplamente difundido na França desde a Copa do Mundo de 1998 de “*black, blanc, beur*”, que representaria a integração e a contribuição dos jogadores de origem estrangeira (notadamente das ex-colônias francesas na África do norte e central) à seleção nacional francesa. Penso que esse conceito “*black, blanc, beur*” é equivalente ao que se denomina, no Brasil, a “fábula das três raças”, uma narrativa que ouvimos desde crianças na escola e que é frequentemente retomada nos discursos políticos sobre a identidade nacional brasileira. Aprende-se que: “o Brasil é um país pacífico e

mestiço, constituído pela mistura harmoniosa de três raças: os brancos (europeus colonizadores), os negros (africanos escravizados) e os indígenas (povos originários dizimados)”. Essa narrativa, analisada pelo antropólogo Roberto Da Matta (1981), constitui o “mito da democracia racial” e do mestiçagem “cordial” no Brasil, um discurso ideológico que justamente oculta a violência contra as pessoas não-brancas na sociedade brasileira contemporânea.

CONCLUSÕES

Concluo ressaltando o quanto aprendi ao longo deste colóquio. Apresentei nesta intervenção algumas pistas de reflexão e algumas provocações para alimentar a continuidade do diálogo franco-brasileiro em torno deste fenômeno social total que é o futebol. Estou convencida de que se trata de um campo de pesquisa ao mesmo tempo rico e fascinante, e espero sinceramente que essa colaboração multilateral prossiga com a mesma vitalidade intelectual, a mesma generosidade e o mesmo entusiasmo que pudemos observar durante estes dias de trabalho aqui em Paris.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. 1970. *La Reproduction*. Paris: Éditions de Minuit.

BOURDIEU, Pierre. 1997. «Violence symbolique et luttes politiques.» In *Méditations pascaliennes*. Paris: Seuil, Liber.

DAMATTA, Roberto. 1981. “Digressão: A Fábula das Três Raças ou o Problema do Racismo à Brasileira.” In *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*, 58–85. Petrópolis: Vozes.

FAUSTO, Boris. 2017. *O Crime do Restaurante Chinês*. São Paulo: Companhia das Letras.

GROSSI, Miriam e Carmen Rial. 1987. “Os estupradores que viraram heróis.” *Jornal Mulherio*.

OLIVEN, Ruben. 2010. “A malandragem na Música Popular Brasileira.” In *Violência e Cultura no Brasil*. Ed. Books Scielo.

Os autores/participantes do II Colóquio Internacional Ciências sociais e futebol – intercâmbio e perspectivas franco-brasileira

ROBERTO DAMATTA

Integrante do Departamento de Antropologia do Museu Nacional e coordenador do seu Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (de 1972 a 1976). Professor Emérito da Universidade de Notre Dame, USA, onde ocupou a Cátedra de Antropologia Rev. Edmund Joyce de 1987 a 2004. Professor Titular, aposentado, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Organizador da obra clássica “Universo do Futebol” (1982).

JOSÉ SERGIO LEITE LOPES

Professor Titular do Departamento de Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 1978. Ex-diretor do Colégio Brasileiro de Altos Estudos da Universidade Federal do Rio de Janeiro - CBAE/UFRJ (2012-2019). Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986). Pós-doutorado na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (1988-1990).

JULIEN SOREZ

Professor associado de história e professor na UFR STAPS (Universidade Paris-Nanterre). Após concluir seu doutorado em história sobre o futebol em Paris e seus arredores na Sciences Politiques, atualmente conduz pesquisas sobre a história social do esporte na França.

BERNARDO BUARQUE DE HOLLANDA

Professor adjunto da Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC. Pós-doutor pela Maison des sciences de l'homme de Paris (Bourse Hermès-2009) e pela University of Birmingham (Rutherford Fellowship - 2018). É membro do conselho da International Oral History Association (IOHA) e editor das revistas *Estudos Históricos* e *Words & Silences*. Coordena o MBA em Bens Culturais na FGV, em São Paulo.

FRÉDÉRIC RASERA

Sociólogo, professor na Universidade Lyon 2 e membro do Centro Max Weber. Estuda a carreira profissional de jogadores de futebol e suas implicações biográficas. Publicou recentemente as obras *Jogadores de Futebol no Trabalho* (2016) e *Sociologia do Futebol* (2020) com Stéphane Beaud.

ARLEI SANDER DAMO

Professor associado da UFRGS e coordenador do PPG em Antropologia Social. Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estágio de pesquisa no Institut d'Ethnologie Méditerranéenne et Comparative (Université d'Aix-Marseille). Autor do livro *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França* (Prêmio Capes e Anpocs de tese, 2005).

LUDOVIC LESTRELIN

Professor do STAPS na Universidade de Caen, Normandia, e pesquisador do Laboratório Espaces et Sociétés (ESO, CNRS). Sua pesquisa e ensino concentram-se no esporte. Publicou *O Outro Público das Partidas de Futebol e Sociologia dos Torcedores Remotos do Olympique de Marseille* (2010). É também editor-chefe associado da revista *Sciences Sociales et Sport*.

RUBEN GEORGE OLIVEN

Doutor pela London School of Economics and Political Science, Professor titular emérito de Antropologia da UFRGS e pesquisador

1A do CNPq, tendo lecionado em várias universidades no exterior, incluindo Berkeley, Brown, Leiden, Universidade de Paris e École des Hautes Études em Sciences Sociales. Foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Atualmente é Vice-Presidente para Região Sul da Academia Brasileira de Ciências e editor-chefe de *Horizontes Antropológicos*.

CAMILLE MARTIN

Professora de sociologia na École Normale Supérieure de Lyon. Defendeu uma tese intitulada “Quando o poder público delega a igualdade, Centro Max Weber. Etnografia da Política do Desenvolvimento no futebol feminino na França (2011-2017)”, na École de Hautes Études en Sciences Humaines et Sociales.

CARMEN RIAL

Professora da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisadora do CNPq. Dirige o Núcleo de Antropologia Visual/Grupo de Pesquisa em Antropologia Urbana (NAVI/GAUM). Foi presidente do Conselho Mundial de Associações Antropológicas (WCAA) e da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Seu trabalho se concentra em esporte, futebol, migração transnacional, gênero e globalização cultural. Coordena o INCT Futebol.

IGOR MARTINACHE

Doutor em ciência política pela Universidade de Lille, professor associado da Universidade Paris-Nanterre (França), onde coordena o Programa de mestrado de educação física e esporte. Sua pesquisa se concentra na politização das atividades físicas e esportivas, especialmente o futebol.

FÁBIO MACHADO PINTO

Professor titular da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Pelotas. Mestre e doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Saint-Denis/Paris 8. Mestre em

Sociologia pela Universidade de Lisboa. Pós-doutorado em ciências humanas pela UFSC e Pós-doutorado em Educação pela UFPel. Professor do Programa de Pós-Graduação em educação da UFSC. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC). Pesquisador do INCT Futebol. Coordenador do Projeto InterPeriferias do Futebol (ESEF/UFPel).

VERA CÍNTIA ALVAREZ

Diplomata e artista visual brasileira. Formada pelo Instituto Rio Branco em 1983, atuou em embaixadas brasileiras na China, Itália, Irlanda, Japão, Guatemala e Espanha. No Ministério das Relações Exteriores, chefiou as áreas de cultura e esportes, tendo desempenhado papel importante na organização da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. Promovida a embaixadora em 2014, chefiou a embaixada brasileira na Guatemala (2019-2022) e atualmente é Cônsul-Geral do Brasil em Madri.

STÉPHANE BEAUD

Sociólogo, professor emérito de Ciência Política na Sciences Po de Lille é membro do CERAPS. Publicou, entre outros, pela editora La Découverte, *Guia para o Trabalho de Campo* (com Florence Weber, 1997), *Um Olhar para a Classe Trabalhadora* (com Michel Pialoux, 2012), *O Futebol das Nações. Dos Campos de Jogo às Comunidades Imaginadas* (com Fabien Archambault e William Gasparini, 2016) e *Sociologia do Futebol* (com Frédéric Raser, 2020).

MIRIAM PILLAR GROSSI

Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Concluiu seu doutorado na Universidade de Paris V e foi professora visitante no IHEAL/Université Sorbonne-Nouvelle e na EHESS, na França, na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, no ISCTE, em Portugal, e na Universidade do Chile. Atualmente, é Vice-Presidente da IUAES – União Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas (2023-2027).

